



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA  
SOCIAL**

Vera Lúcia Rodegheri

**A PSICOTERAPIA EM 23 PERIÓDICOS NACIONAIS: UMA  
CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL**

São Paulo,  
2011

Vera Lúcia Rodegheri

**A PSICOTERAPIA EM 23 PERIÓDICOS NACIONAIS: UMA  
CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL**

Dissertação apresentada à Banca  
Examinadora da Pontifícia  
Universidade Católica de São  
Paulo como exigência parcial para  
obtenção do título de MESTRE em  
Psicologia Social, sob orientação  
da Profa. Dra. Emérita Maria do  
Carmo Guedes

São Paulo,  
2011

R687p Rodegheri, Vera Lúcia  
A Psicoterapia em 23 Periódicos Nacionais: Uma Contribuição  
à História da Psicologia no Brasil. [dissertação] / Vera Lúcia  
Rodegheri; orientadora, Maria do Carmo Guedes. – São Paulo,  
SP, 2011.  
2 v.: Il.

Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de  
São Paulo. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia  
Social.

Inclui referências.

Conteúdo: v. 1. Dissertação; v. 2. Apêndices.

1. Psicoterapia. 2. Psicologia – História. 3. Profa. Dra.  
Emérita Maria do Carmo Guedes I. Título.

CDU: 159.9:930

BANCA EXAMINADORA

---

---

---

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer ao Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, fundador da ciência ontopsicológica, a qual escolhi, seja como racionalidade científica, seja como lógica existencial, desde 1980. Escolhi por ter encontrado uma mente precisa de incansável labor científico. Pesquisador metódico, aportou contribuições ao mundo da ciência, que, à frente de seu tempo, provoca e espera pacientemente a aproximação ao diálogo. Agradeço-lhe, pois a possibilidade do diálogo desafiou-me à responsabilidade e incentivou-me a retomar minha especialização acadêmica no Brasil.

Agradeço, em segundo lugar, mas não em menor importância, e principalmente, a minha orientadora, Dra. Maria do Carmo Guedes. Agradeço por ter me acolhido em seu Núcleo de Pesquisa, por ter aberto as portas para que eu pudesse realizar o meu projeto de estudos nessa instituição, a PUC de São Paulo. Por ter me ensinado a aprender, a pesquisar e ensinar. Sua inteligência, sensibilidade, experiência, impressionante capacidade de trabalho e profissionalismo, aparecem bem em sua “batuta” de orientadora, com dureza e elegância. Quando tive ocasião de apresentar o modo de trabalho da Dra. Maria do Carmo, para o Dr. Paolo Garcia – "Cultore della materia" em História Econômica, título conferido pela Universidade La Sapienza de Roma, e secretário geral da Associação Internacional de Ontopsicologia – ele exclamou: “Então, é verdade”! Esses professores existem! Eles te tomam pela mão e te ensinam passo a passo! És afortunada!” Ele tinha razão Dra. Maria do Carmo, o título “Emérita”, não é um acaso.

Aproveito para agradecer ao Dr. Paolo Garcia, incansável pedagogo, pelas sugestões na realização dessa dissertação. A primeira vez que o vi foi em Buenos Aires, em 2004, quando fazia uma intervenção em um seminário sobre ontopsicologia – logo após ao IV Congresso Mundial de Psicoterapia – e discorria sobre “as civilizações e as línguas latinas”, mas o que ele informou foi “como ensinar”, emocionou.

Agradeço às pesquisadoras e colegas do NEHPSI, encontrei um ambiente onde “se faz pesquisa de verdade”. Agradeço pelas sugestões, por terem compartilhado com entusiasmo suas pesquisas, por me ensinarem a pesquisar, pelo profissionalismo, pelos

momentos sérios e alegres. Obrigada Dras. Marisa Todescan Baptista, Carmen Silvia Taverna, Fernanda Waeny, Monica Azevedo. Aos colegas Célia Marcondes Ferraz, Alessandro Ezabella, Bruno Carvalho, Marcos Sá, Maria Flor Conceição, Andrea Wuo e Alekssey. Se a Dra. Maria do Carmo é a eterna orientadora, vocês serão sempre “meus colegas de mestrado”, obrigada.

Agradeço a Dra. Mitsuko Aparecida Makino Antunes, a Mimi, pela sua competência, dedicação, amor pelo seu trabalho, pelas sugestões no exame de qualificação e por trabalhar desse modo, inteligente, junto a Dra. Maria do Carmo. Aprendi, vendo essa parceria, como pode ser divertido um trabalho intelectual tão sério.

Agradeço ao Professor Salvador Sandoval pelas sugestões, que me auxiliaram a encontrar “um norte” e prosseguir no desenvolvimento do trabalho a partir do exame de qualificação.

Agradeço aos professores do Programa, com quem estudei e pude vivenciar suas perspectivas teóricas: Dra. Bader Sawaia e Dr. Odair Furtado. E a Dra. Fúlvia Rosemberg, suas aulas podem ser chamadas de consultoria aos projetos de pesquisa.

Agradeço a Marlene, super secretária do Programa, ela é “o pilar” do programa. Obrigada pela acolhida, pela paciência e disponibilidade.

Ao incansável irmão Henrique Justo, pela disponibilidade e carinho com que me recebeu para a entrevista e pela bela história que relatou. Muito do que me contou, encontrei escrito nos artigos pesquisados, mas não substituem a experiência viva do pioneiro. Faremos bom uso dessas informações, para contar mais uma história.

Agradeço ao Dr. Eduardo José Afonso, pela contribuição, sugestões e leitura. O senhor tem um dom maravilhoso, é impossível não prestar atenção, do início ao fim, em suas aulas sobre história.

Agradeço a Dra. Estela Giordani pela valiosa contribuição ao projeto, sem a sua participação muitas coisas não teriam acontecido, principalmente quanto ao exame de qualificação.

À Maria Teresa Andreolla, colega e amiga, pelo trabalho árduo na revisão crítica dos capítulos e pela parceria na construção do segundo capítulo. Foi sugestão da Dra. Maria do Carmo, sorte a minha ter escolhido você para discutir o todo.

Aos colegas da Antonio Meneghetti Faculdade pelo apoio e colaboração. A experiências na orientação e nas bancas de avaliação dos trabalhos do MBA são uma escola viva.

À Claudiane Weber, pelo trabalho quase contínuo na busca dos artigos e contribuições várias quanto a metodologia, formatação e soluções, até a ficha catalográfica.

Às pesquisadoras Ana Cláudia Menini e Yáskara Palma, pela contribuição inestimável no início do trabalho de pesquisa. Nossas reuniões semanais para revisão dos artigos e montagem dos quadros vão ficar na minha história. Amanda Machado, não esqueci, a transcrição da entrevista com o Irmão Justo foi trabalhosa e divertida. Esse material é precioso, vai ser útil em outro momento.

À Ialê Schetty pelo entusiasmo e pelo Abstract.

Aos meus clientes, com quem aprendo todos os dias, e não é retórica, eles me provocam e eu estudo para resolver. “Guerra é guerra”!

A Rafaela Soares, estagiária “para assuntos aleatórios de iniciação científica”, pela prontidão e disponibilidade.

A todos os que ficaram “torcendo por mim”, familiares e amigos. E àqueles que perguntavam sempre: “ainda não defendeu?”

A todos que colaboraram para que este projeto se tornasse uma dissertação de mestrado, agradeço, pois colaboraram com o meu crescimento.

E finalmente, ao Recanto Maestro, pela inspiração e vontade de realizar.

“a história de cada um de nós  
pode resumir também os passados culturais  
que teve a história científica do pensamento  
em relação à alma ou Eu”.

*Antonio Meneghetti*

## RESUMO

A carência de estudos históricos sobre a psicoterapia, levou-nos a pesquisar o que tem sido a escrita dessa história no Brasil, ao longo do tempo. Tendo como fontes primárias artigos publicados em 23 periódicos brasileiros, que trazem o tema psicoterapia, terapia e terapêutico(a), no período compreendido entre 1955 e 2010, encontramos 532 artigos trazendo os descritores, 197 deles com dados históricos para a psicoterapia. Realizamos dois levantamentos: o primeiro considerou o período entre 1994 a 1999 – seguindo o artigo de Teixeira e Nunes (2001), “Psicoterapia: Uma História Sem Registro” – e o segundo expandiu o período da pesquisa, de 1955 a 1993 e 2000 a 2010, nos mesmos 23 periódicos. Nos 197 artigos escrevem 266 autores. No período 1994 – 1999, 33% dos autores são psiquiatras, 18% de outros autores seguem a abordagem psicanalítica e os 51% restantes distribuem-se em outras perspectivas. Ao longo de 48 anos, segundo levantamento, a preponderância do número de autores é da psicanálise e da psiquiatria, aparecem também, com presença significativa, a fenomenologia e a abordagem centrada na pessoa, tendo-se percebido crescimento significativo das linhas cognitivo comportamental. Constatou-se que a leitura de artigos completos permite encontrar informações sobre uma história da psicoterapia. São nomes de pessoas ou de eventos associados à psicoterapia ou a práticas interpretadas como próprias ou próximas ao que se tem chamado de psicoterapia. No final, considerando a dificuldade de se encontrar definições de psicoterapia nos artigos estudados, buscamos definições em dicionários, entre elas, a definição da American Psychological Association (APA), do Conselho Mundial de Psicoterapia, do Conselho Federal de Psicologia e uma que difere de todas, a do dicionário de Ontopsicologia. A partir de uma rápida análise das definições, constata-se que não existe um consenso sobre o que é Psicoterapia e discute-se se é possível uma história da psicoterapia.

**Palavras Chave:** História da Psicoterapia. História da Psicologia.

## ABSTRACT

The lack of historical studies on psychotherapy led us to research what the writing of this history has been like in Brazil, over time. Having as a primary source articles published in 23 Brazilian journals which bring the theme psychotherapy, therapy and therapeutics, during the period between 1955 and 2010, we've found 532 articles bringing the descriptors, 197 of them with historical data for psychotherapy. We've conducted two surveys: the first one considered the period between 1994 and 1999 - following Teixeira e Nunes' article (2001), "Psychotherapy: A History Without Registration" - and the second expanded the research period from 1955 to 1993 and from 2000 to 2010 in the same 23 journals. In those 197 articles, 266 authors write. In the period from 1994 to 1999, 33% of the authors are psychiatrists, 18% of other authors follow the psychoanalytic approach and the remaining 51% are distributed in other perspectives. Over 48 years, according to the research, authors from the area of psychoanalysis and psychiatry prevail; the phenomenology and person-centered approach also appear significantly, and the significant growth of cognitive behavioral approaches has been noticed. It was noticed that reading complete articles can help you find information about a history of psychotherapy. People's names or events are associated with psychotherapy or practices interpreted as belonging to or close to what has been called psychotherapy. In the end, considering the difficulty of finding definitions for psychotherapy in the articles studied, we searched definitions in dictionaries, among which the American Psychological Association's (APA) definition, the World Council for Psychotherapy's definition, the Federal Council of Psychology's definition and one that differs from all, the one found in the Ontopsychology dictionary. From a quick analysis of the definitions, we conclude that there is no consensus about what Psychotherapy is and debate over whether it is possible a history of psychotherapy.

**Keywords:** History of Psychotherapy. History of Psychology.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
DESENHO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO .....	14
SOBRE O CAPÍTULO I .....	23
SOBRE O CAPÍTULO II .....	27
SOBRE O CAPÍTULO III .....	30
EM RESUMO .....	33
<b>I. PSICOTERAPIA: UMA HISTÓRIA COM ALGUM REGISTRO .....</b>	<b>34</b>
REFERENCIAS DO CAPITULO I .....	53
<b>II. PARA UMA HISTÓRIA DA PSICOTERAPIA NO BRASIL .....</b>	<b>58</b>
2.1 MÉTODOS EM PSICOLOGIA E FUNDAMENTOS PARA UMA PSICOTERAPIA .....	61
2.2 APLICAÇÃO DOS FUNDAMENTOS CIENTÍFICOS E INSTITUCIONALIZAÇÃO DO SABER .....	63
2.3 EM DIREÇÃO À FORMAÇÃO DO PSICOTERAPEUTA .....	69
2.4 TENTATIVA DE RETORNO AOS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS PARA A PSICOTERAPIA .....	73
2.5 QUEM SÃO OS “LEGÍTIMOS À PRÁTICA PSICOTERÁPICA”? .....	75
2.6 NOVAS PERSPECTIVAS EM RELAÇÃO A “VISÃO DE HOMEM E DE MUNDO” E “OUTROS HORIZONTES PARA A PSICOTERAPIA” .....	77
2.7 PSICOTERAPIA: REPENSANDO A PRÓPRIA PRÁTICA .....	82
2.8 PARA UMA HISTÓRIA DO INDIVIDUAL AO SOCIAL – BUSCANDO RESPOSTAS .....	89
2.9 ESPECIALIZAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO .....	98
2.10 PSICOTERAPIAS: A MULTIPLICIDADE EM BUSCA DE UMA UNIDADE .....	105
REFERENCIAS DO CAPITULO II .....	110
<b>III. É POSSÍVEL UMA HISTÓRIA DA PSICOTERAPIA? .....</b>	<b>123</b>
REFERENCIAS DO CAPITULO III .....	130
<b>REFERÊNCIAS NO TEXTO .....</b>	<b>133</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>136</b>

## SUMÁRIO APÊNDICES

<b>APÊNDICE 1: QUADRO A</b> – Informações Editoriais sobre os 23 periódicos pesquisados.....	1
<b>APÊNDICE 2: QUADRO 1</b> – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999 .....	09
<b>APÊNDICE 3: QUADRO 2</b> – Elementos Históricos comparados em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999.....	63
<b>APÊNDICE 4: QUADRO 3</b> – 76 Autores de Artigos com Descritores e Dados .....	83
<b>APÊNDICE 5: QUADRO 4</b> – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010 .....	102
<b>APÊNDICE 6: QUADRO 5</b> – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos .....	190
<b>APÊNDICE 7: QUADRO 6</b> – Gerais para a Psicoterapia X Específicos por Abordagem .....	231
<b>APÊNDICE 8: QUADRO 7</b> – Artigos com dados históricos X apenas “Reflexões” .....	238
<b>APÊNDICE 9: TABELA 3</b> – Definições de Psicoterapia em Dicionários .....	247

## INTRODUÇÃO

Estudos têm sido empreendidos para compreender o percurso histórico da psicologia. Entendemos fundamentais esses estudos na medida em que se tornam balizadores do pensamento científico contemporâneo, da ciência que se produz. A tomada de consciência sobre os rumos de uma área muito contribui para avaliar e redimensionar novos investimentos nas pesquisas futuras.

No Brasil, o estudo dos rumos da psicologia contribui para a memória, bem como para compreensão dos percursos da racionalidade e de como tem se constituído. Além de investigar a história e as memórias que foram registradas, elucidada o modo de fazer ciência e das concretas condições de entendimento e ação que a psicologia desenvolveu.

Desta forma, trata-se de encontrar a epistemologia, os fundamentos que nos foram legados para entender sob que circunstâncias e o porquê do estágio atual da psicologia e, de parte dela, em especial, da psicoterapia, prática psicológica por excelência.

A psicoterapia é um termo empregado com um sentido *lato* que abarca várias terapias e nasce em várias áreas. As dificuldades nos estudos da área se colocam em diferentes questões tais como: que definição tem, que métodos existem, qual seu objeto de estudo, que resultados, como efetivamente pesquisa, existe uma unidade de sentido e um critério epistêmico que dê essa unidade?

A pesquisa empreendida por nós também pode, do ponto de vista de sua repercussão empírica, portar questões reflexivas que implicam na formação dos novos profissionais do campo da psicoterapia.

Depois de muitos anos dedicados à prática da psicoterapia e à contínua formação profissional, nos deparamos com algumas questões que nos remetem à necessidade de mais estudos. Buscando alternativas para empreender tais estudos entendemos que o conhecimento da história da psicoterapia pode nos auxiliar a encontrar respostas. Para iniciar nossa investigação, formalizamos a questão: o que tem sido a escrita sobre a história da psicoterapia no Brasil ao longo do tempo?

Entender como se formaram as bases da racionalidade de uma prática profissional significa estudar como se constituiu sua trajetória e, desta forma, descobrir-se como história profissional coletiva. Por meio desta investigação buscamos entrar na raiz do que foi narrado a respeito da atividade da psicoterapia, para desvelar os percursos histórico que constituíram a psicoterapia no Brasil.

Encontramos em Massimi (1990) que, já nos séculos XVII e XVIII, derivada da tradição teológica e catequética, se esboça uma forma de conhecimento psicológico a partir do “conceito de emoção como fenômeno psicossomático” concebendo como unidade “a dimensão física, psíquica e moral do ser humano” (p. 22). Neste mesmo período também se dá a influencia das doutrinas iluministas no Brasil por meio de autores com formação cultural européia, estes entendem que “o estado físico do organismo é que determina os fenômenos do espírito” (p. 25). Podemos sugerir que aqui já se encontravam premissas para uma psicoterapia brasileira, derivada de raízes européias.

Na tentativa de construção de nosso objeto de investigação nos reportamos a pesquisa desenvolvida por Teixeira e Nunes em 2001, publicada em *Revista Brasileira de Psicoterapia*, com título provocativo: “Psicoterapia: Uma História sem Registro?”. Tendo como fonte periódicos brasileiros indexados na Biblioteca Virtual de 1994 a 1999, as autoras analisam 22 periódicos, encontrando 77 artigos sobre o tema ‘Psicoterapia’ e destacando que somente dois destes faziam referência à história da psicoterapia. Um deles data de 1996 e “traz o nascimento, a evolução das psicoterapias breves e os problemas que a corrente breve coloca em comparação com a psicanálise clássica”. O segundo artigo é do ano de 1998 e “traça um panorama evolutivo da relação psicanálise-psicoterapia analítica e de seus encontros, desde a expansão conjunta das duas terapias a partir da década de 1950” (p. 62).

Teixeira e Nunes (2001) referem que o estudo sistemático da história da própria Psicologia e suas práticas é um empreendimento ainda recente. As autoras mencionam textos pioneiros na área como os de Murphy, 1932, Boring, 1950 e Watson, 1960, todos referidos em Brozek et al. (1998), e levantam o questionamento sobre o que teria provocado o interesse pela história, na atualidade, e porque é tão importante os profissionais “serem versados” na história de sua ciência e de sua profissão.

[...] De maneira geral, os autores destacam que a história é necessária para a Psicologia, pois permite compreender o seu passado, a liberta de modismos, possibilita a compreensão do todo, explica as diversidades e tendências conflitantes presentes nas teorias e nos métodos da Psicologia e principalmente porque permite a consolidação da identidade e da cientificidade da Psicologia. (TEIXEIRA E NUNES, 2001, p. 55-64).

Não seriam estes mesmos critérios aplicáveis à necessidade de estudo da história da psicoterapia?

As autoras afirmam também que, mesmo com todos os avanços, perdura a “dificuldade em definir o estatuto epistêmico da história da psicologia”, pois a psicologia desdobra-se e penetra em outros campos do saber, como a filosofia e a medicina. Elaboram uma hipótese a respeito dessa problemática e também esboçam algumas conclusões que achamos pertinentes.

Pode-se supor que a história da Psicoterapia percorre os mesmos caminhos que a história da Psicologia. Contudo a psicoterapia é ainda uma área carente de investigação histórica. (...) as pesquisas relacionadas a qualquer tema de psicoterapia são ainda uma novidade no cenário científico brasileiro. Já no cenário mundial os estudos sobre os resultados da psicoterapia de orientação analítica datam de 1920, com Otto Fenichel na Universidade de Berlin. (p. 58). (...) pode-se supor que a existência de um tronco comum entre a psicanálise, a psicologia clínica e a psicoterapia, qual seja a medicina, tem favorecido as confusões e as distorções na definição destas, reforçadas pelo desconhecimento de suas histórias. Será que a história da psicoterapia sofre o mesmo descaso inicial da história da psicologia? Será que os psicoterapeutas não querem saber de sua árvore genealógica, ou ainda perdura entre eles a aparência não muito científica ou apenas erudita dos estudos históricos? (p. 59).

O estudo de Teixeira e Nunes (2001) evidencia, também, que existem poucos periódicos dedicados exclusivamente ao tema psicoterapia. De 22 revistas analisadas somente em duas a temática psicoterapia é exclusiva, a saber: *Insight Psicoterapia* e a *Revista da Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo*.

Embora a psicoterapia seja uma temática presente na produção de artigos científicos, a maioria versa sobre práticas psicoterápicas e diferentes modalidades psicoterapêuticas. Até o momento da pesquisa das autoras revelava-se nas publicações uma hegemonia do sistema psicanalítico, e elas argumentam que “[...] a confusão e a falta de limites claros acerca do que é psicoterapia parece ser um tema de interesse dos profissionais, mas ainda centralizado nas questões da técnica, da prática, do fazer psicoterápico, sem apontar o porquê deste anacronismo” (p. 61). Esse problema poderia

nos remeter à crise da psicologia, evidenciada por Edmund Husserl em 1936, destacada por Carotenutto (2007), quando postulou que a psicologia não construiu um método adequado para investigar a subjetividade do homem enquanto pessoa?

Um dado que chama a atenção de Teixeira e Nunes (2001) é o grande número de artigos sobre a psicoterapia publicados no ano 1995 – 28 artigos. Para as autoras, este dado as levou a se perguntar que eventos e fatos sociais, culturais, científicos, econômicos, políticos teriam levado à produção de tantos artigos sobre a psicoterapia. De todo modo, as autoras encontraram apenas dois artigos, entre os 77 pesquisados, que trazem questões relativas a história da psicoterapia e “mesmo assim de forma superficial e secundária” (TEIXEIRA e NUNES, 2001, p. 64).

Dos dois artigos encontrados que tratam da história da psicoterapia, um é de Gillieron, publicado em 1996 na revista *Interações: Estudo e Pesquisa em Psicologia*; o autor aborda o nascimento e a evolução das psicoterapias breves e os problemas que a corrente breve coloca em comparação com a psicanálise clássica. O título do artigo é “Evolução das Psicoterapias Breves”.

Este artigo evoca o nascimento, a evolução das psicoterapias breves e os problemas que a corrente breve coloca em comparação à cura psicanalítica clássica. Fazemos em seguida algumas considerações sobre a variedade das técnicas utilizadas e sua ligação com a relação terapêutica. Explicamos, em algumas palavras, porque fomos levados a mudar a técnica ativa, comumente utilizada em psicoterapia breve, pela noção da atividade de pensamento. Dois aspectos de nossa atividade terapêutica são evocados: a investigação psicodinâmica breve e a psicoterapia breve de inspiração psicanalítica propriamente dita (GILLIERON, 1996, p. 9)

O outro artigo, de Miodownik, publicado sob o título “Psicanálise e Psicoterapia: o Vértice do Psicanalista” é de 1998 da *Revista Brasileira de Psicanálise* e traça um panorama evolutivo da relação psicanálise-psicoterapia analítica e de seus encontros, desde a expansão conjunta das duas terapias a partir da década de 1950.

O autor traça um panorama evolutivo da relação psicanálise psicoterapia analítica e os seus encontros (vértices), desde a expansão conjunta das duas terapias a partir da década de 50. Mostra que existem dois períodos de características distintas. O primeiro, apresentando conceitos mais definidos a respeito das semelhanças e diferenças entre as terapias. O segundo, a partir do final da década de 70, quando surgem mais entrecruzamentos e áreas nebulosas, em consequência de mudanças na teoria e na técnica, principalmente a valorização dos aspectos interacionais da dupla terapeuta-paciente. Aborda essas questões, apresentando ilustrações clínicas e

examinando alguns critérios habitualmente utilizados nas discussões sobre o tema: indicações, frequência das sessões, neutralidade e atividade do terapeuta, relação transferencial, objetivos e resultados do tratamento (MIODOWNNIK, 1998, p. 865-884).

Conforme análise das autoras, parece que para abordar a história é necessário ter como pano de fundo os aspectos da técnica e dificuldades que estas correntes enfrentam para assegurarem seus lugares no campo das psicoterapias. Confirmam a idéia de que “a história em si não é objeto de interesse e de pesquisa por parte dos psicoterapeutas” (p.64). Como conclusão geral enfatizam:

a psicoterapia não surgiu no vácuo e a sua técnica vem sendo influenciada, no decorrer do século, por aspectos históricos. (...) Pensar em profissionais que exercem a psicoterapia sem conhecer a sua história suscita questões cruciais para o futuro da psicoterapia e põe em dúvida a ética, a formação universitária, a formação psicoterápica dos inúmeros cursos de psicoterapia e a própria técnica tão explorada nas produções científicas dos profissionais e valorizadas pelas revistas da área (TEIXEIRA e NUNES, 2001).

Dois problemas se colocam então: a carência de estudos históricos sobre a psicoterapia e o fato de a psicoterapia se colocar como interesse prático, centrada ainda apenas em questões técnicas.

Desta forma, interessa-nos estudar o que tem sido, ao longo do tempo, a escrita da história da psicoterapia no Brasil, a partir da análise de artigos publicados em periódicos nacionais.

## DESENHO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO

A pesquisa a que nos propomos quer explicitar o que tem sido a escrita da história da psicoterapia no Brasil, ao longo do tempo em periódicos nacionais. Compreendemos que também este fenômeno é produzido tendo em vista as relações sociais que se constituíram em cada tempo e em cada espaço, por grupos que elaboraram seu modo de se relacionar com ele. Por sua vez, também os homens dão forma a construções sociais específicas, pelo modo como vivem, significam, respondem a tais condições históricas e sociais. Para tratar da complexidade desta problemática esta pesquisa se propõe partir do método histórico. Prost (2008) argumenta que a construção

do objeto histórico deriva da questão do historiador e é o seu fundamento ao mesmo tempo que o constitui.

Para realizar a investigação histórica escolhemos a pesquisa documental, caracterizada pela busca de dados em documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados científicos. No trabalho com os documentos selecionamos, tratamos, narramos e interpretamos as informações encontradas em artigos publicados em periódicos brasileiros.

Obtido o artigo de Teixeira e Nunes na íntegra, seguimos o percurso das autoras e verificamos que encontraram 77 artigos em 22 periódicos pesquisados, todos indexados na base de dados 'indexpsi'. Dentre estes, lidos por elas apenas os títulos e os resumos, somente dois referiam questões históricas sobre a psicoterapia. Em sua pesquisa, as autoras apresentam um quadro com o número de artigos publicados ano a ano de 1994 a 1999, tema geral dos artigos e o nome do periódico, sem especificar o título do artigo, o nome do autor e as referências completas dos periódicos. E, encontrando na conclusão das autoras que eram poucos os dados sobre a história da psicoterapia, desenhamos nosso percurso de investigação.

Para estudar nosso objeto que é conhecer o que tem sido a escrita da história da psicoterapia ao longo do tempo no Brasil, em periódicos nacionais, definimos como objetivo geral procurar a história da psicoterapia, mesmo que os descritores não estivessem presentes no título ou no resumo do artigo. Procedemos assim, pois acreditamos que em artigos sobre psicoterapia existem informações que permitem dizer que há sempre algum registro sobre a história da área. Para realizar este objetivo definimos as seguintes etapas:

1 ) Ampliamos a pesquisa desenvolvida por Teixeira e Nunes (2001). Isso nos levou a um primeiro levantamento: buscar os 22 periódicos selecionados pelas autoras e os respectivos artigos; em seguida, um segundo levantamento: fazer uma busca anterior e posterior ao período pesquisado pelas autoras nos mesmos periódicos, além de incluir o periódico no qual publicaram seu artigo e que não se encontrava entre os 22 pesquisados. Somamos assim 23 periódicos nos quais pesquisar nossos descritores de busca, ou seja, as palavras "psicoterapia", "terapia" e "psicoterapêutico(a)". Assim, a

ampliação proposta incluiu, além de leitura completa dos artigos, extensão do período a examinar: decidimos considerar 55 anos de publicações de artigos, sobre psicoterapia.

2) Realizamos a leitura completa dos artigos encontrados a partir dos descritores, levantando informações para uma história da psicoterapia.

De posse dos 23 títulos dos periódicos que deveriam ser localizados, a primeira tarefa consistiu em verificar quais deles estavam disponíveis on-line em texto completo. Para tal, recorreu-se ao Portal de Periódicos Capes, bem como a outras bases, catálogos ou sites específicos da área de Saúde, que compreendiam a área da Psicologia. Os resultados mais expressivos foram encontrados nas Bases em Texto Completo: PePSIC- Periódicos Eletrônicos em Psicologia; SciELO - Scientific Electronic Library Online. Nestas bases foram encontradas 8 revistas, porém, nem todas com os artigos em texto integral: Revista Brasileira de Psiquiatria; Jornal Brasileiro de Psiquiatria; Interações: Estudos e Pesquisas em Psicologia; Estudos de Psicologia; Psicologia: Ciência e Profissão; Boletim de Psicologia; Psicologia: Teoria e Pesquisa; Psicologia em Estudo.

Recorremos ainda a buscadores como Google, para identificar possíveis sites dos periódicos restantes. Novamente cada periódico era levantado, para identificar um possível endereço eletrônico. Sem resultados muito expressivos, teve-se que buscar as bibliotecas brasileiras que tivessem em seu acervo tais periódicos e, para tanto, usou-se o CCN (Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas)<sup>1</sup>. Após o levantamento das principais bibliotecas que continham os periódicos, foi feita uma pré-seleção das bibliotecas localizadas mais próximas geograficamente para pesquisas *in loco*.

Como nem todas as universidades brasileiras fazem parte do CCN, em paralelo também mapeamos as principais universidades brasileiras que possuem o curso de psicologia. E com o auxílio disponibilizado pelas bibliotecas tivemos acesso às redes virtuais dos bibliotecários, para poder levantar dentro da instituição onde e com quem conseguir informações sobre os periódicos, bem como obter o material na íntegra.

---

<sup>1</sup> O Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas (CCN), coordenado pelo IBICT, é uma rede cooperativa de unidades de informação localizadas no Brasil com o objetivo de reunir, em um único Catálogo Nacional de acesso público, as informações sobre publicações periódicas técnico científicas reunidas em centenas de catálogos distribuídos nas diversas bibliotecas do país. Disponível em: <http://www.ibict.br/secao.php?cat=ccn>

Iniciamos, então, nossa busca na biblioteca da PUCSP, além da Biblioteca Central da PUCRS, da UFRGS e USP. Também foram pesquisadas as bibliotecas da UNIVALI, UFSC, UFSM, UNIFRA, Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre e Centro de Estudos Luis Guedes (FAMED/UFRGS). Os periódicos não encontrados nessas bibliotecas foram procurados em acervos particulares.

No total foram encontrados 532 artigos, distribuídos conforme segue:

**TABELA 1** – Distribuição dos artigos sobre psicoterapia encontrados para 23 periódicos entre 1955 e 2010

	PERÍODO	PERIÓDICOS	ARTIGOS	COM INFO. P/A HISTÓRIA	AUTORES
Levantamento 1	1994-1999	23	98	52	76
Levantamento 2	1955-1993 + 2000-2010	Mesmos 23	434	145	190
TOTAL	1955-2010	23	532	197	266

**Fonte:** Dados da Pesquisa 2009/2010

A tabela abaixo mostra o resultado desta procura. E, em apêndice, outras informações editoriais sobre os periódicos considerados nessa pesquisa<sup>2</sup>. Os levantamentos 1 e 2 são fonte, respectivamente, para os capítulos 1 e 2 nesta pesquisa.

<sup>2</sup> Em apêndice, identificado como QUADRO A.

**TABELA 2** – Para cada periódico, entidade responsável, linha editorial e número de artigos que atendem aos descritores selecionados, conforme obtidos nos dois levantamentos.

	TÍTULO DO PERIÓDICO	ENTIDADE RESPONSÁVEL	LINHA EDITORIAL DO PERIÓDICO	LEVANTAMENTO 1		LEVANTAMENTO 2	
				ANO	No. ARTIGOS	ANO	No. ARTIGOS
1	Boletim de Psicologia 1º. 1949	SPSP Atual APSP	Publicação de trabalhos de interesse da Psicologia e áreas afins.	1996	3	1958 1959 1960 1961 1962 1964 1964-65 1966-67 1970 1978-80 1981 1985 2005 2006 2007 2008 2009 2010	1 1 1 1 2 1 3 2 5 1 5 1 5 4 9 6 2 3
2	Cadernos da ANPEP 1º. 1992	ANPEPP	Divulgar a pesquisa em Psicologia no Brasil, por meio de mapeando e divulgando resumos de teses, dissertações e outras publicações.	0	0	1992 1993	3 3
3	Cadernos de Psicologia 1º. 1984  Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia	UFMG  UFMG, UFU, UFSJ, UFJF.	Propõe abarcar a diversidade dos estudos em psicologia e de áreas fronteiriças, bem como valorizar a apresentação de manuscritos que colaborem na formação de profissionais, pesquisadores e professores, trazendo, desta forma, importante contribuição para a Psicologia enquanto Ciência e Profissão. De cunho generalista, destinado a publicar trabalhos inéditos em Psicologia e áreas afins.	1994	1	1985 1986 2008 2009	1 1 3 2

**TABELA 2** – Para cada periódico, entidade responsável, linha editorial e número de artigos que atendem aos descritores selecionados, conforme obtidos nos dois levantamentos.

	TÍTULO DO PERIÓDICO	ENTIDADE RESPONSÁVEL	LINHA EDITORIAL DO PERIÓDICO	LEVANTAMENTO 1		LEVANTAMENTO 2	
				ANO	No. ARTIGOS	ANO	No. ARTIGOS
4	Estudos de Psicologia <b>1º. 1983</b>	Pós Psicologia PUCAMP	Promover e divulgar o conhecimento científico e técnico na área de Psicologia	1996 1999	3 3	1983 1984 1985 1986 1987 1988 1989 1990 1991 1992 1993 2004 2007 2008	1 5 4 1 2 3 1 3 2 3 3 4 2 2
5	IDE Psicanálise e Cultura <b>1º. 1975</b>	SBPSP	Tem como linha editorial o diálogo entre psicanálise e cultura.	1995	2	2005 2007 2010	10 2 1
6	Insight Psicoterapia <b>1º. 1990</b>	Ed. Lemos	Publicação de temas sobre psicoterapia. Inicialmente aberta a todas as linhas.	1995 1997	8 3	1990 1991 1992 1993 2001 2002	8 24 2 6 2 1
7	Interações: Estudos e Pesquisa em Psicologia <b>1º. 1996</b>	Pós Psicologia UNIMARCO	Psicologia: contribuições da psicologia social de extração histórico-crítica, da psicanálise.	1996	1	2003 2004 2005 2006	1 2 1 1
8	Jornal Brasileiro de Psiquiatria <b>1º. 1952</b>	Instituto de Psiquiatria da UFRJ	Divulgar trabalhos de pesquisa científica no campo da psiquiatria e áreas afins, realizados em instituições brasileiras e estrangeiras.	1994 1995 1998 1999	2 7 4 7	1955 1958 1959 1981 1982 1983 1985 1986 1989 1990 1991 1992 1994 2008 2009	2 1 1 1 2 6 1 5 1 1 1 2 1 1 1

**TABELA 2** – Para cada periódico, entidade responsável, linha editorial e número de artigos que atendem aos descritores selecionados, conforme obtidos nos dois levantamentos.

	TÍTULO DO PERIÓDICO	ENTIDADE RESPONSÁVEL	LINHA EDITORIAL DO PERIÓDICO	LEVANTAMENTO 1		LEVANTAMENTO 2	
				ANO	No. ARTIGOS	ANO	No. ARTIGOS
9	Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais  <b>1º. 1993</b>	UMESP	Destina-se a um público leitor especializado em saúde mental ou saúde coletiva, em geral, constituído por psicólogos da área de saúde, social e clínica; por médicos psiquiatras, neurologistas e pediatras, interessados no desenvolvimento humano e da pessoa.	1994 1996 1997 1998 1999	11 2 1 2 3	1993 2000 2004 2007 2008	3 1 3 5 1
10	Psico USF  <b>1º. 1974</b>	Pós Psicologia Uni. S. Francisco	Servir de fórum para a apresentação de pesquisas atuais no campo da Psicologia	1998	1	2004 2005 2006 2007 2009	2 1 1 1 1
11	Psicologia em Estudo  <b>1º. 1996</b>	UEM PR	Temáticas que privilegiem pesquisas predominantemente qualitativas na área das Ciências Humanas e da Saúde, tendo em vista o desenvolvimento da Psicologia	1981	1	2002 2004 2005 2006 2007 2008 2009 2010	1 2 2 3 3 2 4 1
12	Psicologia Revista <b>1o. 1995</b>	Faculdade de C. Humanas e da Saúde PUCSP	Publicação de artigos científicos relacionados à Psicologia	1995	3	2004 2006 2008 2009	1 1 2 1
13	Psicologia Teoria e Prática  <b>1o. 1999</b>	Faculdade de Psicologia e Pós em Distúrbios do Desenvolvimento – Uni. Makenzie.	Publica trabalhos inéditos em Psicologia e áreas afins	1995 1999	1 4	2005 2006 2007 2008 2009	3 1 1 1 2
14	Psicologia USP  <b>1º. 1990</b>	IP USP	Publica trabalhos originais e inéditos que contribuam para o conhecimento e desenvolvimento da Psicologia e ciências afins	1995	6	1990 2000 2004 2005 2007 2008 2009	2 1 3 2 3 2 1

**TABELA 2** – Para cada periódico, entidade responsável, linha editorial e número de artigos que atendem aos descritores selecionados, conforme obtidos nos dois levantamentos.

	TÍTULO DO PERIÓDICO	ENTIDADE RESPONSÁVEL	LINHA EDITORIAL DO PERIÓDICO	LEVANTAMENTO 1		LEVANTAMENTO 2	
				ANO	No. ARTIGOS	ANO	No. ARTIGOS
15	Psicologia: Ciência e Profissão <b>1º. 1979</b>	CFP e CRPs	Publica artigos originais que remetam à atuação profissional do psicólogo.	1996	4	1979 1981 1982 1983 1985 1986 1987 1989 1990 1992 2000 2004 2005 2006 2007 2008 2009	3 1 1 1 2 1 2 1 1 2 1 2 2 5 2 2 1 1
16	Psicologia: Teoria e Pesquisa <b>1º. 1985</b>	IP UNB	Publicar trabalhos originais na área de psicologia.	1997	2	1988 1989 1993 2007 2008 2010	1 1 1 2 2 1
17	Revista Brasileira de Psicanálise <b>1º. 1967</b>	Associação Brasileira de Psicanálise	Seu objetivo é divulgar o melhor da produção literária psicanalítica nacional.	1997 1998	1 1	1967 1970 1973 1982 1988 2000 2004 2007 2009 2010	3 2 1 1 4 2 2 4 1 1
18	Revista Brasileira de Psicodrama <b>1º. 1977</b>	FEBRAP	Sobre Psicodrama, Sociodinâmica, Sociometria, Sociodrama, Psicoterapia Psicodramática Individual e de Grupo, Psicodrama Aplicado e matérias correlatas.	1998	1	1979 1982 1983 1984 2004 2005 2006	3 2 3 5 4 8 7
19	Revista Brasileira de Psicoterapia <b>1º. 1999</b>	UFRGS CELG	Publicação de artigos dentro da área da psicoterapia, englobando todas as práticas psicoterápicas cientificamente reconhecidas.	1999	2	2000 2002 2004 2005 2006 2007 2009	1 2 9 5 1 1 14

**TABELA 2** – Para cada periódico, entidade responsável, linha editorial e número de artigos que atendem aos descritores selecionados, conforme obtidos nos dois levantamentos.

	TÍTULO DO PERIÓDICO	ENTIDADE RESPONSÁVEL	LINHA EDITORIAL DO PERIÓDICO	LEVANTAMENTO 1		LEVANTAMENTO 2	
				ANO	No. ARTIGOS	ANO	No. ARTIGOS
20	Revista ABP – APAL Revista Brasileira de Psiquiatria – RBP <b>1º. 1999</b>	Associação Brasileira de Psiquiatria	Todas as áreas da psiquiatria, com ênfase nas áreas de saúde pública, epidemiologia clínica, ciências básicas e problemas de saúde mental	1995 1996 1997	2 1 1	1970 2000 2004	1 3 1
21	Revista da Ass. Bras. de Psicoterapia Analítica de Grupos <b>1º. 1996; 2000</b>	ABAPG Atual SPAGESP	Publica trabalhos originais nacionais ou estrangeiros sobre grupos, famílias, casais e instituições, inspirados na Psicanálise Vincular e/ou com interesse em Saúde Mental em geral, que se enquadrem nas seguintes categorias: relatos de pesquisa, estudos teóricos, relato de experiência profissional, revisão crítica da literatura, comunicação breve sobre pesquisa, nota técnica, resenhas de livros de destaque e notícias.	1995 1997	1 1	1991-94 2000 2001 2003 2005 2006 2007 2008	2 2 2 2 2 2 1 1
22	Revista de Psicanálise <b>1º. 1993</b>	SPPA	Publica artigos que abrangem os vários vértices da Psicanálise	1991	1	1993 2001 2004	4 2 2
23	Revista Percurso <b>1º. 1988</b>	Depto. De Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.	Traz artigos originais, traduções, entrevistas com analistas importantes e resenhas. Circulação nacional, aceita trabalhos provenientes de todo o país, independentemente de o autor ser membro do Departamento que a edita.	1991	1	1988 1989 2003 2003-04 2004 2005 2006 2007 2008 2009	2 1 1 3 1 8 3 3 4 4
TOTAL					98		434

**Fonte:** Dados da Pesquisa 2009/2010. Estes artigos compõem a base documental para os capítulos I (levantamento 1) e II (levantamento 2).

Assim, dos 23 periódicos analisados para o capítulo I, apenas 2 concentram 40% do total de artigos (nos. 08 e 09) e um terceiro (no. 06) tem 10%. A distribuição pelos

outros 20 periódicos abarca uniformemente os restantes 50% dos artigos considerados. Para o capítulo II, 47% do total de artigos concentram-se em 5 periódicos (nos. 01, 06, 04, 18 e 19), outros 6 (nos. 08, 13, 14, 15, 17 e 23) concentram mais 33% dos artigos e o restante distribui-se entre os demais periódicos.

No universo dos 23 periódicos alcançamos a totalidade de 98 artigos para o capítulo I, e 52 deles trazem dados históricos; para o capítulo II encontramos 434 artigos trazendo os descritores e, desses, 145 com dados históricos.

Dos 23 periódicos pesquisados, 12 deles começaram sua publicação na década de 1990, quatro na década de 1980, um na década de 1940, igualmente um para década de 1950, e também um na década de 1960, quatro tem seu primeiro número editado na década de 1970.

O maior ou menor número de artigos encontrados nos diferentes periódicos está relacionado também às características editoriais e temáticas. Em alguns periódicos, embora sendo da área ‘psi’, não somente os descritores estão ausentes, como destinam-se à publicação de artigos com outros temas da psicologia, como aprendizagem, pesquisas culturais, pesquisas em relação à saúde, sem a temática psicoterapia.

Alguns periódico priorizam abordagem quantitativa sem dados históricos. Por exemplo a *Revista PsicoUSF*, de um universo de 10 números, com aproximadamente 100 artigos pesquisados, somente cinco artigos trazem os descritores considerados por nossa pesquisa. Outro exemplo são os periódicos que apresentam preponderantemente a perspectiva psicanalítica, nesses quase não aparece o termo psicoterapia, mas sim o termo análise, embora possuam dados históricos sobre a psicoterapia.

## SOBRE O CAPÍTULO I

Diferente de Teixeira e Nunes (2001), a nossa pesquisa não se limitou a buscar os descritores no título ou no resumo, mas também no corpo do artigo, o que nos levou a encontrar para o período 1994 - 1999 outros doze artigos nos mesmos periódicos, que tratam do tema psicoterapia, totalizando 98 artigos em vez dos 77 referidos em sua

pesquisa. Entre estes artigos, encontram-se cinco entrevistas, publicadas nestes mesmos periódicos, que embora não sejam artigos, trazem informações relevantes para nosso tema de pesquisa.

Todos estes artigos foram lidos e registramos os dados históricos encontrados contemplando as datas, os eventos, as pessoas e referências dos artigos. A partir deste levantamento foi gerado um quadro que resume nossa base de pesquisa documental para elaborar o capítulo I, conforme exemplificado a seguir.<sup>3</sup>

**QUADRO 1** – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

NOME CITADO	ANO	EVENTO	LOCAL	REFERÊNCIA
	1901	Instituto Psycho-Physiologico, uma das primeiras instituições oficiais a desenvolver pesquisa, prestar assessoria e contribuir para o ensino da Psicologia.	São Paulo	CASTRO, Paulo Francisco de. Reflexões em Psicologia e Ciência: uma análise da pesquisa aplicada à psicologia clínica. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo. v.1 n.1, p. 3-13, 1999.
Freud (1856 - 1939)	1904	“existem muitos meios e modos de praticar a psicoterapia”	Viena	ENÉAS, Maria Leonor Espinosa. Considerações Sobre o Emprego da Psicoterapia Breve Psicodinâmica. <b>Revista Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v.1 n.1, p.19-23, 1999.
Freud	1904	Escreve um artigo para seus colegas médicos defendendo a causa da psicoterapia. Nesse diz que ‘a psicoterapia não é um método terapêutico moderno, mas sim a mais antiga terapia de que se serve a medicina. Diz que existem várias psicoterapias e muitos meios de praticá-las . Ele opta pelo método psicanalítico uma vez que participou de sua criação e portanto sente-se responsável, dedicando-se a explorá-la e construir suas técnicas. (p. 199-200)	Viena	SARFATT, Heloisa Sussmann. Psicoterapia Psicanalítica x Psicanálise: um levantamento bibliográfico. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 43, n. 4, p.

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010.

Ainda, para auxiliar a leitura e análise dos dados na tecitura do primeiro capítulo, construímos outro quadro que nos possibilitasse visualizar as informação a

<sup>3</sup> Os quadros completos estão em apêndice.

respeito do Brasil, comparando-os aos elementos que se referiam a outros países. Para isso, registramos Data, Brasil/Tema, Outros Países/Tema e Referências, conforme segue<sup>4</sup>.

**QUADRO 2** – Elementos Históricos comparados em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

DATA	BRASIL/ TEMA	OUTROS PAÍSES/TEMA	REFERÊNCIAS
1901	Instituto Psycho-Physiologico em São Paulo	-----	14
1904	Nasce a Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal do Brasil.	-----	09
1905	-----	Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade.	41
1905	-----	Três Ensaio sobre a sexualidade infantil	05
1908	-----	Primeiro Congresso Mundial de Psicanálise	30
1908	-----	Primeira edição do periódico de psicanálise 'Jahrbuch'.	30
1908	-----	Inicia a interpretação de sonhos na psicoterapia com crianças.	25
1909	-----	Livro: Análise de uma Fobia de um Menino de cinco anos.	41
1924	-----	Obra 'Psicanálise Silvestre' – crítica ao diagnóstico precoce	41
1910	-----	Edição do periódico de psicanálise 'Zentralblatt'.	30
1910	-----	Reformulação da teoria dos Três Ensaio sobre a Sexualidade.	05
1911	-----	Pensamento seria inicialmente um processo inconsciente.	20

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010.

Procurando conhecer a linha de trabalho dos autores dos artigos que compõem nossa pesquisa fomos buscar seus currículos. Buscamos estas informações nos próprios

<sup>4</sup> Os quadros completos estão em apêndice.

artigos, acessamos a Plataforma Lattes do CNPq, a base de dados das instituições às quais os autores estão vinculados e também recorremos ao Google.

Para melhor visualizar as informações e identificar as áreas de pesquisa dos autores, construímos um quadro que resume nossa base de dados sobre os 76 autores dos 52 artigos que compõem o primeiro capítulo. Conforme exemplificado a seguir<sup>5</sup>.

**QUADRO 3 – 76 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos**

NOME/PROFISSÃO	PERSPECTIVA	REFERÊNCIA
AGUIAR, Rogério Wolf/ Professor aposentado, trabalha com psiquiatria forense	Psiquiatria Forense	AGUIAR, Rogério Wolf. Psicoterapias: desafios atuais e perspectivas futuras- uma proposta pluralista. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 93-105, 1999.
AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do/ Professora, psicóloga	Psicanálise.	AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade: um texto perdido em suas sucessivas edições. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v. 6, n. 2, 1995.
ANDRIATTE, Aparecida Malandrini/ Supervisora e pesquisadora, psicóloga	Desenvolvimento humano, psicanálise, atendimento a grupos, observação da relação mãe-bebê e psicologia do adolescente. (Psicanálise).	ANDRIATTE, Aparecida Malandrini; PIMENTEL, Eulalia M.P.; <i>et al.</i> Manifestações transferenciais e contratransferenciais na tríade mãe-observador-bebê. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, v. 2, n. 2, p. 77-85, 1994.

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 1).

Quanto aos autores do primeiro capítulo observamos que seu interesse define-se por sua diversidade, a saber: psiquiatria, psicanálise, processos grupais (grupo focal, operativo e de Pichon Rivière), terapia familiar, análise do comportamento, psicologia social, fenomenologia/gestalt-terapia, psico-oncologia, psicologia escolar, acompanhamento terapêutico, psicologia clínica, neuropsicologia e psicologia cognitivo-construtivista. Vemos a psiquiatria publicando mais, totalizando 25 autores, seguida pela psicanálise, com 14 autores; as áreas que aparecem menos, escrevendo

<sup>5</sup> Os quadros completos estão em apêndice.

sobre psicoterapia são: atendimento terapêutico, psicologia clínica, neuropsicologia e psicologia cognitivo-construtivista, aparece apenas um autor. São em maior número os autores formados em medicina e que atuam como professores escrevendo sobre o tema, em geral professores da psiquiatria. Somente psiquiatras e psicólogos, incluindo profissionais em formação, escrevem trazendo dados sobre a história da psicoterapia.

## SOBRE O CAPÍTULO II

Na continuação, expandindo nossa pesquisa (levantamento 2), de cada periódico procuramos os números anteriores a 1994, mantendo o mesmo critério para localizar os artigos sobre psicoterapia. O artigo mais antigo que encontramos com dados históricos sobre nosso tema data de 1955. Do mesmo modo, todos os artigos foram lidos e registramos os dados históricos encontrados considerando as datas, os eventos, as pessoas e referências dos artigos. A partir deste levantamento foi gerado outro quadro que resume nossa base de pesquisa documental para o período entre 1955 a 1994.

O próximo passo foi encontrar as publicações dos mesmos periódicos após 1999 até 2010 – recorte de nossa pesquisa – mantendo o mesmo critério para localizar os artigos sobre psicoterapia. Todos os artigos foram igualmente lidos e registramos os dados históricos encontrados considerando as datas, os eventos, as pessoas e referências dos artigos. A partir deste levantamento foi gerado outro quadro que resume nossa base de pesquisa documental para o período entre 1999 a 2010.

Encontramos como data da primeira publicação o periódico *Boletim de Psicologia*, ano de 1949. Porém, os primeiros dados sobre a psicoterapia no Brasil, aparecem em 1955, no *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*. Dentro desse universo encontramos 434 artigos com os descritores psicoterapia, terapia e terapêutico(a) e, destes, 145 com dados históricos sobre a psicoterapia no Brasil.

As duas bases de dados foram unificadas em um único quadro que resume nossa base de pesquisa documental para elaborar o capítulo II, conforme exemplificado a seguir<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Os quadros completos estão em apêndice.

**QUADRO 4** – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

NOME CITADO	ANO	EVENTO	LOCAL	REFERÊNCIA
	1808	Fundação da Faculdade de Medicina da Bahia, denominada “Escola de Cirurgia”.	Bahia	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia. (59)
	1808	“A vinda da corte português para o Brasil nesse ano determinou o afrouxamento do domínio colonial e foram permitidos alguns progressos como a abertura dos portos, a industrialização e entre outros o surgimento dos Cursos de Medicina na Bahia e no Rio de Janeiro”. (p.91)	Bahia e RJ	ABREU, José Ricardo, PICCININI, W., CACILHAS, A., TRAHMAN, C., THORMANN, N. Psicoterapia no Brasil: duas Décadas Através das Publicações Psiquiátricas. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v.2, n.1, p. 89-104, 2000.
Família Real/ Dona Maria I.	1808	“Uma particularidade da família Real é que a rainha, Dona Maria I, quando chegou ao Brasil, era dada como insana. Foi interdita pelo cirurgião-mor do Reino, considerado o fundador da Escola Médico-Cirúrgica da Bahia.	Bahia	ABREU, José Ricardo, PICCININI, W., CACILHAS, A., TRAHMAN, C., THORMANN, N. Psicoterapia no Brasil: duas Décadas Através das Publicações Psiquiátricas. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v.2, n.1, p. 89-104, 2000.
	1815	Faculdade de Medicina da Bahia passou a se chamar “Academia Médico-Cirúrgica”.	Bahia	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia. (59)
	1832	A “Academia Médico-Cirúrgica” torna-se faculdade.	Bahia	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia. (59)

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010.

Para melhor apropriar os dados, na análise, além dos quadros foi necessário voltar aos textos, para recuperar as condições nas quais as “descobertas” eram encontradas.

Assim como para o primeiro capítulo, procuramos conhecer a linha de trabalho dos autores. Utilizando a mesma metodologia de busca empregada para o primeiro capítulo, obtidos os dados, construímos um quadro que resume nossa base de dados

sobre os 190 autores dos 145 artigos que compõem o segundo capítulo, pesquisados nos 23 periódicos brasileiros. Conforme exemplificado a seguir<sup>7</sup>.

**QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos**

<b>NOME/PROFISSÃO</b>	<b>PERSPECTIVA</b>	<b>REFERENCIA</b>
ABRÃO, Jorge Luís Ferreira/ Psicólogo, professor	História e epistemologia da psicanálise, psicanálise de crianças e relação mãe-bebê. (Psicanálise)	ABRÃO, J. L. F. As Origens da Psicanálise de Crianças no Brasil: Entre a Educação e a Medicina. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 14, n. 3, 2009.
ABREU, Dorothy Bono de/ Psicóloga, grupoterapeuta, presidente da SPAGESP	Terapias grupais. (Processos grupais)	ABREU, Dorothy Bono de. SPAGESP: 10 Anos Formando Especialistas - uma Trajetória de Conquistas. <b>Rev. SPAGESP</b> , Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, 2006 .
ABREU, Rosane de Albuquerque dos Santos/ Professora, pesquisadora, coordenadora	Internet e subjetividade, internet e psicopedagogia. (Processos grupais)	ABREU, R. S.; LEITÃO, C. F. e NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Profissionais à Deriva: Professores e Psicoterapeutas na Sociedade em Rede. <b>Interações: Estudos e Pesquisa em Psicologia</b> . São Paulo, v. 10, n. 19, p. 151-174, 2005.
ALCHIERI, João Carlos/ Psicólogo, professor, orientador	Construção de instrumentos e medida psicológica, avaliação psicológica, informatização em psicologia, violência, uso de substâncias psicoativas, grupo de estudo de saúde mental e trabalho. (Neuropsicologia)	NORONHA, Ana Paula Porto; ALCHIERI, João Carlos. Conhecimento em Avaliação Psicológica. <b>Estudos de Psicologia</b> , Campinas, v. 21, n.1, p 45, 2004.

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2).

Quanto aos autores deste capítulo, encontramos 38 diferentes “áreas de interesse”. Seguem área de interesse e número de autores: psicanálise, 60; psiquiatria, 26; análise do comportamento ou psicologia experimental ou psicoterapia cognitivo-comportamental, 14; com 9 autores cada: psicologia clínica, psicologia escolar ou educacional e psicologia social; com 7 autores: fenomenologia e psicologia humanista ou Abordagem Centrada na Pessoa (ACP); a psicologia hospitalar ou da saúde tem 6

<sup>7</sup> Os quadros completos estão em apêndice.

autores; processos grupais, 5; com 4 autores: existencialismo e psicologia analítica ou psicologia junguiana; com 3: neuropsicologia e psicologia familiar; com 2: interação humano-computador, psicologia institucional, psicoterapia breve, psicoterapia vivencial, psiquiatria dinâmica, saúde mental, terapia ocupacional; e com 1 cada: antropologia, ciências sociais, direito, etnopsicoterapia, gestalt-terapia, logoterapia, medicina, metodologia de pesquisa científica, ontopsicologia, psicodinâmica, psicologia organizacional, psicologia sistêmica, psicologia transpessoal, psicoterapia transcultural, psiquiatria cultural, psiquiatria preventiva . A formação dos autores, cujos artigos são analisados para este segundo capítulo, é em psicologia e medicina/ psiquiatria, mas profissionais de outras áreas também escrevem sobre psicoterapia (8 autores). Existem ainda aqueles que se interessam por duas ou mais abordagens teóricas.

### SOBRE O CAPÍTULO III

Para auxiliar nossa análise fomos reler os títulos dos artigos pesquisados e selecionamos aqueles que traziam – além dos termos psicoterapia, ou terapia, ou terapêutico – alguma expressão que indicasse perspectiva histórica. Do universo de 197 artigos analisados por nós, apenas 67 deles, olhando os títulos, nos permitiriam classificá-los como “artigos com possível perfil histórico” para a psicoterapia. Em seguida definimos duas categorias: 1) Gerais para a Psicoterapia X Específicos (por abordagem) e 2) Com dados Históricos X apenas “Reflexões”. Para melhor visualizar construímos dois quadros, conforme exemplificado a seguir<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Os quadros completos estão em apêndice

**QUADRO 6 – Artigos “Gerais para a Psicoterapia X “Específicos por Abordagem”.**

	<b>GERAIS PARA A PSICOTERAPIA</b>	<b>ESPECÍFICOS</b>
1	AGUIAR, Rogério Wolf. Psicoterapias: desafios atuais e perspectivas futuras- uma proposta pluralista. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 93-105, 1999. (01)	FORBES, Jorge, Os 100 Anos da Psicanálise e EBP. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n. 57, 1995. Entrevista. (23)
2	BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998. (09)	GALANO, Mônica H. A Influência dos Psicanalistas Argentinos no Brasil na Década de 70. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n. 54, 1995. (26)
3	CASTRO, Paulo Francisco de. Reflexões em Psicologia e Ciência: uma análise da pesquisa aplicada à psicologia clínica. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo. v.1 n.1, p. 3-13, 1999. (14)	GILLIERON, Edmond. Evolução das Psicoterapias Breves. <b>Interações: Estudo e Pesquisa em Psicologia</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 7-28, 1996. (27)
4	LIMA, Mônica Colares Oliveira; CAETANO, Dorgival. Evolução Histórica do Conceito de Esquizofrenia. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 44, n. 11, p. 559-562, 1995.(31)	LEITE, Eliana Borges Pereira. Dez Anos de Percurso. <b>Revista Percurso</b> , São Paulo, n. 20, 1998. (30)

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010

Dos 67 artigos selecionados, 33% trazem de modo geral o tema psicoterapia e 67% apresentam o tema especificando a abordagem.

**QUADRO 7 – Artigos “Com dados Históricos X apenas ‘Reflexões’”**

	<b>HISTÓRICO</b>	<b>“REFLEXÕES</b>
1	AGUIAR, Rogério Wolf. Psicoterapias: desafios atuais e perspectivas futuras- uma proposta pluralista. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 93-105, 1999. (01)	CASTRO, Paulo Francisco de. Reflexões em Psicologia e Ciência: uma análise da pesquisa aplicada à psicologia clínica. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo. v.1 n.1, p. 3-13, 1999. (14)
2	BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998. (09)	FORBES, Jorge, Os 100 Anos da Psicanálise e EBP. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n. 57, 1995. Entrevista. (23)
3	GALANO, Mônica H. A Influência dos Psicanalistas Argentinos no Brasil na Década de 70. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n. 54, 1995. (26)	PARREIRA, Walther Andrade. Algumas Reflexões Sobre a Prática Psicoterápica e a História da Formação de Psicoterapeutas em Minas Gerais. <b>Cadernos de Psicologia</b> . Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 97-110, 1986. (46)

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010

A maioria destes artigos, 95%, indicam trazer dados históricos, já os 5% restantes apresentam somente o tema “reflexões”.

Ainda, para completar nossa análise, fomos buscar definições de psicoterapia em dicionários e vocabulários. No total são 24 definições, entre estas, seis de dicionários gerais para a língua portuguesa, dez gerais para a psicologia, um específico para psicoterapia e a definição do Conselho Federal de Psicologia. Dispomos estas definições em tabela, conforme exemplificado a seguir<sup>9</sup>.

**TABELA 3 – Definições de Psicoterapia em Dicionários**

	<b>DICIONÁRIO</b>	<b>DATA</b>	<b>PÁGINA</b>	<b>DEFINIÇÃO DE PSICOTERAPIA</b>
1	Dicionário de Psicologia Moderna	1978	440	“ação psicológica sobre as perturbações fisiológicas e afetivas. A Psicoterapia é, em primeiro lugar, um trabalho de relação homem a homem”.
2	Dicionário Técnico de Psicologia	1989	319	“a aplicação de técnicas especializadas ao tratamento de distúrbios mentais ou aos problemas de ajustamento cotidiano”.
3	Enciclopèdia Garzanti	1993	932	“qualquer forma de tratamento sistemático dos distúrbios psíquicos, por via psicológica e preponderantemente por meio da interação verbal entre o terapeuta e o paciente”.
4	The New Encyclopedia Britannica	1993	767	“qualquer forma de tratamento para distúrbios psicológicos ou emocionais, no qual uma pessoa treinada estabelece uma relação com um ou mais pacientes, com o propósito de modificar ou remover sintomas existentes e promover o crescimento da personalidade”.
5	Michaelis, Moderno Dicionário da Língua Portuguesa	1998		“tratamento por métodos psicológicos” e “conjunto das técnicas que visa ao tratamento das moléstias mentais por persuasão, sugestão, psicanálise, atividades lúdicas ou de trabalho”.

**Fonte:** Dados da Pesquisa 2009/2010

<sup>9</sup> A tabela completa está em apêndice.

## EM RESUMO

Observamos que, no período estudado por Teixeira e Nunes (1994 – 1999), 33% dos autores são psiquiatras, 18% de outros autores seguem a abordagem psicanalítica e os 51% restantes distribuem-se em outras perspectivas. Já, no total, ao longo de 48 anos (levantamento 2), 31% dos autores orientam-se pela psicanálise, 13,5% de outros autores são psiquiatras; 7% seguem a perspectiva cognitivo comportamental; a psicologia escolar e a psicologia clínica, contam, cada uma com 4,7% dos autores; a abordagem centrada na pessoa e a fenomenologia aparecem com 3,6% cada uma e os 38,5% restante dividem-se entre as demais abordagens.

Observamos, assim, uma preponderância do número de autores da psicanálise e da psiquiatria. Aparecem também no segundo capítulo, com presença significativa, a fenomenologia e a abordagem centrada na pessoa, tendo-se percebido crescimento significativo das linhas cognitivo comportamental.

No primeiro capítulo vamos mostrar que a leitura de artigos completos permite encontrar informações sobre uma história da psicoterapia, pelo menos, que permitiriam contá-la, se a isso se dispuserem os pesquisadores em histórias. São nomes de pessoas ou de eventos associados à psicoterapia ou a práticas interpretadas como próprias ou próximas ao que se tem chamado de psicoterapia.

O segundo capítulo retoma o primeiro de nossos objetivos: o que dizem sobre psicoterapia os artigos publicados em periódicos nacionais entre 1955-1993 e 2000-2010.

No terceiro capítulo nos dedicamos as considerações finais, partindo de uma rápida análise de definições de psicoterapia.

## CAPÍTULO I

### PSICOTERAPIA: UMA HISTÓRIA COM ALGUM REGISTRO

Nesse capítulo, temos como referência a pesquisa de Teixeira e Nunes (2001), que delimitaram o período de 1994-1999, e traziam a questão “psicoterapia uma história sem registro?”. Realizamos a leitura dos textos completos pois, entendemos que poderiam emergir novas respostas para a questão levantada pelas autoras. É isso que se pretendeu e que levou a intitular este capítulo tal como está.

Para isso foram analisados 23 periódicos; dentro do universo de artigos encontramos 98 com os descritores propostos como busca, 52 deles continham dados históricos. Segue o que encontramos como registro, para uma história da psicoterapia, nesses periódicos brasileiros. Acompanhando a narrativa, informa-se a fonte indicando o número do artigo, cuja relação se encontra ao final deste capítulo (pp.46-50).

Os textos completos trazem algumas referências sobre a história da psicoterapia. Os primeiros dados referem-se a informações históricas com relação às primeiras duas décadas de 1900, no âmbito de nossa pesquisa, no Brasil. Os mesmos artigos informam, também, sobre a temática psicoterapia, nesse mesmo período, em outras partes do mundo.

As primeiras informações sobre o Brasil datam do início de 1900 e trazem temas relacionados à fundação do Instituto Psycho-Physiologico em São Paulo, em 1901 (14); temos aqui a psicologia associada às questões da fisiologia, seguindo o endereço dos primeiros laboratórios, como o de Wundt (14). Com o nascimento da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal do Brasil em 1904 (09), com Juliano Moreira e colaboradores, podemos inferir a existência de uma psicoterapia associada ao âmbito da psiquiatria. Em 1913 a criação do Laboratório de Psicologia da Escola Normal em São Paulo, ‘contribui para a construção de uma psicologia científica e a consolidação de saberes psicológicos’ que colocam, também, alicerces para o desenvolvimento de uma psicologia clínica (14). Em 1923 nasce a Liga Brasileira de Higiene Mental, “sediada no Rio de Janeiro e fundada pelos psiquiatras Gustavo Riedel, Ernani Lopes, Inácio Cunha Lopes e outros” (09). Em 1924, também ligado à iniciativa de Gustavo Riedel, funda-se o Laboratório de psicologia da Colônia de Psicopatas de Engenho de Dentro, no Rio de

Janeiro (14), e, com esse dado, podemos dizer que temos então uma psicologia diretamente associada à prática da psiquiatria. Este registro é significativo, pois a partir dos estudos desenvolvidos nesse laboratório de psicologia, seu diretor Waclaw Radecki e Gustavo Rezende publicam o livro intitulado *Introdução a Psychotherapia*, datado de 1926. Embora este último dado não esteja registrado nos artigos que compõem o universo de nossa pesquisa para esse capítulo, corrobora a importância da informação anterior.<sup>10</sup>

Os nomes que se destacaram então, no Brasil, associados aos laboratórios foram: Domingos Jaguaribe, Ugo Pizzoli, Waclaw Radecki e Helena Antipoff (14).

Os dados históricos, nesse mesmo período, que se referem a outras partes do mundo, iniciam em 1904 e fazem referência a conferência de Freud em Viena perante o “Wiener Medizinisches doktorenkolleegin”. Nessa ocasião, perante seus colegas médicos, Freud propõe-se a defender a psicoterapia. Diz que “a psicoterapia não é um método terapêutico moderno, mas sim a mais antiga terapia de que se serve a medicina”. Segue expondo sua visão de que existem muitas formas de psicoterapia e muitos meios de praticá-la, frisando que todas as que levam à meta da recuperação são boas. Porém, ele opta pelo método analítico, e, “pelo fato de haver participado da criação dessa psicoterapia, se sentia pessoalmente obrigado a se dedicar a explorá-la e a construir suas técnicas”(46).

A partir de 1905, as informações registradas apresentam temas como as formalizações teóricas realizadas por Freud a partir de suas pesquisas (41), as contínuas revisões que propôs em sua teoria (05, 25, 41, 20, 47) e também de alguns de seus seguidores, como Ferenczi e Melanie Klein (ver 1926) (05). Ainda, a criação de periódicos sobre Psicanálise (1910/ 1912/ 1913 e 1919) (30), e a realização de Congressos (30) (em 1918, o V Internacional de Psicanálise em Budapeste) (46). Esses dados sugerem que a Psicanálise, naquele período, estava desenvolvendo seu processo de institucionalização e difusão.

Ainda, em 1928 inicia-se a publicação da *Revista Brasileira de Psicanálise* (44). Essa informação nos dá pistas de que já havia produção científica nessa área no Brasil.

---

<sup>10</sup> RADECKI, Waclaw e REZENDE, Gustavo. *Introdução a Psychotherapia*. Editora Científica Brasileira DOBICI & Cia, Rio de Janeiro, 1926.

Contudo, o artigo que traz este dado, revelando os nomes dos autores que publicam no primeiro número da revista, não menciona de que temas tratam. Os autores que publicam no primeiro número são: Franco da Rocha, Porto Carrero, Durval Marcondes e Paulo José Toledo. “Contava o professor Durval Marcondes que Freud empreendeu o estudo da língua portuguesa a fim de poder ler por si mesmo o primeiro número da *Revista Brasileira de Psicanálise*” (44).

Continuando nas duas primeiras décadas de 1900, encontramos referências a dados históricos no Brasil, para a psicoterapia e afins, onde transparece a formalização científica, ou seja, pesquisa, ensino, aplicação e difusão, todavia há uma carência de informações sobre o que se pesquisava.

No ano de 1918, tratando da tarefa terapêutica, Freud diz que esta consistiria em tornar consciente o material reprimido e descobrir resistências (15). Note-se que referências à psicanálise são as mais frequentes neste início de século. É somente em 1921 que outra perspectiva aparece – o Psicodrama (45). Essa é a primeira referência a outra abordagem que não a psicanálise. Mas nasce em Viena – lugar, por excelência, da Psicanálise – embora, por um romeno, Jacob Moreno, como parte de seu projeto em Sociometria, que propunha diminuir a dificuldade entre as pessoas e tratar toda a comunidade. Outra perspectiva é definida em 1926, com a formulação do primeiro conceito de Psicoterapia Analítica de Grupo por Trigant Burrow (45).

Enquanto Freud formalizava a Psicanálise – e aparecem registros de sua atividade de pesquisa e revisão de conceitos até 1924 – há indícios de que outros cientistas desenvolviam pesquisas e formalizavam suas teorias a respeito da patologia mental. É o caso de Kraepelin, psiquiatra alemão, aluno de Wundt, do qual os registros aludem somente a partir de 1919, quando descreve o perfil clínico da “demência precoce”, mais tarde denominada de “esquizofrenia” e acrescenta a definição da forma “paranóide” (31).

No Brasil, os dados parecem destacar sempre algum evento (Congresso, abertura de periódicos, fundação de laboratórios e de Associações). Apenas em 1940 aparece referência a publicação de determinados textos como os artigos que tratam da Escola de Psiquiatria Social de Pernambuco e a do Nordeste (09) diferentemente de outros países,

como é o caso das publicações de Freud nos trabalhos lidos por nós, para essa pesquisa (ver p.28, 1905 a 1912).

Cabe salientar que a formalização da ciência, segundo Alfonso-Goldfarb e Ferraz<sup>11</sup> depende de quatro componentes: a pesquisa, o ensino, a aplicação e a difusão. No mundo se tem notícias dos temas pesquisados, enquanto que no Brasil parece ter-se priorizado os registros sobre institucionalização da ‘práxis’ em detrimento de informações sobre o conteúdo das pesquisas, das aplicações e do desenvolvimento científico da área. No caso do Brasil, nesse período, temos indícios de que houve a institucionalização por meio da criação de sociedades e laboratórios (14, 09), entretanto, nesses artigos analisados não existe registro da produção científica.

A esse ponto levantamos uma questão: Poderíamos dizer que no Brasil, nessa época, estaria se desenvolvendo processo de institucionalização de abordagens da psicoterapia, cuja formalização teórica e pesquisa científica, teria sido realizada, contemporaneamente, em outros países? Essa suposta causa justificaria a carência de registros ou informações sobre o objeto de pesquisa em si, já acenada anteriormente? Nesse panorama de interação e desenvolvimento científico, como o Brasil se posiciona, responde aos movimentos de outros países ou provoca esses movimentos em relação ao desenvolvimento da psicoterapia?

Continuando a busca de registros históricos sobre a psicoterapia ao longo do tempo, nos artigos lidos para esta pesquisa, entre 1930 a 1937 não encontramos informações a respeito da psicoterapia, seja no Brasil, seja em outros países. Convém lembrar que, nessa época se ‘gestava’ a Segunda Guerra mundial, o que nos faz pensar que fatores sócio-políticos e econômicos influenciavam também a produção científica, determinando uma espécie de ausência de exposição dos intelectuais dessa área no período, pelo menos em relação à psicoterapia.

A partir de 1938 até 1943, no Brasil, acontecem a fundação da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste, o Primeiro e o Segundo Congressos da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental em João Pessoa e Aracaju, respectivamente (09). No entanto, não se faz referência, novamente, ao

---

<sup>11</sup> ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria e FERRAZ, Márcia H. M. Raízes Históricas da Difícil Equação Institucional da Ciência no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.16, n.2, p.3-14, 2002.

conteúdo dos relatos apresentados o que nos leva a questionar se ali foram trabalhados temas referentes à psicoterapia.

Se no período anterior prevaleciam os registros a respeito da Psicanálise, o mesmo não ocorre após 1938. Desse ano temos apenas a notícia de que Ana Freud ingressa na Sociedade Britânica de Psicanálise (05). E em 1939 K. Lewin criou os grupos Skill (de tarefa) e Training (de treinamento de relações interpessoais ou de autenticidade). “Seu trabalho foi precursor dos grupos de encontro de C. Rogers” (45).

Ainda, no período compreendido entre 1944 e 1950, não aparecem registros históricos a respeito da psicoterapia e áreas afins, seja no Brasil seja na Europa. O mesmo não acontece com o que foi registrado em relação aos Estados Unidos. Nesse período são exclusivos os registros de acontecimentos nos Estados Unidos.

Note-se que até o início dos anos 1940 os Estados Unidos não são mencionados em nenhum registro histórico no universo de nossa pesquisa. Ao passo que, a partir do período pós-guerra, os registros a respeito dos fatos que ocorrem nesse país passam a ser exclusivos, nos textos consultados por nós, e não encontramos notícias de outros países.

É possível que muito dessa realidade se deva ao movimento migratório dos intelectuais e cientistas que no pós-guerra foram da Europa para os Estados Unidos. Mas, e o Brasil?

A partir de 1945 até o início dos anos 1950 observa-se um fervilhar na produção científica incluindo o nascimento de outras linhas teóricas e diversidades de psicoterapias. Podemos sugerir que após a Segunda Guerra nasce um novo olhar sobre o humano, refletido também nas práticas psicoterápicas. E floresce principalmente nos Estados Unidos. Nesse sentido surgem registros sobre: dinâmica de grupo e ‘Teoria de Campo de Kurt Lewin (45,13)’; aparece, o que seria o marco inicial da psicoterapia breve, com Franz Alexander e Thomas French; experiências de grupo com Rogers e colaboradores; Mowrer cria a teoria bi-fatorial e Skinner estuda a diferença entre comportamento operante e respondente e o reflexo condicionado (11).

Retornando ao escopo de nossa pesquisa, até esta data, encontramos registros históricos a respeito da perspectiva Gestáltica, Psicanalítica, Psicologia Humanista e Comportamental, respectivamente.

Já, de 1951 até 1957, no Brasil, temos uma concentração de registros de experiências e relatos de estudos sobre Psicoterapia de Grupo e Grupos Terapêuticos realizados em hospitais, serviços de assistência aos doentes mentais, centros de estudos especializados e entidades de ensino (45).

Observe-se que o Brasil nesse período, demonstra um maior domínio da teoria, explicitando a prática da atividade psicoterapêutica num esforço científico. Parece, pelos textos lidos, que, no Brasil, nessa fase, houve difusão significativa das terapias de grupo, em diversas abordagens, sendo muito presente a Psicoterapia Analítica de Grupo (45).

Enquanto no Brasil busca-se consolidar as premissas teóricas, por meio de experiências e relatos científicos – preponderantemente em uma linha de atuação, como a psicoterapia de grupo – em outros países, na mesma época, os dados nos contam a existência de esforços e pesquisas que trazem novidades científicas. Exceto nos Estados Unidos, ao que nos parece, de onde se tem apenas a informação de que é editado o primeiro manual estatístico e diagnóstico da APA (29). Já na Inglaterra, Bion (20) desenvolve estudos sobre a relação que se estabelece entre pensamento e percepção da realidade, mais tarde faz novas afirmações sobre os casos de distúrbios evolutivos da personalidade. Melanie Klein publica “Considerações Sobre a Vida Emocional do Bebê” (42) e Bowlby desenvolve a “teoria do apego”(36). Na França, Henri Ey trouxe à tona estudos acerca do “dilema psiquiátrico” (08).

Leve-se em consideração que esses relatos coincidem com nossa leitura anterior de que no Brasil não se desenvolvem pesquisas, ou não se registram os resultados de pesquisas que tragam novidades científicas. Mas sim o Brasil, conforme os registros históricos, empenha-se em atividades teórico-práticas no sentido de consolidar o que já foi desenvolvido por outros países no âmbito científico.

A partir de 1957 até 1971, a respeito da Psicoterapia Analítica de Grupo, no Brasil, encontramos registros referentes à institucionalização e difusão do conhecimento

dessa prática. Organiza-se o Primeiro Congresso Latino-Americano de Psicoterapia de Grupo, experiência integrativa que, nas palavras de seu presidente, Bernardo Blay Neto, “era importante para reunir os pesquisadores brasileiros que trabalhavam isoladamente” (45). Acontecem também encontros dos psicoterapeutas de grupo no Brasil, Buenos Aires e Santiago do Chile, com a criação de quatro Sociedades Brasileiras de Psicoterapia Analítica de Grupo, e entre 1963 e 1968, essas sociedades reuniram-se na Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo. Inicia-se ainda a Sociedade Paulista de Psicologia e Psicoterapia de Grupo. Esta teve 27 fundadores e o primeiro presidente foi Bernardo Blay Neto. Efetiva-se a realização do Terceiro Congresso Latino-Americano de Psicoterapia de Grupo, presidido por Walderedo Ismael de Oliveira (45).

É em 1963 que Júlio de Mello Filho organizou os primeiros grupos Balint, no Hospital Pedro Ernesto, no Brasil (45). Essa informação evidencia a preocupação em compreender o paciente em suas várias facetas, dado que Balint desenvolveu os grupos direcionados aos profissionais das diversas áreas que interagem no processo terapêutico, com o escopo de obter uma visão multidisciplinar do mesmo.

Considere-se que somente após a realização de três Congressos Latino-Americanos, alguns presididos por brasileiros, é que, em 1968, acontece o Primeiro Congresso Brasileiro de Psicoterapia Analítica de Grupo, em Porto Alegre (45). O que sugere que os psicoterapeutas brasileiros dessa área mantinham-se integrados com seus colegas latino-americanos, merecendo, também, o reconhecimento destes, contudo parece que trabalhavam isoladamente no Brasil.

Encontramos um registro de que em 1971 houve a publicação de ‘Estudos sobre a Psicoterapia Analítica de Grupo’, com referências históricas sobre o tema, em Porto Alegre (45). Isso nos diz que, sobre a psicoterapia, em 1971, já havia uma história para ser contada.

Nesse mesmo período, no Brasil, encontramos informações que evidenciam a forte presença da psicanálise continuando o processo de institucionalização por meio da manutenção e fortalecimento do método clássico freudiano (35) e a retomada da *Revista Brasileira de Psicanálise*, em 1967, após 40 anos sem ser editada (44) – sem registros, em nossa pesquisa, das razões dessa prolongada ausência. Inicia-se uma tentativa de

caracterização da psicanálise e da psicoterapia analítica, o que perdura por toda década de 1950, e nas décadas de 1960 e 1970 ‘a preocupação maior foi ressaltar diferenças, mais do que apontar as semelhanças entre ambas’ (35). Essa discussão se inicia nos Estados Unidos (mesa redonda em 1957, durante o encontro anual da APA, com a participação de vários autores) (46) e o Brasil, por sua vez, ‘identifica-se com a posição estadunidense no que se refere ao quadro político-institucional’ dessa relação psicanálise-psicoterapia analítica. Nessa diatribe, os franceses se posicionam ‘contrapondo-se à caracterização de psicanálise e psicoterapia analítica, referindo que esse movimento decorre da tendência “psiquiatrizante” da escola americana de psicanálise’ (35).

Ainda, para a história da psicoterapia no Brasil, em 1962, acontece um fato importante, a saber, a promulgação da Lei 4.119, a qual regulamenta a Profissão de Psicólogo e os cursos de Psicologia no Brasil (17). Este marco histórico está diretamente relacionado ao percurso da psicoterapia no país, pois abre a possibilidade de, institucionalizando a profissão, reunir forças e condições para consolidar a formação de profissionais e o exercício, também, da psicoterapia.

Em outros países observa-se uma diversidade de tendências. Nos Estados Unidos menciona-se a psicoterapia cognitiva nos anos 1960 (18); houve aumento das publicações em artigos relacionados à psicoterapia breve, fazendo referência a problemas concretos, ou seja “situações de crise e necessidades da população consulente” (27); Rogers cria os Grupos de Encontro nesse período (45). Também, na década de 1960, nos Estados Unidos, desenvolve-se o Projeto Denver, sob o patrocínio do Instituto Nacional de Saúde Mental, “com o escopo de oferecer terapia familiar e atendimento domiciliar como alternativa frente à internação psiquiátrica” (28). Ainda, na Inglaterra, Bion desenvolve os conceitos de “continente e contido” (20). Na Argentina surge o Acompanhamento Terapêutico (07) e Grinberg e colaboradores, partindo das idéias kleinianas, desenvolvem conceitos de culpa persecutória e de culpa depressiva (34).

Estamos ainda muito próximos do término da Segunda Guerra. Duas décadas de reconstrução e busca de alternativas para uma nova sociedade e compreensão do homem. Esse movimento não se restringe a alguns países, mas mostra-se mais urgente

naqueles que viveram o conflito de modo direto. Nesta busca de respostas, encontramos indícios também nas pesquisas a respeito da psicoterapia. A resultante do que poderíamos denominar de um reequilíbrio de forças, se refletiria, também, no âmbito ‘psi’ por meio do nascimento plural de novas perspectivas.

Essas colocações nos levam a um questionamento: a pluralidade de caminhos no pós guerra poderia ter surgido como uma resposta, também intelectual, aos modelos já existentes, que, de algum modo, foram insuficientes para auxiliar na resolução de conflitos que culminaram na Segunda Guerra? Responder a essa questão não é o escopo de nossa pesquisa, mas pode suscitar outras questões e contribuir para uma reflexão a respeito da história da psicoterapia, que é também a nossa história, pessoas e profissionais, atores das relações sócio-políticas.

Entre as perspectivas já mencionadas, como o cognitivismo, inclui-se o nascimento da abordagem sistêmica, com a psicoterapia de família, e em Milão inicia-se o Centro de Estudos da Família (22). Pichon-Riviere, na Argentina, desenvolveu o conceito de “bode expiatório” (45) e publicou uma série de notas sobre “a psicologia da vida cotidiana”(45), surgindo o movimento de contestação à psiquiatria, tendo como expoentes Thomas Szasz, Laing, Arnold Michel Cooper e Mannoni (08). Esses autores procuram entender o ser humano patológico, inserido em um contexto e entendendo-o também como resultado de suas relações.

Contemporaneamente observa-se um movimento de aprofundamento das linhas já existentes, como o humanismo com Rogers e desdobramentos da linha psicanalítica com novas intervenções em psicoterapia breve. Nasce novas pesquisas sobre a relação terapeuta cliente e “constata-se que na situação analítica, o analista, apesar de sua neutralidade, intervém como parte integrante do processo”(52). É nesse período também que Esther Bick elabora o “Manual de Observação do Bebê” (04) e Lester propõe intervenção, no momento de crise, em psicoterapia breve (36).

Somente no final da década de 1960 e início da década de 1970, encontramos registros sobre o que se desenvolvia na Argentina, possivelmente devido a “influência de psicanalistas argentinos no Brasil por meio de um grupo didata formado por Mário Martins, José Lemmertz e os médicos do Centro de Estudos Juliano Moreira” (26). É nesse período também que “argentinos participam do curso de formação em

Psicoterapia de base Analítica no Instituto Sedes Sapientiae”, em São Paulo, como “o casal Bigliani, Mário e Lucia Fuks e Antonio Lancetti” (26). Interessante notar que, na interação Brasil-Argentina, deu-se a expansão de novas linhas psicoterápicas, assim como “o surgimento de novos caminhos, movimentos e instituições paralelas à APA” (26). E há notícias da ruptura de pesquisadores, no Brasil, com a APA (26).

Na década de 1970 a Escola Argentina de Psicanálise desenvolve os Grupos Operativos, resultado da síntese entre grupos de tarefa e de treinamento, desenvolvidos anteriormente por K. Lewin. E Pichon-Riviere funda a primeira Escola Privada de Psiquiatria Social (45).

No Brasil, no início da década de 1970 até 1973, além da relação com a psicanálise argentina, observa-se a continuidade do movimento de institucionalização, principalmente da psiquiatria, com algumas ações de ensino e difusão do conhecimento. Aparecem também notícias de congressos. Além da participação dos argentinos em cursos, inicia em Salvador a formação de terapeutas corporalistas, com uma forte base psicanalista bioenergética, também com os argentinos Emilio Rodriguè e Marta Berlin (26). E em São Paulo realizam-se grupos de encontro e supervisões dentro do enfoque teórico da “Dinâmica e Gênese dos Grupos” de Kurt Lewin (45). Concomitante a esses eventos, se dá a publicação dos “Estudos sobre Psicoterapia Analítica de Grupo”, já mencionado anteriormente(45).

Ainda sobre os psicanalistas argentinos no Brasil, em 1971 Gregório Barenblitt participou do Núcleo de Estudos em Psicologia e Psicoterapia (NEPP) e organizou encontros e congressos, trazendo ideias e pensadores como Saussure, Bachelard, Althusser, Lacan, Foucault, Deleuze e Guattari. Ao mesmo tempo em que Oswaldo Saidón participa da fundação do Instituto Brasileiro de Psicanálise (IBRAPSI), no Rio de Janeiro, Armando Bauleo marca sua presença em eventos, supervisões e Workshops no Brasil (26). Esses psicanalistas trazem importantes contribuições e abertura para novas epistemologias que vão ampliar os horizontes da prática psicoterápica no Brasil (26).

Continuam, em 1972 e 1973, os Congressos na área da psiquiatria, enquanto em 1976 no Espírito Santo, houve a instalação da psicanálise capixaba com Hugo Guagirioli, J.Volnovich, E. Banfim e E. Martinez no Instituto Ceppes, “a qual

apresentou relação controvertida entre a Psicanálise e a Medicina Comunitária” (26). E é também em 1976 que a *Revista Brasileira de Psicanálise* divulga que está aberta ao público de ciências humanas (44). Com esse dado podemos dizer que inicia-se um movimento em direção ao diálogo entre as diferentes perspectivas em psicoterapia.

A partir de 1976 até 1980, a respeito do Brasil, encontramos registros evidenciando que houve uma ‘saída’ do processo de institucionalização e da influência estrangeira ‘para’ um outro processo, o da produção científica ‘nacional’. Esse movimento deu-se tanto dentro das instituições de ensino como fora delas, dando ênfase a publicações de autores brasileiros. Jurandir Freire Costa defende sua tese no Centro Psiquiátrico de Saint Anne, em Paris, intitulada “História da Psiquiatria no Brasil” onde narra uma “história da Liga de Higiene Mental do Brasil” (09) e na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Tácito Medeiros defende dissertação de mestrado sobre a assistência psiquiátrica no país até 1977 (09). A tese e a dissertação datam de 1976 e 1977, respectivamente e, curiosamente, dedicadas ao aspecto histórico.

No mesmo ano em que Jurandir Freire defende sua tese na França, 1976, o professor Isaiás Paim busca registrar aspectos da historiografia da psiquiatria no Brasil, em seu texto “Primórdios da Psiquiatria no Brasil” publicado no livro “Tratado da Clínica Psiquiátrica”. E em 1977, no mesmo ano em que T. Medeiros defende sua dissertação, Heronides Coelho Filho lança o livro “A Psiquiatria no País do Açúcar” (09).

O escrito do professor Paim é o primeiro registro sobre “historiografia da Psiquiatria” que encontramos nos textos lidos em nossa pesquisa. Também, no ano em que é publicado este livro, encontramos referência à criação da primeira instituição visando o atendimento de famílias e a formação em Terapia Familiar no Brasil. Já, em 1979, Maurício Knobel, também no Brasil, teoriza que “a evolução ou realização em psicoterapia podem ser confundidas com episódios de melhora maníaca” (43). Maurício Knobel, de origem argentina e naturalizado brasileiro, passou a residir no Brasil na década de 1970 desenvolvendo sua atividade profissional, preponderantemente em instituições de ensino da cidade de Campinas em São Paulo.

Estamos em pleno período da ‘guerra fria’ e os movimentos sócio-políticos na América do Sul são pontuados por golpes militares e pela ditadura. Enquanto muitos

intelectuais brasileiros continuam no exílio e outros são deportados, o Brasil abre as portas para os intelectuais de outros países. Essa experiência, como já foi mencionada anteriormente, trouxe aportes científicos e novos olhares sobre a realidade sócio-política, abrindo outros horizontes também para o exercício de psicoterapias.

No Brasil, no período compreendido entre os últimos anos de 1960 até o final de 1970, encontramos informações que evidenciam um intenso movimento de abertura e diversificação de perspectivas teóricas. O que parece confirmar a asserção: “emergem várias formas de psicoterapia, acompanhamento e aconselhamento na década de 1970 no Brasil”(01). Nota-se a influência da psicanálise argentina trazendo uma nova vertente. Essa novidade é voltada para a compreensão das instituições, reivindicando um novo olhar sobre o indivíduo, inserido este em uma realidade provisória e contextualizada na concretude da influência sócio-política e econômica.

Enquanto no Brasil, conforme os textos lidos, temos uma diversificação de teorias e práticas da psicoterapia, embora a maioria delas vinculadas à psiquiatria, os registros históricos a respeito de outros países demonstram movimentos mais discretos nesse mesmo período. Os registros referem-se a aprofundamentos teóricos no âmbito da psicoterapia e revisões de conceitos por parte dos autores. Por exemplo, Winnicott, em 1971, na Inglaterra, “considera o brincar criativo como atividade afim ao sonhar e ao viver, mas não pertencente ao fantasiar” (20), divergindo da posição de sua supervisora Melanie Klein. James Mann buscava um modelo integrativo de Psicoterapia Breve (36). Cramer e Palacio-Espasa desenvolvem importantes trabalhos a respeito da psicoterapia breve com crianças (36). Malan, partindo do trabalho de Balint – identificação do conflito primário – traça novas diretrizes para a psicoterapia breve por meio do estudo de casos clínicos (36). Rank, em 1979, deixou de lado a idéia de trauma de nascimento como questão central e “concentrou-se nos pólos entre os quais o ser humano se move: o da ligação emocional e dependência, e o da separação e independência”. Esse contribuiu também para o estabelecimento de uma data para o término da análise e com o conceito de *'will-therapy'*. Sifneos desenvolve a Psicoterapia Breve provocadora de ansiedade e Proskauer se propõe a ajudar as crianças a suportarem ligações patológicas com os pais e a se perceberem como indivíduos nas sessões de Psicoterapia Breve (36).

Apenas um registro, de 1977, faz referência à morte de um pesquisador. Falece na França o psiquiatra Henri Ey (1900 - 1977). O artigo refere também algumas de suas obras como *Manual de Psiquiatria, Études, Consciente, L'inconscient, Traité des Hallucinations, Anti-Antipsiquiatria, Défense Et Illustration de La Psychiatrie* (09).

Como vimos, desde 1962 surge a lei que regulamenta a profissão de psicólogo no Brasil. Em nossos registros históricos continuamos encontrando referências a respeito da Psicoterapia ligada preponderantemente à Psiquiatria. Considerando este dado, parece-nos que a Psicologia ainda não exerce a psicoterapia com “domínio de campo”, assim como faz a psiquiatria. Essa observação leva-nos a refletir se essa constatação procede, ou se apenas a área da psicologia não tem registrado o percurso de sua prática por excelência: a psicoterapia.

Encontramos nos textos que fazem referência ao final da década de 1970 até início de 1990, dados que trazem pesquisas relatando a preocupação em consolidar práticas e modelos psicoterápicos e, principalmente, a psicoterapia breve. Constata-se que nesse período houve iniciativas no sentido de buscar um modelo que fosse mais efetivo no dar respostas à remissão de sintomas. Este movimento deu-se simultaneamente tanto em países da Europa como nas Américas (36).

No Brasil, os dados sobre a Psicoterapia Breve remetem às pesquisas de Maurício Knobel: em seu trabalho, nesse período, “são sempre acentuadas as questões sociais e econômicas, e uma constante preocupação com a viabilidade da indicação terapêutica”. (36)

Interessante observar que, conforme os textos lidos, no Brasil, continua a dar-se espaço à psicoterapia e outros trabalhos que priorizam os grupos. Entre 1980 e 1990 foram desenvolvidos estudos que ressaltam a eficácia da psicoterapia breve com grupo de pacientes borderlines (40) e surgem vários trabalhos sobre grupos de reflexão, tanto no Brasil como em outros países latino-americanos (45). O que sugere um esforço de difusão desta modalidade de formação e revisão da prática profissional da área ‘psi’, nesse período.

É também nos anos 1980 que encontramos o primeiro registro, no universo de nossa pesquisa, sobre o desenvolvimento de experiências e reestruturação do serviço de

saúde mental comunitário, por meio do projeto “a nossa casa”, no Rio Grande do Sul, buscando oportunizar o acesso ao serviço também às famílias dos pacientes (28). O professor Darcy de M. Uchoa escreve em 1981 sobre a “Organização da Assistência Psiquiátrica no Brasil” e, em abril de 1982, no Rio de Janeiro acontece o XII Congresso Internacional de Psicoterapia(09). Em nossos registros é a primeira notícia sobre um congresso de psicoterapia em nosso país. Sendo o Brasil palco de um Congresso Internacional de Psicoterapia, podemos sugerir que havia desenvolvimento significativo dessa área, até esse momento, que justificasse a presença do evento em nosso país.

Em 1980 e 1988, respectivamente, acontecem o segundo e o terceiro Encontro Luso-Brasileiro, reunindo pesquisadores da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) e de Portugal. O primeiro se dá em Salvador e o segundo no Espírito Santo(09).

Em 1982 surge a lei específica do estágio curricular na formação do psicólogo, a qual delimita em seu artigo 3º. (decreto no. 87.497/82): “O estágio curricular, como procedimento didático pedagógico, é atividade de competência da instituição de ensino a quem cabe a decisão sobre a matéria, e dele participam pessoas jurídicas de direito público e privado, oferecendo oportunidades e campo de estágio, outras formas de ajuda, e colaborando no processo educativo”(17). Embora não legisle diretamente sobre a prática psicoterápica, essa lei constitui-se em importante instrumento de formalização das relações ensino/aprendizagem e incide diretamente na formação do profissional da área “psi”. Essa realidade, conseqüentemente, favorece espaços de formação profissional também para a psicoterapia e fortalece o processo de institucionalização da área.

O Conselho Federal de Psicologia, em 1988, demonstra que 80% dos psicólogos que atuam no país, o fazem na área clínica; destes 75% atuam com abordagem psicodinâmica. “O modelo predominante é de base psicanalítica, não existindo opções diferenciadas por outras áreas tradicionais, emergentes, ou outras propostas teóricas”(12). Esse dado surge no mesmo período em que uma pesquisa realizada pela *American Journal of Psychotherapy* identifica “450 tipos de psicoterapia oferecidos ao público nos Estados Unidos”(01). Com esses dados podemos inferir que o âmbito clínico, aparecendo como preferência de atuação dos psicólogos, evidencia uma tendência profissional à psicoterapia. Poderíamos então sugerir que a formação, na

esfera universitária, estaria, nesse período, direcionada preponderantemente à Psicologia Clínica e fortemente instituída como formação psicodinâmica.

Faça-se atenção que, passados 20 anos desde a lei que regulamenta a profissão de psicólogo no Brasil, surge uma nova lei que, desta vez, regulamenta os estágios de psicologia, denotando a nosso ver, preocupação com a organização e formação dos profissionais da área. E também um Conselho Federal de Psicologia, que a seu tempo, interessa-se em conhecer a situação profissional de seus representados.

Nesse meio tempo a *Revista Brasileira de Psicanálise*, “contou com o apoio do CNPQ e da Finep, tendo introduzido o ‘contraponto’, uma crítica ao artigo por um colega”(44).

Continuamos encontrando, preponderantemente no Brasil, ações de institucionalização – surgem novas legislações, acontecem congressos, organizações de assistência – alguma difusão do conhecimento e pesquisa. Essa última direciona-se a conhecer a situação dos profissionais da psicologia. E continua-se a priorizar a atividade teórico-prática da psicoterapia com grupos. Por exemplo, “em 1989 nasce o grupo que atende pacientes em psicoterapia breve, de orientação analítica, no Serviço de Psicoterapia Hospitalar das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (IPQ do HC – FMUSP). Esse fundamenta-se nas idéias de Sifneos, Malan e Davanloo”(37).

Está presente a difusão do conhecimento a respeito da psicoterapia, por meio da Sociedade de Psicoterapia Analítica de grupo que, em 1989, “oferece cursos de formação em São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco; além de grupos de estudo em Mato Grosso do Sul, Juiz de Fora, Barbacena, Campinas e, o mais recente deles, o Núcleo de Estudos em Saúde Mental (NESME) do ABC, em São Caetano do Sul”(45). Ainda, Ferro-Bucher desenvolve atividades de supervisão em terapia familiar nos Centros de Terapia Familiar e Universidades brasileiras (19).

Com a abertura política na América Latina durante a década de 1980 muitos psicanalistas argentinos, que exerciam suas atividades profissionais no Brasil, retornaram para sua terra,”mas permanece no imaginário social como um grupo que tentou uma relação criativa entre psicanálise, marxismo e prática social: os pioneiros

que abriram novos caminhos para pensar a análise institucional e a intervenção comunitária”(26).

Observa-se nesse último período iniciativas no sentido de fortalecer a atividade profissional, parece haver um direcionamento para ações que dêem corpo à prática da área ‘psi’, e incremento da institucionalização. A realidade sócio-econômica e política do Brasil no final da década de 1970 e anos 1980 foi marcada pelos esforços da abertura política, o fim do governo militar e a redemocratização, podemos sugerir que reflexos dessa realidade tenham influenciado as práticas ‘psi’ levando também a concentrar esforços no fortalecimento da própria identidade, consolidando-se institucionalmente.

Em contrapartida, dos outros países temos notícias que nos Estado Unidos, entre 1980 e 1985, desenvolve-se o Programa de Hospitalização de Famílias na *Philadelphia Childs Guidance Clinic* (PCGC)’(28). Em Paris é “Re-fundada a Escola da Causa Freudiana”(23). As outras notícias dizem respeito a formalizações teóricas, aprimoramento de conceitos e desenvolvimento de estudos como a “psicoterapia expressiva” de Kenberg, nos Estados Unidos (35). “Técnica ativa” de confrontação e manutenção do foco para a Psicoterapia Breve de Dawanloo (36). Wolberg propõe uma Psicoterapia Breve com maior flexibilidade, “permitindo ao terapeuta lançar mão de diversos recursos, conforme o caso de cada paciente”(36). Estuda-se a “diferenciação de fobia social, transtorno do pânico e ansiedade, baseados nos estudos de Reich”(02) e diferenciação entre autismo e esquizofrenia infantil conforme estudos de Rutter (06). É nesse período que Therese Tellegen elabora o conceito de “Awareness” em Gestalterapia (24).

Um dado significativo para o nosso tema é a publicação de Wallerstein, em 1989, do artigo enciclopédico “Psychoanalysis and Psychotherapy: an Historical Perspective”, “retratando com detalhes as discussões desse período e dos seguintes” (35).

Considere-se que os dados que se referem aos acontecimentos em outros países, ligados à psicoterapia, continuam informando que desenvolvem-se estudos de aprofundamento e busca de alternativas para uma maior eficiência tanto da compreensão das dinâmicas do paciente, como de um método que se mostre mais eficaz na solução dos sintomas.

Evidencia-se ainda movimentos no sentido da especificação nosológica com a publicação de DSM III (40), onde o termo ‘reações’ foi alterado para ‘desorder’ (08), e ocorreu a “inclusão de critérios para diagnóstico do estresse pós-traumático (PTSD) no manual de classificação dos transtornos psiquiátricos da Associação Psiquiátrica Americana (APA)” (29).

Com relação aos esforços, de outros países, em rever continuamente o modelo de intervenção em Psicoterapia Breve, em 1990, encontra-se que “as evidências de que não existe uma abordagem que seja adequada para todos os casos levaram alguns autores a considerar que se deve adaptar a psicoterapia ao paciente, e não o contrário”, e essa concepção determinaria então uma psicoterapia breve aplicada com método e técnicas mais flexíveis, chegando-se a um modelo eclético, embora sempre com fundamentação freudiana (36).

Estamos nos anos 1990 e desenvolve-se uma pesquisa sobre a formação do psicólogo no Brasil, que descreve a predominância de um sistema de formação “orientado quase que exclusivamente para a área clínica e calcado no modelo médico, tendo como foco fundamental a posição psicanalítica” (12). Quanto às publicações a *Revista Brasileira de Psicanálise*, trouxe novidades. Além da nova diagramação com o auxílio da computação gráfica, assumiu novos critérios de avaliação de artigos, esses últimos por meio de um grupo de psicanalistas brasileiros formados na Sociedade Britânica de Psicanálise em 1991.

Dá-se o 1º Encontro Luso-Brasileiro e Luso-Americano de Psicoterapia Analítica de Grupo. O encontro de brasileiros e lusitanos neste congresso “repetiu a integração descrita por Blay Neto no congresso de Buenos Aires em 1957 e a história da Psicoterapia Analítica de Grupo do Brasil inicia um novo marco de integração entre brasileiros e portugueses na área de saúde mental e psicoterapia”(45).

Nesse mesmo ano a Associação de Psiquiatria Americana (APA) conclui que o transtorno de pânico tem início em idades variadas, contudo começa tipicamente entre o final da adolescência e a faixa de 30 anos.

De 1993 temos mais notícias com marcos históricos. No Rio de Janeiro, realiza-se o IX Congresso Mundial de Psiquiatria, ocorreu simultaneamente ao XXI Congresso

Nacional de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental, no qual “houve mesa redonda sobre ‘Vultos e Personagens da Psiquiatria Brasileira’. Nessa ocasião foram apresentados relatos de Marcos P. T. Ferraz sobre Franco da Rocha; Adolpho Hoirish sobre J. Leme Lopes; Othon Bastos sobre Ulysses Pernambucano e Manoel de Albuquerque sobre Paulo Vianna Guedes” (09). Nesse mesmo ano Othon Bastos, em Simpósio Brasil-Japão de Psiquiatria, apresentou o trabalho falado sobre “História da Psiquiatria e da Saúde Mental no Brasil” (09).

É de 1994, mês de setembro, o XIII Congresso Brasileiro de Psiquiatria, em Caldas Novas (08). Nesse ano também encontra-se críticas “aos pressupostos teóricos que ancoram a pesquisa em Psicologia. Existiria ênfase demasiada nos aspectos empíricos e observacionais na área” (14), e menciona-se a crise nos paradigmas na pesquisa em Psicologia (14). Tal observação, mesmo não estando ligada diretamente à psicoterapia nos leva a questionar se esta realidade não poderia ser transposta para o âmbito da psicoterapia, já que deriva também da psicologia?

Em abril de 1995 nasce oficialmente a Escola Brasileira de Psicanálise, “como fruto de um trabalho de implantação do campo freudiano, iniciada em São Paulo em 1981”(23). A EBP é herdeira da tradição da Escola Freudiana de Paris, fundada por Jaques Lacan, depois chamada Escola da Causa Freudiana de Paris (23).

É de 1996 a tese de livre-docência do Professor Miguel Roberto Jorge que “logra esgotar a história das classificações nosográficas brasileiras”(01). E William Gomes, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), estudava a relação entre pesquisa e formação do psicólogo, “buscando traçar um panorama histórico para justificar essa relação”(14).

Já, de outros países, vêm mais notícias. Sobre o transtorno bipolar, Akiskal aplicou o conceito de espectro ao próprio transtorno bipolar e cunhou a expressão “espectro bipolar” (33). Messer & Warren desenvolvem o Modelo Relacional a ser empregado na Psicoterapia Breve, “o mesmo era fruto de uma filosofia da ciência, a qual reconhecia a natureza contextualizada do conhecimento e a pluralidade de pontos de vista. Buscavam um modelo de psicoterapia Breve que desse ênfase a questões do desenvolvimento, este somado à compreensão psicodinâmica, permitiria olhar para os

problemas do paciente como dificuldades a serem enfrentadas e desafios propostos pelo próprio desenvolvimento” (36).

Ainda em 1995, Prochaska buscava maior integração teórica na Psicoterapia Breve(36). Bertolino, seguindo uma linha de crítica ao movimento objetivo em psicologia, tece uma perspectiva histórica do desenvolvimento do aspecto científico em Psicologia (14). Ainda nesse ano, quanto a relação existente entre psicologia e seu objeto de estudo, Marzagão “propunha a reflexão sobre a dicotomia entre acontecimentos e estrutura na pesquisa em Psicologia. Não se mostra totalmente favorável a essa multiplicidade de formulações teóricas, por colocar que a psicologia deveria seguir um objeto de investigação uniforme” (14).

Continuamos a encontrar dados referentes aos outros países que se referem a descobertas, formulações científicas e pesquisa.

Os dados de nossa pesquisa demonstram que existe algum entrelaçamento, pouco claro, no que tange à psicoterapia médica e não médica. Entretanto, observa-se nesse período um maior encorajamento no expor questionamentos sobre a área e também uma atitude de revisão crítica quanto ao ensino e a prática da psicoterapia. Essa atitude poderia estar sugerindo uma necessidade maior em atender aspectos de pesquisa, aplicação e ensino da área ‘psi’ e estes aspectos revelam-se, nesse período, principalmente no Brasil. Note-se que estamos já em pleno momento da globalização. Na década de 1990 acontece a inserção da internet, em nível mundial, e abarca todos os aspectos do fazer humano, a área ‘psi’, e conseqüentemente a psicoterapia começa a ser exigida em constantes adaptações à nova realidade globalizada. Nesse sentido, permanece uma questão aberta como o fazer psicoterápico vai se posicionar frente à nova realidade globalizada e ‘internetiana’.

Como se vê, lendo os textos completos encontramos dados que, desfiados um a um e recolocados na trama de um novo tecido, estão disponíveis a entrar na corrente da história, para quem se dispusesse a escrever alguma. Agora, sobre a Psicoterapia, podemos dizer: “uma história com algum registro”.

## REFERÊNCIAS DO CAPÍTULO I

### Fontes Primárias

1. AGUIAR, Rogério Wolf. Psicoterapias: desafios atuais e perspectivas futuras-uma proposta pluralista. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 93-105, 1999.
2. ANDRADE, Y.; NARDI, A. E.; FIGUEIRA, I.; MARQUES, C.; MENDLOWICZ, M.; CAMISÃO, C.; COSCARELLI, P.; VERSIANI, M. Seguimento de Pacientes Fóbicos Sociais – Parte I. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 7, p. 369-377, 1995.
3. ANDRADE, Yasmin; NARDI, Antônio Egídio; MENDLOWICZ, Mauro; MARQUES, Carla; FIGUEIRA, Ivan; CAMISÃO, Carlos; COSCARELLI, Pedro; & VERSIANEI, Márcio. Seguimento de pacientes fóbicos sociais (6 anos) Parte II – Descrição da evolução. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 8, p. 423-430, 1995.
4. ANDRIATTE, Aparecida Malandrin; PIMENTEL, Eulalia M.P.; *et al.* Manifestações transferenciais e contratransferenciais na tríade mãe-observador-bebê. **Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais**, São Bernardo do Campo, v. 2, n. 2, p. 77-85, 1994.
5. AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade: um texto perdido em suas sucessivas edições. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 6, n. 2, 1995.
6. BANDIM, José Marcelino; SOUGEY, Everton Botelho; CARVALHO, Tércio Fabio Ramos de. Autismo: características clínicas e tratamento. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. Rio de Janeiro, v. 44, n. 12, p. 649-654, 1995.
7. BARRETO, Kleber Duarte. Acompanhamento Terapêutico: uma clínica do cotidiano. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, n. 73, 1997.
8. BASTOS, Othon. O Conceito de Doença Mental. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 111-115, 1995.

9. BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
10. BÓ, Dênis Eduardo Bertini; BARBOSA, Renan. Anorexia, Bulimia e Família: uma experiência com trabalho em grupo. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. Rio de Janeiro, v. 48, n. 2, p. 533-537, 1999.
11. CAMESCHI, Carlos Eduardo. Comportamento de Esquiva: teorias e controvérsias. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, vol. 13, n. 1, p. 143-152, 1997.
12. CAMPOS, Luiz Fernando de Lara, SOUZA, Keli Cristina Cambi, CATÃO, Elaine Cristina; CAMPOS, Patrícia Ribeiro. Fatores Motivacionais na Escolha de Abordagens Teóricas em Psicologia Clínica. **Rev. Estudos de psicologia**, Campinas, n. 01, v. 13, p. 41-54, 1996.
13. CARDOSO, Cláudia Lins. Psicoterapia de Grupo com Pacientes Diabéticos e Hipertensos em Centros de Saúde Pública. **Rev. Estudos de psicologia**, Campinas, v. 16, n. 2, p. 5-15, 1999.
14. CASTRO, Paulo Francisco de. Reflexões em Psicologia e Ciência: uma análise da pesquisa aplicada à psicologia clínica. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo. v.1 n.1, p. 3-13, 1999.
15. CATAFESTA, Ivonise Fernandes da Motta. A Relação Psicoterapeuta-Cliente. **Psicologia USP**, São Paulo, vol.6, n. 2, p. 139-144, 1995.
16. COSTA JR. Anderson L. Atuação Profissional do Psicólogo em Aconselhamento Genético. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, n. 3, p. 19-23, 1996.
17. COSTA JR., Anderson Luiz; HOLANDA, Adriano Furtado. Estágio em Psicologia: discussão e critérios para o exercício de supervisor de estágio. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, n. 02, p. 4-9, 1996.
18. DATTILIO, Frank. A Formação em Psicoterapia Cognitiva por Frank Dattilio. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, v. 5, n.51, maio, 1995.
19. DIAS, Cristina Maria de Souza Brito; BUCHER, Júlia S. N. Ferro. Modalidades de Supervisão em Terapia Familiar e a Realidade Brasileira. **Mudanças: psicoterapia e estudos psicossociais**, São Bernardo do Campo, n. 5/6, p. 41-58, 1996.

20. DONADI, Delmosides Conceição. Algumas Considerações Teóricas Sobre a Evolução do Pensamento. **Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais**, São Bernardo do Campo, v. 2, n. 2, p 9-20, 1994.
21. ENÉAS, Maria Leonor Espinosa. Considerações Sobre o Emprego da Psicoterapia Breve Psicodinâmica. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v.1 n.1, p.19-23, 1999.
22. FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Terapia Familiar: das divergências às possibilidades de articulação dos diferentes enfoques. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, n. 01, 1996.
23. FORBES, Jorge, Os 100 Anos da Psicanálise e EBP. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, n. 57, 1995. Entrevista.
24. FRAZÃO, Lilian Meyer. A Relação Psicoterapeuta-Cliente. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 144-149, 1995.
25. FREUD, Joseph Knobel. La Interpretación de Los Sueños en La Psicoterapia con Niños. **Mudanças: psicoterapia e estudos psicossociais**, São Bernardo do Campo, v.7 n.12, p. 47-71, jul/dez, 1999.
26. GALANO, Mônica H. A Influência dos Psicanalistas Argentinos no Brasil na Década de 70. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, n. 54, 1995.
27. GILLIERON, Edmond. Evolução das Psicoterapias Breves. **Interações: Estudo e Pesquisa em Psicologia**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 7-28, 1996.
28. HORTA, Rogério Lessa; ALBUQUERQUE, Fernando Pires de; COZZATTI, Luís Cesar. A Abordagem Sistêmica da Urgência Psiquiátrica no Domicílio. **Revista ABP-APAL**, São Paulo, v. 18, n. 4, 1996.
29. ITO, Ligia M.; ROSO, Miréia C. Transtorno de Estresse Pós-Traumático: definição, classificação e tratamento. **Revista ABP APAL**, São Paulo, v. 17 n. 4, 1995.
30. LEITE, Eliana Borges Pereira. Dez Anos de Percurso. **Revista Percurso**, São Paulo, n. 20, 1998.
31. LIMA, Mônica Colares Oliveira; CAETANO, Dorgival. Evolução Histórica do Conceito de Esquizofrenia. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. Rio de Janeiro, v. 44, n. 11, p. 559-562, 1995.
32. MÄDER, Maria Joana. Avaliação Neuropsicológica: aspectos históricos e situação atual. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, n. 03, 1996.

33. MENDLOWICZ, Mauro; *et al.* Como Identificar o Transtorno Bipolar II Dentre os Transtornos do Humor e da Personalidade: implicações terapêuticas. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 47, n. 1, p. 39-45, 1998.
34. MILAN, Marília Pereira Bueno. Considerações Sobre a Psicoterapia Psicanalítica do Paciente Deprimido. **Revista ABP-APAL**, São Paulo, n.19, v.03, p.112-116, 1997.
35. MIODOWNIK, Bernard. Psicanálise e Psicoterapia: o vértice do psicanalista. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 32 n. 4, p. 865-884, 1998.
36. OLIVEIRA, Iraní Tomiatto. Psicoterapia Psicodinâmica Breve: dos precursores aos modelos atuais. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 9-19, 1999.
37. PELUSO, Marco Aurélio Monteiro, NASCIMENTO, Andréia; SHOUERI, Patrícia de Campos Lindenberg. Grupo de Psicoterapia Breve: organização e funcionamento, **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 9, p. 421-426, 1999.
38. PRISZKULNIK, Léia. O distúrbio psicomotor e a clínica psicanalítica. **Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais**, São Bernardo do Campo, n.10, p.41- 53, 1998.
39. RIBEIRO, Elisa Maria P. de Campos. A Relação Psicoterapeuta-Cliente. **Psicologia USP**. São Paulo, v.6, n. 2, p. 129-134, 1995.
40. ROMARO, Rita Aparecida. Avaliação da Psicoterapia Breve Dinâmica com Pacientes Borderline. **Mudanças: Psicoterapia e estudos psicossociais**, São Bernardo do Campo, v. 7, n. 12, p. 109-133, jul-dez 1999.
41. ROMARO, Rita Aparecida. O estabelecimento do diagnóstico em psicanálise. **Revista Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 3, p. 23-37, jul/dez, 1998.
42. ROSA, Ivete Pellegrino; SILVA, Jussára C. Van de Velde V. da. Una Contribución al Concepto de Identificación Proyectiva Durante el Proceso Psicodiagnóstico em Psicoterapia. **Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais**, São Bernardo do Campo, ano 2, n.2, p. 69-76, 1994.

43. ROSA, José Tolentino. Evolução em Psicoterapia: reações de melhoria maníaca como obstáculos à elaboração do luto. **Mudanças: Psicoterapia e Estudos**, São Bernardo do Campo, n. 02, v. 02, p. 87-99, 1994.
44. ROSA, José Tolentino. Revista Brasileira de Psicanálise Comemora 25 Anos de Divulgação Científica: seu sistema gráfico e organizacional editorial. **Mudanças: Psicoterapia e Estudos**, São Bernardo do Campo, n. 02, p. 129-135, 1994.
45. ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. **Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais**, São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
46. SARFATT, Heloísa Sussmann. Psicoterapia Psicanalítica x Psicanálise: um levantamento bibliográfico. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 4, p. 199-204, 1994.
47. SCHOUERI, Patrícia de Campos Lindenberg; SEGRE, Carlos David. Conceito de Psicoterapia Dinâmica Breve (P.D.B.). **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 1, p. 5-8, 1999.
48. SEGAL, Adriano. Psicoterapia e Psiquiatria: dicotômicas? **Insight Psicoterapia**, São Paulo, n. 78, out.; 1997.
49. SIMON, Ryad. Principais Contribuições de Melanie Klein à Teoria e à Técnica da Psicoterapia Psicanalítica. **Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais**, São Bernardo do Campo, n. 02, v. 02, 1994.
50. SONENREICH, Carol; ESTEVÃO, Giordano; FRIEDRICH, Sonia; SILVA, Luís De M. A. A Evolução Histórica do Conceito de Depressão. **Revista ABP-APAL**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 29-40, 1995.
51. VALENÇA, A.; NASCIMENTO, I.; NARDI, A. E.; MARQUES, C.; FIGUEIRA, I.; VERSIANI, M. Pânico e Suicídio. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. Rio de Janeiro, v. 47, n. 12, p. 647-655, 1998.
52. ZASLAVSKY, Jacó. A Questão da Intersubjetividade na Prática Clínica. **Revista Brasileira de Psicanálise**. São Paulo, vol. XXXI, n. 2, p. 309-321, 1997.

## CAPÍTULO II

### PARA UMA HISTÓRIA DA PSICOTERAPIA NO BRASIL\*

Nesse trajeto, muito do que quisemos foi buscar conhecer uma história da psicoterapia no Brasil, percorrendo o modo como os diversos autores contam essa história nestes periódicos. Nesse sentido concordamos com Campos (1992) que “é na história que podemos encontrar a gênese das matrizes contraditórias que têm orientado nosso trabalho e, quem sabe, a partir da lição dos caminhos já percorridos, visualizar novas sínteses”.<sup>12</sup>

Iniciamos com a história das idéias psicológicas e um olhar que trata do estudo da oratória sagrada no Brasil colonial – profundamente moldado pela tradição católica – na qual os sermões contribuiriam para o auto-conhecimento “e a reforma dos costumes dos ouvintes e dos pregadores”. Nesse sentido, para tomar em consideração a origem, o sentido e o destino da existência humana, o tempo litúrgico privilegiado seria a Quaresma, que revisita a morte e ressurreição de Cristo e seu significado. Nesse período, que culmina com a Páscoa, “os ouvintes são convidados a refletir e discernir o que é essencial e permanente, do que é aparente e contingente na condição humana”.

Trata-se portanto, do período mais propício para que as enfermidades espirituais do homem sejam desveladas e a Medicina da Alma atue com maior eficácia. Entende-se por Medicina da Alma a longa tradição que, iniciada por Platão, Demócrito, Hipócrates, Cícero, Sêneca e Galeno, consolidou-se ao longo da Idade Média, sendo retomada e ampliada no Humanismo e na Renascença. Baseada na analogia entre a alma e o corpo, pressupõe a existência das *enfermidades da alma*, concebidas como objeto de cuidados médicos, pois trata-se de uma doença, mas cuja natureza seria espiritual e, portanto, demandando abordagem filosófica e religiosa, sendo a alma o objeto acometido pela moléstia. Na mentalidade ocidental, a Medicina da Alma corresponde à “ciência” ou à “arte de viver”: teologia, filosofia e medicina encarregam-se de construir seu domínio, cada uma com suas competências e perspectivas próprias, abarcando assim um conjunto de conhecimentos de várias naturezas, desde as teorias médicas até aos conselhos sugeridos pela sabedoria dos Padres do deserto, da antiga tradição da Patrística cristã. (MASSIMI, 2006, p.104)

---

<sup>12</sup> 30 Anos de Regulamentação. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v.12, n.2, p.7, 1992.

\*Como no capítulo I, os números entre parênteses informam a fonte, indicando o número do artigo, cuja relação se encontra no final deste capítulo (pp.104-116).

Essa prática “da arte da retórica e de suas influências no dinamismo psíquico, deriva da psicologia filosófica aristotélico-tomista”. A confiança no poder da palavra foi reforçada pela tradição cultural dos índios brasileiros. Tem-se notícias de pregações realizadas seja pelos missionários, seja pelos povos nativos da Terra de Santa Cruz.

A informação mais antiga a respeito aparece em 1593, narrada pelo padre português da companhia de Jesus, Fernão Cardim. Outras datas e sermões da mesma Ordem encontramos no relato de outros religiosos que passam pelo século XVII e XVIII (114).

Chegando ao século XIX, os artigos mencionam elementos históricos e nos conduzem a outro início para uma história de psicoterapia, referindo-se já à fundação de escolas de medicina. Essas escolas são momentos do germinar de “uma medicina”, de “uma psicologia” e de “uma psicoterapia” no Brasil, formalizadas com o passar do tempo, permeadas pelos movimentos sócio-econômicos, políticos e da própria ciência no país.

A vinda da corte portuguesa para o Brasil, em 1808, promoveu progressos como a abertura dos portos, a industrialização e o surgimento dos cursos de medicina na Bahia e no Rio de Janeiro. “Uma particularidade da família Real é que a rainha, Dona Maria I, quando chegou ao Brasil, era dada como insana. Foi então “interditada” pelo cirurgião-mor do Reino, considerado o fundador da Escola Médico-Cirúrgica da Bahia (69). A Carta Régia de D. João VI funda em 1808 a “Escola de Medicina da Bahia”, nomeada “Escola de Cirurgia”, e renomeada, em 1815, “Academia Médico-Cirúrgica”. Em 1832, por ato da Regência Trina, torna-se Faculdade de Medicina. “Os estudos, naquela Casa, norteavam-se, de preferência para a aplicação social da *Psicologia*, para a Criminologia, para Psiquiatria Forense e Higiene Mental” (59, 69).

Os autores escrevem a história do desenvolvimento de uma medicina, a partir das pesquisas realizadas pelos estudiosos da época, que demonstravam um olhar sobre o homem considerando não somente o aspecto fisiológico, mas buscando abarcar também o aspecto psicológico. E contam que em 1841, foi criado o primeiro Hospício para cuidar dos doentes mentais no Brasil. Para tratar dos enfermos, os primeiros ‘alienistas’ formavam-se autodidatas, ou na França, sob influência dos grandes psiquiatras daquele país como Esquirol, Janet, Pierre Marie e Dèjerine (69). Entre 1853 e 1888 os estudos

da Faculdade da Bahia já denotam a problemática da interação indivíduo-cultura, ‘antecedendo posições de psicanalistas culturalistas’ (59). Ou, como Ernesto Carneiro Ribeiro, em 1864, apontava a necessidade da pesquisa psicológica na formação do médico, no texto “Relação da Medicina com as Ciências Filosóficas: Legitimidade da Psicologia” (59).

Continuando, no período entre 1890 a 1897, encontramos dados que registram o desenvolvimento de pesquisa e divulgação do conhecimento por meio de teses e publicações. Veríssimo Castro e José Estelita Tapajós defendem tese, respectivamente com os títulos, “Das Emoções” e “Psicofisiologia da Percepção e das Representações”. Também publica-se a obra “Epilepsia e Crime”, a qual fez seu autor, Júlio Afrânio, conhecido no Brasil e no exterior. Surge o primeiro trabalho brasileiro no campo da memória: “A Memória e a Personalidade”, por Alberto Seabra. Abrindo uma aproximação com a Psicoterapia, Odilon Goulart, 1891, escreve o primeiro trabalho no Brasil sobre Psicologia Clínica dedicando-se ao “Estudo Psicológico da Afasia” (59). O termo “psicológica” teria sido usado pela primeira vez no Brasil por esse autor, antecipando o termo “clínica psicológica”, usado pela primeira vez por Lightner Witmer em 1907, nos Estados Unidos, lembrando que “a clínica psicológica é historicamente associada à psicoterapia” (100).

As duas faculdades de Medicina, Rio e Bahia, dizem os textos, “tiveram nomes que ilustram a medicina brasileira e a ciência psicológica”, alguns são mencionados sem contudo citarem sua obra. São eles: no Rio, Deolindo Couto, Pernambucano Filho, Antonio Austregésilo, Costa Rodrigues; na Bahia, Raimundo Nina Rodrigues, Juliano Moreira, Afrânio Peixoto e Arthur Ramos (59).

Chegamos a Juliano Moreira que gradua-se em 1891, então com 18 anos, na Faculdade de Medicina da Bahia. Cinco anos depois, era professor substituto da seção de doenças nervosas e mentais da mesma escola (124). Em 1899 ele traz as idéias de Freud, relativas à neurose, na cátedra da Faculdade de Medicina da Bahia. Juliano Moreira é considerado pelos autores o primeiro precursor das idéias psicanalíticas no Brasil (48, 67).

De 1895 a 1902, Juliano Moreira “freqüentou cursos sobre doenças mentais e visitou muitos asilos na Europa (Alemanha, Inglaterra, França, Itália e Escócia)”. De

1903 a 1930, no Rio de Janeiro, dirigiu o Hospício Nacional de Alienados e começou a aumentar a influência dos psiquiatras alemães como Kraepelin, Alzheimer e Nils (69, 124). Neste hospício, embora não fosse professor da Faculdade de Medicina do Rio, recebia internos para o ensino de psiquiatria. Aglutinou ao seu redor médicos que viriam a ser, eles também, organizadores ou fundadores na medicina brasileira, de diversas especialidades: neurologia, psiquiatria, clínica médica, patologia clínica, anatomia patológica, pediatria e medicina legal, tais como Afrânio Peixoto, Antonio Austragésilo, Franco da Rocha, Ulisses Viana, Henrique Roxo, Fernandes Figueira, Miguel Pereira, Gustavo Riedel e Heitor Carrilho, entre outros (124). É Juliano Moreira que funda a primeira revista psiquiátrica brasileira, em 1905 (69).

Na construção dos saberes que levam ao nascimento e à institucionalização da psicoterapia no Brasil, nota-se o confluir de mais vertentes. Mas, principalmente, a matriz desse nascimento, conforme a escrita desses autores, até o momento, tem berço na medicina.

## 2.1 MÉTODO EM PSICOLOGIA E FUNDAMENTOS PARA UMA PSICOTERAPIA

De acordo com o que encontramos, ainda nesses artigos, a partir da primeira década de 1900, as teses, ensaios e atividades dos médicos, saídos das duas Faculdades de Medicina, Rio e Bahia “trazem caráter científico mais preciso e interesse Psicológico mais definido, pelo uso de métodos e técnicas de Psicologia de maior objetividade e confiabilidade”. Por exemplo, a tese de Maurício Campos Medeiros, 1907, demonstra tendência a um maior rigor científico: “Métodos em Psicologia”. E a de Plínio Olinto, 1911, “A Psicologia Experimental no Brasil” (59).

Entretanto, é de 1900 a tese de Henrique Roxo, primeiro trabalho de Psicologia Experimental: “Duração dos Atos Psíquicos”, na Faculdade do Rio de Janeiro. Inspirado na Psicologia Experimental do Laboratório de Leipzig e nos trabalhos de Pavlov, Henrique Roxo defende em sua tese que a Psiquiatria tivesse “por propedêutica a Psicologia Científica” (59). Foi ele também o primeiro a orientar teses usando as provas Binet-Simon no Hospício Nacional, e organizou o laboratório de experimentação

psicológica junto à cátedra de psiquiatria. Esse teria o escopo de associar a Psicologia Experimental à Neurologia e à Psiquiatria (59).

É o período em que começam a surgir os Laboratórios de psicologia em hospitais e Clínicas psiquiátricas (59). Os autores nos contam que em 1911, Rivadávia Correa, então Ministro da Justiça, dá início à Colônia de Psicopatas de Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, “ampliando a assistência aos alienados, criando uma colônia para mulheres, semelhante à que existia para homens na Ilha do Governador” (13).

Ocorre-nos questionar por que foi necessário criar este hospital para mulheres nesse período, ao mesmo tempo que associamos as causas aos movimentos migratórios, entre outras possíveis. Nesse período, os imigrantes continuavam a dar conta do trabalho que antes era realizado pelos escravos. Podemos inferir que a mudança radical nas vidas dos imigrantes seria um fator desencadeador de distúrbios. Esses distúrbios poderiam ter se manifestado preponderantemente nas mulheres que tinham o papel social de manter a unidade familiar e ser esteio de todos no momento de crise onde se deixava para trás, e para sempre, a própria casa, para enfrentar o ‘novo mundo’.

Nessa primeira década de 1900 temos notícias de pesquisas realizadas por brasileiros e divulgação do conhecimento, com comunicações científicas, teses e publicações. E Juliano Moreira, em 1914, faz uma comunicação à Sociedade Brasileira de Neurologia sobre o método de Freud (59). No mesmo ano Genserico de Souza Pinto defende tese sobre psicanálise no Rio de Janeiro com o tema “Da Psicanálise: A Sexualidade das Neuroses”. A Tese de Genserico seria o primeiro trabalho, escrito em português, sobre psicanálise (59). E o livro de Franco da Rocha sobre a doutrina de Freud, de 1919, teria sido o primeiro dedicado inteiramente à Psicanálise (59). Em 20 de março desse ano é publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, a preleção que o professor Franco da Rocha havia feito na cátedra de Clínica Psiquiátrica para o 6º ano da Faculdade de Medicina, intitulada “Do Delírio em Geral”, em que ressaltava a importância das idéias de Freud para a compreensão dos delírios, dos sonhos e da criação literária. Desse modo a informação sobre a psicanálise chegou ao conhecimento de Durval Marcondes que estava no início do curso de Medicina (19).

## 2.2 APLICAÇÃO DOS FUNDAMENTOS CIENTÍFICOS E INSTITUCIONALIZAÇÃO DO SABER

Embora houvesse estudos teóricos sobre a psicanálise, no Brasil, já a partir de 1899, segundo o que temos em nossos registros, foi somente a partir da década de 1920 “que a disciplina freudiana encontrou maior ressonância no meio intelectual brasileiro. Essa inserção veio influenciar também as práticas dedicadas ao cuidado da criança existentes no país, tanto no âmbito da saúde quanto no da educação” (67, 69).

A difusão das idéias psicanalíticas teria se processado com os trabalhos de Francisco Franco da Rocha, em São Paulo, a partir de 1918 e Júlio Porto-Carrero, no Rio de Janeiro, em 1928 (59).

Nesse mesmo período, Juliano Moreira demonstrava especial interesse pela então chamada “psiquiatria comparada”, ou seja, as manifestações das doenças mentais em culturas diversas, como atesta a sua correspondência com Emil Kraepelin (124). Também, “seu espírito aberto e inquieto” não ignorou a psicanálise; tendo domínio do alemão, conhecia as obras de Freud e tinha uma avaliação crítica delas. Numa resenha em que elogiou o livro de Franco da Rocha, “*O pansexualismo na doutrina de Freud*”, de 1920, referiu que a Sociedade Brasileira de Neurologia vinha promovendo palestras de divulgação da psicanálise e comentou, “com sua ironia peculiar”, que esta era pouco conhecida no país porque, “no Brasil em geral os colegas, em obediência à lei do menor esforço, aguardam que as idéias e as doutrinas passem primeiro pelo filtro francês para que nos dignemos a olhá-las contra a luz (...)” (124).

Note-se que, estando em uma lógica de divulgação do conhecimento, encontramos esse aceno de Juliano Moreira. Uma crítica sutil sobre uma possível necessidade de desenvolver uma atitude de curiosidade e ampliação do conhecimento por parte dos intelectuais brasileiros. Mesmo que essa sua afirmativa possa ter sido apenas uma crítica aos seus opositores, revela o espírito da época.

Adentrando na década de 1920, encontramos que em 1922 é criada a Liga Brasileira de Higiene Mental, responsável pela promoção das “Jornadas Brasileiras de Psicologia”. Com a realização das jornadas a liga “tentava despertar o interesse pela

pesquisa pura e pesquisa aplicada” (59). O médico Gustavo Riedel foi o idealizador e fundador da Liga de Higiene Mental, possivelmente influenciado pela sua viagem aos Estados Unidos, da qual retornava quando deu início à Liga. É o mesmo Riedel que, em 1922, adquire os aparelhos para a fundação do Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas de Engenho de Dentro. “É provável que ele tenha adquirido os aparelhos – em Paris e Leipzig – como parte dos planos de uma idealização anterior, a do Serviço de Profilaxia Mental, lá mesmo na colônia” (13).

A história do Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas de Engenho de Dentro talvez teria tido outros contornos se não tivesse encontrado a figura de Waclaw Radecki. Com vasto currículo, adquirido nos maiores centros de formação da época, aluno da Faculdade de Ciências em Florença na Itália, onde forma-se também violoncelista e maestro de orquestra, foi aluno de Flournoy e Claparede na Faculdade de Ciências Naturais de Genebra e assistente do Laboratório de Psicologia, dirigido por esse último. Viajando pela Europa, Radecki tem passagens pelos laboratórios de Kraepelin, Kulpe e Toulouse. “Obtém título de doutor pela Universidade de Genebra com a Tese intitulada “Os Fenômenos Psicoelétricos”. Essa tese seria citada mundialmente em trabalhos que se ocupam de fenômenos eletrodérmicos como em “Ruckmick”. Após seu doutoramento retorna a Cracóvia, para apresentar trabalho em congresso, e é convidado a organizar um Laboratório de Psicologia na Universidade de Cracóvia, onde anos antes havia iniciado seus estudos de Psicologia. Aceita o convite e destacando-se na condução do mesmo produz vários escritos sobre seus experimentos em psicologia e também sobre a psicanálise. Sobre esta última é considerado um dos precursores no estudo da obra de Freud na Suíça, “onde a psicanálise se desenvolveu antes de florescer na França” (13).

Em 1923, Radecki, recém chegado de Varsóvia, Polônia, e tendo passado um curto período em Curitiba, Paraná, onde teria lecionado Psicologia na Faculdade de Ciências Jurídicas, vem à São Paulo e promove conferência no Círculo Oswaldo Cruz e na Sociedade de Medicina e Cirurgia, em cujo boletim publica “Métodos Psicanalíticos em psicologia” (13). Radecki não permanece em São Paulo, pois, viajando para o Rio de Janeiro, encontra em uma livraria o livro “Noções de Psychologia” de Manuel Bonfim (1917) e entrando em contato com ele, esse lhe oferece informações que o levam ao Laboratório de Engenho de Dentro (13). Não encontramos registros em nosso

universo de pesquisa sobre as razões de sua transferência para o Brasil. Encontramos somente que veio acompanhado de Halina Radecka, que teria sido sua aluna e posteriormente tornou-se sua companheira e assistente (13).

Em 1924 nasce e se desenvolve o Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas de Engenho de Dentro (59, 13), já com um diretor, Waclaw Radecki. Faziam parte da equipe de Radecki no laboratório, sua assistente Halina Radecka, Nilton Campos, Gustavo de Rezende, Lucilia Tavares, Ubirajara da Rocha, Arauld Bretas, Alberto Moore, Antonio de Bulhões Pedreira, Oswaldo Guimarães, Flávio Dias e o último colaborador a ingressar, Jaime Grabois. “Rezende era psiquiatra da Colônia que, com Radecki, desenvolveu algumas produções sobre terapia psicológica e psicopatologia” (13). Note-se que, no universo de nossos registros, até o momento, Radecki é a primeira notícia quanto a atuação de um psicólogo no Brasil, ou seja, não vem de um curso de medicina e nem da área de educação, e sim da formação em psicologia.

São também de 1924 as informações a respeito das produções de João Cesar de Castro e do Professor Durval Bellegarde Marcondes. O primeiro, apresentou tese de doutorado em medicina com o título “Concepção Freudiana das Psiconeuroses”. João Cesar, além da medicina e da psicanálise, interessava-se pela literatura e foi fundador e presidente da Academia Rio-grandense de Letras (48). O segundo, destaca em sua biografia: “Ao começar minha vida profissional em 1924, estimulado pelas lições de divulgação teórica do grande mestre da Psiquiatria em São Paulo, Professor Franco da Rocha, bem como pela leitura das obras de Freud, tive iniciativa de introduzir o tratamento psicanalítico na atividade clínica do país” (06, 19). Poder-se-ia referir então que, os conhecimentos sobre a psicanálise, até esse momento, no Brasil, eram de cunho teórico e que o primeiro exercício de aplicação dessa, teria sido implantado na clínica por Durval Marcondes. “Os primeiros frutos de seu trabalho clínico o entusiasmaram, pois via confirmados, na prática, os primeiros achados da Psicanálise de então” (19).

Já Osório Cesar, baseando-se no referencial freudiano, é considerado o precursor da perspectiva terapêutica por meio da arte no Brasil. Sua prática foi realizada com pacientes internos do Hospital Psiquiátrico do Juqueri e seu primeiro artigo sobre esse tema, datado de 1925, intitula-se: “A Arte Primitiva nos Alienados” (140).

Essa nova perspectiva aparece pela primeira vez em nossos registros, demonstrando o fortalecimento do interesse e formalização da prática psicoterápica. Visto que, até o momento, encontramos referências a trabalhos teóricos relacionados a medicina, a relação dessa com a psicologia, o início da afirmação da psicologia baseada nos laboratórios e a crescente prevalência da psicanálise freudiana, preponderantemente no âmbito da medicina.

Em 1926, Durval Marcondes apresentou como tese de concurso para a cátedra de Literatura no Ginásio do Estado, a monografia que se intitulava “O simbolismo estético na literatura; ensaio de uma orientação para a crítica literária baseada nos conhecimentos fornecidos pela Psicanálise”. Lembrando que Durval Marcondes era um cultor de obras literárias, pintura e música. Sua tese foi prefaciada por Franco da Rocha e é considerada o marco inicial da aplicação da Psicanálise aos estudos literários no Brasil. Freud, em carta que enviou a Marcondes em 18 de novembro de 1926, estimulava-o e dizia que graças ao seu conhecimento da língua espanhola pode entender seu trabalho e “lhe assegurava um sucesso compensador na sua dedicação ao assunto” (19).

Nesse mesmo ano, 1926, Waclaw Radecki e Gustavo de Rezende publicam o livro *Introdução à Psychotherapia*, no Rio de Janeiro (13). É também desse ano, 1926, a afirmação de Ulysses Pernambucano de Mello que “a psicanálise é o meio sutil de penetrar o espírito do ser humano” (48).

Parece que nesse início da década de 1920 houve um maior encorajamento para aplicações relativas as terapias que vinham amadurecendo em termos teóricos: muito claramente com Durval Marcondes e a aplicação clínica da psicanálise (06), a controvertida presença de Waclaw Radecki desenvolvendo seu constructo teórico-prático no Laboratório de Psicologia sobre o “Discriminacionismo Afetivo” – tendo sugerido as premissas dessa aplicação na Psicoterapia no livro escrito com Rezende (13) – e o pioneirismo de Osório Cesar com a Arte Terapia, no Juqueri (140).

Já, em 24 de outubro de 1927, Durval Marcondes, juntamente com Lourenço Filho e Franco da Rocha, entre outros, fundam a Sociedade Brasileira de Psicanálise. (59, 19). Realizada a eleição, Franco da Rocha tornou-se presidente e Marcondes secretário da Sociedade. A criação desta Sociedade foi muito apreciada por Freud, e

sobre ela fez uma referência especial em carta que enviou a Ferenczi em 04 de janeiro de 1928 (19). Esta Sociedade promovia cursos e conferências de divulgação da psicanálise e nas sessões científicas liam e discutiam os trabalhos realizados pelos sócios (19). Nesse ano, também em São Paulo, com a criação do “Instituto de Higiene”, “médicos da estatura intelectual de um Benjamin Ribeiro e de um Paula Soares levam a termo estudos de “psicologia Aplicada”, originando, através dos seus resultados, o “Serviço de Inspeção Médico-Escolar”, onde, onze anos mais tarde, Durval Marcondes, criaria a primeira “Clínica de Orientação Infantil” (59). São também desse ano as publicações sobre psicanálise e educação dos autores Deodato de Moraes e Júlio Pires Porto-Carrero, o primeiro com o livro *A psicanálise na Educação* e o segundo com o artigo “O Caráter Escolar Segundo a Psicanálise”. Essas publicações evidenciam “como as idéias da psicanálise de crianças foram sendo apropriadas pelos teóricos nacionais e como foram sendo incorporadas na prática da assistência à criança no Brasil” (67). Esse dado nos informa que, uma das matrizes da aplicação psicoterápica em relação à criança no Brasil, tem sua origem na educação e assistência escolar.

Até aqui pode-se observar os relatos de um intenso movimento de pesquisa e aplicação de métodos, técnicas e iniciativas direcionadas a redimir os sintomas da doença mental e denotam a preocupação com a compreensão dos mecanismos, etiologia, processos e prevenção dessa. Surgem iniciativas como a arte-terapia, a aplicação da psicanálise e dos princípios da higiene mental na assistência às crianças. E, em nossos registros, aparece o primeiro livro que traz no título a palavra *Psychoterapia*, o de Radecki e Rezende.

De 1928 temos notícias de que Porto Carrero, Deodato de Moraes, Murillo de Campos e Carneiro Ayrosa, fundam a Subsede da Sociedade Brasileira de Psicanálise, no Rio de Janeiro, e nasce a primeira revista brasileira de psicanálise (48). Na sessão de 09 de março de 1928 da Sociedade Brasileira de Psicanálise – de São Paulo – Durval Marcondes foi incumbido de ir ao Rio de Janeiro, para fundar um núcleo de psicanálise, “a fim de constituir uma agremiação que abrangesse todo o país”. Em 17 de junho do mesmo ano no Hospital Nacional de Psicopatas, organizou-se a seção do Rio de Janeiro da Sociedade Brasileira de Psicanálise, com a presença de Durval Marcondes. Juliano Moreira foi aclamado presidente e Porto Carrero secretário geral da entidade nacional

(19). Já em 1929 Radecki e Rezende publicam “Contribuições Psychológicas ao Estudo da Demência Precoce”, no Rio de Janeiro (13).

Marco importante foi a criação, em 1928, da *Revista Brasileira de Psicanálise*, já mencionada, da qual foi editado apenas um número, no mês de junho desse ano (19). Este primeiro número traz no sumário os seguintes temas e autores: “A psychologia de Freud”, Prof. Dr. Franco da Rocha; “Os mythos e lendas na loucura”, Prof. Dr. Franco da Rocha; “Os nossos medos secretos”, J. Ralph; “O caráter do escolar segundo a psychanalyse”, Dr. J. P. Porto Carrero; “Um “sonho de exame”: Considerações sobre a “Casa de Pensão” de Aluizio Azevedo”, Dr. Durval Marcondes; “Brutus: Considerações psychanalyticas em torno de um facto histórico”, Paulo Jose de Toledo (19).

Na sessão de 30 de julho de 1929, no II Congresso Internacional de Oxford, houve comunicação de que esta primeira Sociedade Brasileira de Psicanálise foi reconhecida pela Comissão Executiva Central da Associação Psicanalítica Internacional. O Boletim da Associação Internacional traz um relatório das atividades dessa Sociedade como entidade filiada (19).

Os registros nos dizem também que a divulgação da teoria psicanalítica no meio científico brasileiro, tornou-se uma realidade a partir da década de 1920, “contribuiu para a institucionalização do movimento psicanalítico, através da reorganização de sociedades de Psicanálise surgidas a partir de meados da década de 1940, nos principais centros culturais do país” (67, 19).

Curioso notar que no início de 1900 parecia haver uma dialética dos intelectuais da área permeada pelo pensamento Frances e Alemão. No final da década de 1920 observa-se um deslocamento desses centros influenciadores da intelectualidade brasileira para a Inglaterra, com a Psicanálise. Mesmo se o fundador da Psicanálise, Freud, continua em Viena.

Na história da psicoterapia contada por nossos autores emerge que nas primeiras décadas do século XX, as idéias de Adler competiam em igualdade com as idéias de Freud. “Não seria errôneo afirmar que os muitos sistemas psicoterapêuticos, ou assentam-se no fundamento relacional freudiano ou no fundamento reeducativo adleriano”. Embora este último não seja mencionado tanto quanto o primeiro (100).

### 2.3 EM DIREÇÃO À FORMAÇÃO DO PSICOTERAPEUTA

Já a fenomenologia, “teria chegado ao Brasil nos anos de 1930. Waclaw Radecki mencionava Husserl no seu *Tratado de Psicologia*, conforme a versão em espanhol”:

En este sentido, la función de discriminación, puede también, ser considerada como función de delimitación subjetiva de lo focal. El mecanismo de discriminación aquí analizado, corresponde, desde cierto punto de vista, a las funciones de abstracción en el sentido dado a este término por Husserl, Külpe y Titchener e al proceso de apercepción de Wundt. (Radecki, 1933, p. 61- apud GOMES e CASTRO, 2010, p. 88)

E Nilton Campos, como vimos, um dos membros da equipe de Radecki no Laboratório de Engenho de Dentro, publicou em 1930 “*Psicologia da Vida Afetiva*”, influenciado pela fenomenologia e “inspirado pelas idéias da Escola de Würzburg, conduzida por seguidores de Franz Brentano”. Nesse livro, Nilton Campos, “entende o procedimento de observação fenomenológica como a perspectiva mais apropriada para o desenvolvimento da psicologia contemporânea” (100).

Note-se que até essa data os autores nos trazem notícias de que no Brasil havia pesquisa, ensino, divulgação e aplicação do conhecimento, ou seja, institucionalização de perspectivas relacionadas a um franco desenvolvimento em direção à psicoterapia. Encontramos indícios de um esforço contínuo na aplicação do método freudiano, mas parece ter havido também um sério estudo da fenomenologia.

Ainda, na década de 1930, “no bojo das reformas educacionais promovidas no país sob a rubrica do movimento conhecido como ‘Escola Nova’, encontramos as condições necessárias para a introdução da psicanálise de crianças no país” (67). As clínicas de orientação infantil foram instituições criadas pelos serviços de higiene mental escolar surgidos no Brasil nessa década, “com a finalidade de dar exequibilidade aos programas de atendimento ao escolar deficitário, que foram inspiradas nas ‘child garden clinic’ americanas e pesquisavam as questões etiológicas dos problemas de conduta” (67). Com esse dado podemos dizer que a psicoterapia no Brasil tem uma nascente também na educação, além da medicina.

Durval Marcondes e J. Barbosa Correia, em colaboração, traduzem a obra “Cinco Lições de Psicanálise”. Essa vem a ser a primeira de Freud traduzida para o português e aparece nas livrarias em 1931. Nessa década Durval Marcondes difundiu a psicanálise em aulas e seminários e sua preocupação era levar esse conhecimento à comunidade médica. Antecipando o que viria a chamar-se “medicina psicossomática”, defendia que os sintomas corporais são muitas vezes determinados ou agravados por fatores psíquicos, que não respondem ao tratamento medicamentoso (19).

Contemporaneamente, o trabalho de Radecki no sentido de desenvolver pesquisa, ensino, divulgação e institucionalização da psicologia e suas aplicações, alcança seu ápice no Brasil em 1932, quando consegue levar o Laboratório de Psicologia a transformar-se em Instituto de Psicologia. Contudo, após sete meses se dá também o seu fim, e Radecki, juntamente com sua companheira e assistente, Halina, deixa o país, levando seu conhecimento para o Uruguai e Argentina. O Instituto tinha seus objetivos bem definidos e o principal dele era formar os novos psicólogos no Brasil, por meio de um curso de psicologia. Esse curso que “Radecki e seus assistente planejaram em 1932, não era muito diferente dos que encontramos hoje nas faculdades de psicologia espalhadas pelo país” (13). Possivelmente por razões derivadas de luta de poder entre diferentes ideologias impediu-se a continuidade do desenvolvimento desse conhecimento “que já influenciava a formação profissional de psicólogos, médicos e terapeutas no Brasil” (13).

Curioso notar que nesse mesmo ano, 1932, a Liga Brasileira de Higiene Mental propõe a criação do Gabinete de Psicologia ao Ministério da Educação e Saúde (59).

O Brasil desse período sofria profundas transformações sócio-políticas e econômicas. Sugere-se que aspectos não relacionados diretamente ao desenvolvimento da ciência, mas sim dinâmicas de um jogo de forças, em âmbito internacional, influenciavam fortemente todas as áreas de nossa sociedade, da educação à saúde, da política à ideologia e economia. Essa tensão em âmbito mundial redefiniu e selecionou alguns percursos que prevaleceram em todas as áreas do social. Essa seleção realizada por meio de lutas pelo poder, por vezes mais explícita e outras vezes menos, definiu também os rumos da psicoterapia que viria a se desenvolver em nosso país, influenciada por ideologias que prevaleceram em detrimento de outras.

Também nesse ano, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul é instituída a cadeira de Psicologia no curso de Medicina por Décio de Souza. Esse foi aluno de Wertheimer, Murphi, Salomon e Kohler (59).

A partir do final da década de 1920 até o início de 1940 encontramos uma profusão de publicações sobre a psicanálise da criança, esse incentivo a disseminação pode ter se dado devido à influência de analistas brasileiros que fizeram sua formação com Melanie Klein na Inglaterra. Observa-se que a maioria desses autores refere também seu vínculo com a prática higienista, decorrente do trabalho dos precursores desse enfoque no Brasil. Os principais autores da aplicação da vertente psicanalítica nesse período são: Deodato de Moraes, Júlio Pires Porto-Carrero, Hosannah de Oliveira, Arthur Ramos, Gastão Pereira da Silva, Pedro de Alcântara, Durval Marcondes, Virgínia Bicudo e Lygia Alcântara do Amaral.

Durval Marcondes “mesmo combatido, algo marginalizado em sua luta”, persistia em trazer um analista didata para o Brasil. E enquanto “a ciência oficial se opunha ao desenvolvimento de suas primeiras atividades”, ouviu de seu velho professor Franco da Rocha: “Há de chegar um dia em que a Psicanálise será coisa assentada e sabida, aceita por todo mundo. Os próprios detratores dirão: não fui nunca contrário a ela; sempre a aceitei; era lá um ou outro tópico que provocava dúvida, mas sempre admirei Freud e sua doutrina, etc., etc.” (19). Assim como outros estudiosos da Psicanálise, tendo o conhecimento teórico do método de Freud, Durval Marcondes sabia da necessidade de se submeter à análise, para se formar um verdadeiro psicanalista. Na ótica de uma história para a psicoterapia, encontramos aqui a primeira referência concreta a uma séria formação do técnico/ terapeuta. Esta preocupação está implicitamente relacionada ao desenvolvimento da própria psicoterapia como ciência aplicada.

Em Porto Alegre, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, “a partir de 1933, Martim Gomes realiza pesquisas na área da Psicologia Médica”(59).

Em 1936 realiza-se em São Paulo uma “Jornada de Psicologia”, a partir da qual teria sido efetivada a idéia de congregar os psicólogos em uma Associação – futura Sociedade de Psicologia de São Paulo (44). E finalmente nesse ano, os esforços de Durval Marcondes obtêm uma resposta e chega ao Brasil, procedente da Sociedade

Psicanalítica de Berlin, a Dra. Adelaide Lucy Koch, designada pela International Psychoanalytic Association (IPA), por meio de Ernest Jones e Otto Fenichel, para dar início a formação psicanalítica oficial em nosso meio (69, 19). A vinda da Dra. Koch para o Brasil foi favorecida pelo clima insustentável que se estabeleceu em Berlim na iminência da segunda Grande Guerra. O primeiro sintoma foi a queima, em público, das obras de Freud e de outros autores em 1933.

Em julho de 1937, inaugurou-se, em São Paulo, o primeiro centro de formação de psicanalistas. “Pode-se dizer que foi São Paulo que introduziu o ensino sistemático para a formação de analistas na América Latina”, e teve como sede inicial o consultório privado de Dr. Marcondes. Os primeiros alunos foram, além de Durval Marcondes, Virgínia Bicudo, Flávio Dias e Darcy Uchôa e em seguida, como candidatos, Frank Philips, Lígia Amaral, Henrique Mendes e outros (19). Dra. Koch formou-se em medicina na Universidade de Berlin, em 1924. Iniciou sua análise didática em 1929 com Dr. Otto Fenichel, no Instituto da Sociedade Psicanalítica de Berlin e supervisão das Dras. Salomé Kempner e Tereza Benedek. Foi eleita membro da Sociedade Psicanalítica de Berlin em 1935 com o trabalho “Análise de resistência em uma neurose narcísica”.

Cabe abrir um parêntese para dizer que, eventualmente, a vinda da Dra. Koch para o Brasil não se dá somente pela insistência de Durval Marcondes, ou pelo clima insustentável na Alemanha, mas em função de variantes políticas que teriam como centro a dialética de poder da Inglaterra e Estados Unidos. Curioso notar que nesse mesmo período, conturbado, se dá a extradição de Olga Benário, do Brasil para a Alemanha, essa também de descendência judia, assim como Dra. Koch, porém com outro ofício, o Partido Comunista. Compreende-se, aqui, que o desenvolvimento de uma ciência está diretamente relacionada ao aspecto histórico, político, econômico, social e do *zeitgeist*.

Nesse mesmo ano, Antônio Gomes Penna, Eliezer de Carvalho e Nilton Campos, “com a incorporação do Laboratório de Psicologia do Engenho de Dentro pela Universidade do Brasil, produziram trabalhos relevantes”(59). E é em 1939 que Virgínia Leone Bicudo inicia sua experiência na Clínica de Orientação Infantil e faz o segundo ano de análise didática com a Dra. Koch (06). Durval Marcondes relata:

“Fundei e organizei no serviço público de São Paulo a Seção de Higiene Mental Escolar, que foi pioneira na instituição, entre nós, das clínicas de orientação infantil”. Foi nessa clínica, criada por decreto assinado em 28/12/1938, que teve origem o psicanalista de criança no Brasil (06). É também em 1938 que funda-se a *Revista de Neurobiologia*, em Recife, “e seu primeiro número era voltada às idéias Freudianas”(69).

E “o ano de 1940 funge de divisor de águas entre o autodidatismo e a preparação específica. Mas somente em 1950, no campo médico, é que se criam as cadeiras de psicologia” (59).

No período entre 1942 a 1949 encontramos que: foi inaugurado o Hospital de Neuropsiquiatria Infantil – Engenho de Dentro, o primeiro da América Latina (36); primeiro núcleo de formação técnica e profissional de psicanalistas na América Latina – Koch e Marcondes – (06, 69); é fundada a Sociedade de Psicologia de São Paulo (44); fundado o Instituto Brasileiro de Psicanálise no Rio de Janeiro (69); em Porto Alegre, Mário e Zaira Martins, iniciam, em 1948, a psicanálise infantil com base nas teoria de Melanie Klein (02); Mário Martins, analisado por Angel Garma, na Argentina, em seu retorno começou a atrair vários candidatos para a formação analítica, entre esses estava Davi Zimmermann, que posteriormente inicia “um trabalho revolucionário no atendimento psiquiátrico no Estado do Rio Grande do Sul com difusão para o país” (69); formar-se em psicanálise na APA, a Dra. Maria Alzira Perestrello (61).

Em 1946 temos publicações: Durval Marcondes, “Clínica de Orientação Infantil: suas Finalidades e Linhas Gerais de sua Organização”; Bicudo, “Funções da Visitadora Psiquiátrica na Clínica de Orientação Infantil e Noções de Higiene Mental da Criança” e “Papel do Lar na Higiene Mental da Criança”; Amaral, “Lar substituto e seu Papel na Higiene Mental da Criança” (67).

Outro momento a ser destacado ao longo do desenvolvimento histórico da psicanálise de criança no Brasil é a passagem de um modelo prático de aplicação da psicanálise à higiene mental da criança para um trabalho específico de psicoterapia psicanalítica, que começa a surgir sobretudo a partir das décadas de 1940 e 1950, em instituições voltadas ao atendimento da criança (67).

Encontramos referências às formalizações e produção científica da psicanálise no Brasil, contudo são movimentos já implantados em períodos anteriores e quase exclusivamente na relação Brasil, Inglaterra e Estados Unidos. Cabe salientar que nesse período, estamos em plena segunda grande guerra, na qual o Brasil também esteve implicado. Podemos inferir que os conflitos de ordem política e econômica determinam também uma “estase” no desenvolvimento global da ciência, particularmente daquelas que se referem ao humano. Sendo um momento de patologia social geral, como é uma guerra, poderíamos dizer que as ciências que se referem a ampliar a consciência do humano, ou de primar pela sua saúde, são preteridas, ou selecionadas conforme interesse de quem vence nessa situação conflitual e patológica.

#### 2.4 TENTATIVA DE RETORNO AOS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS PARA A PSICOTERAPIA

Halley Bessa apresentou no Congresso Brasileiro de Psiquiatria, em 1948, um trabalho que analisava o modelo de assistência psiquiátrica no Brasil e que identificava como “sub-humano”. Foi a partir da psicanálise que criou um método de aconselhamento psicológico tecnicamente psicanalítico, “porém com grande respeito pela experiência e problemática situacional do paciente e com abordagem cristã no processo de aconselhamento e terapia”. A prática psiquiátrica de Bessa enquadra-se na psicanálise existencial, que tem origem em Sartre (1905-1980), porém dentro da corrente filosófica existencial cristã de Gabriel Marcel (1889-1973), e, como método, na forma de abordagem clínica praticada pelo psiquiatra austríaco Viktor Emil Frankl (1905-1997) (101).

Na década de 1950 dois fatores históricos teriam contribuído para inserir a psicanálise da criança no âmbito da medicina: a disseminação relativa a psicanálise de criança no meio científico – influenciada pela educação – e o fato de ter surgido uma área de atuação denominada psiquiatria infantil dentro da psiquiatria. Tomando como referência o modelo teórico e técnico da psicanálise, surgem instituições, vinculadas a serviços públicos de saúde, com a finalidade de prestar atendimento psicoterápico às crianças que manifestavam problemas de ordem emocional (67). Essas instituições são

respectivamente em São Paulo e Rio de Janeiro, Clínica de Orientação Infantil do Serviço de Higiene Mental Escolar e Clínica de Orientação Infantil do Departamento Nacional de Saúde Mental (DINSAM) do Ministério da Saúde e a Clínica de Orientação Infantil do Instituto de Psiquiatria da Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, vinculada à então Universidade do Brasil (67). E Maurício Knobel dedica-se à Psiquiatria e Psicologia infantil e da adolescência desde a década de 1950 (142).

É de 1951 o livro *O Método Fenomenológico na Psicologia*, de Nilton Campos; esta publicação resultou de sua tese de doutorado na Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro e indica a vertente comum dos “conceitos fundamentais do método fenomenológico e da psicologia da Gestalt e sua relação com a psicologia empírica de Brentano” (100).

Em 1952 a Dra. Maria Alzira Perestrello profere uma série de palestras para as mães, a partir do referencial winicottiano, juntamente com Ana Eliza Mercadante e Mara Salvini de Souza. E em 1953, institui a “Hora do Brinquedo” segundo Melanie Klein, na Clínica de Orientação da Infância do Instituto de Psiquiatria, no Rio de Janeiro (61). Nesse ano, ainda, nasce a Clínica de Orientação Infantil do Instituto de Psiquiatria da Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro. Essa clínica converteu-se em um importante pólo de difusão do pensamento kleiniano, por intermédio da atuação de Décio Soares de Souza junto à instituição (67). Professor da Clínica Psiquiátrica da Universidade do Rio Grande do Sul, Décio Soares de Souza retorna ao Brasil depois de sua formação em psicanálise no Instituto da Sociedade Britânica de Psicanálise. Colaborou na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e foi professor analista didata na Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano pronuncia na “Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal”, uma conferência sobre o relato de uma criança tratada por ele na Inglaterra sob a supervisão de Melanie Klein (61, 67, 06).

Em meados da década de 1950 teria lugar a “associação entre fenomenologia e existencialismo nos círculos acadêmicos brasileiros”. Nesse sentido, no campo da psicoterapia, o trabalho apresentado por Enzo Azzi, em 1954, seria considerado um “importante capítulo” desse encontro. Azzi discorre sobre a “atitude filosófico-científica da pesquisa fenomenológica em psicopatologia. Considera Heidegger o maior

influenciador do campo e Binswanger, o principal elaborador”. Azzi destaca uma importante distinção entre a Analítica Existencial, entendida como “classificação filosófico-fenomenológica da estrutura *a priori* transcendental do *Dasein*, e a Análise Existencial, que significa a análise empírico-fenomenológica dos modos e formas concretas do *Dasein*” (100).

Note-se que das duas últimas décadas temos notícias quase que exclusivas da disseminação do conhecimento e da institucionalização da psicanálise. Porém, no final da década de 1940 e meados da década de 1950, encontramos referências como a logoterapia, a fenomenologia e o existencialismo. Esse último bem analisado por Azzi em seu fundamento filosófico e aplicação prática psicoterápica.

## 2.5 QUEM SÃO OS “LEGÍTIMOS À PRÁTICA PSICOTERÁPICA” ?

Já em 1955, encontramos o contundente artigo “Do Ensino e Regulamentação da Psicoterapia”, escrito pela Dra. Iracy Doyle, curiosamente o artigo mais antigo que compõe o universo de nossa pesquisa. Nele, a autora apresenta os fatos externos e os bastidores de caráter técnico e político, tanto nacionais como internacionais sobre as disputas, nessa década, em relação ao monopólio do exercício da psicoterapia. Entre outros dados refere que é nesse período que a Associação Brasileira de Psicotécnica apresentou ao Ministério de Educação e Cultura um projeto regulamentando o ensino de psicologia, na Faculdade de Filosofia e Letras, com um curso de 3 anos, que seriam considerados básicos e mais 2 anos de especialização no âmbito educacional e clínico. Ao mesmo tempo em que se realiza o 1º Congresso Latino-Americano de Saúde Mental em São Paulo, que “aprova duas moções”: a primeira “recomenda que uma comissão de médicos-legistas, bem inteirada a respeito das exigências da preparação analítica, estude o assunto meditadamente, a fim de sugerir que os progressos já conseguidos no campo da psicanálise em nosso meio não sejam amputados, contrariando o próprio espírito da lei”. A segunda estabelece, apressadamente, que a “prática da psicoterapia por pessoas não diplomadas em medicina constitui infração penal” (15). E continua:

Gordon Hamilton, um dos grandes nomes atuais no campo da psicoterapia, insiste na vantagem da análise pessoal, mas ressalta a ‘importância de uma aptidão natural para a psicoterapia, condição nem sempre presente, quer entre médicos, quer entre assistentes

sociais'. Nem mesmo a análise extensiva compensará as deficiências de um terapeuta que não tem capacidade de se envolver emocionalmente, e de modo espontâneo, em relações humanas. Continua a ser verdade, como disse Francis Peabody, que, 'a despeito de todo treinamento formal do mundo, o segredo do tratamento continua a residir no interesse genuíno pelo paciente (DOYLE, 1955, p. 39).

Notamos também aqui o esforço em definir o que seria um psicoterapeuta e as condições necessárias para formar-se e exercer este ofício.

Nessa época aparecem indícios de um grande movimento em direção à institucionalização da psicoterapia, e parece haver uma disputa entre as áreas – médicos e não médicos – para consolidar-se como “legítimos à prática psicoterápica”. Veja-se que em 1954, em São Paulo, contemporaneamente, Anita de Castilho Cabral, da Faculdade de Psicologia, apresenta projeto ao legislativo e Durval Marcondes iniciou o curso de psicoterapia na Faculdade de Filosofia, sem aguardar a legislação (15). Já em outro texto aparecem informação de que Durval Marcondes teria iniciado, nessa data, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo curso de formação especializada em psicólogo clínico (06).

Em 1954, psicólogos brasileiros criam a Associação Brasileira de Psicologia e o Arquivo Brasileiro de Psicologia publica o anteprojeto da lei sobre a formação de Psicólogo (59).

Em 1962, quando regulamentada a profissão de psicólogo pela Lei n.4.119, em 27 de agosto, foi referido que cada curso de Psicologia deveria organizar serviços de atendimento para que os alunos, sob supervisão docente, praticassem o que lhes foi ensinado nas disciplinas da graduação. “Esses serviços, conhecidos como clínica-escola, passaram a constituir tanto locais onde os alunos da graduação pudessem exercer os estágios e aplicar o que aprenderam nas disciplinas, como oferta, feita pela universidade, de prestação de serviços de atendimento psicológico, gratuito ou semi-gratuito, à comunidade” (77). Ainda, ao implementar a referida lei, o Ministério da Educação afirmava que o “treinamento de psicólogo” deveria ser feito na Faculdade de Filosofia [em vez de em institutos fora da Universidade, como queriam os psicotécnicos, no projeto enviado a MEC em 1953]. “Com essa lei ganhou status legal a profissão de psicólogo, complementada pelo registro obrigatório no Ministério da Educação” (01). Essa lei, promulgada pelo Presidente da República João Belchior

Goulart, em 27 de agosto, “é o primeiro diploma legal específico sobre ‘Cursos de Formação de Psicólogos’”. No primeiro item do texto encontramos: “Permite aos portadores de diplomas ou certificados de especialista em Psicologia, Psicologia Educacional, Psicologia Clínica e Psicologia Aplicada ao Trabalho (...)” (59).

Em 1958, “antecipando a lei, algumas Faculdades de Filosofia inauguram cursos básicos de psicologia”, como a Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (01). Este dado revela que, sobre a institucionalização da psicologia, houve movimentos, antecedendo de muito a lei que viria a ser aprovada em 1962, sobre a “profissão e atuação do psicólogo no país”. Note-se que na década de 1930 aconteceu uma reunião que precedeu à formalização da Associação de Psicólogos, na década de 1950, consolidada esta Associação e criando-se os cursos, em 1958, houve lastro para legalizar a atuação profissional do psicólogo. Essa informação contribui para revelar como foi construído o percurso que sustenta também um trajeto de psicoterapias no Brasil.

## 2.6 NOVAS PERSPECTIVAS EM RELAÇÃO A “VISÃO DE HOMEM E DE MUNDO” E “OUTROS HORIZONTES PARA A PSICOTERAPIA”

É em 1954 que Virginia Bicudo desenvolveu um programa de divulgação de princípios de higiene mental segundo a Psicanálise em São Paulo, esses textos geraram o livro *Nosso Mundo Mental*, publicado em 1955. Nesse ano, participa de seminário dirigido pela Dra. Thelma Reka, nessa oportunidade conheceu Dr. Luiz Prego e Silva e Dra. Vida de Prego, uruguaio, vindo a convidá-los para cooperar no Instituto de Psicanálise, na formação de analista de criança. Também, Ligia Alcântara Amaral inicia seu trabalho “Observação Mãe-Bebê” (06).

Na década de 1950, Nise da Silveira, no Rio de Janeiro, coordenou e desenvolveu ateliês de arte com pacientes psiquiátricos internados. “Ela rompeu barreiras, trazendo inovações com suas propostas terapêuticas e recebendo notoriedade nacional e internacional”. Em 1952, reunindo material produzido nos ateliês de pintura, fundou o Museu de Imagens do Inconsciente. Em 1954 enviou correspondência a Jung com o objetivo de obter mais informações sobre o que observava nas imagens

produzidas pelos pacientes no ateliê, imagens em formas circulares, de mandala. “A partir de então, houve um estreitamento na relação entre os dois, abrindo portas para a exposição de obras produzidas pelos pacientes do Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro, intitulada “A Esquizofrenia em Imagens”, que ocorreu em Zurique em paralelo ao II Congresso Internacional de Psiquiatria” (140). Em 1957 e 1958 ela realiza estudos no Instituto C. G. Jung de Zurique, com bolsa do Conselho Nacional de Pesquisa. Nise foi uma grande incentivadora da arte terapia (140).

Davi Zimmermann inicia em 1957, em Porto Alegre, o primeiro curso de “formação psiquiátrica com orientação psicodinâmica e especial enfoque na psicoterapia de orientação analítica”. Os novos psiquiatras formados nesta orientação passaram a trabalhar nos grandes hospitais públicos (69).

Na década de 1950 entraram os psicofármacos no tratamento dos transtornos mentais, abrindo-se outras possibilidades como o atendimento ambulatorial, as psicoterapias grupais, as breves e outras modalidades de psicoterapia. “Aos poucos foi-se observando a diminuição dos leitos hospitalares e o florescimento da clínica privada” (69).

De 1955 a 1959 Virginia Bicudo esteve em Londres em análise com Frank Philips e seguiu os cursos da Tavistok Clinic com Dr. Bowlby e no Instituto de Psicanálise da Sociedade Britânica “frequentando os seminários de Mrs. Klein, Mrs. Esther Bick com quem fez curso de observação do bebê e as supervisões de análise de criança” (06). E o Dr. Manoel Thomaz Moreira Lyra chega ao Rio de Janeiro após sua formação psicanalítica em Londres e com o título de analista de criança (61). Já o Dr. Haim Grünspum, em sua publicação, traz uma série de casos recolhidos na clínica de psiquiatria do Hospital dos comerciários, onde mantinha uma seção de arteterapia. Além de material de sua clínica particular (23). Ainda, em Porto Alegre, de 1950 a 1970 “pode-se afirmar que o referencial dominante foi o de Melanie Klein” (02).

Iniciamos 1960 ainda com os higienistas. “Com base na psicanálise os higienistas passaram a dar maior consideração aos primeiros anos de vida, como período mais importante para o procedimento profilático”. Organizam-se e propagam-se clínicas de orientação pré-natal, infantil, orientação de noivos, creches, etc., no intuito

de levar aos pais e mestres e a todos tendo sob seu cuidado a criança, novas atitudes para com ela (06).

Em Porto Alegre Marcelo Blaya cria a Clínica Pinel – Associação Encarnación Blaya – após ter finalizado sua formação nos Estados Unidos. Oferece serviços como socioterapia, grupos operativos, ambientoterapia, reuniões comunitárias. Em suas atividades, insere o trabalho do psicólogo e do assistente social nas equipes de trabalho. Como parte desses “novos serviços”, incluía-se a prática de um agente específico, que, nesse momento tinha o nome de “atendente psiquiátrico”. A inclusão desses “atendentes” na equipe foi proposta por Blaya, que, durante a sua formação, teria ficado interessado no trabalho desenvolvido por esses agentes que andavam com os “loucos” pelas ruas americanas. (134).

Em 1961, Germano Vollmer, Emília Messias e Beatriz Piccoli criam o Serviço de psiquiatria Infantil do Hospital Psiquiátrico São Pedro, em Porto Alegre (02). Nesse mesmo ano Beti Katzenstein, em São Paulo, passa a utilizar o teste de Rorschachs em avaliações de crianças e refere que o mesmo foi aperfeiçoado nos últimos 40 anos pelos autores Zulliguer, Klopfer, Behn, Bonm e outros (55). É a primeira vez que encontramos referência à utilização de teste psicológico em nossos registros, aplicado à área clínica de crianças.

O histórico da Gestalt-terapia no Brasil possui alguns marcos e datas, mas remonta à década de 1960, “à luz da influência do pensamento de Carl Rogers, do psicodrama, da pedagogia de Summerhill (na Inglaterra) e da famosa revolta estudantil de 1968, em Paris” (103).

É importante ressaltar também que em 1961 é evidenciada a nova ordem psicanalítica de Jaques Lacan pelo Professor Luiz Carlos Nogueira. Encontra a psicanálise por meio de Durval Marcondes no Curso de Especialização em Psicologia Clínica, na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Nogueira, tendo formação filosófica – realizada com Padre Henrique de Lima Vaz – e uma formação intelectual baseada em pensamento rigoroso, “no sentido de pensar a partir de fundamentos”, sentiu necessidade de buscar os fundamentos da psicanálise. Nesse período foi-lhe indicado o livro de Paul Ricoeur, *Da Interpretação – Ensaio sobre Freud*, “me dei conta de que havia lá uma elaboração a partir da linguagem pelo

psicanalista Jacques Lacan. E isso me interessou muito, porque eu encontrava aí bases não biológicas para a prática psicanalítica, que era já certa hipótese que eu estava construindo” (121).

De 1963 temos notícias de que “na separata de ‘Regulamentos, Cursos e Programas’, publicada pelo Instituto da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, já constava o ‘Regulamento para a formação de Psicanalistas de crianças’” (61). E, também no Rio de Janeiro, o Professor E. Portella Nunes apresenta tese de Livre Docência intitulada “Fundamentos de Psicoterapia”, na Faculdade de Medicina da Universidade Federal, introduzindo com pioneirismo as idéias de Heidegger e Binswanger no campo da Psicologia no Brasil (17). Note-se que sobre a relação Heidegger e Binswanger, já encontramos a análise aprofundada pelo Prof. Azzi, como anteriormente citado.

Cinco anos de silêncio. Após 1963 nossos autores voltam a referir dados somente a partir de 1968. Este silêncio poderia ser a expressão de uma realidade semovente que perpassava a nossa sociedade, materializada no golpe de 1964, refletida na repressão da intelectualidade e criatividade no país neste período.

De 1968 nos chegam notícias do Rio de Janeiro, quando já se estruturava uma experiência de comunidade terapêutica na seção Olavo Rocha do Hospital Odilon Gallotti, tem início uma tentativa de grupos dramáticos (10). Nesse mesmo ano Maurício Knobel publica com Jaime Spilka, também psicanalista, o artigo “Acerca da Psicoterapia Breve”, na “Acta Psiquiátrica e Psicológica da América Latina” (142).

É de 1969 a primeira publicação sobre “Fenomenologia Relacionada à Psicologia”, da qual se tem conhecimento, intitulada “Aspectos Existenciais do Suicídio”, de Zacaria Ali Ramadan, médico, psiquiatra e psicanalista, foi aluno de Portella Nunes (17). Nesse ano a “experiência em Acompanhamento Terapêutico” de Porto Alegre rendeu alguns “frutos” e produziu “férteis sementes”, como as que brotaram no Rio de Janeiro, em novembro de 1969, quando iniciaram os trabalhos da Clínica Villa Pinheiros. A experiência carioca atribuiu um novo nome e acabou tomando um referencial teórico distinto para demarcar essa prática: tratava-se agora do “auxiliar psiquiátrico”, com uma influência mais para o lado da psicanálise do que propriamente dos pressupostos teóricos da comunidade terapêutica americana” (134).

Nos conta Bernard Rangè que “nessa época, sobretudo no Rio de Janeiro, por influência de um velho amigo, Geraldo Lanna, a terapia comportamental era chamada de “condutoterapia”, e as primeiras informações que tive sobre trabalhos nessa área vieram de uma aula de Octávio Soares Leite sobre a sessensibilização sistemática de Joseph Wolpe, em um curso que ele ministrava sobre Aprendizagem Humana, em 1969. Foi assim que começou a surgir, no Rio de Janeiro, um grupo de pessoas interessadas em terapia comportamental, rodeadas em torno de Octávio” (130).

Rachel Léa Rosemberg, juntamente com seu Professor Oswaldo de Barros Santos, do qual era assistente na época, criou em 1969, o Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP), na Universidade de São Paulo, “que coincide com o período inicial do reconhecimento da profissão de psicólogo no Brasil, no delicado momento político em que o país atravessava, em função do regime militar” (117). É uma das primeiras instituições a integrar oficialmente a Abordagem Centrada na Pessoa como opção de prática na formação de psicólogos e oferecer aconselhamento psicológico à população. “No pós-graduação em psicologia Clínica do Instituto de Psicologia dessa mesma universidade, a primeira Dissertação de Mestrado em Psicanálise foi a de Yutaka Kubo, “Algumas Considerações sobre a Inveja do Pênis: Breve Estudo de um Caso Clínico”, em 1969, sob a orientação do Professor Durval Marcondes, psicanalista e fundador da Clínica Psicológica do mesmo Instituto” (129).

Durante a década de 1960 na América Latina também foram ocorrendo mudanças nos trabalhos em Saúde Mental. No Brasil isso se evidencia, por exemplo, com a criação de comunidades terapêuticas no Rio, São Paulo e Porto Alegre (71). “A década de 1960, no Brasil e no mundo, pode ser caracterizada como os *anos instituintes*, quando pensávamos mudar o mundo, quando nossos sonhos e utopias seriam realizados”. Acontece no início dessa década o movimento antimanicomial, iniciado por Basaglia, na Itália (71).

Esse foi um período onde floresceram muitas visões de homem e sua relação com o mundo. Por exemplo, se quisermos pensar em termos de “escolas de psicologia” vemos aqui a expressão de uma psicologia presente na realidade brasileira sublinhando as três principais correntes: psicanálise, psicologia comportamental e psicologia

humanista. Podemos dizer que, nesse momento já fazíamos história como psicologia e consequentemente como psicoterapia.

## 2.7 PSICOTERAPIA: REPENSANDO A PRÓPRIA PRÁTICA

Sobre a virada da década de 1960 para 1970 contam que “algumas práticas ‘psi’ entraram num processo de repensar as suas atividades terapêuticas”. Nesse contexto, surgem reflexões que conduzem à análise da “implicação política” dos profissionais que trabalham na área ‘psi’. A subjetividade passa a ser pensada “enquanto produção histórico-social” e, além disso, surgem reflexões sobre “[...] os efeitos que nossas práticas, nossos modelos e saberes estão produzindo/ reproduzindo e fortalecendo no mundo” (134).

Dizem também que a “imagem da psicanálise, ao longo dos anos 1960 e 1970 foi associada a movimentos de transformação social, constituindo-se numa estratégia de grande valor político. A ênfase na privatização e nuclearização da família, na responsabilidade individual de cada um dos seus membros, a ênfase nos projetos de ascensão social, na descoberta de si mesmo, na busca da essência e na libertação das repressões, foram algumas destas estratégias que culminou na produção de uma psicologização do cotidiano e da vida social e num esvaziamento político” (119).

Também nas décadas de 1960 e 1970, Maurício Knobel, em companhia de Arminda Aberastury, sua grande amiga e parceira no desenvolvimento da Psicanálise Infantil e da Adolescência, publica *Adolescência Normal* (142).

Nesse mesmo período se dá o “desenvolvimento mais expressivo e intenso das vertentes de psicopatologia e psicoterapia associadas à fenomenologia no Brasil”(100). “Historicamente, desde o emparelhamento com as vertentes humanistas – muito pela aproximação com o Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa ou Psicologia Humanista – a fenomenologia e o existencialismo passaram a ser impulsionados e identificados com o humanismo no Brasil” (100).

Curiosamente todo esse movimento acontece em um período “duro” da história de nosso país. Mas, parece que a situação dos psicólogos não era de todo serena nestes

anos, especialmente os dedicados ao âmbito terapêutico, embora celebrassem as conquistas recentes.

Após várias tentativas e encontros com presença parcial das entidades representativas dos psicólogos, já atuantes em diversas regiões do Brasil, estes unem-se como classe e profissão.

A 17 de janeiro de 1973, uma Comissão, composta pelos Psicólogos Clínicos: *Elisa Dias Velloso e Therezinha Lins de Albuquerque* e pelo médico psiquiatra *Samuel Menezes Faro*, entrega ao Senhor Ministro da Saúde, Dr. Mário Machado Lemos, um *Memorial*, assinado pelo Presidente da Associação Brasileira de Psicologia Aplicada, Psicólogo *Aroldo Soares Rodrigues*, solicitando a anexação do documento aos autos dos processos no. 000918/72, 000944/72 e 000031/72, onde se contrariam e se contrastam posições explícitas daquele Ministério contrárias aos direitos do Psicólogo ao uso da Psicoterapia. (SOARES, 1979, p.31)

Expondo a posição da ABPA a missiva declarava-se contrária a proposição do Ministério da Saúde de alterar a legislação que regulamentava a formação do Psicólogo no Brasil. Como se vê as dificuldades para a afirmação dos direitos, já adquiridos de fato, para o exercício da psicoterapia, pelo psicólogo no Brasil, eram muitas e de diversas ordens.

Entre 1970 e 1973, Zacaria Ali Ramadan publica “Esboço de uma Fenomenologia do Psicodrama” e “Elementos para uma Psicoterapia de base Fenomenológica”, entre outras publicações que irão aparecer nas décadas de 1980 e 1990 (17).

A idéia do auxiliar psiquiátrico teve início na década de 1970 em Porto Alegre, como já vimos, na experiência da Clínica Pinel, chegando depois às comunidades terapêuticas do Rio de Janeiro. “Mesmo com o fechamento das comunidades terapêuticas, no final da década de 1970, os auxiliares psiquiátricos continuaram a ser solicitados por terapeutas e familiares que buscavam alternativas à internação” (71).

Nessa década, 1970, “trabalhando de forma independente, Knobel, na Universidade de Campinas e Universidade Católica de Campinas, e Simon, na Universidade de São Paulo, desenvolveram modelos psicoterápicos flexíveis, nos quais ganha expressividade a figura do terapeuta” (63). Chegam notícias também de que “as

psicoterapias breves, que surgiram na Europa e nos Estados Unidos após a segunda grande guerra, começaram a ser praticadas no Brasil, destacando-se o trabalho de Hess e Meira” (63).

A exemplo a Gestalt-terapia é reconhecida como tendo sido efetivamente introduzida no Brasil a partir das figuras de Thérèse Tellegen – uma holandesa que conheceu a nova abordagem em Londres e que fez treinamento com os Polster, em San Diego – e de Jean Clark Juliano, que, em idos de 1970, realizaram trabalhos no Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (103). Já o trabalho com técnicas dramáticas começou anteriormente a esse período. “No entanto, é em torno de 1970 que atingimos as condições mínimas de discernimento e maturidade para proporcionar alguma formalização à experiência em questão” (10, 21).

É também em 1970 que acontece o III Congresso Internacional de Psicodrama e I de Comunidade Terapêutica em São Paulo (10). E, especificamente, “tem início em junho de 1971, quando já funcionava, há mais ou menos 3 anos, uma experiência terapêutica de Comunidade Terapêutica em que participavam alunos e professores do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação do Professor E. Portella” (10). A Terapia Familiar desenvolve-se em meados dessa década, com a “criação de Centros de Atendimento em várias regiões do país, bem como a inclusão da disciplina de Terapia Familiar nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Psicologia, mais especificamente na área da Psicologia Clínica” (35).

Nesse período, como já se viu anteriormente, é o momento da influência dos profissionais da área ‘psi’, vindos da Argentina. De 1970 até 1972 houve a colaboração da Dra. Arminda Aberastury, da Associação Psicanalítica Argentina, mensalmente em São Paulo, para desenvolver um seminário sobre análise de criança (06). Durante esse mesmo período o programa da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul, patrocinado pela Fundação do Bem-Estar do Menor, chamado mais tarde de Help, atendeu a 702 jovens, compreendendo 1.500 horas-consultas (63). Enquanto a Sociedade de Psicanálise de Porto Alegre, em 1972, recebeu a visita de Arminda Aberastury e Elizabeth Garma, que ministraram conferências, seminários e supervisões (02).

O ano de 1972 parece ser pródigo em produções na área da psicoterapia, em diferentes abordagens. É de Thérèse Tellegen o primeiro artigo sobre Gestalt-terapia no Brasil, intitulado “Elementos de Psicoterapia Gestáltica”, publicado no *Boletim de Psicologia* da Sociedade de Psicologia de São Paulo. Esse artigo foi produto de uma apresentação sobre o tema no “Ciclo de Estudos sobre Temas Atuais em Psicoterapia”, realizado entre maio e junho do mesmo ano, em São Paulo, promovido pela SPSP (103). Do Rio de Janeiro, relata Bernard Rangé: “meu primeiro cliente, ICC, apresentou-se com um quadro que, naquele longínquo ano de 1972, era chamado de “neurose de angústia”, mas que hoje será classificado como Transtorno de Pânico (TP) com Agorafobia (AGO)” (130). Enquanto isso, Jorge Ponciano Ribeiro recebe o título de mestre com o trabalho intitulado “Introdução ao Pensamento Psicoterapêutico de Sigmund Heinrich Foulkes” (106).

Em 1973 continua a multiplicidade em direção à especialização. Thérèse Tellegen, Jean Clark Juliano, Walter da Rosa Ribeiro e Tessy Hantzschel passaram a desenvolver um grupo de estudos sobre a Gestalt-terapia (103).

Dentre os psicanalistas pioneiros nos estudos da Psicanálise em Lacan no Brasil, o professor Luiz Carlos Nogueira foi certamente um dos mais produtivos. Professor Associado do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, defendeu seu doutorado em 1973 (129). Relata E. B. Pinto: “Conheci Luiz Carlos Nogueira no início dos anos 1970, como professor e supervisor de psicoterapia no curso de graduação em psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - IP USP. Já naquela ocasião ele estudava Lacan e se interessou pela minha contribuição em sala de aula a respeito dos conceitos de significado/ significante em Saussure” (129).

E Rachel Léa Rosemberg doutorou-se em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP, também em 1973, defendendo a tese “Um Estudo da Percepção de Condições Psicoterápicas em Grupos de Anconselhamento Psicológico” e nesse ano também publicou “Psicologia do Superdotado” (117).

Como pioneiro no uso do termo “psicoterapia breve” foi o trabalho de Oliveira, Pereira e Bastos, em 1974, que se refere a uma experiência com grupos de tempo limitado, realizado no setor de Pesquisas Psicanalíticas do Instituto de Psiquiatria da

Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte de estudos mais amplos que vinham se desenvolvendo ali há cerca de doze anos (63).

É também em 1974 que o Professor Luiz Carlos Nogueira, já tendo defendido seu doutorado baseado no texto de Paul Ricoeur, convida Durval Checchinato, que havia feito mestrado na França, para participar do Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, coordenado por ele na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Em seguida contataram Jacques Laberge, sediado em Recife, que havia feito análise na Escola Freudiana em Paris. Os três realizaram um primeiro encontro na casa de Nogueira e decidiram organizar um encontro maior (121).

Na área de Humanidades da Universidade Federal do Ceará foi fundado, em 1974, o Curso de Graduação em Psicologia no Departamento de Ciências Sociais e Filosofia (82). Já, no Centro de Estudos de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Bastos, em 1974, busca aplicar a técnica de psicoterapia breve, em substituição à análise de grupo até então praticada, e que se verificava incompatível com a realidade institucional vivida (94). E Rachel Léa Rosemberg, a partir de 1974, dedicou-se especialmente ao atendimento psicoterápico do idoso, tornando-se membro do Grupo de Planejamento e Coordenação do Centro de Gerontologia do Instituto Sedes Sapientiae (117).

Em outubro de 1975, Nogueira, Checchinato e Laberge realizaram um encontro maior e decidiram criar o “Centro de Estudos Freudianos, primeira instituição para transmitir a psicanálise do ensino de Lacan no Brasil”. No mesmo ano no Rio de Janeiro Magno Machado Dias e Betty Milan, que também haviam estado em Paris, criam o “Colégio Freudiano do Rio de Janeiro” (121).

Em 1976, em São Paulo, o casal Prego e Silva realiza um curso sobre Psicanálise de Criança, desenvolvendo programa baseado em Sigmund Freud, Melanie Klein e Esther Bick (06). Nesse mesmo ano, um grupo formado por Walter Ribeiro, Paulo Barros, Lilian Frazão e Abel Guedes, entre outros, passou a reunir-se, enquanto grupo de estudos em Gestalt-terapia ou grupo de “formação informal”. A partir dessa data, a Gestalt-terapia passou a disseminar-se pelo País (103). Nesse mesmo ano refere-se a publicação no Brasil do livro de John Stevens, intitulado *Tornar-se Presente*, onde o autor descreve um conjunto de experimentos utilizados em Gestal-terapia. Essa

publicação – com ênfase primordialmente técnica, teria antecedido uma série de reflexões teóricas, filosóficas e epistemológicas relacionadas à Gestalt-terapia e teria concorrido para a delimitação de uma imagem de abordagem “ateórica”, ou frágil, no meio acadêmico da Psicologia brasileira (103). Retornando ao Brasil, nesse ano, Jorge Ponciano Ribeiro, inicia no Instituto Brasileiro de Psicologia e Educação – IBPE – o curso de Especialização em Psicoterapia de Grupo. Ribeiro havia concluído seu curso de Doutorado em Psicologia na Pontefícia Università Salesiana de Roma. (106).

No ano de 1976 acontece o curso de especialização “Gestalt – Reich”, coordenado por Thérèse Tellegen e Tessy Hantzschel (Gestalt) e Ana Verônica Mautner e Antônio Carlos Godoy (Reich) (103).

Em 1977 surge a primeira formação propriamente dita com Walter Ribeiro em Brasília, contudo o primeiro núcleo formal de Gestal somente veio a ser iniciado em 1981, em São Paulo (103). É também em 1977 que Maurício Knobel traz outra valiosa contribuição publicando *Psiquiatria Infantil Psicodinâmica*. Com um olhar diferenciado sobre os cuidados da criança e debruça-se em uma compreensão dinâmica das psicopatologias infantis, desprezando rotulações simplistas antes descritas sobre essas manifestações patológicas. Essa obra, apesar de nunca ter sido publicada em português, contribuiu muito para a Psicologia brasileira, ao abrir uma visão compreensiva das psicopatologias infantis, respeitando-se o desenvolvimento da criança em seus aspectos psicológicos, culturais, de relações psico-afetivas e também orgânicos, compreensão esta já muito moderna para a época em que foi publicada (142). Em Recife, Gercileni Campos participa de um workshop coordenado por Carl Rogers, criador da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Rogers veio ao Brasil para realizar um grande Workshop que ocorreu na Fazenda Arcozelo, no Rio de Janeiro. Junto com Rogers veio sua equipe constituída por John Wood, Maria Constança e Jack Bower, e Maureen Miller O’Hara (82). Da participação efetiva de Rachel Léa Rosemberg com Carl Rogers, surgiu *A Pessoa como Centro*, em 1977 (117).

Já em São Paulo, nesse movimentado 1977, em meados de junho, Mário Fuks foi apresentado a Madre Cristina Sodré Dória (Madre Cristina Maria), diretora do Instituto Sedes Sapientiae. Recém chegado ao Brasil, vindo da Argentina, entrou em contato com um grupo de psicanalistas brasileiros que haviam iniciado um projeto de

formação em psicanálise no âmbito do Sedes. Esses estavam interessados em que o grupo de argentinos se incorporasse ao grupo de professores. (Juntamente com outros psicanalistas o autor, no momento, era exilado político) (18). Com a riqueza e a clareza de idéias que caracterizavam Madre Cristina, expôs o processo de elaboração e maturação ideológica que tinha percorrido o Sedes (e que pouco tempo depois ficaria plasmado na Carta de Princípios), concluindo com as seguintes palavras: “Sejam bem-vindos; sabemos do momento que vocês estão passando porque em 1968 e 1974 passamos por circunstâncias muito parecidas. Hoje abrem-se aqui algumas brechas que podemos aproveitar e pelas quais podemos avançar. Fiquem conosco – é muito o que nos podem ajudar. Esta é a sua casa” (18).

“O projeto nasceu com o nome de “Curso de Psicoterapia de Orientação Psicanalítica”. Depois, descobrimos que não se tratava de uma iniciativa para desvincular-se de uma “identidade psicanalítica” estereotipada que tínhamos reconhecido como um obstáculo para o próprio desenvolvimento da psicanálise, mas o nome tinha sido uma solução de compromisso, uma concessão às pressões da Sociedade de Psicanálise. Mudar o nome para “Curso de Psicanálise”, aconteceu em determinado dia “sem maiores cerimônias” (18, 42).

Note-se aqui também um movimento de alas da psicanálise procurando sair de uma visão individualista e hermética, como era percebida, para um movimento também de abertura.

O Brasil nesse período – 1977 – procurava sair de uma ditadura que já durava 13 anos. “O questionamento científico, ideológico e político da instituição oficial – Sociedade de Psicanálise – e do perfil do analista que ela promovia, não como crítica das pessoas individuais que faziam parte dela, mas como efeito de dominação de um sistema, caracterizou, por muito tempo uma boa parte de nosso trabalho. Era também sobre estas questões de base que se recortavam os problemas da construção do ‘alternativo’, principalmente na hora em que a consolidação e um projeto desse tipo encarava a possibilidade e os riscos de uma ‘institucionalização’” (97).

No Rio Grande do Sul, inicialmente, a psicoterapia infantil esteve ligada à psiquiatria e, somente em 1978, foi criado o primeiro Curso de Aperfeiçoamento em Psicoterapia, no Programa de Pós Graduação em Psicologia da PUC RS, sob a

coordenação de Isaac Sprinz e Inúbia Duarte (80). E no Rio de Janeiro, o grupo ligado à Psicanálise de criança, por meio de intercâmbio com analistas franceses, como Janine Chasset-Smirgel e René Diatkine, passou a estudar outros autores ligados à Psicanálise francesa (02). Desse ano se tem notícias também da Análise Transacional, de Eric Berne, no Brasil (59).

No período de 1978 a 1986, Yolanda Cintrão Forghieri orienta Teses de Doutorado e Dissertações de Mestrado no enfoque fenomenológico na PUCSP. A partir de 1980, dedica-se também à realização de pesquisa nessa linha no Instituto de Psicologia da USP (17).

Durante o biênio de 1978 a 1980 Jorge Ponciano Ribeiro realiza no “Center for Studies of the Person” – CSP (EUA) o curso de especialização em Gestalt-terapia (106).

Cabe trazer que, em 20 de dezembro de 1971 é promulgada a lei no. 5.766 que cria os Conselhos Federal e Regionais de Psicologia, “e a profissão assume estatura jurídica definitiva” (59). A institucionalização e legalização da profissão de psicólogo no Brasil traria maiores possibilidades para a formação profissional e também para a formação em psicoterapia, com o passar do tempo. Porém, note-se que o exercício de práticas psicoterápicas passavam ao largo dessa formalização e vinham se desenvolvendo continuamente no Brasil. Exemplo do que já vimos até aqui e que constam em nossos registros, temos notícias da prática da psicanálise, do comportamentalismo, da fenomenologia, das premissas da gestalt, do existencialismo e da psicologia humanista.

Nesse período temos o florescer destas abordagens, já procurando considerar o homem inserido em seu contexto histórico, buscando compreendê-lo em constante interação ambiental, produzindo e sendo produzido por este.

## 2.8 PARA UMA HISTÓRIA DO INDIVIDUAL AO SOCIAL – BUSCANDO RESPOSTAS

Conforme o que encontramos, “com o recrudescimento da ditadura militar no final dos anos 1960 e até praticamente o início dos anos 1980, assistimos a uma brusca

interrupção no movimento de crítica ao modelo manicomial, havendo um implemento da lógica asilar com a proliferação de novos hospitais psiquiátricos” (134). Nesse mesmo período, 1960 a 1980, “não eram trabalhados nos cursos de Psicologia temas tais como: perspectiva histórica da Psicologia, análise crítica da sua relação com a sociedade, questionamento da mesma enquanto ideologia, enquanto possível instrumento de dominação de classe. Não contemplava o homem como um ser social; ele era apenas um ser individual, sem inserção social e histórica” (46).

Com a abertura política, observa-se ensaios de críticas ao regime anterior e a influência que este teve no exercício do âmbito ‘psi’. Influência que perpassou todas as áreas das ciências humanas e limitou o exercício de ampliação da consciência, principalmente daquelas disciplinas que se dedicavam a desenvolver esta consciência em seu aspecto crítico, seja em sentido filosófico-científico, que político. Essa realidade não passou sem afetar, também, os que se dedicavam ao desenvolvimento da psicologia e da psicoterapia em nosso país.

Enquanto se consolidam as práticas psicoterápicas que já possuem um histórico no país, se dá o repensar dessa prática e a possibilidade de criticar o modelo instituído até então. Paralelamente, encontramos notícias das perspectivas teórico-práticas permeando este cenário e avançando em seu caminho.

Iniciamos 1979 contando que José Fonseca participa das “Open Session” de Psicodrama em Nova Iorque, no Beacon Hill Sanatorium – comprado por Moreno em 1936 e tornando-se o ‘Moreno Sanatorium’ em 1950 – e inspira-se para introduzir no Brasil as Sessões Abertas de Psicoterapia, em São Paulo (98).

Em 1979, Gercileni Campos facilita juntamente com Thérèse Amelie Tellegen, docente da USP, um workshop em Gestalt-terapia para a primeira e segunda turma do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, sendo o primeiro grupo em Gestalt-terapia realizado em Fortaleza (82). Em 1981 Gercileni realiza o primeiro Workshop em Gestalt-Terapia e ACP de Fortaleza, juntamente com Afonso Henrique da Fonseca, psicólogo de Maceió, tornando-se referência em Psicologia Humanista e influenciando pelo menos duas gerações inteiras de psicólogos no Ceará (82). A partir de então passou a supervisionar estágio curricular na área clínica dentro desse enfoque, e entre 1983 a 1987 coordenou e orientou o primeiro curso de formação de Gestalt-

terapeutas do Ceará e em São Paulo. Nesta ocasião passou também a compor o Conselho Diretor do Centro de Estudos de Gestalt de São Paulo por um biênio (82). Nesse mesmo ano, Ligia Alcântara Amaral assumiu um curso sobre Observação do bebê, em São Paulo (06). No Rio de Janeiro, o Dr. Noé Marchesky recebe o título de psicanalista de crianças, ele é o primeiro aluno formado na especialidade pela Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (S.B.P.R.J.) (61). Enquanto, em 1980, Judith Wallerstein esteve em Porto Alegre para a realização da conferência “Efeitos do divórcio sobre os filhos” (02).

Para a terapia familiar a década de 1980 é uma ocasião para consolidar-se em todas as regiões do Brasil, por meio de Centros de Atendimento a família, tanto em nível particular quanto comunitário (35). E no início da década de 1980 a Psicoterapia Breve foi introduzida no Brasil tanto pela obra, do também argentino, Hector Fiorini, quanto por Maurício Knobel (142). Nesta década, com Maurício Knobel, Simon e Lengruber, as psicoterapias breves passaram a ser mais claramente definidas e pesquisadas (94). De 1980 a 1982, na Universidade Federal do rio Grande do Sul (UFRGS) merece destaque as contribuições de Zimmermann para as Psicoterapias Breves (63).

“No final da década de 1970 e início de 1980 foi realizado um trabalho que visava abarcar várias áreas da manifestação da violência no município de Osasco, em São Paulo. Este foi desenvolvido por uma associação denominada Associação para o Desenvolvimento do Cidadão – ADC, com fundos de agências européias de ajuda a projetos desenvolvidos no Terceiro Mundo. A instituição pretendia ter uma ação interdisciplinar, e de seus quadros faziam parte psiquiatras, psicólogos, sociólogos, advogados e um padre. Os trabalhos eram desenvolvidos com o apoio do Poder Judiciário e abrangiam a Cadeia Pública de Osasco, uma delegacia de polícia onde estavam detidos menores, uma Central de Atendimento para egressos, familiares destes e também, o trabalho com adolescentes de rua no Largo de Osasco (08).

“O trabalho com adolescentes de rua no Largo de Osasco foi desenvolvido por aproximadamente dois anos, também realizado em equipe. Consistia em visitas semanais ao Largo, onde eram contatados os menores, tanto do sexo feminino como do masculino. O atendimento dava-se na própria rua, algumas vezes em grupo, mas

predominantemente de forma individual. Tratava-se de desenvolver, já na época, o que foi por nós formulado anteriormente em outros trabalhos com menores, de uma psicoterapia de orientação psicanalítica na rua” (08). “Os três últimos trabalhos foram interrompidos ao mesmo tempo, no ano de 1980, em função, basicamente, das pressões sofridas pela equipe por parte do aparato policial. As formas de pressão foram as comuns na época da ditadura militar, isto é, telefonemas, técnicos sendo seguidos, ameaças por escrito, etc” (08).

Foi realizado pela ANPEPP um mapeamento do que era a pesquisa em psicologia clínica no Brasil, no período que compreendia 1979 a 1981. “Nota-se na pesquisa desse período a preponderância de temas relacionados a aspectos psíquicos e da personalidade de pacientes com sintomatologia física diversa, intervenção terapêutica, testes e medidas “que se recobrem por psicodiagnóstico”, aspectos ligados à sexualidade feminina, conceitos psicanalíticos. Seguem-se Família, Instituição e Comunidade, Neuropsicologia e Formação do Psicólogo, os dois últimos de surgimento mais recente no período” (32).

No período compreendido entre 1981 e 1986 aconteceram seis “Encomum” – Encontros Comunitários – com participantes oriundos de todo o Brasil, sendo os primeiros em Sapucaí Mirim e os três últimos em Belo Horizonte. Encontros facilitados ou co-facilitados por Gercleni Campos (82).

No período entre 1979 e 1984, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Ernildo Stein, filósofo e psicanalista, desenvolve trabalhos e publicações nos quais estabelece relações entre fenomenologia e psicanálise, e apresenta esclarecimentos sobre o método fenomenológico (17).

De 1982 temos a notícia de que Rachel Rodrigues Kerbauy, a convite da Sociedade de Psicologia, ministra curso sobre Terapia Comportamental Cognitiva em Ribeirão Preto (28). Horácio Etchegoyen coordena o 9º Pré-Congresso sobre Formação de Análise de Criança, que acontece antes do “Congresso Latino-americano”, com o tema “A Análise de Criança na Formação do Analista” (06). Thérèse Tellegen publica um capítulo no livro organizado pela Dra. Ieda Porchat, intitulado “Atualidades em Gestal-Terapia”, um texto da introdutora da Gestalt-Terapia no Brasil, onde a autora, com base em sua ampla experiência clínica e docente, faz uma reflexão sobre o estado

da arte de Gestalt-Terapia (103). A primeira dissertação de mestrado relacionada à Gestalt-Terapia no Brasil, foi defendida nesse ano. Ainda nesta década de 1980 a Gestalt-Terapia conheceu mais três produções dessa natureza, sendo todas dissertações de mestrado em Psicologia (103). Também deste ano, 1982, é o Primeiro Encontro Nacional de Terapia Familiar, promovido por Mathilde Neder na PUC de São Paulo (115).

O Professor Jorge Ponciano Ribeiro foi professor didata do Centro de Estudos em Gestalt Terapia de Brasília – CEGEST, entre 1980 e 1988. Tem participação fundamental em outros centros formadores, como é o caso dos Institutos de Gestalt Terapia de Recife, Fortaleza e Goiás dentre outros (106).

Sobre os anos 1970, até meados dos anos 1980, encontramos a seguinte análise: “dava-se na Psicologia o florescimento de um ideário que perseguia o desenvolvimento das potencialidades humanas. Os movimentos de contestação social e político-econômico ao redor do mundo clamavam pela transformação, pela justiça, pela abertura. A influência do pensamento existencialista ainda se disseminava, convocando a que cada um, envolto em suas contingências, se responsabilizasse pelas escolhas feitas na vida. No Brasil, a ditadura militar provocou a emergência da luta contra a censura, contra a usurpação dos direitos civis e humanos, contra a ausência de liberdade. Estendia-se na cultura brasileira de então o impacto dos Beatles, da minissaia, do movimento hippie que marcaram os anos 1960. E a Psicologia também partilhava e expressava esse ideário. As pessoas precisavam se juntar, um fato por si só proibido na ditadura. E juntar-se para pensar e compartilhar, com autenticidade, suas vidas, seus medos, seus sonhos, seus ideais”. (82).

Na década de 1980, no Brasil, assistimos a um boom da psicanálise. De um período em que a psicanálise era relativamente restrita ao ambiente da Sociedade de Psicanálise, passamos a conviver com sua ampla difusão, assim como seu debate com o campo da filosofia ou de fenômenos políticos e sociais (83). Ao mesmo tempo em que assistimos movimentos sociais que preconizavam a necessidade de formação de profissionais integrados ao sistema de saúde (8ª Conferência Nacional de Saúde de 1986) e o reconhecimento das instituições de ensino superior como pólos de formação e capacitação de profissionais, objetivando a reformulação curricular conforme as

necessidades da rede pública assistencial em saúde mental (1ª Conferência Nacional de Saúde Mental de 1987) (119).

Encontramos, também, a observação de que “no Brasil, desde a década de 1980, alguns pesquisadores têm estudado a difusão do saber psicanalítico e a constituição da cultura psicanalítica. Estes estudos partem do pressuposto de que o saber psicanalítico surgiu em uma determinada circunstância do individualismo no ocidente, propondo modalidades específicas de agenciamento e de emergência da subjetividade, típicas de sujeitos que se pensam livres e iguais” (108).

Encontramos que a pesquisa em psicologia clínica no Brasil no período entre 1980 e 1989 envolvia intervenção terapêutica, implantação de programas de atendimento comunitário, psicodiagnose, caracterização de distúrbios psicossomáticos, emocionais e de conduta (39). E, pesquisas realizadas em clínicas-escola brasileiras, nas décadas de 1980 e 1990, “indicaram uma taxa elevada de evasão dos atendimentos, o que mostra que os atendimentos oferecidos são ineficientes” (77).

Em pesquisa efetuada nessa mesma época, 1988, “com o intuito de conhecer os campos emergentes de exercício dos psicólogos, o Conselho Federal de Psicologia denuncia a clínica tradicional como prática hegemônica e centrada no indivíduo. De acordo com o órgão, essa atividade tem objetivos analíticos, psicoterapêuticos e/ou psicodiagnósticos, e baseia-se em uma concepção da clínica como um saber/fazer universalizado, associado a uma concepção de sujeito universal e a-histórico, metas e fundamentos que, sem dúvida, circunscrevem a clínica como espaço de reprodução e mantêm a cisão entre clínica e política” (118).

A inserção da Psicologia no campo da saúde pública no Brasil se deu devido a alguns fatores políticos e sociais presentes entre as décadas de 1970 e 1990. Conforme essa análise, “a decadência do milagre econômico brasileiro provocou um descompasso entre a oferta e a busca de serviços de saúde, tanto em função da redução da procura de pacientes por atendimento particular, como pelo aumento do número de profissionais lançados no mercado de trabalho. Esse fato associado ao contexto das políticas públicas de saúde nesse período, com particulares repercussões no setor de recursos humanos. Desta forma, surgiu uma pressão para a oferta de serviços de saúde pública” (119, 107).

Seguindo o desenvolvimento de cada perspectiva, em relação à psicanálise, em 1983, sabemos que Renata Gadini – discípula de Winnicott – visita a Sociedade de Psicanálise de Porto Alegre e a partir de então passa-se a estudar e discutir trabalhos ligados às determinantes primitivas do “self-objeto” e fenômenos transicionais, constância do objeto (02). Também neste ano, Jorge Ponciano Ribeiro lança o livro “Gestalt-Terapia. Refazendo um Caminho”. Foi o primeiro livro brasileiro a tratar dos fundamentos teórico-conceituais e filosóficos da nova abordagem. Além de ser pioneiro nesse tipo de reflexão no País, o autor também é pioneiro no desenvolvimento e na abertura de novos campos da Gestalt-Terapia, tais como o trabalho com grupos e com psicoterapia de curta duração, dentre outros (103). Já no IPUSP a segunda Dissertação de mestrado em Psicanálise ocorreu nesse ano sob a orientação do Professor Dr. Luiz Carlos Nogueira, como já vimos, psicanalista de orientação lacaniana e do Departamento de Psicologia Clínica (129).

É Lengruber, em 1984, a responsável pela realização do I Encontro Nacional de Psicoterapia Breve que acontece no Rio de Janeiro (64). Também desse ano o livro de Thérèse Tellegen, *Gestalt e Grupos*, associado diretamente a sua dissertação de mestrado, a primeiro sobre o tema no país (103). Em São Paulo, José Fonseca, funda o DAIMON (Centro de Estudos do Relacionamento) e inicia esta atividade dirigindo a primeira sessão no Teatro Terapêutico do DAIMON (98).

Como já vimos, as linhas de trabalho vão sendo aprofundadas com o aprimoramento e aperfeiçoamento dos intelectuais e dos técnicos psicoterapeutas. O aprofundamento das práticas é permeada pelo novo olhar do compromisso com o histórico, bem como com o social e político do momento.

A “8ª Conferência Nacional da Saúde ocorreu em 1986 criando as novas diretrizes do sistema único de saúde (SUS), que seria pautado pela “universalidade, integralidade e democratização” da saúde. Muitos autores consideram que esse foi o começo do processo que culminou com a reforma psiquiátrica brasileira (134). Neste ano Knobel, tendo interesse especial pela psicoterapia breve, publicou um livro com esse mesmo título. Cabe salientar que o pesquisador Tales Santeiro aponta em sua tese, defendida na PUC Campinas, que Sigmund Freud, David Malan, Maurício Knobel e

Hector Fiorini, são os autores mais citados na produção nacional, quando se trata de Psicoterapia Breve Psicodinâmica (142).

Com o crescimento da abordagem da Gestalt no País, surgiu, em 1986, organizado pelo grupo do Rio e coordenado por Teresinha Mello, o I Encontro de Gestalt-terapeutas do Rio de Janeiro que contou com a presença de gestalt-terapeutas de todo o País (103).

Entre 1986 e 1987, o Conselho Federal de Psicologia realiza pesquisa em âmbito nacional sobre quem é o psicólogo brasileiro. Entre as tantas conclusões a pesquisa demonstra que “a psicoterapia individual foi citada por 42,9% dos entrevistados sendo essa atividade exercida por 68,5% dos psicólogos que atuam em clínica” (04). É em São Paulo, em 1987, que um grupo de psicólogos inspirados nas propostas de Knobel e Simon, criam o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicoterapia Breve. E ainda neste ano dá-se início ao atendimento à comunidade pelo referido Núcleo, tendo como objetivo o desenvolvimento de estratégias terapêuticas compatíveis com a realidade brasileira (64). Em Canela, Rio Grande do Sul, acontece o XI Congresso Brasileiro de Psicanálise (02) e o Serviço de Atendimento Psicológico e Psiquiátrico ao Estudante (SAPPE) é criado no Universidade Estadual de Campinas com o objetivo de prestar assistência psicológica e/ ou psiquiátrica, de modo preventivo e terapêutico, através de: grupos de encontros; primeira entrevista; psicoterapia de grupo; psicoterapia individual; psicoterapia de família; psicoterapia de casal e espaço D – trabalho de prevenção em saúde mental aos alunos regulares de graduação e pós-graduação da UNICAMP (84).

Observou-se, no período que segue, que as publicações nacionais que abordam a intersecção entre fenomenologia e clínica trazem aspectos do fundamento da filosofia fenomenológica e existencial e essa é, também, uma tendência internacional. “Tal evidência pode indicar tanto uma preocupação com o domínio do argumento, quanto o revigoramento de um passado epistemológico comum” (100).

É de 1987 o primeiro registro da Revista *Psicologia: Teoria e Pesquisa* abordando o tema da fenomenologia de autoria de V. Moreira, sendo a fenomenologia o “eixo de interpretação em um tratamento orientado pela Abordagem Centrada na Pessoa” (100).

Em 1988, Gomes, Rech e Ganzo “empreendem uma investigação sobre a experiência retrospectiva de estar em psicoterapia, [descrição feita pelos clientes] estudo que teve seu seguimento publicado pela Revista *Psicologia: Teoria e Pesquisa* dois anos depois” (100, 43, 17). Nesse ano, vinculado à Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estadual Paulista (UNESP), foi criado o Programa de Pronto-Atendimento Psicológico ao Aluno (PPAPA), com o intuito de oferecer à comunidade discente um lugar de escuta clínica (125).

Ainda, Bernad Rangè nos traz que em 1991 houve um Congresso Brasileiro de Psiquiatria em Maceió, no estado de Alagoas, para o qual “eu havia sido convidado para dar um curso de três aulas sobre terapia cognitiva” (130).

Somente no final dos anos 1980, com a consolidação do processo de abertura política no País, foram retomadas as discussões em torno da reforma psiquiátrica (134). Nesse período, no II Congresso Nacional dos Trabalhadores de Saúde Mental, “configurou-se o campo de forças que possibilitou a criação do “Movimento da Luta Antimanicomial”, congregando inúmeros profissionais da área da saúde, principalmente da saúde mental, além de usuários desses serviços e seus familiares”. Esse movimento caracteriza-se por ser regido pelos próprios usuários dos serviços em saúde mental, que colocam em xeque as “intervenções terapêuticas” às quais são submetidos, tendo como foco de problematização o exercício constante de luta contra toda e qualquer forma de opressão e massificação subjetiva. O movimento produz, assim, forças fundamentais que transformam não só a imagem que se tem dos usuários, mas também os próprios saberes e práticas daqueles que trabalham com os mesmos (134). E, finalmente, em 1989, após 11 anos da Lei italiana, surgiu no Brasil o projeto de Lei no. 3657/89, que trata da “Lei da Reforma Psiquiátrica” (134).

A ampliação do pensar e do agir em direção ao social, no final da década de 1970, até meados de 1980, foi uma resposta à situação social, política e econômica vivida no país. O movimento de retomada da democracia, por meio do desenvolvimento da consciência crítica, fazia-se necessário, respondendo aos anseios de liberdade. Em meados de 1980 o país enfrentava o fim da ditadura militar e a retomada da democratização, com as “diretas já”, para a eleição presidencial, após 21 anos de ditadura. Após um período de extrema repressão e cerceamento da liberdade, parece

consequente, na abertura, a tendência de manifestar atitudes que se contraponham ao sistema anteriormente estabelecido. Ao mesmo tempo, é ocasião para florescer possibilidades, abrindo-se portas para a criatividade e novos movimentos.

## 2.9 ESPECIALIZAÇÃO E GLOBALIZAÇÃO

Boadella nos relata que o primeiro indício da tentativa de regulamentar a profissão de Psicoterapeuta encontra-se na Declaração de Strasburgo para a Psicoterapia, de 1990. Essa declaração serve de base para mais de 500 organizações psicoterapêuticas na Europa e no mundo (138, 137).

Entre 1988 e 1990 o professor Jorge Ponciano fez pós-doutorados em *Sussex University* na Inglaterra, com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, período no qual desenvolveu projeto de pesquisa sobre “Mecanismos de Cura” e atuou como Professor Visitante (106).

Em 1989, a *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa* publicou um estudo de Jorge Ponciano Ribeiro sobre o conceito de resistência na psicoterapia grupo-analítica do psicanalista Siegmund Foulkes. O artigo indica uma aproximação da modalidade grupo-analítica com traços de psicoterapias fenomenológico-existenciais (100).

Em 1989 é publicado o livro *Psicoterapia de Orientação Analítica: Teoria e Prática*, encontra-se ali trabalhos envolvendo todas as etapas do processo terapêutico, questões teóricas, metodológicas e formação do terapeuta. O livro reúne a produção do grupo de profissionais ligado ao Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal, que ocupa-se de psicoterapia dinâmica. Os responsáveis por essa edição foram Cláudio Eizirik, Rogério Aguiar, Sidnei Schetatsky e colaboradores (63, 139). Nesse mesmo ano o encontro de Gestal-terapia, realizado em Caxambu, organizado pelo grupo de São Paulo, assume status de II Encontro Nacional de Gestal-terapia e passou-se a realizá-lo a cada dois anos: Brasília (DF), 1991; Recife (PE), 1993; Vitória (ES), 1995; Florianópolis (SC), 1997; Goiânia (GO), 1999; Fortaleza (CE), 2001 e Gramado (RS); 2003 (103). Ainda em 1989, inicia o Curso de Especialização para Formação de Terapeutas de Família na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na área de Psicologia Clínica. Concomitante ao curso de especialização foi organizado um Núcleo

de Pesquisa em Família e Comunidade no Programa de Pós Graduação da mesma área (35).

Lemgruber, em 1990, responsabilizou-se pela organização do II Encontro Nacional de Psicoterapia Breve, com a participação de Peter Sifneos e Miguel Leibovich (63). No mês de julho desse ano, aproximadamente 10 anos após o encerramento do trabalho, foi retomado o contato com o campo na Psicoterapia de Orientação Analítica de Rua. A relação da equipe – composta por dois psicólogos, um do sexo feminino e um do sexo masculino – abrangia aproximadamente 25 pessoas. O grupo operativo acontecia uma vez por semana no mesmo horário e local (8). Nesse mesmo ano, em Salvador, ocorreu a inserção dos psicólogos nas Unidades Básicas de Saúde, “um pouco mais tardiamente do que em outros estados do Brasil” (107).

Nessa década surge uma nova questão: a bioética. “De que forma podemos pensar a Bioética na Psicoterapia? Desde um olhar mais amplo e geral, quanto à Bioética, salientamos o respeito ao ser humano que busca nosso atendimento. É por essa e outras razões que acreditamos ser importante os cursos de graduação e pós-graduação contemplarem a disciplina de Bioética no seu currículo. Neste sentido, no Brasil, a Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul iniciou a disciplina de Bioética no início da década de 1990, e o de Pós-Graduação em Psicologia, da mesma universidade, em 2001, sendo os primeiros a incluir tal disciplina em seus currículos”. (112).

Ainda, nos anos 1990 observou-se o início da utilização da ‘realidade virtual’ no campo da psicoterapia. “Na terapia cognitivo-comportamental, o uso de técnicas de exposição é uma intervenção já estabelecida, que pode ser estendida a ambientes virtuais, de acordo com as necessidades específicas do paciente. As exposições em ambientes virtuais têm se provado eficazes no tratamento de vários transtornos e de vários tipos de pacientes: tanto os que não utilizam computadores quanto os que têm grande contato com esta tecnologia. A introdução tecnológica não implica nova abordagem teórica da psicoterapia. O objetivo é justamente potencializar os tratamentos já existentes e expandir a utilidade das técnicas já utilizadas. Dessa forma, preserva-se a necessidade de considerar os elementos fundamentais da psicoterapia, como a relação terapêutica e o uso pertinente das técnicas já estabelecidas”. Em 1990 houve um

aumento no número de exposições e publicações sobre a realidade virtual na psiquiatria e na psicologia. Já em 1993 nenhuma publicação foi encontrada e apenas duas apresentações profissionais foram feitas sobre o tema. O ápice deste período sobre o tema ocorreu em 1998, com 61 publicações (81).

Nos anos 1990, a Gestalt brasileira conhece seu maior impulso, com 20 trabalhos de mestrado e doutorado – com destaque para os anos 1992 e 1997, que tiveram cinco trabalhos apresentados (103).

Na apresentação do livro *A Rua como Espaço Clínico*, em 1991, primeira obra organizada pela equipe de acompanhantes terapêuticos d'A Casa, o psiquiatra e psicanalista Nelson Carozzo, um dos fundadores em São Paulo deste Hospital Dia, diz que o serviço de acompanhantes terapêuticos foi criado em meio a um conflito. Como ideal de tratamento, era fundamental que o paciente saísse da instituição ao final da tarde e fosse para a rua, para a cidade, para a sua família; por outro lado, percebia-se que isso não era possível, era necessária maior continência dos doentes por parte da instituição. Daí a investida no recurso do acompanhante terapêutico (71). É também nesse ano que se dá o I Encontro Paulistas de ATs (71).

Knobel e Marília Vizzotto, a partir de 1991, desenvolvem a pesquisa “Tipos de Psicoterapia que se aplicam no Brasil”, sendo esta “decorrente de uma preocupação do professor com a proliferação de alguns modelos psicoterapêuticos, veiculados nos meios de comunicação populares que não eram condizentes com o que Knobel tinha como ideal de Psicoterapia” (142).

Em 1991, mais uma pesquisa sobre o processo terapêutico é publicada no periódico da UnB, *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Dessa vez, um estudo de caso coletivo com cinco terapeutas busca acessar, por meio de grupos de supervisão, os conjuntos de perguntas que configuram a experiência do terapeuta na reflexão sobre os casos clínicos. Os pesquisadores são: Amatuzzi, Solymos, Ando, Bruscatin e Costabili (100).

É deste ano, 1991, a Tese de Livre Docência de Yolanda Forghieri, na USP, sobre fenomenologia (17).

Em fevereiro de 1992 se dá a constituição da APEP – Associação de Psicoterapia e Estudos Psicanalíticos – “consolidando um grupo de estudos que vinha funcionando junto ao Programa de Pós-graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior. Era um grupo aberto formado por alunos e ex-alunos do centro de pós-graduação, professores e psicoterapeutas. O principal objetivo é fortalecer o ensino de pós-graduação, incentivando a divulgação de pesquisa e a formação continuada” (53).

Entre os anos de 1992 e o início de 2002 não foi encontrada publicação na *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, associando psicologia à fenomenologia. Em 2002, Rigotto e Gomes analisaram 11 relatos de experiência sobre a abstinência e recaída em dependentes químicos, publicado nessa Revista (100).

A primeira tese de doutorado especificamente relacionada à Gestal-terapia no País foi defendida em 1992, na Universidade de São Paulo (103).

Em 1992 Gercileni Campos defende Tese com o título “Histórias de Amor no Cordel e Psicoterapia”. Esse estudo “fez-me percorrer o imaginário nordestino de lendas, histórias, fábulas, contadas e cantadas no Cordel, ao mesmo tempo em que me exigiu a busca da referência mítica, desde os mitos gregos, atravessando as concepções de amor na tradição judaico-cristã, na Cortesia e na modernidade” (82).

Em 1992, 30 anos após a regulamentação da profissão, a atuação dos psicólogos centra-se nas clínicas, na educação e na área do trabalho. “Se aumentou o número de profissionais, por outro lado, abriram-se novas oportunidades de trabalho. Da psicologia clínica, individual, passou-se ao tratamento grupal e até comunitário” (62).

Nas décadas de 1980 e 1990 os trabalhos publicados sobre psicoterapia individual continuam tendo a maior expressão, houve uma diminuição em relação às psicoterapias de grupo, em especial as de orientação analítica, e as psicoterapias breves aparecem em decréscimo na literatura na última década. (69).

Em 1992, na “II Conferência Nacional de Saúde Mental”, foi declarado um dever ‘efetuar a desinstitucionalização de todas as instituições com características manicomiais’. Nesse momento, foi aprovada a criação de uma “Rede de Atenção Integral em Saúde Mental” em substituição ao Hospital Psiquiátrico. No dia 07 de

agosto de 1992, foi aprovada a Lei Estadual no. 9.716, que dispõe sobre a reforma psiquiátrica no Rio Grande do Sul (134).

Em novembro de 1992 acontece o I Congresso Brasileiro de Ontopsicologia, em São Paulo, promovido pela Associação Brasileira de Ontopsicologia, intitulado “Sistema e Personalidade”. Antonio Meneghetti, realizou a abertura do Congresso e refere que a Ontopsicologia nasceu da prática clínica. “Com a efetivação e demonstração prática da cura do homem, a Ontopsicologia enfrenta então o problema crítico do conhecimento e os problemas fundamentais de toda filosofia. A Ontopsicologia, sobretudo na primeira fase, leva à psicoterapia. Enquanto psicoterapia, a Ontopsicologia não exclui nenhum dos conhecimentos que as grandes escolas maturaram até hoje, mas une e acrescenta um conhecimento extraordinário, o Campo Semântico. O Campo Semântico é o interior dinâmico de uma relação. Com o Campo Semântico o terapeuta entra em uma dinâmica onde percebe a ação do cliente enquanto ele esta se significando organismicamente. Conscientizando em si a ação do cliente, pode verbalizá-lo, esta é a leitura do Campo Semântico” (41).

Conforme conta Bernard Rangè, em 1993 ocorreu um Congresso Mundial de Psiquiatria no Rio de Janeiro. Nesse congresso estiveram presentes David Barlow, Samuel Turner, Jack Maser, Joseph Wolpe, Rafael Navaro Cuevas, Gualberto Buela-Casal, Vicente Caballo, Herbert Chapa, Sergio Pagés e Hector Fernandez-Alvarez. (130)

Na década de 1990 começam a aparecer trabalhos sobre a observação de bebês associados a mais estudos sobre o tema evidenciado no Primeiro Simpósio Brasileiro de Observação da Relação Mãe-Bebê em 1995, em São Paulo. Nesse mesmo ano, 1995, houve também um aumento do interesse pela publicação de trabalhos referentes à formação e ao treinamento do psicoterapeuta e a maioria dos trabalhos foi realizada no Rio Grande do Sul (69).

Nota-se também nessa década de 1990, um crescimento dos trabalhos relacionados aos transtornos de ansiedade, com o predomínio das escolas de psicoterapia psicodinâmica, possivelmente relacionado com a história do estabelecimento e desenvolvimento da psicoterapia no país. Entretanto, “observa-se o crescimento da escola cognitivo/ comportamental, principalmente no Rio de Janeiro e

em São Paulo, que crescem enfrentando fortes resistências, o que também ocorre com outras correntes psicoterapêuticas. Este crescimento parece acompanhar uma tendência que se verifica nas publicações internacionais” (69).

A partir de 1993, no encontro de Recife, houve um acréscimo na nomenclatura do encontro que transcende a mera questão lingüística e reflete uma realidade de crescimento. A partir dessa data, ao “Encontro Nacional de Gestalt-terapia” passou a ser associado o “Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica”. Esse fato é relevante, primordialmente, por delimitar a expansão do campo de atuação da Gestalt-terapia a outras áreas, para além da clínica (103).

Embora alguns dos Centros de Atendimento à Família se proponham à investigação de problemas da família brasileira, sua produção, em 1993, ainda é mais voltada para a prática da Terapia e relatos de experiências, sendo ainda muito pequeno o número de publicações sobre o tema (35).

Como professor da UFMG, Pierre Weil trabalhou em Psicoterapia de Grupo, Dinâmica de Grupo, Psicodrama e Psicologia Transpessoal. Em 1994, foi agraciado com o título de Professor Emérito da UFMG. Entre as suas obras publicadas nesse período, destacaram-se: Liderança, Tensões e Evolução: Aspectos Psicossociológicos da Organização Moderna (1972), Dinâmica de Grupo e Desenvolvimento em Relações Humanas (1976), O Psicodrama (1979), O Corpo Fala: Uma Liguagem Silenciosa da Comunicação Não Verbal (1981) e A Revolução Silenciosa (1983) (127). Em 1995 ocorre a fundação da Escola Brasileira de psicanálise (121).

Jorge Ponciano Ribeiro fundou em julho de 1996 o IGTB – Instituto de Gestalt Terapia de Brasília, do qual foi presidente (106). Nesse ano de 1996 Bernard Rangé desenvolve um protocolo integrativo (tratamento farmacológico, terapia cognitiva, terapia comportamental, terapia racional-emotiva-comportamental). Durante os anos de 1997 e 1998 aprimora o protocolo, até alcançar a forma final denominada “*Vencendo o Pânico: Programa de Tratamento Multicomposto Específico para o Transtorno de Pânico e a Agorafobia*”, em duas versões: uma para terapeutas não treinados em TCC e outra para pacientes (130).

Em 1997, no XV Congresso Brasileiro de Psiquiatria, em Brasília, foi proposta uma instigante mesa-redonda que se denominava “Psicoterapia: especialidade, profissão ou terra de ninguém”, a qual não chegou a se realizar. “Entretanto está na pauta dos psiquiatras brasileiros a inquietação sobre a identidade, a prática, a formação profissional e a ética no exercício das psicoterapias” (69). Nesse texto encontra-se também que “o exercício da psicoterapia no Brasil é legalmente conferido a médicos e psicólogos. Sua prática entretanto, não tem regulamentação própria, devendo atender aos paradigmas éticos de cada profissão” (69).

Ainda, “é curioso assinalar que o ‘marco’ da criação da Gestalt-terapia – a publicação, em 1951, do ‘Gestalt Therapy: Excitement and Growth in the Human Personality’, de autoria de Fritz Perls, Ralph Hefferline e Paul Goodman – e considerado por muitos como a “bíblia” da Gestalt, por ser o primeiro livro que desenvolve essa nova abordagem – somente conheceu sua tradução para o português em 1997” (103).

Mathilde Neder, entre 1991 e 1997, realizou pós-doutorado em terapia familiar nos Estados Unidos, no México e na Itália (115).

O professor Luiz Carlos Nogueira foi certamente um dos mais produtivos na abordagem lacaniana. Professor Associado do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, apresentou sua tese de Livre-Docência em 1998 (129). Já no ano de 1999, o Prof. Luiz Carlos Nogueira foi convidado para apresentar e discutir com os alunos suas idéias sobre a pesquisa em psicanálise. O convite partiu da professora Jussara Bauer e da professora Dra. Sonia Meyer – pela disciplina Metodologia Científica e Psicologia Clínica, respectivamente (129).

Entre 1999 e 2002 se deu uma experiência de capacitação de trabalhadores de saúde mental pela Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul. Esse curso foi direcionado a trabalhadores de nível médio, sem formação universitária, da rede pública. Chamava-se “Curso Básico de Qualificação em Acompanhamento Terapêutico”, tinha duração de oito meses e ocorreram no total três edições. “Esse curso pode ser considerado um marco importante para pensar a prática dos trabalhadores da área da saúde, remetendo a uma discussão que envolve outras ações de cuidado, e,

principalmente, para problematizar o AT como uma estratégia de produção de novos sentidos e não como um programa que visa à "profissão" de um "agente independente" e "formado" em acompanhamento terapêutico (134).

Na década de 1990 consolida-se a democracia no Brasil e também a globalização. Nesse sentido, o mundo científico também foi exposto à possibilidade de trocar informações com maior rapidez e verificou-se um momento de rever valores. Com a possibilidade de mais culturas em interação, contemporaneamente se dá a necessidade de fortalecer a identidade. Pode-se pensar então que, havendo uma maior liberdade de expressão dos intelectuais, há também a tendência de ampliação das áreas dedicadas ao humano. O momento sócio político é de internacionalização e abertura, principalmente em direção à Europa.

## 2.10 PSICOTERAPIAS: A MULTIPLICIDADE EM BUSCA DE UMA UNIDADE

Enquanto no período anterior vislumbramos alguma preocupação quanto à formação do psicoterapeuta, à especialização e ao fortalecimento das práticas psicoterápicas, agora, contemporânea à multiplicidade, continuamos encontrando tentativas de consolidar a psicoterapia como uma profissão que se constitua por meio de uma legislação.

Encontramos que, de 1999 a 2009, foram publicados poucos trabalhos relacionando o tema da psicoterapia psicodinâmica e a transferência com base em atendimentos realizados em serviços-escola (128).

Na primeira década de 2000 observa-se um incremento significativo na média de trabalhos apresentados sobre a Gestalt brasileira, em relação aos demais anos. Observa-se que, apenas nos três últimos anos, já houve um incremento de cerca de 55% em relação à década passada (103).

Na internet, desde 2001, existe uma página na qual são descritas psicoterapias, e, em meio às definições de psicodrama, psicanálise, análise transacional, neurolinguística, psicoterapia familiar, dentre outras, o AT (Acompanhamento Terapêutico) é descrito da seguinte forma: "Não é propriamente uma teoria de psicoterapia, mas um modo de atuação do psicoterapeuta. De maneira resumida, consiste na articulação que é feita pelo

psicoterapeuta fora do setting, acontecendo no contexto em que o paciente vive. A princípio utilizada nos casos mais graves de ajustamento social, vêm sendo também utilizada nos demais casos como um fator potencializador do processo psicoterápico” (71). “Ao qualificar o AT como um “modo de atuação” do psicoterapeuta dá a entender que o psicoterapeuta utiliza esta modalidade para potencializar o processo psicoterápico, o que revela uma condição do profissional AT bem diferente das anteriormente mencionadas, tais como: o acompanhante ser um leigo, um estudante, ou mesmo um profissional que complementa o trabalho do terapeuta. É o psicoterapeuta-at que atua para potencializar o processo psicoterápico” (71).

Em 06 de abril de 2001 “ocorreu a aprovação da Lei Federal n. 10.216, da reforma psiquiátrica brasileira, que estabelece uma diretriz não asilar para o financiamento público e o ordenamento jurídico da assistência psiquiátrica no País. Contudo, o processo da reforma psiquiátrica não acaba com a criação dessa Lei Federal, pois a vontade de retomar a *lógica manicomial* está sempre presente, inclusive no funcionamento das entidades médicas. É preciso que esse movimento se espalhe por todo o tecido social com a implicação de vários setores da sociedade” (134).

É somente em 2002 que “o primeiro livro de Fritz Perls, *Ego, hunger and Aggression*, que em si representa a ruptura do autor com a Psicanálise clássica e se constitui, portanto, no verdadeiro “embrião” da Gestalt-terapia, teve sua publicação brasileira” (103).

Na entrevista de 2003 Nogueira refere que “era preciso fazer um estudo aprofundado dos fundamentos da psicanálise. Isso Lacan fez, já em 1953, dando com isso um lugar seguro à psicanálise em um contexto cultural, o que é uma contribuição inestimável, dando-me segurança para falar da psicanálise. Vejo que muitas pessoas não têm uma formação dos fundamentos, não estão acostumadas a pensar nos fundamentos, mas apenas a partir da prática, não conseguindo, muitas vezes, situar o que estão fazendo quando fazem psicanálise” (121).

Em 2004 aparece uma leitura sobre a situação do psicólogo no Brasil referindo que, “desde 1962 a área clínica se configurou como sendo a mais destacada, a mais procurada e a mais valorizada, tendo grande influência na construção da imagem social

do psicólogo. Esta marca da área clínica teria provocado uma identificação generalizada do profissional psicólogo com a função de um psicoterapeuta” (93).

“Da abordagem psicoterápica de orientação psicodinâmica, preconizada na década de 1970 – 1980, assistimos em 2004 um movimento, principalmente entre os psicoterapeutas de orientação dinâmica, para uma integração entre a terapia psicodinâmica e os princípios do manejo ativo dos sintomas, ou seja, para a utilização de técnicas cognitivas e comportamentais no tratamento dos transtornos alimentares” (123).

Encontra-se em 2005 que, no Brasil, a profissão de psicoterapeuta não possui legislação que a regule, nem código de conduta específico que normatize sua prática ou que a distinga de outras práticas profissionais da área ‘psi’. Dessa maneira, é um campo de atuação possível de ser exercido por profissionais de diferentes formações (138). Nesse ano ainda, o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicologia estão iniciando uma tentativa de elaboração de um projeto nacional de diretrizes para a psicoterapia que possa contemplar questões sobre formação, avaliação de novas abordagens e questões éticas.

Em agosto de 2005, de 2 a 28, em Campinas, São Paulo, realizou-se o XIV Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental. A abertura do evento foi feita pelo presidente da ABPMC, Prof. Hélio José Guilhaardi. Houve mini cursos em que lecionaram vários professores behavioristas das abordagens comportamental e cognitiva do Brasil. “Encontros como estes refletem as inúmeras contribuições dadas pelo Behaviorismo Radical, enquanto filosofia de uma efetiva ciência do comportamento” (137).

Em 2007, Jorge P. Ribeiro publica um texto teórico que endereça novamente o tema da resistência na clínica, descrevendo os mecanismos de defesa tradicionalmente identificados como resistência na psicanálise para uma releitura fenomenológica do processo. Trata-se de uma revisão do artigo original publicado em 1989 na *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa* (106).

Em 2007 houve o XVII Congresso Latino-Americano da Flapag/ VI Congresso do Nesme e VIII Jornada da Spagesp. “O congresso intitulado ‘Saúde, Cultura e

Diversidade' foi um evento promovido por instituições que se dedicam ao estudo dos fenômenos grupais: Federação Latina de Psicanálise de Grupo (Flapag); Núcleo de Estudos em Saúde Mental (Nesme) e Psicanálise das Configurações vinculares; e Sociedade de Psicoterapias Grupais do Estado de São Paulo (Spagesp). Estiveram presentes Waldemar José Fernandes e Luiz Miller de Paiva, “ambos conhecidos por terem prestado importante papel na história da psicoterapia analítica de grupo de São Paulo e responsáveis pela formação de muitos dos especialistas da atualidade” (90).

No ano de 2008, Espinha e Amatuzzi publicam um estudo fenomenológico sobre a vivência de internação em uma enfermaria de adultos em um hospital geral na *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*. No mesmo ano, Gauer e Gomes indicam um sentido distinto para a relação entre fenomenologia e psicologia ao publicar um texto sobre memória autobiográfica, consciência e julgamento. Pautado por um modelo experimental de fenomenologia, o estudo discorre sobre as propriedades cognitivas e a qualidade fenomenal da experiência de recordação. Fenomenologia assume aí uma definição distinta, um sentido descritivo do fenômeno de memória autobiográfica (100). Esse dado, embora não concorra para esclarecer diretamente eventos ou modos de uma psicoterapia fenomenológica, nos conta como é a pesquisa realizada por essa abordagem e pode inspirar um modelo de pesquisa para a psicoterapia.

Em 2008 Maurício Knobel, no Brasil, aos 85 anos, disposto, ainda trabalhava como psicoterapeuta e revisava algumas de suas obras. Faleceu no dia 22 de janeiro. “Durante sua vida acadêmica produziu perto de 400 textos científicos e orientou centenas de dissertações e teses, publicou em torno de 12 livros e mais de 50 capítulos de livros (142).

Recentemente, em 2010, Jost apresenta um estudo na *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa* sobre as motivações do adolescente em conflito com a lei. O trabalho foi baseado em entrevistas individuais com adolescentes privados de liberdade. O objetivo foi articular os núcleos temáticos, formulados a partir de análise fenomenológica hermenêutica dos relatos, com as motivações subjacentes dos adolescentes (100).

Em 2010 refere-se que “três pesquisadores brasileiros se destacaram na apresentação de um posicionamento articulado e sistemático com relação à fenomenologia existencial. Foram eles, Daniela Schneider, da Universidade Federal de

Santa Catarina, Yolanda Forghieri, da Universidade de São Paulo, e Mauro Amatuzzi, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas” (100).

“Schneider realizou uma análise pertinente da direção do pensamento sartreano em direção à clínica psicológica. Forghieri descreveu o processo terapêutico a partir da vivência imediata e pré-reflexiva entre terapeuta e cliente, seguido da reflexão de ambos sobre esse encontro. “O trabalho de Forghieri sugere, sem dúvida, uma efetiva clínica fenomenológica. É uma teoria que merece maiores considerações e estudo”. Amatuzzi concentra-se no fenômeno da fala em terapia, numa perspectiva hermenêutica. O autor destaca três dimensões presentes na fala: o significado, o sentido e o sinal. A dimensão do significado diz respeito ao conteúdo do que é dito, circunscrito a um contexto e horizonte de enunciação. A dimensão do sentido é o fluxo da interlocução e os intervalos entre vocalização e silêncio. A dimensão do sinal é a indicação de expressão não contida na enunciação” (100).

O que é o Brasil hoje, senão um país que conseguiu consolidar a democracia? Mais do que isso, um país que avança na direção de uma economia forte e participa da dialética internacional de igual para igual. Essa realidade não exclui a compreensão de que a dialética social internacional e as lutas de poder são contínuas, contudo parece que não sofremos mais somente as conseqüências, mas conseguimos também determinar rumos e resultados. Esse amadurecimento sócio político e econômico parece refletir-se também no âmbito da ciência. Esse amadurecimento abre horizontes para a multiplicidade, e no âmbito ‘psi’, em uma aparente contradição, volta-se para um objetivo comum, encontrar uma unidade que defina, constitua e caracterize a prática psicoterápica, seja como disciplina, seja como profissão. E, curiosamente, nesse sentido, também não estamos atrasados, nem diferimos do que acontece em outros países, mas parece que compartilhamos da mesma problemática, ou seja, encontrar a unidade na multiplicidade quando se refere ao tema “psicoterapia”.

Eis aqui a história da psicoterapia no Brasil que podemos contar, com base nos dados históricos trazidos por nossos autores de 1955 a 2010. Não é toda a história, e nem poderia ser, mas é uma história que contempla muito do que tem sido a manufatura da psicoterapia no Brasil, construída, mais do que por atores, por artesãos sociais que colaboram para construir a prática, a ciência e, quem sabe, os rumos de nosso país.

## REFERÊNCIAS DO CAPÍTULO II

### Fontes Primárias

#### PERÍODO ANTERIOR A 1994

1. ANGELINI, Arrigo Leonardo; MARIA, Madre Cristina. Contribuição para a Formação Básica do Psicólogo. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 16 - 17, n. 47 - 50, 1964/65.
2. ARAUJO, Marlene Silveira. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil. Parte II: Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Psicanálise**. São Paulo, n. 22, p. 673-684, 1988.
3. AZZI, Enzo. A Situação Atual da Profissão de Psicólogo no Brasil. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 16 - 17, n. 47 - 50, 1964/65.
4. BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt; GOMIDE, Paula Inez Cunha. O Psicólogo Brasileiro: Sua Atuação e Formação Profissional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v.9 ,n.1 ,p.6-15, 1989.
5. BENETTON, Jô. Terapia Ocupacional. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, n.1, p.8, 1990.
6. BICUDO, Virgínia Leone. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil. Parte I: Instituto de Psicanálise da S.B.P.S.P. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, n. 22, p. 661- 672, 1988.
7. BICUDO, Virgínia Leone. Contribuições da Psicologia a Higiene Mental no Lar. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v.12, n. 39 - 40, p.51-65, 1960.
8. BROIDE, Jorge. A Psicoterapia Psicanalítica na Rua Realizada Através de Grupo Operativo: A Rua Enquanto Instituição das Populações Marginalizadas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 12, n. 2,1992.
9. CALLIGARIS, Contardo. Um Psicanalista Europeu no Brasil. Entrevista. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, n.11, p.4-6, 1991.
10. CAMPOS FILHO, C. J. de ; ARAUJO, F. de A. Teatro Terapêutico: Conclusão de Uma Experiência de Psicoterapia Institucional de Oito Anos – Primeira Parte. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 4, p. 253-260, 1982.
11. CAROTENUTO, Aldo. A Psicologia Junguiana. Entrevista. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, n.10, p.4-6, 1991.

12. CARVALHO, Regina Maria Leme Lopes. O Ensino das Psicoterapias Analíticas. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.1, n.3 - 4, 1984.
13. CENTOFANTI, Rogério. Radecki e a Psicologia no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, C.F.P., Brasília, v.3, n.1, p.2-50, 1982.
14. CHNAIDERMAN, Mirian. A formação Psicanalítica e suas Variantes. Entrevista. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, n.7, p.4-7, 1991.
15. DOYLE, Iracy. Do Ensino e Regulamentação da Psicoterapia. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 4, n. 1, jan – mar, 1955.
16. ERTHAL, Tereza C.; VERISSIMO, Luiz, J. Jurandir Freire Costa. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, n.12, p.11-14, 1991.
17. FORGHIERI, Yolanda Cintrão. [A Investigação Fenomenológica da Vivência: Justificativa, Origem, Desenvolvimento, Pesquisas Realizadas](#), in Macedo, Rosa Maria Stefanini de (org): Mapeamento da pesquisa em Psicologia no Brasil. **Cadernos da ANPEPP**, Rio de Janeiro, n. 2, p.19-42, 1993.  
<http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm>
18. FUKS, Mário. Por uma História do Curso de Psicanálise. **Revista Percurso**, São Paulo, n.1, 2o.sem., 1988. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/percurso/>
19. GALVÃO, Luiz de A. Prado. Notas para a História da Psicanálise em São Paulo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.1, n.1, p. 47-63, 1967.
20. GIL, Antonio Carlos. O Psicólogo e sua Ideologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, [online], vol.5, n.1, pp. 12-17, 1985.
21. GODOY FILHO, José Carvalho de. A Psicologia da Gestalt. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, n.1, p.15-16, 1990.
22. GOMES, W.B.; RECK, A.C.; GANZO, C.R.A. Experiência Retrospectiva de Estar em Psicoterapia: Um Estudo Empírico Fenomenológico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.4 n.3, 1988.
23. GRÜNSPUM, Haim. A Arteterapia e a Arte em Psicoterapia. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v.1, n.10, p.95-102, 1958.
24. GUIMARÃES, L. A. M. Efeitos da Psicoterapia de Grupo de Orientação Psicanalítica com Pacientes Portadores de Cefaléia Tensional. **Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 37-61, 1993.
25. GUIRADO, Marlene. Novos Horizontes para a Prática da Psicologia. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, n.2, p.19-20, 1990.

26. HERRMANN, Fábio. O Originário da Psicanálise. Entrevista. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, n.12, p.4-7, 1991.
27. KALINA, Eduardo. Alternativas Terapêuticas para o Combate à Droga. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, n.10, p.7-9, 1991.
28. KERBAUY, Rachel R. Terapia Comportamental Cognitiva: uma Comparação entre Perspectivas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, C.F.P., Brasília, v.3, n.2, p.10-23,1983.
29. KERNBERG, Otto. O Narcisismo e Seus Transtornos Atuais. Entrevista. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, , n.5, p. 04-07, 1991.
30. KNOBEL, Maurício. Psicoterapia: Comunicação Verbal e Não Verbal. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 1, n. 2,1984.
31. KRIPPNER, Stanley. Os Mitos Pessoais. Entrevista. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, n.6, p. 04-07, 1991.
32. LEITE, Therezinha Moreira. [Questões Sobre Mapeamento de Pesquisas em Psicologia Clínica](#), in: Macedo, Rosa Maria Stefanini de (org): Mapeamento da Pesquisa em Psicologia no Brasil. **Cadernos da ANPEPP**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 9-18, 1993. <http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm>
33. LEMOS, Paulo. O Psicólogo e sua Atuação Profissional. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, n.12, p.15-17, 1991.
34. LIPP, Marilda Novaes; KNOBEL, Maurício. Médicos e psicólogos: Quando Encaminham Pacientes Um para o Outro e Como Definem Psicoterapia. **Estudos de Psicologia**, v. 2, n. 2 - 3, Campinas, 1985.
35. MACEDO, Rosa Maria Stefanini de. A Pesquisa sobre Família em Psicologia a Partir da década de 80, in Macedo, Rosa Maria Stefanini de (org): Mapeamento da Pesquisa em Psicologia no Brasil. **Cadernos da ANPEPP**, Rio de Janeiro, n.2, p. 91-120, 1993. <http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm>
36. MANHÃES, Maria P. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil. Parte III: Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Psicanálise**. São Paulo, Associação Brasileira de Psicanálise, n. 22, p. 659-1988.
37. MARIA, Madre Cristina; DELGADO, Paulo; GABRIEL, Pedro; FIORILLO, Celso; FUCKS, Mário. A Luta Anti-Manicomial em Debate. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, n.8, p.04-07, 1991.

38. MARTINS, Mário; RIBEIRO, Roberto Pinto. Critério para a Formação de Novos Núcleos Psicanalíticos no Brasil. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, n.7, p. 401-407, 1973.
39. MATOS, Maria Amélia. [A Pesquisa em Psicologia no Brasil na Década de 80: Características, Instrumentos e Distribuição Institucional](#), in Gomes, William Barbosa; Rosa, José Tolentino (org): Divulgação de Pesquisas em Psicologia no Brasil. **Cadernos da ANPEPP**, Rio de Janeiro, n.1, p. 135-157, 1992.  
<http://www.infocien.org/Interface/Cadernos01.htm>
40. MELO, Marcelo Feijó de. Prática Psicoterápica: Quem Pode Exercer? **Insight Psicoterapia**, São Paulo, n.07, p.28-29, 1991.
41. MENEGHETTI, Antonio. A Ontopsicologia. Entrevista. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, v.3, n.26, p. 4-7, 1993.
42. MEZAN, Renato: A Trajetória de um Psicanalista. Entrevista. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, n.1, p.4-7, 1990.
43. MOREIRA, V. Psicoterapia Centrada na Pessoa e Fenomenologia. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.9 n.21, 1993.
44. NEDER, Mathilde. Introdução à Semana de Estudos Comemorativa do 25º Aniversário. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v.22, n. 59-60, p.01-06,1970.
45. OLIVEIRA, T. S. P. Psicoterapia e Psicanálise. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 41, n.8, p. 407-409, 1992.
46. PARREIRA, Walther Andrade. Algumas Reflexões Sobre a Prática Psicoterápica e a História da Formação de Psicoterapeutas em Minas Gerais. **Cadernos de Psicologia**. Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 97-110, 1986.
47. PAVAN, Maria, de L. O. Técnicas Terapêuticas no Tratamento de Esquizofrênicos. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v.33, n. 81, p. 58-66, 1981.
48. PERESTRELLO, M. Primeiros Encontros com a Psicanálise: Os Precursores no Brasil. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro v. 35, n.4, p.195-208, 1986.
49. PROUTY, Garry. Entrevista. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, v.1, n.1, p. 09-10, 1990.

50. RANGÉ, Bernard P. Psicoterapia Cognitiva – Fundamentos, Princípios, Processos, Limites. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 41, n.2, p.81-85, 1992.
51. RANGÉ, Bernard P.; LETTNER, Harald. A Psicoterapia Comportamental e sua Aplicação Clínica – I. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, n.10, p.19-22, 1991.
52. RIBEIRO, J.P. O Conceito de Resistência na Psicoterapia Grupo-Analítica: Repensando um Caminho. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.5 n.1, 1989.
53. ROSA, José Tolentino; SIMON, Ryad. Associação de Psicoterapia e Estudos Psicanalíticos: um Grupo de Apoio para a Revista, *in* Gomes, Willian Barbosa; Rosa, José Tolentino (Org.): Divulgação de Pesquisas em Psicologia no Brasil. **Cadernos da ANPEPP**, Rio de Janeiro, n.1, p.81-96,1992.  
<http://www.infocien.org/Interface/Cadernos01.htm>
54. SANTOS, Oswaldo de Barros. Evolução da Psicologia Aplicada a Partir de Roberto Mange. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 22, n. 59-60, p. 7-12, 1970. Verificar xerox da Luiza.
55. SCHOENFELDT, Betti Katzenstein. Distúrbios Sociais e Indicações para sua Solução em Rorschachs de Crianças. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v.18, n. 41 e 42, 1961.
56. SHIRAKAWA, Itiro. A Psiquiatria Humanizada – uma visão modernizadora. Entrevista. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, n.9, p. 04-07, 1991.
57. SIMON, Ryad. Fatores Psicológicos Indutores da Toxicofilia. **Boletim de Psicologia**. São Paulo, v.35, n.84, p.1-12, 1985.
58. SIMON, Ryad. Formação do Psicoterapeuta para a Realidade Brasileira. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 33, n. 81, p. 67-73, 1981.
59. SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, C.F.P, Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
60. SONENREICH, Carol: A Psiquiatria em um Hospital Geral. Entrevista. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, n.4, p. 04-07, 1991.

61. SOUZA, M. S. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo. n. 22, p. 685-691, 1988.
62. 30 Anos de Regulamentação. **Psicologia: Ciência e Profissão**, C.F.P., Brasília, v. 12, n. 2, 1992 .
63. YOSHIDA, E. M. P. A Psicoterapia Breve na Realidade Brasileira. **Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 23-35, 1993.
64. YOSHIDA, E. M. P.; ENÉAS, M. L.; MITO, T. I. H.; YUKIMITSU, M. T. C. P. Psicoterapias Breves: Critérios de Indicação e as Estratégias Terapêuticas. **Estudos de Psicologia**, v.10, n.1, p.53-64, 1993.
65. ZANNON, Célia, M. L. da C. Atuação do Psicólogo em Setores de Assistência Pediátrica Hospitalar. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, v. 33, n. 81, p. 40-51, 1981.
66. ZIMMERMANN, David. Contribuição ao Estudo da Técnica da Interpretação em Psicoterapia Analítica de Grupo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.4, n.1, 1970.

#### **PERÍODO POSTERIOR A 1999**

67. ABRÃO, J. L. F. As Origens da Psicanálise de Crianças no Brasil: Entre a Educação e a Medicina. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 3, 2009.
68. ABREU, Dorothy Bono de. SPAGESP: 10 Anos Formando Especialistas - uma Trajetória de Conquistas. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, 2006 .
69. ABREU, José Ricardo, PICCININI, W. ,CACILHAS, A., TRAHMAN, C., THORMANN, N. Psicoterapia no Brasil: duas Décadas Através das Publicações Psiquiátricas. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, Porto Alegre, v.2, n.1, p. 89-104, 2000.
70. ABREU, R. S.; LEITÃO, C. F. e NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Profissionais à Deriva: Professores e Psicoterapeutas na Sociedade em Rede. **Interações: Estudos e Pesquisa em Psicologia**. São Paulo, v. 10, n. 19, p. 151-174, 2005.

71. ALVARENGA, C. PARAVIDINI, J. L. L. Acompanhamento Terapêutico e Saberes Psicológicos: enfrentando a história. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Belo Horizonte, v. 2, n.1, 2009.
72. AZAMBUJA, Deodato Curvo de, Histórias de Linguagem e Psicanálise. **Revista Ide**, v.30, n.44, p.15-18, São Paulo, 2007.
73. BALIEIRO JUNIOR, Ari. P. Psicodiagnóstico e Psicoterapia: Dimensões e Paradoxos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, C.F.P., Brasília, v.25, n.2, 2005.
74. BOGOCHVOL, Maria Helena Barbosa. Escola Brasileira de Psicanálise: A orientação lacaniana. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, abril, 2001.
75. BORGES, L. M. POCREAU, J. B. A Identidade como Fator de Imunidade Psicológica: Contribuições da Clínica Intercultural Perante as Situações de Violência Extrema. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 11, n. 3, 2009.
76. BRUM, E. H. M. Patologias do Vazio: um Desafio à Prática Clínica Contemporânea. **Psicologia: Ciência e Profissão**, C.F.P., Brasília, v.24, n.2, 2004.
77. CAMPEZATTO. P. M.; NUNES, M. L. T. Atendimento em Clínicas-escola de Psicologia da Região Metropolitana de Porto Alegre. **Estudos da Psicologia**, Campinas, v.24, n. 3, 2007.
78. CAMPOS, R. H. F. E BERNARDES, L. H. G. A revista Psicologia: Ciência e Profissão: um registro da história recente da Psicologia brasileira. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, vol. 25, n. 4, p. 508-525, 2005.
79. CARON, Nara Amália. Enriquecedoras descobertas ao longo de 100 anos de atividade. **Revista Brasileira de Psicanálise**. São Paulo, v. 34, n. 4, p. 767-780, 2000.
80. CASTRO, Maria da Graça. Reflexões Acerca da Prática da Psicoterapia com Crianças: uma Ponte Entre Passado, Presente e Futuro. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, São Paulo, v 6, n 3, p 305,2004.
81. CARVALHO, M. R.; FREIRE, R. C. NARDI, A. E. Realidade Virtual no Tratamento de Transtorno de Pânico. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, 2008.

82. CAVALCANTE JUNIOR, F. S.; SOUSA, A. F. Histórias da Psicologia no Ceará: Entrevista com Gercilene Campos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, 2007.
83. CAVALCANTI, A.E; DELOYA,D; DE SANTI, P,L.,R. Entre o divã e a cultura. **Revista Percorso**, São Paulo, v.2, n.41, 2008.
84. CERCHIARI, E. A. N. CAETANO, D. FACCENDA, O. Utilização do sério de saúde mental em uma universidade pública. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.25, n.2, 2005.
85. CHNAIDERMAN, Miriam, *et all.* Vinte Anos de Departamento de Psicanálise: Para Onde Vamos? Entrevista, **Revista Percorso**, São Paulo, n. 35, 2005.
86. COSTA, L. F. PENSO, M. A. ALMEIDA, T. M.C. O Grupo Multifamiliar como Método de Intervenção em Situações de Abuso Sexual Infantil. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 16, n. 4, 2004.
87. DAL ZOT, J. e IANKLEVCH, E. Psicoterapia de Orientação Analítica Hoje: Refletindo a Partir de Nossa Experiência. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, Porto Alegre, v.11, n.2, p. 196-206, 2009.
88. DEL PRETTE, Zilda Pereira; DEL PRETTE; Almir. Significância clínica e mudança na avaliação de intervenções psicológicas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.24, n.4, p. 497-505, 2008.
89. DIMENSTEIN, Magda. A Metamorfose da Histeria no Limiar do Século XXI: o Discurso dos Profissionais do Campo “psi”. **Mudanças: Psicoterapia Estudos Psicossociais**, São Bernardo do Campo, v. 8, n. 14, p. 167-195, 2000.
90. EMÍLIO, S. A. Relato sobre o XVII Congresso Latino-Americano da Flapag/VI Congresso do Nesme e VIII Jornada da Spagesp. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 9, n. 2, 2007.
91. FERES-CARNEIRO, Terezinha; DINIZ-NETO, Orestes. De onde viemos? Uma Revisão Histórico-conceitual da Psicoterapia de Casal. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 24, n. 4, 2008.
92. FERES-CARNEIRO, T. e PONCIANO, E. L. T. Modelos de Família e Intervenção Terapêutica. **Interações: Estudos e Pesquisa em Psicologia**. São Paulo, v.8, n. 16., p. 57-80, 2003.

93. FERREIRA NETO, J. L.; PENHAL. L. M. D. Ética, Clínica e Diretrizes: A Formação do Psicólogo em Tempos de Avaliação de Cursos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, 2006.
94. FERREIRA, N. S.; YOSHIDA, E. M. P. Produção Científica Sobre Psicoterapias Breves no Brasil e Demais Países Latino-Americanos (1990-2000). **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 9, n.3, p.523-531, 2004.
95. FORTALEZA, P.M. História e Genealogia das Idéias Psicanalíticas Latino-Americanas. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 38, n 2, 2004.
96. FREY, B. N., MABILDE, L. C.; EIZIRIK, C. L. A Integração da Psicofarmacoterapia e Psicoterapia de Orientação Analítica: uma Revisão Crítica. **Revista Brasileira Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v.26, n.2, p.118-123, 2004.
97. FUKS, Mário Pablo. Um Caminho Percorrido, Uma História Para Contar. **Revista Percurso**, n.35, 2º. sem. 2005. Disponível em:  
<http://www2.uol.com.br/percurso/>
98. GOFFI JÚNIOR, Fábio S. Sessões Abertas de Psicoterapia: Os Benefícios do Ponto de Vista do Público. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v.12, n.1, p.119-133, 2004.
99. GOMES, Pedro. Psicanálise Relacional Contemporânea: Uma Nova Maneira de Trabalhar em Psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 113-123, 2007.
100. GOMES, William Barbosa e CASTRO, Thiago Gomes de. Clínica Fenomenológica: Do Método de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 26, n. especial, p. 81-93, 2010.
101. Halley Bessa, **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v.27, n.2, p. 372-372, 2007.
102. HERRMANN, Fabio. Cem Anos de Psicanálise: O Brasil. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 34, n. 4, p. 731-747, 2000.
103. HOLANDA, A. F. KARWOWSKI, S. L. Produção Acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: Análise de Mestrados e Doutorados. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.24, n.2, 2004.
104. IZAURIETA, Miren de; FERNANDES, Beatriz Silverio; FERNANDES, Waldemar José. A Experiência do Grupo de Reflexão em Dois Países com

- Coordenadores de Duas Nacionalidades. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, 2005.
105. JARDIM, A. P.; GOMES, W. B. Psicoterapia e Personalidade: Impacto da Interação Entre Terapeuta e Paciente na Avaliação de Resultados. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, 2009.
106. Jorge Ponciano Ribeiro. Professor emérito. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.23, edição especial, 2007.
107. LIMA, M. Atuação Psicológica Coletiva: uma Trajetória Profissional em Unidade Básica de Saúde. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, 2005.
108. LIMA, N.; NUNES, M. O. Práticas Psicológicas e Dimensões de Significações dos Problemas de Saúde Mental. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.26, n.2, 2006.
109. LIMA, Maurício S. de; SOARES, Bernardo GO e BACALTCHUK, Josué. Psiquiatria Baseada em Evidências. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. [online], vol.22, n.3, p. 142-146, 2000.
110. LOPES, José Leme. A Psiquiatria na Época de Freud: Evolução do Conceito de Psicose em Psiquiatria. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. [online], vol.23, n.1, p. 28-33, 2001.
111. LUCION, Neusa Knijjnik. Sobre a Ação Terapêutica: Síntese do Artigo de Marília Aisenetein. **Revista de Psicanálise da SPP**, V.11, N.2, P.261-268, 2004.
112. LUDWIG, M. W. B.; REDIVO, L. B.; JORGE, H. Z.; MULLER, M. C. Psicoterapia e Bioética: Aproximando Conceitos, Aperfeiçoando Práticas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 3, 2007.
113. MABILDE, Carlos Luiz. Minhas Lembranças sobre Paulo Martins Machado – Homenagem, **Revista de Psicanálise**, Porto Alegre, v.3,n.1, p. 5-9, 2001.
114. MASSIMI, Marina. Sermões Quaresmais e Conhecimento de Si Mesmo. **Interações: Estudos e Pesquisa em Psicologia**, São Paulo, v.11, n.21, p.97-120, 2006.
115. Mathilde Neder. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.25, n.2, 2005.
116. MONTAGNA, Plínio. Psicanálise: Os Próximos 100 Anos. **Revista Ide**, São Paulo, v.33, n.50, p. 193-195, 2010.

117. MORATO, H. T. P. Sobre Rachel Léa Rosenberg. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 19, n. 1, 2008.
118. MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho e NEVES, Edwiges de Oliveira. O surgimento da clínica psicológica: da prática curativa aos dispositivos de promoção da saúde. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília [online], vol.27, n.4, pp. 608-621, 2007.
119. MÜLLER, A. C.; DIAS, A. C. G. O Psicólogo na Rede Pública de Saúde: um Estudo Sobre a Formação e Atuação Profissional. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 2008.
120. NETO, Kyrillos Fuad. Basaglia em Desuso? Ou Notas Sobre a Importância de Dialogar com Basaglia e Basaglianos. **Interações: Estudos e Pesquisa em Psicologia**, São Paulo, v.9, n. 18. P.75-86, 2004.
121. NOGUEIRA, Luiz Carlos. Antes e Depois do Meu Encontro com Lacan: Paris – Julho de 1977 .Entrevista. **Psicologia USP**, São Paulo, v.15, n. 1-2, p. 109-123, 2004.
122. NORONHA, Ana Paula Porto; ALCHIERI, João Carlos. Conhecimento em Avaliação Psicológica. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 21, n.1, p 45, 2004.
123. NUNES, Maria Angélica Antunes; GALVÃO, Ana Luiza; PINHEIRO, Andréa Poyastro. Tratamento Psicoterápico dos Transtornos Alimentares: Uma Proposta de Integração. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 255, 2004.
124. ODA, Ana Maria Galdini Raimundo e DALGALARRONDO, Paulo. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. [online], vol.22, n.4, p. 178-179, 2000.
125. PERES, R. S.; SANTOS, M. A.; COELHO, H. M. B. Perfil da Clientela de um Programa de Pronto-Atendimento Psicológico a Estudantes Universitários. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 1, 2004.
126. PERFEITO, Hélvia Castro Silva; MELO, Sandra Augusta. Evolução dos processos de triagem psicológica em uma clinica-escola. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 21, n 1, p. 36, 2004.
127. Pierre Weil. **Psicologia: Ciência e Profissão**, C.F.P., Brasília, v.25, n.4, 2005.

128. PIMENTEL, C. B.; BARROS, I. P. M. Transferência e Desfecho Terapêutico em Psicoterapia Psicodinâmica Breve. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 11, n. 1, 2009.
129. PINTO, E. B. A Pesquisa Qualitativa em Psicologia Clínica. **Psicologia USP**, São Paulo, v.15, n.1-2, p.17-80, 2004.
130. RANGÉ, B. Tratamento Cognitivo-comportamental para o Transtorno do Pânico e Agorafobia: uma História de 35 anos. **Estudos da Psicologia**, Campinas, v.25, n. 4, 2008.
131. RABELLO,S.; LOPES, A.; LACANNA, F. e ALENCAR, R. A História de Alguns Anos de Pesquisa em Detecção Precoce de Psicopatologias Graves – PUCSP. **Psicologia Revista**, São Paulo, v.18, n.2, p. 231-245, 2009.
132. SANTEIRO, T. V. Psicoterapia Breve Psicodinâmica Preventiva: Pesquisa Exploratória de Resultados e Acompanhamento. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, 2008.
133. SANTOS, Manuel J. Pires dos; ZASLAVSKY, Jacó. Pesquisando Conceitos e Tendências em Psicoterapia e Psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 41, n. 2, 2007.
134. SILVA, A. S. T.; SILVA, R. N. A Emergência do Acompanhamento Terapêutico e as Políticas de Saúde Mental. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v.26, n.2, 2006.
135. SILVEIRA, Potiguara Mendes Jr. O Pensamento de Lacan no Rio: Notas Sobre MD Magno. **Revista Insight Psicoterapia**, São Paulo, abril, 2001.
136. TANIS, Bernardo. Considerações Sobre a Formação Psicanalítica: Desafios Atuais. **Revista Percurso**, São Paulo, v. 2,n.35, p.29-36, 2005.
137. TEIXEIRA, M. C. T. V.; GONÇALVES, F. L. Relato sobre o XIV Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 7, n. 2, 2005.
138. TEIXEIRA, Rita P.; NUNES, Maria Lúcia Tiellet. Algumas Questões Éticas da Psicoterapia. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 7, n. 2-3, p. 195-202, 2005.
139. THOMÉ, José T. Psicoterapia de Orientação Analítica: Fundamentos Teóricos e Clínicos. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 355-356, 2004.

140. VASCONCELLOS, E. A.; GIGLIO, J. S. Introdução da Arte na Psicoterapia: Enfoque Clínico e Hospitalar. **Estudos da Psicologia**, Campinas, v.24, n. 3, 2007.
141. VIDIGAL, M. A., *et all.* Vinte Anos de Departamento de Psicanálise: Para onde Vamos? Entrevista. **Revista Percurso**, n. 35, 2º. sem. 2005.  
Disponível em: <http://www2.uol.com.br/percurso/>
142. VIZZOTTO, M. M. A Psicologia e a Psiquiatria Perdem um de Seus Maiores Exponentes: Uma Homenagem ao Dr. Maurício Knobel. **Estudos da Psicologia**, Campinas, v.25, n. 1, 2008.
143. XAVIER, Ione Aparecida. Psicoterapia Breve Familiar em Casos de Famílias em Situação de Violência. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 1, 2007 .
144. YOSHIDA, E. M.P.; SANTEIRO, T. V.; SANTEIRO, F. R. M.; ROCHA, G. M. A. Psicoterapias Breves Psicodinâmicas: Características da Produção Científica Nacional e Estrangeira 1980/2003. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 10, n. 1, 2005.
145. ZAVASCHI, M. L. S. Tributo a Salvador Célia (1940-2009). **Revista Brasileira de Psicoterapia**. Porto Alegre, v.11, n.1, p. 108-112, 2009.

### CAPÍTULO III

#### “É POSSÍVEL UMA HISTÓRIA DA PSICOTERAPIA?”

Para tecer as conclusões, buscando integrar o todo em um fio condutor, fomos reler os títulos dos artigos analisados por nós e selecionamos apenas os que – além de psicoterapia, ou terapia, ou terapêutico – trazem também alguma expressão que indique a intenção do autor, ou autores, de que se trata, se não de história, ao menos de perspectiva histórica.

Wertheimer refere que, entre as muitas razões para se estudar a história da psicologia, “uma das melhores é que ela pode ajudar a integrar um campo de surpreendente diversidade”. E, citando Henle (1976, p.19) comenta a fragmentação que tomou conta da psicologia, com o advento da especialização. Em seguida pergunta: “quem vai poder juntar todas as peças?” E, propõe uma resposta: “Parece-me que olhando para nossa história, nós podemos esperar poder fazer isso” (BROZEK e MASSIMI, org.,1998, p.35). Verificando o que encontramos, entendemos que essa mesma razão aplica-se ao estudo da história da psicoterapia.

Assim, para auxiliar nossa análise, separamos os títulos dos artigos selecionados em duas categorias: 1) Gerais para a Psicoterapia X Específicos (por abordagem) e 2) Com dados Históricos X apenas “Reflexões”. Do universo de 197 artigos analisados por nós, apenas 67 deles, olhando os títulos, nos permitiriam classificá-los como “artigos com possível perfil histórico” para a psicoterapia. Destes, 33% trazem de modo geral o tema psicoterapia e 67% apresentam o tema especificando a abordagem. A maioria destes artigos, 95%, indicam trazer dados históricos, já os 5% restantes apresentam somente o tema “reflexões”.

Estes dados parecem confirmar que existe um relativo interesse pela história da psicoterapia, entretanto não se encontrava, até recentemente, uma narrativa na qual, de modo sistemático, eventos, personagens, datas, na área, trouxessem análise interpretativa suficiente para ser intitulada história da psicoterapia no Brasil. O mais próximo que se encontrou é de 2010, embora não traga o termo história no título. Intitula-se “Clinica fenomenológica: do método de pesquisa para a prática

psicoterapêutica”, de Gomes e Castro (2)<sup>13</sup>. Os autores, entre outros objetivos, “contrastam descrições do processo terapêutico existencial entre 1958 e 2007” e evidenciam que “o método fenomenológico vem perdendo foco e a análise existencial movendo-se para uma abordagem psicoterapêutica mais integrada”, principalmente no Brasil (p.81). Esse é um texto que discute com bastante profundidade a evolução histórica da aplicação do método fenomenológico e sua aproximação com a análise existencial. Os autores indicam também, quem, atualmente no Brasil, desenvolve o método fenomenológico existencial na psicoterapia. Pode-se dizer que é uma história de psicoterapia.

Um segundo texto, fazendo referência à história da psicoterapia, é o artigo de 2000, que traz no título “Psicoterapia no Brasil: duas décadas através das publicações psiquiátricas” de Abreu, J., *et all* (1). Nesse artigo os autores traçam um panorama da psicoterapia no Brasil, particularmente no Rio Grande do Sul, contudo, tomam como fontes somente publicações médicas. Esse artigo também colabora para construir uma história da psicoterapia, com um recorte na área médica.

Outro artigo, este de 1999, “Psicoterapia Psicodinâmica Breve: dos precursores aos modelos atuais”, de Oliveira (4), apresenta uma visão panorâmica da psicoterapia breve, fazendo referência aos modelos teóricos e técnicos mais utilizados por seus principais representantes, nas últimas décadas, no Brasil e em outros países. Como os artigos anteriores, traz um relato histórico sobre o desenvolvimento de uma abordagem de psicoterapia, a psicoterapia breve.

Outro ainda, de 2003, tem por título “História da pesquisa empírica em psicoterapia” (3z), de Nunes e Lhullier. Não por acaso, mesmas autoras que nos provocaram com seu artigo de 2001: “Psicoterapia: uma história sem registro?” Trazendo, nesse texto, relato de pesquisa empírica desde os pioneiros de diversas abordagens até o momento de sua investigação, buscam uma avaliação empírica e sistemática de pressupostos da psicoterapia e de uma base comum de evidências. Concluem que não existiria uma unanimidade na área da pesquisa empírica em psicoterapia, alguns autores consideram que a efetividade da psicoterapia parece

---

<sup>13</sup> O número entre parênteses indica, nas Referências ao final do capítulo, os quatro textos aqui analisados como fonte primária.

comprovada, enquanto para outros ainda restam dúvidas. E completam: “através da pesquisa empírica está estabelecida a idéia de que a psicoterapia age terapeuticamente, mas não se sabe ainda exatamente por que e como”(p.104).

Observamos até aqui que existe uma diversidade não somente na escrita da história, multiplicidade de abordagens e de histórias, como também parece existir uma multiplicidade de visões quanto aos resultados obtidos em psicoterapia.

Sobre a escrita da “história definitiva de alguma coisa”, Hobsbawm coloca a seguinte questão:

(...) podemos *algum dia* escrever a história definitiva de alguma coisa? (...) não é possível uma história definitiva. No entanto, a história como atividade séria é possível porque os historiadores podem concordar sobre o que estão falando, sobre quais questões estão discutindo e até sobre boa parte das respostas para reduzir suas diferenças o bastante para o debate significativo (HOBBSAWM, E., 2010, pp. 256-257).

Conforme Hobsbawm, não é possível escrever a história definitiva de alguma coisa. Mas pode-se estabelecer uma dialética que favoreça novos horizontes para a compreensão, seja da discussão, como de seu objeto.

Nesse sentido, Prost (2008) nos abre mais uma possibilidade para entendermos um pouco além as dimensões da relação escrita e história.

“Independentemente de ser uma narrativa, um quadro ou uma forma mista, a história é um texto acabado, um elemento recortado arbitrariamente no conjunto indefinido do continuum ilimitado da história. Qualquer empreendimento no domínio histórico define-se como algo de concluído” (PROST, A., 2008, p.217).

Assim, segundo Prost, é possível escrever a história de alguma coisa, contanto que se escolha e defina um recorte do qual se queira conhecer os percursos.

Além disso, cabe lembrar que a própria definição de psicoterapia parece indicar diversidade suficiente para impedir uma história única para a área.

Em nossa pesquisa encontramos muitos textos que trazem considerações sobre o termo psicoterapia e alguns procuram defini-lo. Por exemplo, o artigo mais antigo que encontramos, de 1955, escrito por Iracy Doyle, “Do Ensino e Regulamentação da Psicoterapia”, tem como primeira frase o que segue: “A série de movimentos, algo

caótica, a respeito, indica bem o interesse pelo assunto, aliado á falta de orientação ainda reinante em nosso meio”. (...) “Portanto, o assunto está francamente na ordem do dia” (p.37).

De 1955 a 2011, o tema parece continuar na ordem do dia: entre outros aspectos, continuamos buscando a melhor equação entre ensino, regulamentação, quem exerce, unidade, multiplicidade etc., e, principalmente, definição. Como se define psicoterapia?

Trouxemos apenas alguns exemplos, sem nos preocuparmos com a cronologia de como iam aparecendo estes textos em nossa pesquisa. Servem para ilustrar o que Santos e Zaslavsky, em seu artigo de 2007, chamaram de “Uma verdadeira Babel”, no caso, “Uma Babel Psicanalítica”. Estes autores, pesquisando “Conceitos e Tendências em Psicoterapia e Psicanálise”, constatam que o pesquisador em psicoterapia enfrenta algumas questões “paralisantes”. E uma delas, pertinente ao nosso tema, “é o número de teorias psicanalíticas que se defrontam e discordam umas das outras, na tentativa de explicar o funcionamento interno e externo, normal e patológico do ser humano” (p.118). E para ilustrar citam uma passagem do texto de Fonagy (2001/2003)<sup>14</sup>:

A pesquisa não está ao alcance de todos; ela é para aqueles que se sentem dispostos a viver no abismo, numa terra de ninguém profissional, sendo suas intenções consideradas suspeitas, ou mesmo desleais [...] para aqueles que querem trabalhar mais do que os outros, como os filhos que se esforçam para provar sua lealdade aos pais divorciados; para aqueles que podem suportar sentir-se incompetentes em suas duas profissões, e a quem somente sua convicção lhes permita sobreviver (p.336) (SANTOS e ZASLAWSKY, 2007, p.122)

Observando a conclusão de Fonagy e as observações dos autores, transpomos a crítica para o caso do estudo da história da psicoterapia. Assim como a pesquisa em psicanálise tem suas dificuldades, estas colocações talvez nos digam que escrever história seja uma tarefa para historiadores. O que nos parece coerente. Contudo, até o momento, continuamos sem encontrar definições para o termo psicoterapia.

---

<sup>14</sup> “Apanhar Urtigas às Mancheias, ou porque a pesquisa psicanalítica é tão irritante”, publicado em *Psicanálise Contemporânea*, org. A. Green, Imago, RJ, 2003.

Considerando essa dificuldade de se encontrar definições nos artigos pesquisados, buscamos a definição de psicoterapia em dicionários gerais da língua portuguesa e dicionários da área “psi” e, entre os específicos para a psicoterapia, encontramos o “Diccionario de Psicoterapia”, do Conselho Mundial de Psicoterapia (2009). Adicionalmente, uma coletânea do Conselho Federal de Psicologia: “Ano da Psicoterapia – Textos Geradores”(2009) . A definição que procuramos é aquela que tem como elemento de ligação o verbo “ser”.

As definições que encontramos trazem como foco principal o tratamento de distúrbios, transtornos, desajustamentos, por meio de métodos e/ou técnicas psicológicos. Outros, em menor número, além de se referir a tratamento, trazem na definição de psicoterapia também o escopo de promover o crescimento ou desenvolvimento da personalidade. Ainda em número reduzido, os que concebem a psicoterapia como um processo que implica comunicação entre duas pessoas. E a que difere de todas é a definição de psicoterapia que encontramos no dicionário de ontopsicologia, no qual psicoterapia é “o reformar ou corrigir o Eu segundo a constante direção ou critério do Em Si ôntico, com dissociação do monitor de deflexão” (p.257).

Em entrevista à *Revista Insight*, em 1993, Meneghetti traz uma visão diferente. Ao falar de um Congresso, realizado em São Paulo, sobre o tema Sistema e Personalidade, “um problema clássico da Psicologia Social” (p.7), refere que “um homem com capacidades superiores tem necessidade de evidência, não pode simplesmente crer” (p.5). De um lado o indivíduo deve manter sempre “o compromisso com a verdade íntima de si mesmo; de outro, respeitar a legalidade social” (p.7). Nesse sentido, “num primeiro momento, é inevitável a psicoterapia”. Nessa entrevista, conta a história do nascimento da Ontopsicologia e traz uma interpretação que não encontramos em outros textos que compõem o universo de nossa pesquisa: o resultado que aportou à ciência, por meio de pesquisa, inicialmente, no âmbito da psicoterapia. As novidades são duas: o que chamou de “Campo semântico”, que seria a “linguagem base que a natureza usa entre as próprias individualizações”; e o “Em Si ôntico” que seria “um núcleo, uma virtualidade do sujeito, um critério de ser e existir de cada individualidade, que na psicoterapia é colhido pelo psicoterapeuta por meio do campo semântico”. Meneghetti refere que a ontopsicologia não exclui nenhum dos conhecimentos que as grandes escolas maturaram até hoje. A Ontopsicologia procura resolver o fato em si, o Em Si da

existência, portanto se aproxima de tudo o que é a filosofia existencial, “principalmente ontológica – de Parmênides a nossos dias, em particular com a fenomenologia de Husserl e Heidegger”. Encontramos nesse texto uma novidade no âmbito da história da psicoterapia e pensamos que deva ser considerada nas próximas pesquisas. Percebemos que o modo do proceder psicoterápico da ontopsicologia é similar ao que descrevem Gomes e Castro (2010) sobre o trabalho de Forghieri na clínica fenomenológica (p.89). A diferença, porém, é que Meneghetti dá nome à “vivência pré-reflexiva”, chama-a “Campo Semântico”, e, se é vivência, é vivência de algo, e este “algo” é o “Em si Ôntico”. “O Em Si ôntico é uma idéia antiga, do princípio, da alma. É um princípio interno, nucléico, como o entendia Parmênides ou Sócrates, como o self de Jung e Rogers. Quando digo Em Si ôntico, entendo uma concepção radical, é, tanto o primeiro momento lógico para posicionar uma cultura, uma ciência, como o critério individual que indica, em psicoterapia, onde está o erro, como aconteceu, ou como auxiliar a evolução para a maturidade” (p.6).

Trazemos, para completar, as definições do Conselho Mundial de Psicoterapia, da American Psychological Association e do Conselho Federal de Psicologia. Para o primeiro, psicoterapia é “método curativo para o tratamento de enfermidades, transtornos ou estados de sofrimento psíquicos ou psicossomáticos condicionados psicossocialmente” (p. 575). Para o segundo, psicoterapia é “qualquer serviço psicológico fornecido por um profissional treinado que usa principalmente formas de comunicação e interação para avaliar, diagnosticar e tratar reações emocionais, formas de pensamento e padrões de comportamento disfuncionais de um indivíduo, uma família ou um grupo” (p.765). Para o CFP, psicoterapia é “prática do psicólogo, por se constituir, técnica e conceitualmente, um processo científico de compreensão, análise e intervenção que se realiza através da aplicação sistematizada e controlada de métodos e técnicas psicológicas reconhecidos pela ciência, pela prática e pela ética profissional, promovendo a saúde mental e proporcionando condições para o enfrentamento de conflitos e/ou transtornos psíquicos de indivíduos ou grupos”(pp.17-18).

Observa-se que somente na definição do CFP encontramos a expressão “promover a saúde mental”, enquanto que nos outros prevalece a concepção de psicoterapia como tratamento, evidenciando que é preponderante o enfoque na patologia para a psicoterapia. Com esses dados observamos que a diversidade começa na própria

definição de psicoterapia. A pluralidade é condição necessária para estabelecer-se a dialética e gerar conhecimento. Contudo, no caso da psicoterapia, corremos também o risco de entrar em um relativismo, que nos afasta do conhecimento e dos fundamentos necessários para o exercício da disciplina psicoterapia. Ou, eventualmente, ainda não encontramos o objeto de estudo da psicoterapia. Ou, ainda, não respondemos a questão de Husserl, quanto ao método adequado para investigar a subjetividade do homem enquanto pessoa (CAROTENUTO, 2007).

Outra razão para estudar a história, conforme Wertheimer, seria sua influência libertadora.

Watson (1966, p.69) começa a síntese de seu artigo sobre o papel e o uso da história com a mais importante função da história: “liberdade do que não é verbalizado”. Krantz (1965) desenvolve a analogia entre o psicoterapeuta e o cientista, destacando que o estudo da história pode ter a mesma função para um cientista que a psicoterapia pessoal para o psicoterapeuta: tomar consciência de seus próprios preconceitos, atitudes e suposições. Isso torna mais fácil detectar os efeitos da formação e do contexto sócio-intelectual de uma pessoa. O papel terapêutico da análise histórica é esclarecer o efeito do *Zeitgeist*, deixando-nos menos sujeitos aos cegos caprichos dos fatores contextuais externos. Segundo Cícero (Wertheimer, 1979, p.5), aqueles que conhecem apenas a sua própria geração estão destinados a permanecer para sempre crianças” (WERTHEIMER in BROZEK e MASSIMI, org., 1998, pp.37-38).

Interessante esta analogia de Krantz entre a função da história para o cientista e a psicoterapia pessoal para o psicoterapeuta. A função da história seria a de nos deixar menos cegos, tanto para os aspectos internos, das convicções e da personalidade individual, como para a compreensão dos aspectos sócio-ambientais.

Tratando-se a nossa pesquisa, constatou-se que temos muito ainda por fazer no que concerne à história da psicoterapia como “função libertadora”. Novas pesquisas em história encontrarão campo fértil na seara da psicoterapia, e são necessárias, pois, talvez, ainda não “verbalizamos”, se queremos seguir Watson, a história do Brasil e a história da psicoterapia no Brasil. O percurso sócio-econômico e político definiu também os resultados e os caminhos percorridos pelos psicólogos e psicoterapeutas brasileiros. Redescobrir este percurso nos dá clareza para encontrarmos as respostas, hoje, dando passagem para uma função libertadora, seja individual seja social.

## REFERÊNCIAS DO CAPÍTULO III

### Fontes Primárias

1. ABREU, José Ricardo, PICCININI, W. ,CACILHAS, A., TRAHMAN, C., THORMANN, N. Psicoterapia no Brasil: duas Décadas Através das Publicações Psiquiátricas. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, Porto Alegre, v.2, n.1, p. 89-104, 2000.
2. GOMES, William Barbosa e CASTRO, Thiago Gomes de. Clínica Fenomenológica: Do Método de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 26, n. especial, p. 81-93, 2010.
3. NUNES, M. e LHULLIER. Histórico da Pesquisa Empírica em Psicoterapia. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, Porto Alegre, v.5, n.1, p. 97-112, 2003
4. OLIVEIRA, Iraní Tomiatto. Psicoterapia Psicodinâmica Breve: dos precursores aos modelos atuais. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 9-19, 1999.

### Referências

ARNOLD, W., EYSENCK, H. J. e MEILI, R. Dicionário de psicologia. Loyola, São Paulo, 1982.

BROZEK, J e MASSIMI, M. **Historiografia da Psicologia Moderna**: a versão brasileira. Ed. Loyola, São Paulo, 1998.

CABRAL, Álvaro & NICK, Eva. Dicionário Técnico de Psicologia, Cultrix, São Paulo, 1989.

CALDEIRA, Jorge (org). Brasil: A História Contada por Quem Viu. Mameluco, São Paulo, 2008.

CAMPBELL, Robert J. Dicionário de psiquiatria. Trad. Cristina Monteiro. 8 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CAROTENUTO, M. **Scheda Storica Sulle Teorie Della Conoscenza**. Roma: Psicologica Editrice, 2008.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Ano da Psicoterapia: Textos Geradores, Coletânea, CFP, Brasília, 2009.

Dicionário Crítico de Análise Junguiana (Acessado em 12/06/2011)  
<http://www.rubedo.psc.br/dicjung/verbetes/abaismen.htm>

Dicionário de Psicologia Moderna – Psicologia Moderna – as idéias, as obras, os homens, Verbo, 2ed., Lisboa/ São Paulo, 1978.

Dicionário Técnico de Psicologia. Álvaro Cabral e Eva Nick, - 14 ed. – São Paulo; Cultrix, 2006.

DOYLE, Iracy. Do Ensino e Regulamentação da Psicoterapia. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 4, n. 1, jan – mar, 1955.

DORSCH, Friedrich . Dicionário de Psicologia Dorsch. Vozes, Petrópolis, RJ, 2001.

Enciclopédia Barsa Universal, v. 14, 2 ed., Planeta, 2009.

EFG – Enciclopédia Garzanti di Filosofia e Logica, Linguistica, Epistemologia, Pedagogia, Psicologia, Psicoanalisi, Sociologia, Antropologia Culturale, Religioni, Teologia. Garzanti Editore, 1993, Milano.

ENGLISH, Horace B. Dicionario Manual de Psicologia. Buenos Aires, Libreria El Ateneo, 1951.

ENGLISH, H.B.e ENGLISH, A. CH. Dicionario de Psicologia y Psicoanalysis. Paidos, Buenos Aires, 1977.

HOBBSAWM, Eric, Sobre História. Companhia das Letras, 2ed. São Paulo, 2010.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Bertrand Jean. Vocabulário da Psicanálise. Martins Fontes, São Paulo, 2001.

MENEGHETTI, Antonio. A Ontopsicologia. Entrevista. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, v.3, n.26, p. 4-7, 1993.

MENEGHETTI, Antonio. Dicionário de Ontopsicologia. Ontopsicológica Editrice, 2ed., Recanto Maestro, 2008.

MICHAELIS Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Melhoramentos, 1998.

MOORE, Burness E.e FINE, Bernard D. D. Termos e conceitos psicanalíticos. Artes Médicas, Porto Alegre, 1992.

Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 3ed. Positivo, Curitiba, 2004.

PIÉRON, Henri. Dicionário de Psicologia. Globo, Rio de Janeiro, 1969.

PROST, Antoine, Doze Lições sobre a História. Autêntica Editora, Belo Horizonte, 2008.

RYCROFT, Charles. Dicionário Crítico de Psicanálise. Imago, Rio de Janeiro , 1975.

ROUDINESCO, ELISABETH. Dicionário de Psicanálise, Jorge Zahar Editor, RJ,1997.

SANTOS, Manuel J. Pires dos; ZASLAVSKY, Jacó. Pesquisando Conceitos e Tendências em Psicoterapia e Psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 41, n. 2, 2007.

TEIXEIRA, Rita Petrarca; NUNES, Maria Lúcia Tiellet. Psicoterapia: uma história sem registro? **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 3, n. 1, p. 55-64, 2001.

SILLAMY, Norbert. Dicionário de Psicologia. Artmed, Porto Alegre, 1998.

STUMM, Gerhard; PRITZ, Alfred; QUINTANA, Teresa. Diccionario de Psicoterapia, Herder Editorial, Barcelona, 2009.

The New Encyclopedia Britannica, v. 9, Macropedia, Chicago, 1993.

VANDERBOS, Gary R., Ph.D. Dicionário de Psicologia, American Psychological Association, APA. ARTMED Editora, Porto Alegre, 2010.

WARREN, Howard C. Diccionario de Psicologia. Fondo de Cultura Económica, México, 1956.

## REFERÊNCIAS NO TEXTO

ANTUNES, M. A. M. (org.). **História da psicologia no Brasil**: primeiros ensaios. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

BOURDIEU, P. **Os Usos Sociais da Ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.

BROZEK, J; MASSIMI, M. **Historiografia da Psicologia Moderna**: a versão brasileira. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.

CALDEIRA, Jorge (org). **Brasil: A História Contada por Quem Viu**. Mameluco, São Paulo, 2008.

CAROTENUTO, M. **Scheda Storica Sulle Teorie Della Conoscenza**. Roma: Psicologica Editrice, 2008.

CONSELHO MUNDIAL DE PSICOTERAPIA. Disponível em:  
<[www.worldpsyche.org](http://www.worldpsyche.org)> Acesso em: 30 set. 2008.

D'AMBROSIO, U. Tendências historiográficas na história da ciência. In: ALFONSO-GOLFARB, A. M.; BELTRAN, M. H. (Org.). **Escrevendo a História da Ciência**: propostas e discussões historiográficas. São Paulo: EDUC, 2004.

GILLIERON, E. Evolução das Psicoterapias Breves. **Interações**: estudo e pesquisa em psicologia. São Paulo, v. 1, n. 2, p. 7-28, jul/dez, 1996.

GODOY, A. S. **Pesquisa Qualitativa**: tipos fundamentais. São Paulo: RAE, 1995.

GOTO, Akira. **A (Re) constituição da Psicologia Fenomenológica em Edmund Husserl**. 2007. 219 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Centro de Ciências da Vida, PUC/Campinas, Campinas, São Paulo, 2007. Disponível em:  
<[http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=237](http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=237)> Acesso em: jan. 2010.

MASSIMI, M.; GUEDES, M. C. (Org.). **História da Psicologia**: novos estudos. São Paulo: Cortez, 2004.

MASSIMI, M. **História da Psicologia Brasileira**: da época colonial até 1934. São Paulo: EPU, 1990.

MASSIMI, Marina (Org.). **História da Psicologia no Brasil no século XX**. São Paulo: EPU, 2004.

MIODOWNIK, B. Psicanálise e Psicoterapia: o vértice do psicanalista. **Revista Brasileira de Psicanálise**. São Paulo, n. 32, v.4, p. 865-884, 1998.

PROST, Antoine. **Doze Lições Sobre a História**. Tradução Guilherme João de Freitas. Belo Horizonte: Autentica, 2008.

REY, F. L. G. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Cengage Learning, 2002.

SCHNEIDER, D. R. **Uma Breve História da Clínica e da Psicologia Clínica**.

Disponível em:

<<http://www.psiclin.ufsc.br/Hist%F3ria%20da%20Cl%EDnica%20e%20da%20Psicologia%20Cl%EDnica.pdf>>. Acesso em: 6 de out. 2008.

SIRINELLI, J. F. Ideologia tempo e história. In: TÉTARD, A. C. (Org.) **Questões Para a História do Presente**. São Paulo: EDUSC, 1999.

TEIXEIRA, Rita Petrarca; NUNES, Maria Lúcia Tiellet. Psicoterapia: uma história sem registro? **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 3, n. 1, p. 55-64, 2001.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

## APÊNDICES

APÊNDICE 1

QUADRO A – Informações Editoriais sobre os 23 periódicos pesquisados.

No.	TÍTULO DO PERIÓDICO	ENTIDADE RESPONSÁVEL	LINHA EDITORIAL	ANO No. 1	No. ARTIGOS	INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES
1	Boletim de Psicologia	SPSP Atual APSP	Publicação de trabalhos de interesse da Psicologia e áreas afins.	1949	56	publicação semestral, corrente <i>ISSN (vi) 0006-5943 ISSN (ol) 2175-344x</i> Ano publicação do 1º. número - 1949 [URL: <a href="http://www.psicologiasp.org.br/publicacoes.htm">http://www.psicologiasp.org.br/publicacoes.htm</a> ] Completa na PePSIC de 2005 a 2009 [URL: <a href="http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&amp;pid=0006-5943&amp;lng=pt&amp;nrm=iso">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&amp;pid=0006-5943&amp;lng=pt&amp;nrm=iso</a> ] <b>Obs.:</b> O vol. LIV n. 120 de 2004, É o primeiro número a ser publicado depois da mudança da denominação da Sociedade de Psicologia de São Paulo. Esta passa agora a se chamar: Associação de Psicologia de São Paulo.
2	Cadernos da ANPEPP	ANPEPP	Divulgar a pesquisa em Psicologia no Brasil, por meio de mapeando e divulgando resumos de teses, dissertações e outras publicações.	1992	6	Reune pesquisas realizadas pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia. 1992: “Divulgação de Pesquisa em Psicologia no Brasil; 1993: “Mapeamento da Pesquisa em Psicologia no Brasil”; 1995: “Resumo de Teses e Dissertações em Psicologia – 1993/1994”; 1996: “Resumos de Teses, de Dissertações e de outras publicações em Psicologia – 1995”; 1996: “Resumos de Teses, de Dissertações e de outras publicações em Psicologia – 1996”; 1997: “Resumos de Teses, de Dissertações e de outras publicações em Psicologia – 1997”. Última publicação em 1997. <a href="http://www.infocien.org/interface/cadernos.htm">http://www.infocien.org/interface/cadernos.htm</a>
3	Cadernos de Psicologia	UFMG	Propõe abarcar a diversidade dos estudos em psicologia e de áreas fronteiriças, bem como valorizar a apresentação de manuscritos que	1984	8	Universidade Federal de Minas Gerais. Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, vol.1 (1)1984. <a href="http://www.fafich.ufmg.br/~cadernos/vol01.htm">http://www.fafich.ufmg.br/~cadernos/vol01.htm</a> Teve seu vol.1 publicado em 1984 e o último número em 2003, através do vol. 13. ISSN (vi) 0102-3071 ISSN (ol) 0102-3071

## APÊNDICE 1

QUADRO A – Informações Editoriais sobre os 23 periódicos pesquisados.

				colaborem na formação de profissionais, pesquisadores e professores, trazendo, desta forma, importante contribuição para a Psicologia enquanto Ciência e Profissão.  De cunho generalista, destinado a publicar trabalhos inéditos em Psicologia e áreas afins.			Publicação quadrimestral, Psicologia em Revista é bilíngüe e publica em português e espanhol. Em 2008, é relançada como <b>Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia</b>
Gerais Revista Interinstitucional de Psicologia	UFMG, UFU, UFSJ, UFJF						Publicação Semestral, Corrente <i>ISSN 1983-8220</i> Ano publicação do 1º. número – 2008 [URL: <a href="http://www.fafich.ufmg.br/gerais/index.php/gerais">http://www.fafich.ufmg.br/gerais/index.php/gerais</a> ] <b>Obs.:</b> Antes denominada Cadernos de Psicologia
4	Estudos de Psicologia	Pós PUCAMP	Psicologia	Promover e divulgar o conhecimento científico e técnico na área de Psicologia	1983	42	publicação trimestral, corrente <i>ISSN (vi) 0103-166X ISSN (ol) 1982-0275</i> Ano publicação do 1º. número – 1983 Na base Scielo [URL: <a href="http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&amp;pid=01">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&amp;pid=01</a>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010.

QUADRO A – Informações Editoriais sobre os 23 periódicos pesquisados.

5	IDE Psicanálise e Cultura	SBPSP	Tem como linha editorial o diálogo entre psicanálise e cultura	1975	15	03-166X&lng=pt&nrm=iso] publicação semestral – corrente <i>ISSN (vi) 0101-3106 ISSN (ol) 2175-3490</i> Ano publicação do 1º. número – 1975 indexada na PePSIC de 2007 a 2009 [URL: <a href="http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&amp;pid=0101-3106&amp;lng=pt&amp;nrm=iso">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&amp;pid=0101-3106&amp;lng=pt&amp;nrm=iso</a> ] on-line disponível só resumo [URL: <a href="http://www.sbpsp.org.br/ide/ide41.asp">http://www.sbpsp.org.br/ide/ide41.asp</a> ]
6	Insight Psicoterapia	Ed. Lemos	Publicação de temas sobre psicoterapia. Inicialmente aberta a todas as linhas.	1990	54	<i>ISSN (vi) 0102-9083 ISSN (ol) 0103-9083</i> Ano publicação do 1º. número – 1990 Lemos Editorial, 1990, mensal, corrente. <b>Obs.:</b> Publicação encerrada em 2002.
7	Interações: Estudos e Pesquisa em psicologia	Pós Psicologia UNIMARCO	Psicologia: contribuições da psicologia social de extração histórico-crítica, da psicanálise.	1996	6	<i>ISSN (vi) 1413-2907 ISSN (ol) 2175-3504</i> Ano publicação do 1º. número 1994 de 2002 a 2006 na Pepsic [URL: <a href="http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&amp;lng=pt&amp;pid=1413-2907">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&amp;lng=pt&amp;pid=1413-2907</a> ] <b>Obs.:</b> Não está sendo editada. Último número e volume foram publicados em 2006.
8	Jornal Brasileiro de Psiquiatria	Instituto de Psiquiatria UFRJ	Divulgar trabalhos de pesquisa científica no campo da psiquiatria e áreas afins, realizados em instituições brasileiras e estrangeiras.	1952	47	publicação trimestral, corrente <i>ISSN (vi) 0047-2085 ISSN (ol) 1982-0208</i> Disponível na base Scielo a partir de 2006; [URL: <a href="http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&amp;pid=0047-2085&amp;lng=pt&amp;nrm=iso">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&amp;pid=0047-2085&amp;lng=pt&amp;nrm=iso</a> ] <b>Obs.:</b> Título Anterior: <i>Anais do Instituto de Psiquiatria, Universidade do Brasil</i>
9	Mudanças Psicoterapia e Estudos Psicossociais	UMESP	Destina-se a um público leitor especializado em saúde mental ou saúde coletiva, em geral,	1993	32	Publicação Semestral, Corrente <i>ISSN (ol) 2176-1019</i> Ano publicação do 1º. número – 1993 [URL: <a href="https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/issue/archive">https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/issue/archive</a> ]

APÊNDICE 1

QUADRO A – Informações Editoriais sobre os 23 periódicos pesquisados.

			constituído por psicólogos da área de saúde, social e clínica; por médicos psiquiatras, neurologistas e pediatras, interessados no desenvolvimento humano e da pessoa.	1974	7		<b>Obs.:</b> O nome mudou para: <b>Mudanças: Psicologia da Saúde</b> em 2001.
10	Psico USF	Pós Psicologia Uni. S. Francisco	Servir de fórum para a apresentação de pesquisas atuais no campo da Psicologia	1974	7	publicação semestral até 2008; em 2009 tem publicação quadrimestral, corrente <i>ISSN (vi) 1413-8271 ISSN (ol) 2175-3563</i> Ano publicação do 1º. número – 1974 [URL: <a href="http://www.saofrancisco.edu.br/eduf/publicacoes/FreeComponent947content1295.shtml">http://www.saofrancisco.edu.br/eduf/publicacoes/FreeComponent947content1295.shtml</a> ] Indexada na base Scielo desde 2009. [URL: <a href="http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issues&amp;pid=1413-8271&amp;lng=en&amp;nrm=isso">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issues&amp;pid=1413-8271&amp;lng=en&amp;nrm=isso</a> ] <b>Obs.:</b> Já foi nominada Clínica e Revista das Faculdades Franciscanas – recebeu o nome atual em 1996.	
11	Psicologia em Estudo	UEM PR	Temáticas que privilegiam pesquisas predominantemente qualitativas na área das Ciências Humanas e da Saúde, tendo em vista o desenvolvimento da Psicologia	1996	19	Publicação quadrimestral até 2007. A partir de 2008 passou a ser trimestral, corrente <i>ISSN (vi) 1413-7372 ISSN (ol) 1807-0329</i> Ano publicação do 1º. número – 1996 Completa na base Scielo [URL: <a href="http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&amp;pid=1413-7372&amp;lng=pt&amp;nrm=iso">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&amp;pid=1413-7372&amp;lng=pt&amp;nrm=iso</a> ]	
12	Psicologia Revista	Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde PUCSP	Publicação de artigos científicos relacionados à Psicologia	1995	8	Publicação Semestral <i>ISSN (vi) 1677-1168 ISSN (ol) 1413-4063</i> Disponível on-line, somente a partir de 2009 [URL:	

## APÊNDICE 1

QUADRO A – Informações Editoriais sobre os 23 periódicos pesquisados.

13	Psicologia Teoria e Prática	Faculdade de Psicologia e Pós em Distúrbios do Desenvolvimento – Um. Mackenzie	Publica trabalhos inéditos em Psicologia e áreas afins	1999	13	<p><a href="http://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/index">http://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/index</a>  <b>Obs.:</b> Duas revistas com o mesmo título editadas na PUC/SP e PUC/MG, ISSN diferente</p> <p>Publicação semestral, a partir de 2009 quadrimestral, corrente  <i>ISSN (vi) 1516-3687 ISSN (ol) 1980-6906</i>          Disponível on-line de 1999 a 2010          [URL:  <a href="http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/ptp/issue/arc_hive">http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/ptp/issue/arc_hive</a>]</p>
14	Psicologia USP	IP USP	Publica trabalhos originais e inéditos que contribuem para o conhecimento e desenvolvimento da Psicologia e ciências afins	1990	20	<p>Trimestral, Corrente.  <i>ISSN (vi) 0103-6564 ISSN (ol) 1678-5177</i>          Ano publicação do 1º. número – 1949          Portal Revistas USP [URL:  <a href="http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_serial&amp;pid=1678-5177&amp;lng=pt&amp;nrm=isso">http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_serial&amp;pid=1678-5177&amp;lng=pt&amp;nrm=isso</a>]          Disponível na Scielo desde 1997          [URL: <a href="http://www.scielo.br/scielo.php?pid=0103-6564&amp;script=sci_issues">http://www.scielo.br/scielo.php?pid=0103-6564&amp;script=sci_issues</a>]  <b>Obs.:</b> Disponível on-line 1997 a 2010 na Scielo; de 2005 a 2009 no Portal de Revistas USP.</p>
15	Psicologia Ciência e Profissão	CFP e CRPs	Publica artigos originais que remetem à atuação profissional do psicólogo.	1979	33	<p>publicação trimestral, corrente  <i>ISSN (vj) 1414-9893 ISSN (ol) 1982-3703</i>  <b>Ano publicação do 1º. número – 1979</b>          Completa na Base PePSIC desde 1981          [URL:  <a href="http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_issues&amp;pid=1414-9893&amp;lng=pt&amp;nrm=iso">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_issues&amp;pid=1414-9893&amp;lng=pt&amp;nrm=iso</a>          publicação trimestral, corrente  <i>ISSN (vi) 0102-3772 ISSN (ol) 1806-3446</i>  <b>Completa na Scielo</b>          [URL:  <a href="http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issues&amp;pid=01">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issues&amp;pid=01</a>]</p>
16	Psicologia: Teoria e Pesquisa	IP UNB	Publicar trabalhos originais na área de psicologia.	1997	10	<p>publicação trimestral, corrente  <i>ISSN (vi) 0102-3772 ISSN (ol) 1806-3446</i>  <b>Completa na Scielo</b>          [URL:  <a href="http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issues&amp;pid=01">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issues&amp;pid=01</a>]</p>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010.

## APÊNDICE 1

QUADRO A – Informações Editoriais sobre os 23 periódicos pesquisados.

17	Revista Brasileira de Psicanálise	Associação Brasileira de Psicanálise	Seu objetivo é divulgar o melhor da produção literária psicanalítica nacional	1967	23	02-3772&lng=pt&nrm=iso Trimestral, Corrente. <i>ISSN (vj) 0486-641x</i> Ano publicação do 1º. número – 1967 A partir de 2007 passa a estar indexada no formato on-line na PePSIC; [URL: <a href="http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_issues&amp;pid=0486-641X&amp;lng=pt&amp;nrm=iso">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_issues&amp;pid=0486-641X&amp;lng=pt&amp;nrm=iso</a>
18	Revista Brasileira de Psicodrama	FEBRAP	Sobre Psicodrama, Sociodinâmica, Sociometria, Sociodrama, Psicoterapia Psicodramática Individual e de Grupo, Psicodrama Aplicado e matérias correlatas.	1977	33	publicação semestral, corrente Ano publicação do 1º. número – 1977 Disponibiliza somente os resumos no formato on-line [URL: <a href="http://www.febrap.org.br/index.php?option=com_content&amp;view=article&amp;id=426&amp;Itemid=115">http://www.febrap.org.br/index.php?option=com_content&amp;view=article&amp;id=426&amp;Itemid=115</a> ] <b>Obs.:</b> de 1977 a 1984 chamava-se Revista da Febrap, a partir de 1984 passou a denominar-se Revista Brasileira de Psicodrama Federação Brasileira de Psicodrama – FEBRAP – 1977 a 1984 chamava-se Revista da Febrap, a partir de 1984 passou a denominar-se Revista Brasileira de Psicodrama. A partir desta data as publicações da Revista foram interrompidas e a divulgação dos trabalhos científicos era feita através dos Anais dos Congressos Brasileiros (de 1986 a 1991). Em 1990 a revista foi reativada com o nome de REVISTA BRASILEIRA DE PSICODRAMA, que se mantém até hoje. A primeira publicação ocorreu no primeiro semestre de 1990 e foi uma edição especial de comemoração aos 100 anos de J.L.MORENO. Semestral, corrente.
19	Revista Brasileira de Psicoterapia	UFRGS CELG	Publicação de artigos dentro da área da psicoterapia, englobando todas as práticas psicoterápicas	1999	35	Publicação quadrimestral, corrente <i>ISSN (vj) 1516-8530</i> publicação do 1º. número – [1998?] On-line somente os resumos e sumário [URL: <a href="http://www.celg.org.br/index.php/pt/publicacoes/re">http://www.celg.org.br/index.php/pt/publicacoes/re</a>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010.

## APÊNDICE 1

QUADRO A – Informações Editoriais sobre os 23 periódicos pesquisados.

							<a href="#">vista/edicoes.html</a>
20	Revista ABP-APAL. Revista Brasileira de Psiquiatria - RBP	ABP – Associação Brasileira de Psiquiatria	Todas as áreas da psiquiatria, com ênfase nas áreas de saúde pública, epidemiologia clínica, ciências básicas e problemas de saúde mental	1999	9		<p><i>ISSN (vi) 1516-4446 ISSN (ol) 1809-452X</i>  <b>Ano publicação do 1º número</b> – [1986?] ou [1978?]  <a href="http://www.scielo.br/scielo.php?pid=1516-4446&amp;script=sci_serial">http://www.scielo.br/scielo.php?pid=1516-4446&amp;script=sci_serial</a>  <b>Obs.:</b> Título Anterior: <i>Revista ABP – APAL</i>. Atualmente denomina-se RBP Possui os artigos em inglês; exceto os cadernos especiais. Disponível na base Scielo. Publica 6 números anualmente, destes, 2 são cadernos especiais. Publicada trimestralmente, a <b>RBP</b> publica mais dois suplementos anuais, voltados principalmente à atualização clínica. – corrente</p> <p><i>ISSN (vi) 1677-2970 ISSN (ol) 2175-3628</i></p>
21	Revista da Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo	ABAPG Atual SPAGESP	Publica trabalhos originais nacionais ou estrangeiros sobre grupos, famílias, casais e instituições, inspirados na Psicanálise Vincular e/ou com interesse em Saúde Mental em geral, que se enquadrem nas seguintes categorias: relatos de pesquisa, estudos teóricos, relato de experiência profissional, revisão crítica da literatura, comunicação breve sobre pesquisa, nota técnica, resenhas de livros de destaque e	1996; 2000	16		

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010.

## APÊNDICE 1

QUADRO A – Informações Editoriais sobre os 23 periódicos pesquisados.

					notícias.				
22	Revista de Psicanálise	SPPA		1993	Publica artigos que abrangem os vários vértices da Psicanálise		9		publicação quadrimestral, corrente <i>ISSN (ol) 1413-4438</i> Ano publicação do 1º. número – 1993 Disponibiliza on-line somente os resumos [URL: <a href="http://www.sppa.org.br/sumarios.php">http://www.sppa.org.br/sumarios.php</a> ]
23	Revista Percurso	Depato. De Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae		1988	Traz artigos originais, traduções, entrevistas com analistas importantes e resenhas. Circulação nacional, aceita trabalhos provenientes de todo o país, independentemente de o autor ser membro do Departamento que a edita.		31		publicação semestral, corrente Ano publicação do 1º. número – 1988 resumo e alguns artigos na íntegra [URL: <a href="http://www2.uol.com.br/percurso/">http://www2.uol.com.br/percurso/</a> ]

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999**

<b>NOME CITADO</b>	<b>DATA</b>	<b>EVENTO</b>	<b>LOCAL</b>	<b>REFERÊNCIA</b>
Wundt (1832-1920)	1879	Estabeleceu o primeiro laboratório psicológico do mundo, possibilitando o estudo direto dos fenômenos mentais.		CASTRO, Paulo Francisco de. Reflexões em Psicologia e Ciência: uma análise da pesquisa aplicada à psicologia clínica. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v.1 n.1, p. 3-13, 1999.
	1901	Instituto Psycho-Physiologico, uma das primeiras instituições oficiais a desenvolver pesquisa, prestar assessoria e contribuir para o ensino da Psicologia.	São Paulo	CASTRO, Paulo Francisco de. Reflexões em Psicologia e Ciência: uma análise da pesquisa aplicada à psicologia clínica. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v.1 n.1, p. 3-13, 1999.
Freud (1856 -1939)	1904	“existem muitos meios e modos de praticar a psicoterapia”	Viena	ENÉAS, Maria Leonor Espinosa. Considerações Sobre o Emprego da Psicoterapia Breve Psicodinâmica. <b>Revista Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v.1 n.1, p.19-23, 1999.
Freud	1904	Escreve um artigo para seus colegas médicos defendendo a causa da psicoterapia. Nesse diz que ‘a psicoterapia não é um método terapêutico moderno, mas sim a mais antiga terapia de que se serve a medicina. Diz que existem várias psicoterapias e muitos meios de praticá-las . Ele opta pelo método psicanalítico uma vez que participou de sua criação e portanto sente-se responsável, dedicando-se a explorá-la e construir suas técnicas. (p. 199-200)	Viena	SARFATT, Heloisa Sussmann. Psicoterapia Psicanalítica x Psicanálise: um levantamento bibliográfico. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 43, n. 4, p.
Juliano Moreira	1904 até 1948;	Antecessoras da ABP: Sociedade de neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal Do	Brasil	BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal</b>

## APÊNDICE 2

### QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

(1873-1932) e colaboradores; Ulysses Pernambuco de Mello (1892-1943).	1938.	Brasil (1904 – 1948. Fundada por Juliano Moreira e cols.), sucedida pela APERJ, Liga Brasileira de Higiene Mental e a Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste, depois do Brasil, fundada em 1938 por Ulysses Pernambuco de Mello.		<b>Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
Juliano Moreira (1873-1932) e colaboradores	1904 até 1948	Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal do Brasil (Uma das antecessoras a ABP)		BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
Freud (1856-1939)	1905	“Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”	Alemanha	ROMARO, Rita Aparecida. O estabelecimento do diagnóstico em psicanálise. <b>Revista Psico-USF</b> , Bragança Paulista, v. 3, p. 23-37, jul/dez, 1998.
Sigmund Freud (1856-1939)	1905	1º versão dos Três Ensaios sobre a Sexualidade Infantil		AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade: um texto perdido em suas sucessivas edições. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v. 6, n. 2, 1995.
Freud	1905	Em ‘Fragmento da Análise de um Caso de Histeria’ ressalta a importância das relações familiares. Sendo que o interesse do psicanalista deve dirigir-se para essas relações.		FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Terapia Familiar: das divergências às possibilidades de articulação dos diferentes enfoques. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília, n. 01, 1996.
Alfred Binet (1857-1911), Victor Henri (1872-1940), Theodore Simon	1905	Estudaram uma variedade de funções mentais, e acreditavam que a chave para as medidas de inteligência estava nos processos mentais superiores e não apenas nas funções sensoriais, posição oposta aos trabalhos anteriores, impulsionando, sobretudo a compreensão a respeito da inteligência humana. Publicação da	EUA	MÄDER, Maria Joana. Avaliação Neuropsicológica: aspectos históricos e situação atual. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília, n. 03, 1996.

## APÊNDICE 2

### QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

(1973-1961)		Escala de Inteligência Binet-Simon. Esta foi revisada em 1908 e 1911.		
Joseph Pratt (1911-1981), Edward Lazell (1870-1940) e Cody Marsh	1907/1908; 1926; 1931.	Antes de Foulkes, alguns trabalhos de grupo foram realizados por Pratt, em 1907/1908, Lazell, em 1921, e Marsh, em 1931.		ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
	1908	Primeiro Congresso Internacional de Psicanálise	Salzburg	LEITE, Eliana Borges Pereira. Dez Anos de Percorso. <b>Revista Percorso</b> , São Paulo, n. 20, 1998.
	1908	Fundação do primeiro periódico de Psicanálise, o <i>Jahrbuch</i>	Salzburg	LEITE, Eliana Borges Pereira. Dez Anos de Percorso. <b>Revista Percorso</b> , São Paulo, n. 20, 1998.
Freud (1856-1939)	1908	Início da interpretação dos sonhos na psicoterapia com crianças, quando Freud atende o pequeno Hans, que teve um sonho de angústia.		FREUD, Joseph Knobel. La Interpretación de Los Sueños en La Psicoterapia con Niños. <b>Mudanças: psicoterapia e estudos psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, v.7 n.12, p. 47-71, jul/dez, 1999.
Freud (1856-1939)	1909	“Análise de uma Fobia de um Menino de Cinco anos”	Alemanha	ROMARO, Rita Aparecida. O estabelecimento do diagnóstico em psicanálise. <b>Revista Psico-USF</b> , Bragança Paulista, v. 3, p. 23-37, jul/dez, 1998.
Freud (1856-1939)	1909	Surge a psicanálise de crianças com o trabalho de Freud sobre o pequeno Hans intitulado “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos”.		CARDOSO, Cláudia Lins. Psicoterapia de Grupo com Pacientes Diabéticos e Hipertensos em Centros de Saúde Pública. <b>Revista Estudos de Psicologia</b> , Campinas, v. 16, n. 2, p. 5-15, 1999.
Sigmund Freud (1856-1939)	1910, 1915, 1920, 1924	Acréscimo de reformulações aos Três Ensaios		AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade: um texto perdido em suas sucessivas edições. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v. 6, n. 2, 1995.

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999**

Freud (1856-1939)	1910	Artigo “Psicanálise Silvestre” – crítica ao diagnóstico precoce.		ROMARO, Rita Aparecida. O estabelecimento do diagnóstico em psicanálise. <b>Revista Psico-USF</b> , Bragança Paulista, v. 3, p. 23-37, jul/dez, 1998.
Freud (1856-1939)	1911	O pensamento seria inicialmente um processo inconsciente que se volta para as relações entre as impressões sensoriais, formando a primitiva matriz de ideogramas da qual surge o pensamento e contém em seu interior elos de ligação entre um ideograma e outro.		DONADI, Delmosides Conceição. Algumas Considerações Teóricas Sobre a Evolução do Pensamento. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, v. 2, n. 2, p 9-20, 1994.
Freud (1856-1939)	1912	Estabelece que os conflitos giram ao redor do complexo de Édipo.		SCHOUERI, Patrícia de Campos Lindenberg; SEGRE, Carlos David. Conceito de Psicoterapia Dinâmica Breve (P.D.B.). <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 48, n. 1, p. 5-8, 1999.
	1913	Laboratório de Psicologia da Escola Normal-uma das primeiras instituições oficiais a desenvolver pesquisa, prestar assessoria e contribuir para o ensino da Psicologia.	São Paulo	CASTRO, Paulo Francisco de. Reflexões em Psicologia e Ciência: uma análise da pesquisa aplicada à psicologia clínica. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo. v.1 n.1, p. 3-13, 1999.
Freud (1856-1939)	1914	Artigo “Elaboração, Repetição e Elaboração”		CATAFESTA, Ivonise Fernandes da Moffa. A Relação Psicoterapeuta-Cliente. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, vol.6, n. 2, p. 129-134, 1995.
Freud (1856-1939)	1915	Transferência recíproca.		SCHOUERI, Patrícia de Campos Lindenberg; SEGRE, Carlos David. Conceito de Psicoterapia Dinâmica Breve (P.D.B.). <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 48, n. 1, p. 5-8, 1999.
Freud (1856-1939)	1915	Artigo “Repressão” – salienta os efeitos da repressão em três diferentes quadros clínicos.		ROMARO, Rita Aparecida. O estabelecimento do diagnóstico em psicanálise. <b>Revista Psico-USF</b> , Bragança Paulista, v. 3, p. 23-37, jul/dez,

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999**

Freud (1856-1939)	1915	Escreve “O Inconsciente”.		1998.	CARDOSO, Cláudia Lins. Psicoterapia de Grupo com Pacientes Diabéticos e Hipertensos em Centros de Saúde Pública. <b>Revista Estudos de Psicologia</b> , Campinas, v. 16, n. 2, p. 5-15, 1999.
Freud (1856-1939)	1915	Descobertas da importante obra “Introdução ao Narcisismo”, o conceito de narcisismo passará a ser apresentado em suas múltiplas configurações. Defende a noção de autoerotismo originário, sem fantasia.			CATAFESTA, Ivonise Fernandes da Motta. A Relação Psicoterapeuta-Cliente. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, vol.6, n. 2, p. 129-134, 1995.
Freud (1856-1939)	1915	Concepção mais dinâmica do apoio e introdução de um item intitulado “Fases do desenvolvimento da organização sexual”. Estruturação da sexualidade infantil em fases bem definidas (oral e anal, sendo que a genital – fálica só apareceu na edição de 1924)			AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade: um texto perdido em suas sucessivas edições. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v. 6, n. 2, 1995.
Freud (1856-1939)	1917	“Conferências introdutórias de Psicanálise”	Alemanha		AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade: um texto perdido em suas sucessivas edições. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v. 6, n. 2, 1995.
Freud (1856-1939)	1918	Freud define a tarefa terapêutica como algo que consiste em duas coisas: tornar consciente o material reprimido e descobrir resistências			ROMARO, Rita Aparecida. O estabelecimento do diagnóstico em psicanálise. <b>Revista Psico-USF</b> , Bragança Paulista, v. 3, p. 23-37, jul/dez, 1998.
Kraepelin (Psiquiatra) (1856 – 1926)	1919	Descrição do perfil clínico de Demência Precoce, mais tarde denominada esquizofrenia. Reuniu em uma única doença os quadros sintomatológicos descritos por Morel,			SARFATT, Heloisa Sussmann. Psicoterapia Psicanalítica x Psicanálise: um levantamento bibliográfico. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 43, n. 4, p. 199-204, 1994.
					LIMA, Mônica Colares Oliveira; CAETANO, Dorgival. Evolução Histórica do Conceito de Esquizofrenia. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 44, n. 11, p. 559-562, 1995.

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999**

		Kahlbaum e Hecker, aos quais acrescentou outra forma – a paranóide.			
Freud (1856-1939)	1919	Denominou “miséria neurótica” o sofrimento de seus pacientes	Alemanha	OLIVEIRA, Irani Tomiatto. Psicoterapia Psicodinâmica Breve: dos precursores aos modelos atuais. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 9-19, 1999.	
	1919	Fundação do International Journal		LEITE, Eliana Borges Pereira. Dez Anos de Percorso. <b>Revista Percorso</b> , São Paulo, n. 20, 1998.	
Freud (1856-1939)	1920	Escreveu sobre a Pulsão de morte.		SCHOUERI, Patrícia de Campos Lindenber; SEGRE, Carlos David. Conceito de Psicoterapia Dinâmica Breve (P.D.B.). <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 48, n. 1, p. 5-8, 1999.	
Freud (1856-1939)	1920	A quarta edição dos Três ensaios coincide com a publicação de “Para Além do princípio do prazer” em que são formuladas as teses especulativas de Freud sobre as Pulsões de Vida e de Morte		AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade: um texto perdido em suas sucessivas edições. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v. 6, n. 2, 1995.	
Jacob Levy Moreno (1889-1974)	1921	Nascimento do Psicodrama em Viena (Áustria)	Viena (Áustria)	ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.	
Westerman	1922	Falava de tristeza corporal e que poderia haver incompatibilidade entre tristeza e o núcleo duro da depressão;		SONENREICH, Carol; ESTEVÃO, Giordano; FRIEDRICH, Sonia; SILVA, Luís De M. A. A Evolução Histórica do Conceito de Depressão. <b>Revista ABP-APAL</b> , São Paulo, v. 17, n. 1, p. 29-40, 1995.	
Van Praag (1929- )	1922	Considera que o DSM-III desprovido de pormenores e finura, além de ignorar elementos essenciais para o diagnóstico		SONENREICH, Carol; ESTEVÃO, Giordano; FRIEDRICH, Sonia; SILVA, Luís De M. A. A Evolução Histórica do Conceito de Depressão. <b>Revista ABP-APAL</b> , São Paulo, v. 17, n. 1, p.	

## APÊNDICE 2

## QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

Freud (1856-1939)	1923	Escreve “O Ego e o Id”.		29-40, 1995.
Melanie Klein (1882-1960)	1924	Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas de Engenho de Dentro- uma das primeiras instituições oficiais a desenvolver pesquisa, prestar assessoria e contribuir para o ensino da Psicologia.	Rio de Janeiro	CARDOSO, Cláudia Lins. Psicoterapia de Grupo com Pacientes Diabéticos e Hipertensos em Centros de Saúde Pública. <b>Revista Estudos de Psicologia</b> , Campinas, v. 16, n. 2, p. 5-15, 1999.  CATAFESTA, Ivonise Fernandes da Motta. A Relação Psicoterapeuta-Cliente. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, vol.6, n. 2, p. 129-134, 1995.
Trigant Burrow (1875-1950)	1926 a 1960	Permanência de Melanie Klein na Sociedade Britânica de Psicanálise		CASTRO, Paulo Francisco de. Reflexões em Psicologia e Ciência: uma análise da pesquisa aplicada à psicologia clínica. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo. v.1 n.1, p. 3-13, 1999.
Ferenczi (1873-1933)	1926	Formulou o primeiro conceito de Psicoterapia Analítica de Grupo		AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade: um texto perdido em suas sucessivas edições. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v. 6, n. 2, 1995.
	1927	Com o intuito de abreviar o processo analítico, fez modificações técnicas no processo, denominando “técnica ativa”, porém no mesmo ano criticou sua técnica, colocando que a aplicabilidade era um tanto restrita e em alguns pacientes poderia aumentar a resistência.	Londres	ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
		Simpósio sobre Análise de crianças		OLIVEIRA, Irani Tomiatto. Psicoterapia Psicométrica Breve: dos precursores aos modelos atuais. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 9-19, 1999.
				SIMON, Ryad. Principais Contribuições de Melanie Klein à Teoria e à Técnica da Psicoterapia Psicanalítica. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São

## APÊNDICE 2

## QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

Durval Marcondes (1899-1981).	1927-1928	Os sumários de conteúdo aparecem desde 1927-1928, tendo o primeiro número a apresentação de Durval Marcondes	Brasil	Bernardo do Campo, n. 02, v. 02, 1994.
Franco da Rocha (1864-1933), Porto Carrero (1887-1938), Durval Marcondes (1899-1981) e Paulo José Toledo	1928	Início da publicação da Revista Brasileira de Psicanálise em junho de 1928, trazendo artigos assinados por Franco da Rocha, Porto Carrero, Durval Marcondes e Paulo José Toledo.	Brasil	ROSA, José Tolentino. Revista Brasileira de Psicanálise Comemora 25 Anos de Divulgação Científica: seu sistema gráfico e organizacional editorial. <b>Mudanças:</b> Psicoterapia e Estudos, São Bernardo do Campo, n. 02, p. 129-135, 1994.
	1929	Laboratório da Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico- uma das primeiras instituições oficiais a desenvolver pesquisa, prestar assessoria e contribuir para o ensino da Psicologia.	Belo Horizonte	CASTRO, Paulo Francisco de. Reflexões em Psicologia e Ciência: uma análise da pesquisa aplicada à psicologia clínica. <b>Psicologia:</b> Teoria e Prática, São Paulo. v.1 n.1, p. 3-13, 1999.
Louis Wender (1890-1966)	1930	Utilizou a técnica da Psicoterapia Analítica de Grupo em hospitais.		ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças:</b> Psicoterapia e Estudos Psicossociais, São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
Ulysses Pernambuco de Mello (1892-1943).	1938	Fundação da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste.	Nordeste	BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
Kurt Lewin (1890-1947)	1939	Criou os grupos Skill (de tarefa) e Training (de treinamento de relações interpessoais ou de		ROSA, José Tolentino ; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da

## APÊNDICE 2

### QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

Françoise Dolto (1908-1988)	1939	autenticidade). Seu trabalho foi precursor dos “grupos de encontro” de C. Rogers, criados em 1960 e desenvolvidos nessa década.		Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças:</b> Psicoterapia e Estudos Psicossociais, São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
Anna Freud (1895-1982)	1938 a 1982	Surge o nome Françoise Dolto ligado à Psicanálise infantil	França	PRISZKULNIK, Léia. O distúrbio psicomotor e a clínica psicanalítica. <b>Mudanças:</b> Psicoterapia e Estudos Psicossociais, São Bernardo do Campo, n.10, p.41- 53, 1998.
José Lucena e Luiz Cerqueira (1911-1984)	Início dos anos 40 até fins dos anos 80	Permanência de Anna Freud na Sociedade Britânica de Psicanálise		AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade: um texto perdido em suas sucessivas edições. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v. 6, n. 2, 1995.
Foulkes (1898-1976)	1940	Artigos sobre a Escola de Psiquiatria Social de Pernambuco e a do Nordeste.	Hospital Maudsley de Londres	BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
Ulysses Pernambuco (1892-1943).	1938, 1940 e 1943	Começou a usar a Psicoterapia Analítica de Grupo durante a Segunda Guerra Mundial, tendo como critérios de seleção a faixa etária dos membros e seus graus de inteligência, com quociente acima de 125. A SNPHM (Ulysses Pernambuco) encarregou-se de promover reuniões e congressos, a princípio na região nordestina e fora da capital do Recife. O primeiro ocorreu em João Pessoa, em 1938, o segundo em Aracaju, 1940 e o último em vida do fundador, em natal, em 1943.	João Pessoa, Aracaju e Natal, respectivamente.	ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças:</b> Psicoterapia e Estudos Psicossociais, São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994. BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
Leo Kanner (1894 – 1981)	1943	Descreveu um grupo de crianças gravemente enfermas que possuíam características comuns, sendo que a mais importante era uma incapacidade de se relacionar com as pessoas. Descreveu também, características particulares da linguagem na criança autista.	Universidade e John Hopkins	BANDIM, José Marcelino; SOUGEY, Everton Boteho; CARVALHO, Tércio Fabio Ramos de. Autismo: características clínicas e tratamento. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 44, n. 12, p. 649-654, 1995.

## APÊNDICE 2

## QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

Kurt Lewin (1890-1947)	1945	Surgimento do termo “dinâmica de grupo” quando Kurt Lewin fundou o Centro de Pesquisas em Dinâmica de Grupos		ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças:</b> Psicoterapia e Estudos Psicossociais, São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
Maxwell - Jones	Após segunda guerra	Surge o movimento das comunidades terapêuticas. Propostas como reformulação da assistência psiquiátrica.		FÊRES-CARNEIRO, Terezinha. Terapia Familiar: das divergências às possibilidades de articulação dos diferentes enfoques. <b>Psicologia:</b> Ciência e Profissão, Brasília, n. 01, 1996.
Pichon-Rivière	Após segunda guerra	Inclui a família em sua compreensão da doença mental e desenvolve a noção de ‘bode expiatório’, como depositário da patologia que é de toda a família.		FÊRES-CARNEIRO, Terezinha. Terapia Familiar: das divergências às possibilidades de articulação dos diferentes enfoques. <b>Psicologia:</b> Ciência e Profissão, Brasília, n. 01, 1996.
Franz Alexander (1891-1964) e Thomas French (1892-1974)	1946	Retomaram as tentativas de abreviar o processo analítico, sendo considerado por muitos autores o marco inicial da psicoterapia breve.		OLIVEIRA, Iraní Tomiatto. Psicoterapia Psicodinâmica Breve: dos precursores aos modelos atuais. <b>Psicologia:</b> Teoria e Prática, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 9-19, 1999.
Franz Alexander (1891-1964) e Thomas French (1892-1974)	1946	Publicaram o que viria a ser o marco inicial da Psicoterapia Breve, fruto de anos de pesquisa no Instituto de Psicanálise de Chicago.		ENÉAS, Maria Leonor Espinosa. Considerações Sobre o Emprego da Psicoterapia Breve Psicodinâmica. <b>Revista Psicologia:</b> Teoria e Prática, São Paulo, v.1 n.1, p.19-23, 1999.
Carl R. Rogers (1902-1987)	1947	Experiências de grupos intensivas no Centro de Aconselhamento da Universidade de Chicago		ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças:</b> Psicoterapia e Estudos Psicossociais, São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
Mowrer	1947	Teoria bi-fatorial		CAMESCHI, Carlos Eduardo. Comportamento de Esquiva: teorias e controvérsias. <b>Psicologia:</b> Teoria e Pesquisa, Brasília, vol. 13, n. 1, p. 143-152, 1997.

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999**

	1947	Os discípulos de Kurt Lewin organizam o primeiro T-group após sua morte	Bethel	ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
Skinner (1904-1990)		Diferença entre operante-respondente e reflexo condicionado		CAMESCHI, Carlos Eduardo. Comportamento de Esquiva: teorias e controvérsias. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, vol. 13, n. 1, p. 143-152, 1997.
Kurt Schneider (1887-1967)	1948	Por meio da sintomatologia, descreveu a esquizofrenia como um distúrbio mental grave, com características nitidamente diversas da normalidade.		LIMA, Mônica Colares Oliveira; CAETANO, Dorgival. Evolução Histórica do Conceito de Esquizofrenia. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 44, n. 11, p. 559-562, 1995.
	1948	Última edição da Classificação Brasileira de Doenças Mentais		BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
Norbert Wiener	1948	Publicação do livro Cybernetics. Esse influencia várias ciência que iniciam a enfatizar os sistemas homeostáticos com processos de retroalimentação (feedback). Deriva desse a compreensão dos sistemas autocorretivos que influencia significativamente as primeiras formulações da teoria e da técnica do trabalho terapêutico com famílias.		FÊRES-CARNEIRO, Terezinha. Terapia Familiar: das divergências às possibilidades de articulação dos diferentes enfoques. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília, n. 01, 1996.
Kurt Lewin (1890- 1947)	Entre 1945 e 1950	Teoria de Campo.	Alemanha e E.U.A	CARDOSO, Cláudia Lins. Psicoterapia de Grupo com Pacientes Diabéticos e Hipertensos em Centros de Saúde Pública. <b>Revista Estudos de Psicologia</b> , Campinas, v. 16, n. 2, p. 5-15, 1999.
	1940 – 1950	Todas as publicações deste período fazem referência à Psicanálise		GILLJERON, Edmond. Evolução das Psicoterapias Breves. <b>Interações: Estudo e Pesquisa em Psicologia</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 7-28, 1996.
	Após a	A expansão da psicanálise e a entrada em cena		MIODOWNIK, Bernard. Psicanálise e

## APÊNDICE 2

## QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

década de 50	de psicoterapias cada vez mais impregnadas de fundamentos psicodinâmicos. Também se deu nesta época o desenvolvimento da psicoterapia psicanalítica		Psicoterapia: o vértice do psicanalista. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v. 32 n. 4, p. 865-884, 1998.
Nos anos 50 e 60	A referência de tratamento psicanalítico continuava próxima ao padrão clássico freudiano.		MIODOWNIK, Bernard. Psicanálise e Psicoterapia: o vértice do psicanalista. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v. 32 n. 4, p. 865-884, 1998.
Décadas de 50 a 70	O panorama mais recente da relação psicanálise-psicoterapia analítica comporta questões mais complexas do que aquelas características da fase anterior (décadas de 50 a 70).		MIODOWNIK, Bernard. Psicanálise e Psicoterapia: o vértice do psicanalista. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v. 32 n. 4, p. 865-884, 1998.
Aaron Beck	Era um psiquiatra psicanalítico que fazia pesquisa enquanto professor na Universidade da Pensilvânia, sobre Teoria da Depressão de Codigo e a Teoria Virtual sobre a Depressão.		DATTILIO, Frank. A Formação em Psicoterapia Cognitiva por Frank Dattilio. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, v. 5, n.51, maio, 1995.
Alcyon Bahia	Relatou a primeira experiência com grupos terapêuticos; Em 1954 publicou um trabalho intitulado: “Experiência psicanalítica em terapia de grupo”. Apresentou os princípios teóricos e as normas técnicas da Psicoterapia Analítica de Grupo.	Serviço Nacional de Doenças Mentais	ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
David Zimmerman (1917 - 1998)	De acordo com Zimmerman, de 1951 a 1957 foi o período dos iniciadores da psicoterapia de grupo, no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, que se caracterizou pelo isolamento com que trabalhavam os brasileiros.		ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
1957	Mesa redonda da Associação Psicanalítica Americana, onde foi debatida a questão da psicoterapia psicanalítica e psicanálise.		SARFATT, Heloisa Sussmann. Psicoterapia Psicanalítica x Psicanálise: um levantamento bibliográfico. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 43, n. 4, p. 199-204, 1994.
Professor Maurício de	“Encyclopédie Médico-Chirurgicale”. Aborda apenas aspectos parciais da história da		BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal</b>

## APÊNDICE 2

### QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

Medeiros (1885-1966)		psiquiatria.		<b>Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
	1952	Primeira edição do Manual Estatístico e Diagnóstico da APA		ITO, Ligia M.; ROSO, Miréia C. Transtorno de Estresse Pós-Traumático: definição, classificação e tratamento. <b>Revista ABP APAL</b> , São Paulo, v. 17 n. 4, 1995.
Melanie Klein	1952	Em seu trabalho “Algumas considerações teóricas sobre a vida emocional do bebê”, Melanie Klein analisa a relação precoce com o objeto, como uma consequência das lutas entre as pulsões de vida e de morte.		ROSA, Ivete Pellegrino; SILVA, Jussára C. Van de Velde V. da. Una Contribución al Concepto de Identificación Proyectiva Durante el Proceso Psicodiagnóstico em Psicoterapia. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicosociais</b> , São Bernardo do Campo, ano 2, n.2, p. 69-76, 1994.
David Zimmerman (1917 - 1998)	1953	Estudos com grupos de psicóticos e alcoólatras internados e descrição do tratamento sistemático de dois grupos de neuróticos	Serviço Aberto do Hospital Psiquiátrico São Pedro – Porto Alegre- RS	ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicosociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
Lygia Amaral (1911-2003) e Oscar Rezende	1953	Aplicação de técnicas grupais em pacientes de ambulatório e em alunos do curso de Psicologia Clínica da Faculdade de Medicina da USP	USP - São Paulo – SP	ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicosociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
Bion (1897-1979)	1953	Mostra que a percepção da realidade psíquica depende do desenvolvimento do pensamento verbal, cuja base se acha ligada às aquisições da posição depressiva		DONADI, Delmósides Conceição. Algumas Considerações Teóricas Sobre a Evolução do Pensamento. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicosociais</b> , São Bernardo do Campo, v. 2, n. 2, p 9-20, 1994.
Bernardo Blay Neto (1918 – 1993)	1954	Apresentação do trabalho “Experiências de uma técnica grupal aplicada a doentes mentais”	Centro de Estudos Franco da Rocha	ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicosociais</b> , São

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999**

					Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
	1955	Ressurgimento da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal do Brasil após doze anos de hibernação.		Recife – PE	BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
	1955	Existiam dez mil psiquiatras dos EEUU, e um número pequeno de psicólogos e assistentes sociais dedicados à psicoterapia.			AGUIAR, Rogério Wolf. Psicoterapias: desafios atuais e perspectivas futuras- uma proposta pluralista. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 93-105, 1999.
Mário Pacheco de Almeida Prado	1956	Utilização de técnicas de Psicoterapia Analítica de Grupo no ensino da dinâmica mental no curso de Psicologia para alunos de Enfermagem.			ROSA, José Tolentino ; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
David Zimmerman (1917 - 1998)	1956	Contribuições para o desenvolvimento das técnicas grupais no Brasil – Apresentação do trabalho “As diversas aproximações em psicoterapia grupal e orientações gerais em psicoterapia grupal”	Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre		ROSA, José Tolentino ; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
Ernesto La Porta	1956	Iniciou o tratamento grupal intensivo, com orientação analítica, de pacientes psicóticos internados. Ciro Martins organizou também grupos de pacientes de hospital psiquiátrico e de ambulatório, despertando interesse em seus colegas pelo novo método, A Psicoterapia Analítica de Grupo.			ROSA, José Tolentino ; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
Gregory Batenson	1956	Publica o artigo ‘clássico’ intitulado “ <i>Toward Atheory of Schizophrenia</i> ” onde são postuladas as bases familiares da etiologia da esquizofrenia e formula o conceito de duplo-vínculo	Palo Alto		FÈRES-CARNEIRO, Terezinha. Terapia Familiar: das divergências às possibilidades de articulação dos diferentes enfoques. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília, n. 01, 1996.
Bion (1897-1979)	1957	Revela que, nos casos de distúrbios evolutivos da personalidade, os dados que costumemente aparecem mais na posição			DONADI, Delmósides Conceição. Algumas Considerações Teóricas Sobre a Evolução do Pensamento. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos</b>

## APÊNDICE 2

## QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

		depressiva tiveram, na verdade, início na fase esquizoparanóide.		Psicossociais, São Bernardo do Campo, v. 2, n. 2, p. 9-20, 1994.
Bernardo Blay Neto (1918 – 1993)	1957	Desenvolveu técnicas grupais dentro do estilo psicodramático.	Hospital Franco da Rocha.	ROSA, José Tolentino ; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
	1957	1º Congresso Latino-Americano de Psicoterapia de Grupo. O Discurso de Blay Neto naquela ocasião ressaltou a importância do evento para reunir os pesquisadores brasileiros que trabalhavam isoladamente.		ROSA, José Tolentino ; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
	1957 a 1963	Período que caracterizou-se pelo encontro dos psicoterapeutas de grupo no Brasil, em Buenos Aires e em Santiago do Chile, com a criação das quatro Sociedades Brasileiras de Psicoterapia Analítica de Grupo		ROSA, José Tolentino ; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
Wolfe Schwartz	1963/1964	“Ficou estabelecido que a psicoterapia analítica de grupo seria desenvolvida em grupos de aproximadamente sete pessoas, que anteriormente haviam se submetido a análise individual” (p. 101)	Milão	ROSA, José Tolentino ; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
Othon Bastos	1958	Trabalho com temática sobre “Normal e do Patológico em Psiquiatria”		BASTOS, Othon. O Conceito de Doença Mental. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 111-115, 1995.
	1958	Seguimento dos eventos da Sociedade.	Salvador.	BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
	1950-1960	Aumentam as publicações sobre psicanálise nos artigos relacionados à psicoterapia breve, porém, mais da metade delas já fazem referência a problemas concretos, como		GILLIERON, Edmond. Evolução das Psicoterapias Breves. <b>Interações: Estudo e Pesquisa em Psicologia</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 7-28, 1996.

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999**

		situações de crise e necessidades da população consultante.		
Martin Fieldman	Anos 60	Começou a estudar desesperança atendida. No seu laboratório, ele colocou cachorros em algumas jaulas e dava choques em barras de ferro que estavam em baixo das patas dos mesmos e não tinham para onde fugir	Universidade da Pensilvânia	DATTILIO, Frank. A Formação em Psicoterapia Cognitiva por Frank Dattilio. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, v. 5, n.51, maio, 1995.
	Desde 1960	Houve um aumento de 600% no interesse profissional na terapia cognitiva.		DATTILIO, Frank. A Formação em Psicoterapia Cognitiva por Frank Dattilio. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, v. 5, n.51, maio, 1995.
Primeiro presidente: Bernardo Blay Neto (1918 – 1993) (27 membros fundadores)	1960	Fundação da Sociedade Paulista de Psicologia e Psicoterapia de Grupo	São Paulo	ROSA, José Tolentino ; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
	A partir de 1960	As publicações sobre psicoterapia breve se multiplicam nos países anglo-saxões, mas mais ou menos três quartos colocam no primeiro plano suas preocupações com os problemas externos, as referências psicanalíticas são raras, senão ausentes.		GILLERON, Edmond. Evolução das Psicoterapias Breves. <b>Interações: Estudo e Pesquisa em Psicologia</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 7-28, 1996.
	Década de 60	Surgimento do Acompanhamento terapêutico em Buenos Aires.		BARRETO, Kleber Duarte. Acompanhamento Terapêutico: uma clínica do cotidiano. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n. 73, 1997.
	1960	Aumento de 600% no interesse profissional na terapia cognitiva, segundo Frank Dattilio		DATTILIO, Frank. A Formação em Psicoterapia Cognitiva por Frank Dattilio. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, v. 5, n.51, maio, 1995.
	Década de 60 Foi	Projeto Denver patrocinado pelo Instituto Nacional de Saúde Mental (EUA)		HORTA, Rogério Lessa; ALBUQUERQUE, Fernando Pires de; COZZATTI, Luís Cesar. A Abordagem Sistêmica da Urgência Psiquiátrica

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999**

	extinto no início dos anos 70			no Domicílio. <b>Revista ABP-APAL</b> , São Paulo, v. 18, n. 4, 1996.
Madeleine e Willy Baranger 1922-1994	1961	Diziam que “tanto a observação direta como os trabalhos que cada vez mais aprofundam o estudo da contratransferência, os meios inconscientes de comunicação que se desenvolvem na situação analítica, os significados latentes das comunicações verbais, implicam um conceito muito mais distinto e amplo da situação analítica onde o analista, apesar de sua neutralidade, intervém como parte integrante do processo”.		ZASLAVSKY, Jacó. A Questão da Intersubjetividade na Prática Clínica. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> . São Paulo, vol. XXXI, n. 2, p. 309-321, 1997.
Bion (1897-1979)	1962	Desenvolvimento dos conceitos de continente e contido. Considerou que durante a infância a mãe desempenha um papel crucial recebendo, contendo e metabolizando as identificações projetivas da criança e, posteriormente, apresentando-as para reintrojeção.		DONADI, Delmosides Conceição. Algumas Considerações Teóricas Sobre a Evolução do Pensamento. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, v. 2, n. 2, p 9-20, 1994.
	1962	Lei 4.119 – Regulamenta a profissão de Psicólogo e os Cursos de Psicologia.	Brasil	COSTA JR., Anderson Luiz; HOLANDA, Adriano Furtado. Estágio em Psicologia: discussão e critérios para o exercício de supervisor de estágio. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília, n. 02, p. 4-9, 1996.
	1962	Seguimento dos eventos da Sociedade. 1º fora da região nordestina.	Belo Horizonte	BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
Walderedo Ismael de Oliveira (1917-2005)	1962	3º Congresso Latino-Americano de Psicoterapia de Grupo	Brasil	ROSA, José Tolentino ; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.

## APÊNDICE 2

### QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

Maurício Knobel (1922-2008)	1962 e 1979	As considerações acerca da melhoria maníaca na psicoterapia, feitas por Knobel em 1962 e 1979, continuam válidas e podem ajudar a compreender artigos recentes que interpretam a evolução de pacientes em psicoterapia usando conceitos como organização patológica narcísea ou ainda as vicissitudes do objeto interno em pacientes depressivos.		ROSA, José Tolentino. Evolução em Psicoterapia: reações de melhoria maníaca como obstáculos à elaboração do luto. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, v. 02, p. 87-99, 1994.
Léon Grinberg (1921-2007) e colaboradores	1963	Desenvolvimento dos conceitos de culpa persecutória e de culpa depressiva		MILAN, Marília Pereira Bueno. Considerações Sobre a Psicoterapia Psicanalítica do Paciente Deprimido. <b>Revista ABP-APAL</b> , São Paulo, n.19, v.03, p.112-116, 1997.
Wolf e Schwartz	1963-64	Estabelecimento da Psicoterapia Analítica de Grupo com aproximadamente 7 pessoas q anteriormente haviam se submetido a análise individual.		ROSA, José Tolentino ; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
Julio de Melo Filho	1963-65	Organizou os primeiros grupos Balint. Posteriormente, desenvolveu outros trabalhos utilizando grupos criados por Michael Balint, na Clínica Tavistock de Londres.	Hospital Pedro Ernesto	ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
	1963 a 1968	Período que caracterizou-se pela junção das quatro sociedades na fundação da Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo, e pela realização do 1º Congresso Brasileiro de Psicoterapia Analítica de Grupo em Porto Alegre.	Porto Alegre	ROSA, José Tolentino ; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
Richard Morton (1637- 1698)	1964	Descrição da anorexia nervosa.		BÓ, Dênis Eduardo Bertini; BARBOSA, Renan. Anorexia, Bulímia e Família: uma experiência com trabalho em grupo. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 48, n. 2, p. 533-

## APÊNDICE 2

## QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

Esther Bick (1901-1983)	1964	Elaboração do “Manual de observação de bebês”.		537, 1999. ANDRIATTE, Aparecida Malandrin; PIMENTEL, Eulalia M.P.; <i>et al.</i> Manifestações transferenciais e contratransferenciais na tríade mãe-observador-bebê. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, v. 2, n. 2, p. 77-85, 1994.
	1965	Congresso de Fortaleza reuniu muitos psiquiatras e foi onde lançou-se as bases de fundação da ABP.	Fortaleza	BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
1º Presidente José Leme Lopes (1904 - 1990); Manuel de Albuquerque (1927-2010), vice-presidente da Associação Brasileira de Medicina e de Luiz Salvador de Miranda Sá Jr., décimo presidente da associação.	1966		Criada a Associação (RJ)	BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
	1966 a 1972	Manteve-se a Revista Brasileira de Psiquiatria, cuja circulação foi interrompida por dificuldades surgidas com o editor chefe.		BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47,

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999**

				<p>n. 5, p. 213-216, 1998.</p> <p><b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b>, v. 1, n.1, p. 93-105, 1999.</p>
<p>Franco da Rocha 1864-1933), e analistas didatas da Sociedade Brasileira de Psicanálise (Durval Marcondes (1899-1981). A. Aberastury (1910-1972), Luiz de Almeida Prado Galvão, Virgínia Leone Bicudo (1915-2003), Laertes Moura Ferrão, Lygia A. do Amaral (1911-2003), David Ramos e Darcy de</p>	<p>1967</p>	<p>Após 40 anos sem ser editada, recomeça a publicação da Revista Brasileira de Psicanálise Nesta época aparece a seção “Livros novos”, que se transforma em “Resenhas e lançamentos” a partir de 1987.</p> <p>A bibliografia é enumerada e em ordem alfabética até 1967. Nesse ano já estão presentes resumos em português, acrescidos do título em inglês e do <i>abstract</i>. A revista contava com 11 membros, cujo número foi crescendo cada vez mais, tendo aumentado, respectivamente, para dezesseis em 1976; 22 em 1987 e 25 membros em 1991.</p> <p>Neste ano quando o país passava por um período conturbado, o número de páginas diminuiu de 148 para 126 no último número da revista.</p>	<p>Brasil</p>	<p>ROSA, José Tolentino. Revista Brasileira de Psicanálise Comemora 25 Anos de Divulgação Científica: seu sistema gráfico e organizacional editorial. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos</b>, São Bernardo do Campo, n. 02, p. 129-135, 1994.</p>

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999**

Mendonça Uchôa						
Mara Selvini Palazzoli, Ceccin e Prata	1967	Fundação do Centro para o Estudo da Família. Consideram que os problemas emergem quando os padrões de comportamentos desenvolvidos não são mais úteis nas situações atuais.	Milão	FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Terapia Familiar: das divergências às possibilidades de articulação dos diferentes enfoques. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília, n. 01, 1996.		
Lester	1967	Propõe uma intervenção no momento de crise, na Psicoterapia Breve de crianças.		OLIVEIRA, Iraní Tomiatto. Psicoterapia Psicodinâmica Breve: dos precursores aos modelos atuais. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 9-19, 1999.		
Snaith	1968	Separou a agorafobia das “fobias verdadeiras”.		ANDRADE, Y.; NARDI, A. E.; FIGUEIRA, I.; MARQUES, C.; MENDLOWICZ, M.; CAMISÃO, C.; COSCARELLI, P.; VERSIANI, M. Seguimento de Pacientes Fóbicos Sociais – Parte I. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 44, n. 7, p. 369-377, 1995.		
	1968	O DSM utilizou a classificação de “transtorno situacional transitório” (reação de ajustamento), minimizando os aspectos de curso e duração dos sintomas. A observação de indivíduos com distúrbios psicológicos causados pela guerra do Vietnã logo mostrou a falsidade daquele conceito		ITO, Ljgia M.; ROSO, Miréia C. Transtorno de Estresse Pós-Traumático: definição, classificação e tratamento. <b>Revista ABP APAL</b> , São Paulo, v. 17 n. 4, 1995.		
Bowlby (1907–1990)	1969	Teoria do Apego.		CARDOSO, Cláudia Lins. Psicoterapia de Grupo com Pacientes Diabéticos e Hipertensos em Centros de Saúde Pública. <b>Revista Estudos de Psicologia</b> , Campinas, v. 16, n. 2, p. 5-15, 1999.		
Proskauer	1969	Na Psicoterapia Breve de crianças, propõe ajudar a criança a suportar ligações patológicas com os pais e a se perceber como indivíduo.		OLIVEIRA, Iraní Tomiatto. Psicoterapia Psicodinâmica Breve: dos precursores aos modelos atuais. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 9-19, 1999.		
Thomas	Ao longo	Movimentos de contestação à ciência		BASTOS, Othon. O Conceito de Doença Mental.		

## APÊNDICE 2

## QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

Szasz, Laing, Cooper e Mannoni.	dos anos 60 e 70	psiquiátrica		<b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 111-115, 1995.
José Bleger (1922-1972) e Pichon-Riviere (1907-1977) (Escola argentina de psicanálise)	1970	Surgimento dos Grupos Operativos (resultado da síntese entre grupos de tarefa e de treinamento). Essa modalidade de grupo foi enriquecida pelos discípulos de Pichon, como José Bleger, em 1979, Ana Quiroga, em 1975, e Jorge Visca, em 1985.  Durante o período de abril de 1966 a maio de 1967, Pichon publicou uma série de notas sobre “a psicologia da vida cotidiana”, na Revista Plana. Depois de 1970 publicou um livro, com a participação ativa de Ana Quiroga. Posteriormente, fundou, na Argentina, a primeira Escola Privada de Psiquiatriaologia Social.		ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
Ulysses Vianna (1913-2000), sétimo presidente da ABP.			Rio de Janeiro.	BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
Professor Marcos P. T. Ferraz.	fim dos anos 70.	Local cedido para funcionamento da tesouraria e da Revista da ABP, depois Revista ABP/APAL, até 1995.	Rua Borges Lagoa, 394 (SP),	BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
		8º Congresso da SNPHMB, 9º Congresso da SNPHMB e 10º Congresso da SNPHMB.	Porto Alegre, Rio de Janeiro e Recife, respectivam	BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.

## APÊNDICE 2

## QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

Prof. Clóvis Martins.	1970	1º Congresso da ABP em conjunto com o VI Congresso da APAL	ente. (SP)	BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
O casal Bigliani, Mário e Lucia Fux e Antônio Lancetti.	1970	Eles (argentinos) participam no Instituto Sedes do curso de Formação de Psicoterapia de Base Analítica.		GALANO, Mônica H. A Influência dos Psicanalistas Argentinos no Brasil na Década de 70. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n. 54, 1995.
Emílio Rodrigué e Marta Berlin	Década de 1970	Tanto no Brasil como na Argentina houve a expansão das novas linhas psicoterápicas, assim como o surgimento de novos caminhos, movimentos e instituições paralelas à APA	Salvador (Bahia)	GALANO, Mônica H. A Influência dos Psicanalistas Argentinos no Brasil na Década de 70. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n. 54, 1995.
	Décadas de 70 e 80	Encontram-se restrições mais marcadas quanto à aplicação da psicoterapia breve com pacientes que apresentam estrutura egóica mais frágil, principalmente as personalidades borderline, aspecto este revisto na década de 90. No final da década de 80 e no decorrer da década de 90 são desenvolvidos estudos que ressaltam a eficácia da psicoterapia breve com esse grupo de pacientes, desde que os objetivos sejam bem delimitados.		ROMARO, Rita Aparecida. Avaliação da Psicoterapia Breve Dinâmica com Pacientes Borderline. <b>Mudanças: Psicoterapia e estudos psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, v. 7, n. 12, p. 109-133, jul-dez 1999.
David Zimmerman	1971	Ruptura com a APA – primeiro “levante” psicanalítico do continente americano.		GALANO, Mônica H. A Influência dos Psicanalistas Argentinos no Brasil na Década de 70. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n. 54, 1995.
	1971	Livro com referências históricas “Estudos sobre Psicoterapia Analítica de Grupo”		ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. <i>Evolução Histórica da</i>

## APÊNDICE 2

## QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

Dante Moreira Leite (1927-1976)	1971	Desenvolveu experiências de dinâmica de grupo com alunos da Psicologia, na disciplina de Dinâmica de Grupo	Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo SP	Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças:</b> Psicoterapia e Estudos Psicossociais, São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.  ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças:</b> Psicoterapia e Estudos Psicossociais, São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
Ana Veronica Bal (professora de Psicologia Organizacional e Relações Humanas)	1971	Desenvolveu em atividades extraclasses, grupos de encontro e supervisões para os que desejavam desenvolver esta nova técnica, dentro do enfoque teórico da <i>Dinâmica e gênese dos grupos</i> , de Kurt Lewin, convidando como membros participantes, coadjuvantes ou observadores.	Departamento de Psicologia Social e do Trabalho - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo SP	ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças:</b> Psicoterapia e Estudos Psicossociais, São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
Anna Freud (1895- 1982) e Melanie Klein (1882-1960)	1972	O conceito de relação objetal sofreu um processo histórico em torno das teorias da ansiedade relacionadas com as descrições dos mecanismos de defesa, estudados no processo evolutivo por Anna Freud e nos trabalhos de Melanie Klein que culminam em hipóteses reconstituídas a partir da análise precoce.		ROSA, Ivete Pellegrino; SILVA, Jussara C. Van de Velde V. da. Una Contribución al Concepto de Identificación Proyectiva Durante el Proceso Psicodiagnóstico em Psicoterapia. <b>Mudanças:</b> Psicoterapia e Estudos Psicossociais. v. 2, n. 2, p.69-76, 1994.
Gregório Baremlitt		Participação no NEPP (Núcleo de Estudos em Psicologia e Psicoterapia); fundou o Ibrapsi no Rio; organizou encontros e congressos, introduzindo idéias e pensadores como Saussure, Bacheland, Althusser, Lacan, Foucault, Deleuze e Guattari.		GALANO, Mônica H. A Influência dos Psicanalistas Argentinos no Brasil na Década de 70. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n. 54, 1995.
Armando		Participação em eventos, supervisões e		GALANO, Mônica H. A Influência dos

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999**

Bauleo (1932- 2008)		workshops.			Psicanalistas Argentinos no Brasil na Década de 70. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n. 54, 1995.
Oswaldo Saldón		Co-fundador do Ibrapsi			GALANO, Mônica H. A Influência dos Psicanalistas Argentinos no Brasil na Década de 70. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n. 54, 1995.
	1970 em São Paulo e 1983 em Porto Alegre.	Celebração de dois eventos conjuntos			BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
	1972	2º Congresso da ABP	(MG)		BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
		I Encontro Luso-Brasileiro.	MG		BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
	1972, Belo Horizonte ; 1980, Salvador; 1988, Vitória do Espírito Santo.	Confraternizações com colegas portugueses			BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
Mann	1973	Primeiras tentativas para se chegar a um modelo integrativo de PB.			OLIVEIRA, Irani Tomiatto. Psicoterapia Psicodinâmica Breve: dos precursores aos modelos atuais. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 9-19, 1999.
Presença dos	1974		(RJ)		BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica

## APÊNDICE 2

### QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

professores Max Hamilton (1912- 1988), Mogens Schou (1918-2005) e Van Praag no Congresso.				Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
Cramer, Cramer & Palacio- Espasa, Palácio- Espasa	1974	Desenvolveram os principais trabalhos em Psicoterapia Breve de crianças.		OLIVEIRA, Irani Tomiatto. Psicoterapia Psicodinâmica Breve: dos precursores aos modelos atuais. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 9-19, 1999.
	1976	A partir de 1976, sempre esteve em alta, gerando inclusive alguns números especiais, dedicados a algum tema importante, como o trabalho de Winnicott. Neste ano apareceu um comunicado na revista afirmando que ela era aberta ao público de ciências humanas; em 1987 traz também um cupom de assinaturas com preços diferenciados para o Brasil, para o exterior e para números avulsos.		ROSA, José Tolentino. Revista Brasileira de Psicanálise Comemora 25 Anos de Divulgação Científica: seu sistema gráfico e organizacional editorial. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p. 129-135, 1994.
Hugo Guangiroli, J. Volnovich, E. Banfin e E. Martinez.	1976	Ao chegarem, instauram a psicanálise capixaba (via Instituto Ceppes) e sua controversa relação entre a Psicanálise e a Medicina Comunitária.	Vitória (ES)	GALANO, Mônica H. A Influência dos Psicanalistas Argentinos no Brasil na Década de 70. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n. 54, 1995.
Jurandir	1976	“História da Psiquiatria no Brasil”, tese	Paris	BASTOS, Othon. <i>Vida Associativa Psiquiátrica</i>

## APÊNDICE 2

## QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

Freire Costa		elaborada na Biblioteca do Centro Psiquiátrico de Ste Anne. Acaba por limitar-se a uma análise tendenciosa a história da Liga de Higiene Mental do Brasil.		Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
Cullen	1976	Termo neurose		BASTOS, Othon. O Conceito de Doença Mental. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 111-115, 1995.
	1976	A criação de instituições visando o atendimento de famílias e à formação em Terapia Familiar é relativamente recente, pois a mais antiga data é de 1976.		DIAS, Cristina Maria de Souza Brito; BUCHER, Júlia S. N. Ferro. Modalidades de Supervisão em Terapia Familiar e a Realidade Brasileira. <b>Mudanças: psicoterapia e estudos psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 5/6, p. 41-58, 1996.
Malan	1976, 1979, 1980	Partindo do trabalho de Balint, propõe que inicialmente se identifique o conflito primário. Dedicou-se ao estudo de casos clínicos, visando um maior conhecimento do problema da seleção de pacientes e dos resultados da psicoterapia.		OLIVEIRA, Irani Tomiatto. Psicoterapia Psicológica Breve: dos precursores aos modelos atuais. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 9-19, 1999.
Dinsmoor (1886- 1973)	1977	Teoria do sinal de segurança		CAMESCHI, Carlos Eduardo. Comportamento de Esquiva: teorias e controvérsias. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, vol. 13, n. 1, p. 143-152, 1997.
Tácito Medeiros	1977	Dissertação de mestrado, na UFRJ, acerca da história da assistência psiquiátrica no país até 1977		BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
Heronides Coelho Filho	1977	Livro “A Psiquiatria no País do Açúcar” muito nordestino e regionalista.		BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
	1977	Congresso da ABP que contou com anais previamente impressos	Fortaleza	BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47,

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999**

Knobel (1922-2008)	1977	Na Psicoterapia Breve de crianças, Knobel contribuiu enfatizando o aspecto cognitivo, transformando a informação falsa em informação verdadeira.		n. 5, p. 213-216, 1998.
Participação dos professores Sir Martin Roth (1917-2006), Pierre Pichot (Presidente da WPA) e Ronald Kuhn	1978	Congresso, no qual, em seu término, aprovou-se por unanimidade uma moção (a primeira de uma associação médica) em favor da “Anistia Ampla, Geral e Irrestrita”.	Camboriú	OLIVEIRA, Iraní Tomiatto. Psicoterapia Psicodinâmica Breve: dos precursores aos modelos atuais. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 9-19, 1999. BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
Botomé	1979	Indicava que os psicólogos brasileiros pareciam ter sua atuação voltada para a elite.		CAMPOS, Luiz Fernando de Lara, SOUZA, Keli Cristina Cambi, CATÃO, Elaine Cristina; CAMPOS, Patrícia Ribeiro. Fatores Motivacionais na Escolha de Abordagens Teóricas em Psicologia Clínica. <b>Rev. Estudos de psicologia</b> , Campinas, n. 01, v. 13, p. 41-54, 1996.
Maurício Knobel (1922-2008)	1979	A evolução ou realização em psicoterapia podem ser confundidas com episódios de melhora maníaca, de acordo com Knobel baseado na hipótese de Garma de que as reações maníacas têm como conteúdo a alegria masoquista do ego por comportamentos enganosos, que aparentemente são manifestações de vida mas que, na verdade, tem a finalidade de alcançar o triunfo destrutivo do superego sobre o indivíduo.		ROSA, José Tolentino. Evolução em Psicoterapia: reações de melhora maníaca como obstáculos à elaboração do luto. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, v. 02, p. 87-99, 1994.

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999**

Marmor	1979	Escreve que Rank com o passar dos anos deixou de lado a ideia de trauma de nascimento como a questão central, centrando-se aos pólos entre os quais o ser humano se move. Também contribuiu para o estabelecimento de uma data para o término da análise e o conceito de “ <i>Will-therapy</i> ”		OLIVEIRA, Iraní Tomiatto. Psicoterapia Psicológica Breve: dos precursores aos modelos atuais. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 9-19, 1999.
	Anos 70 e 80	Foram pródigios no aparecimento de múltiplas formas de psicoterapia, acompanhamento e aconselhamento		AGUIAR, Rogério Wolf. Psicoterapias: desafios atuais e perspectivas futuras- uma proposta pluralista. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 93-105, 1999.
Sifneos (1920-2008)	1979, 1984	Desenvolveu a Psicoterapia Breve Provocadora de Ansiedade.		OLIVEIRA, Iraní Tomiatto. Psicoterapia Psicológica Breve: dos precursores aos modelos atuais. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 9-19, 1999.
		Projeto “A Nossa Casa” em São Lourenço do Sul (RS)		HORTA, Rogério Lessa; ALBUQUERQUE, Fernando Pires de; COZZATTI, Luís Cesar. A Abordagem Sistêmica da Urgência Psiquiátrica no Domicílio. <b>Revista ABP-APAL</b> , São Paulo, v. 18, n. 4, 1996.
Kernberg	1980	Cunhou o termo psicoterapia expressiva		MIODOWNIK, Bernard. Psicanálise e Psicoterapia: o vértice do psicanalista. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v. 32 n. 4, p. 865-884, 1998.
	1980	Havia na ex- União Soviética vinte e dois mil psiquiatras, vinte e dois mil psicólogos, vinte mil assistentes sociais, quarenta mil enfermeiros, conselheiros matrimoniais, sexuais, espirituais, familiares, praticando alguma forma de assistência psicológica, no sentido mais amplo.		AGUIAR, Rogério Wolf. Psicoterapias: desafios atuais e perspectivas futuras- uma proposta pluralista. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 93-105, 1999.
	Anos 1980	“Surgiram muitos trabalhos britânicos preocupados com os efeitos psicopatológicos dos traumas e dos eventos da vida:	Inglaterra	AGUIAR, Rogério Wolf. Psicoterapias: desafios atuais e perspectivas futuras- uma proposta pluralista. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> ,

## APÊNDICE 2

## QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

			Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 93-105, 1999.
		sobreviventes de acidentes e catástrofes, crianças abusadas física e sexualmente, torturados políticos, combatentes de guerra, vítimas de assaltos, estupros e da violência urbana, e assim por diante.”(p.99)	
	1980	Surgem vários trabalhos sobre os grupos de reflexão, tanto no Brasil, como em outros países latino-americanos.	ROSA, José Tolentino; OLIVI, Maria Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
Crow	1980	Propôs que o transtorno (esquizofrenia) comporta duas classes mais importantes de sintomas: as síndromes Tipo I e Tipo II.	LIMA, Mônica Colares Oliveira; CAETANO, Dorgival. Evolução Histórica do Conceito de Esquizofrenia. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 44, n. 11, p. 559-562, 1995.
Davanloo	1980	Propôs uma técnica ativa, de confrontação e manutenção no foco, na Psicoterapia Breve.	OLIVEIRA, Irani Tomiatto. Psicoterapia Psicodinâmica Breve: dos precursores aos modelos atuais. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 9-19, 1999.
H. Akiskal	1980	Transtorno subafetivo entre as depressões crônicas e caracterológicas	BASTOS, Othon. O Conceito de Doença Mental. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 111-115, 1995.
	Desde 1980	Mudança do termo ‘reações’ para ‘disorder’ e foi adotado pelos neokrapelinianos no DSM-III em diante.	BASTOS, Othon. O Conceito de Doença Mental. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 111-115, 1995.
Ajuriaguerra (1911-1993)	1980	Descreveu certo número de problemas de linguagem, bastante característicos do autismo infantil.	BANDIM, José Marcelino; SOUGEY, Everton Botelho; CARVALHO, Tarcio Fabio Ramos de. Autismo: características clínicas e tratamento. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 44, n. 12, p. 649-654, 1995.
	1980	Inclusão dos critérios para diagnóstico do estresse pós-traumático (PTSD) no manual de classificação dos transtornos psiquiátricos da Associação Psiquiátrica Americana (APA)	ITO, Ligia M.; ROSO, Miréia C. Transtorno de Estresse Pós-Traumático: definição, classificação e tratamento. <b>Revista ABP APAL</b> , São Paulo, v. 17 n. 4, 1995.
Wolberg	1980	Propôs uma Psicoterapia Breve com uma maior	OLIVEIRA, Irani Tomiatto. Psicoterapia

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999**

		flexibilidade, permitindo ao terapeuta lançar mão de diversos recursos, dependendo o caso de cada paciente.			Psicodinâmica Breve: dos precursores aos modelos atuais. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 9-19, 1999.
	1980	Publicação do DSM-III. Desde então o quadro borderline é considerado enquanto distúrbio de personalidade. Na revisão de 1987, reconhecida como DSM-III-R, a descrição das categorias e critérios tornou-se mais clara. Em 1994 foi publicado o DSM-IV, incluindo um novo item, referente à ideiação paranóide transitória e relacionada ao stress e ou severos sintomas dissociativos.			ROMARO, Rita Aparecida. Avaliação da Psicoterapia Breve Dinâmica com Pacientes Borderline. <b>Mudanças: Psicoterapia e estudos psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, v. 7, n. 12, p. 109-133, jul-dez 1999.
	1980 a 1985	Programa de Hospitalização de Famílias na <i>Philadelphia Child Guidance Clinic</i> (PCGC)			HORTA, Rogério Lessa; ALBUQUERQUE, Fernando Pires de; COZZATTI, Luís Cesar. A Abordagem Sistêmica da Urgência Psiquiátrica no Domicílio. <b>Revista ABP-APAL</b> , São Paulo, v. 18, n. 4, 1996.
	1981	Re-fundação da Escola da Causa Freudiana de Paris.			Entrevista com Jorge Forbes. <b>Os 100 anos da Psicanálise e EBP, por Jorge Forbes</b> . Insight Psicoterapia, São Paulo, n. 57, 1995.
Klerman	1981	Descreveu o fenômeno do espectro maniaco.			MENDLOWICZ, Mauro; <i>et al.</i> Como Identificar o Transtorno Bipolar II Dentre os Transtornos do Humor e da Personalidade: implicações terapêuticas. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 1, p. 39-45, 1998.
Darcy de M. Uchoa (1907-1998)	1981	“A Organização da Assistência Psiquiátrica no Brasil” não atinge seu objetivo, sendo por demais fragmentado.			BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
	1982	Regulamentação da lei específica do estágio curricular: “Art. 3º do Decreto nº 87.497/82. “Art. 3º: O estágio curricular, como procedimento didático pedagógico, é atividade de competência da instituição de ensino a quem	Brasil		COSTA JR., Anderson Luiz; HOLANDA, Adriano Furtado. Estágio em Psicologia: discussão e critérios para o exercício de supervisor de estágio. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília, n. 02, p. 4-9, 1996.

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999**

Carvalho	1982	<p>cabe a decisão sobre a matéria, e dele participam pessoas jurídicas de direito público e privado, oferecendo oportunidade e campo de estágio, outras formas de ajuda, e colaborando no processo educativo”.</p> <p>No final da década de 70 parecia haver mais trabalho do que profissionais no mercado, o que se inverteu no início dos anos 80. A autora relata que ao invés de haver expansão da área de atuação, o mercado clínico pareceu crescer. Ela atribui isso ao “circuito fechado” entre o que é fornecido nos cursos de Psicologia, os profissionais formados e as áreas de atuação aceitas pela sociedade a partir da imagem social da profissão.</p>		<p>CAMPOS, Luiz Fernando de Lara, SOUZA, Keli Cristina Cambi, CATÃO, Elaine Cristina; CAMPOS, Patrícia Ribeiro. Fatores Motivacionais na Escolha de Abordagens Teóricas em Psicologia Clínica. <b>Rev. Estudos de psicologia</b>, Campinas, n. 01, v. 13, p. 41-54, 1996.</p>
Coryell e col.	1982	<p>Um dos primeiros estudos a descrever a associação entre TP e suicídio.</p>		<p>VALENÇA, A.; NASCIMENTO, I.; NARDI, A. E.; MARQUES, C.; FIGUEIRA, I.; VERSIANI, M. Pânico e Suicídio. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>. Rio de Janeiro, v. 47, n. 12, p. 647-655, 1998.</p>
Maria Emília Lino da Silva	1982	<p>Desenvolveu um trabalho no Serviço de Orientação Profissional (SOP). Descreveu a experiência de aplicação das idéias de Bion sobre grupos de terapia breve centrada no problema de escolha com profissionais de graduação em psicologia, às vésperas de iniciar seu próprio atendimento a grupos.</p>	<p>Instituto de Psicologia da Universidad e de São Paulo</p>	<p>ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b>, São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.</p>
Piedemonte de Lima	1984	<p><i>Aconselhamento Genético</i>. “A genética do comportamento é uma área da Genética que busca identificar comportamentos particulares associados a determinados códigos genéticos, objetivando subsidiar o profissional de Psicologia com dados técnicos (e clínicos) que facilitem o processo de aconselhamento</p>		<p>COSTA JR. Anderson L. Atuação Profissional do Psicólogo em Aconselhamento Genético. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b>, Brasília, n. 3, p. 19-23, 1996.</p>

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999**

		psicológico, especificamente em indivíduos envolvidos, portadores e/ou afetados por disfunções ou problemas genéticos”. “A esquizofrenia poderia ser analisada como uma Psicopatologia condicionada geneticamente, uma vez que a análise dos parentes de um indivíduo esquizofrênico revela que a anomalia é muito mais freqüente entre eles do que entre a população em geral. O risco de ocorrência é tanto maior quanto mais próximo for o grau de parentesco entre os indivíduos.”			
William Gull	1984	Observou a influência das famílias sobre os pacientes que sofrem de anorexia nervosa e bulimia.			BÓ, Dênis Eduardo Bertini; BARBOSA, Renan. Anorexia, Bulimia e Família: uma experiência com trabalho em grupo. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 48, n. 2, p. 533-537, 1999.
Liebowitz	1985	Defendeu a diferença entre fobia social e o transtorno do pânico através da demonstração de que a incidência de ataques de pânico induzidos por infusão de lactato de sódio era menor entre os fóbicos sociais do que entre os pacientes com transtorno do pânico.			Andrade, Yasmin; Nardi, Antônio Egídio; Figueira, Ivan; Marques, Carla; Mendlowicz, Mauro; Camisão, Carlos; Coscarelli, Pedro; Versiani, Márcio. <b>Seguimento de pacientes fóbicos sociais – Parte I</b> . <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , v. 44, n. 7, p. 369-377, 1995.
Tellegen	1986	Definição de ‘Awareness’.			FRAZÃO, Lillian Meyer. A Relação Psicoterapeuta-Cliente. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v. 6, n. 2, p. 144-149, 1995.
Knobel	1986	Trabalha com a Psicoterapia Breve, levando em consideração as questões sociais e econômicas, constante preocupação com a viabilidade da indicação terapêutica, que deve ser escolhida de forma realista.			OLIVEIRA, Irani Tomiatto. Psicoterapia Psicológica Breve: dos precursores aos modelos atuais. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 9-19, 1999.
	1986	Listou 450 tipos de psicoterapia oferecidos ao público.			AGUIAR, Rogério Wolf. Psicoterapias: desafios atuais e perspectivas futuras- uma proposta pluralista. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 93-105, 1999.

## APÊNDICE 2

## QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

Rutter citado por Galdener	1987	Diferencia o autismo da esquizofrenia infantil.		BANDIM, José Marcelino; SOUGEY, Everton Botelho; CARVALHO, Tércio Fabio Ramos de. Autismo: características clínicas e tratamento. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 44, n. 12, p. 649-654, 1995.
Seminário e colaboradore s.	1987	Indica a necessidade de se rever o currículo em Psicologia em razão das enormes lacunas que os profissionais que se graduam estão apresentando.		CAMPOS, Luiz Fernando de Lara, SOUZA, Keli Cristina Cambi, CATÃO, Elaine Cristina; CAMPOS, Patrícia Ribeiro. Fatores Motivacionais na Escolha de Abordagens Teóricas em Psicologia Clínica. <b>Rev. Estudos de psicologia</b> , Campinas, n. 01, v. 13, p. 41-54, 1996.
Potash e Duryee	1987	Propõe um modelo pluralístico para a formação do corpo docente da graduação.		CAMPOS, Luiz Fernando de Lara, SOUZA, Keli Cristina Cambi, CATÃO, Elaine Cristina; CAMPOS, Patrícia Ribeiro. Fatores Motivacionais na Escolha de Abordagens Teóricas em Psicologia Clínica. <b>Rev. Estudos de psicologia</b> , Campinas, n. 01, v. 13, p. 41-54, 1996.
	1987	Desde esta data promovem-se reuniões conjuntas entre o pessoal do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul.		BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
	1987	A Revista Brasileira de Psicanálise contou com apoio do CNPQ e da Finep, tendo introduzido o “contraponto”, uma crítica ao artigo por um colega. As referências nesta época, já são organizadas com citação de autor e ano, sem enumeração no texto correspondendo ao número final da bibliografia no artigo.		ROSA, José Tolentino. Revista Brasileira de Psicanálise Comemora 25 Anos de Divulgação Científica: seu sistema gráfico e organizacional editorial. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p. 129-135, 1994.
Reich (1897-1957) e colaboradore s.	1988	Distinção entre fobia social, transtorno do pânico e transtorno de ansiedade.		ANDRADE, Y.; NARDI, A. E.; FIGUEIRA, I.; MARQUES, C.; MENDLOWICZ, M.; CAMISÃO, C.; COSCARELLI, P.; VERSIANI, M. Seguimento de Pacientes Fóbicos Sociais –

## APÊNDICE 2

## QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

				Parte I. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , v. 44, n. 7, p. 369-377, 1995.
Kupfer et al.	1988	Encontraram evidências de maior gravidade do TB II.		MENDLOWICZ, Mauro; <i>et al.</i> Como Identificar o Transtorno Bipolar II Dentro os Transtornos do Humor e da Personalidade: implicações terapêuticas. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 1, p. 39-45, 1998.
CFP	1988	80% dos psicólogos que atuam no Brasil, o fazem na área clínica		CAMPOS, Luiz Fernando de Lara, SOUZA, Keli Cristina Cambi, CATÃO, Elaine Cristina; CAMPOS, Patrícia Ribeiro. Fatores Motivacionais na Escolha de Abordagens Teóricas em Psicologia Clínica. <b>Rev. Estudos de psicologia</b> , Campinas, n. 01, v. 13, p. 41-54, 1996.
CFP	1988	“Modelo quase que exclusivamente de base psicanalítica, não havendo praticamente opções diferenciadas por outras áreas emergente, tradicionais, ou mesmo por outras propostas teóricas”.		CAMPOS, Luiz Fernando de Lara, SOUZA, Keli Cristina Cambi, CATÃO, Elaine Cristina; CAMPOS, Patrícia Ribeiro. Fatores Motivacionais na Escolha de Abordagens Teóricas em Psicologia Clínica. <b>Rev. Estudos de psicologia</b> , Campinas, n. 01, v. 13, p. 41-54, 1996.
CFP	1988	75% dos psicólogos atuam com abordagem psicodinâmica		CAMPOS, Luiz Fernando de Lara, SOUZA, Keli Cristina Cambi, CATÃO, Elaine Cristina; CAMPOS, Patrícia Ribeiro. Fatores Motivacionais na Escolha de Abordagens Teóricas em Psicologia Clínica. <b>Rev. Estudos de psicologia</b> , Campinas, n. 01, v. 13, p. 41-54, 1996.
	1989		Grupo de Psicoterapia Breve do Instituto de Psiquiatria Hospitalar	PELUSO, Marco Aurélio Monteiro, NASCIMENTO, Andréia; SHOUERI, Patrícia de Campos Lindenbergl. Grupo de Psicoterapia Breve: organização e funcionamento, <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 48,

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999**

			das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidad e de São Paulo.	n. 9, p. 421-426, 1999.
Wallerstein	1989	O artigo enciclopédico “Psychoanalysis and psychotherapy: na historical perspective”, é uma importante referência sobre o assunto, retratando com detalhes as discussões desse período e dos seguintes.		MIODOWNIK, Bernard. Psicanálise e Psicoterapia: o vértice do psicanalista. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v. 32 n. 4, p. 865-884, 1998.
	1989	Fundação da sociedade Latinoamericana de Neuropsicologia	Buenos Aires	MÄDER, Maria Joana. Avaliação Neuropsicológica: aspectos históricos e situação atual. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília, n. 03, 1996.
Garfield	1989	Propôs um modelo em PB que priorize as características da relação e da situação terapêutica.		OLIVEIRA, Irani Tomiatto. Psicoterapia Psicométrica Breve: dos precursores aos modelos atuais. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 9-19, 1999.
	1989	Haviam Sociedades de psicoterapia analítica de grupo com cursos de formação em São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco; além de grupos de estudo em Mato Grosso do Sul, Juiz de Fora, Barbacena, Campinas e, o mais recente deles, o Nesme di ABC, em São Caetano do Sul, liderado por Waldemar Fernandes e Sueli Mozeika.	SP, RJ e PB	ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
Ferro-Bucher	1989	Atividades de supervisão em terapia familiar no Brasil nos Centro de Terapia Familiar e universidades brasileiras.		DIAS, Cristina Maria de Souza Brito; BUCHER, Júlia S. N. Ferro. Modalidades de Supervisão em Terapia Familiar e a Realidade Brasileira. <b>Mudanças: psicoterapia e estudos psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 5/6, p. 41-58, 1996.

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999**

Sammons e Gravitz	1990	Apona que a orientação teórica dos estudantes de Psicologia são diretamente relacionais à orientação teórica dos professores que mais os influenciaram durante o curso.		CAMPOS, Luiz Fernando de Lara, SOUZA, Keli Cristina Cambi, CATÃO, Elaine Cristina; CAMPOS, Patrícia Ribeiro. Fatores Motivacionais na Escolha de Abordagens Teóricas em Psicologia Clínica. <b>Rev. Estudos de psicologia</b> , Campinas, n. 01, v. 13, p. 41-54, 1996.
	1991	A seção de lançamentos foi inovada, sendo a imagem da capa dos livros realizada com auxílio da computação gráfica. Outra característica adquirida neste ano foi a agilidade com que a revista passou a contar tanto no trabalho de editoração como no julgamento dos artigos e sua rápida devolução aos autores. O desenho foi modernizado, desprezaram-se as capas internas e as orelhas como páginas úteis, de texto. Neste ano, um grupo de psicanalistas brasileiros que fizeram formação psicanalítica na Sociedade Britânica de Psicanálise, com a introdução de novos critérios de avaliação dos artigos da mesma.		ROSA, José Tolentino. Revista Brasileira de Psicanálise Comemora 25 Anos de Divulgação Científica: seu sistema gráfico e organizacional editorial. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p. 129-135, 1994.
	1991	I Congresso Brasileiro de Neuropsicologia	Brasil	MÄDER, Maria Joana. Avaliação Neuropsicológica: aspectos históricos e situação atual. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília, n. 03, 1996.
	1991	Sociedade Brasileira de Neuropsicologia	Brasil	MÄDER, Maria Joana. Avaliação Neuropsicológica: aspectos históricos e situação atual. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília, n. 03, 1996.
	1991	1º Encontro Luso-Brasileiro e Luso-Americano de Psicoterapia Analítica de Grupo. O encontro de brasileiros e lusitanos neste congresso repetiu a integração descrita por Blay	SP	ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999**

		Neto no congresso de Buenos Aires em 1957 e a história da Psicoterapia Analítica de Grupo do Brasil inicia um novo marco de integração entre brasileiros e portugueses na área de saúde mental e psicoterapia.		Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.
Noyes e col.	1991	O Transorno do Pânico é uma condição crônica e grave que interfere na saúde e funcionamento social e profissional de várias formas.		VALENÇA, A.; NASCIMENTO, I.; NARDI, A. E.; MARQUES, C.; FIGUEIRA, I.; VERSIANI, M. Pânico e Suicídio. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 47, n. 12, p. 647-655, 1998.
Fernandes/Carneiro	1991/ 1992	“Desde Freud até os dias atuais, a formação psicanalítica do terapeuta é fundamentada em três pilares, compostos por análise pessoal, supervisão e estudos teóricos. Este tema tem sido enfatizado ultimamente por vários psicoterapeutas como Waldemar Fernandes, presidente da Federação Latino-Americana de Psicoterapia Analítica de Grupo, e outros colegas”. (p.82)		ANDRIATTE, Aparecida Malandrin; PIMENTEL, Eulalia M.P.; <i>et al.</i> Manifestações transferenceais e contratransferenceais na tríade mãe-observador-bebê. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, v. 2, n. 2, p. 77-85, 1994.
Silva e Campos, Campos e cols. E Santos	1992, 1992 e 1990	Indica que os cursos de formação, por não avaliarem os efeitos do próprio curso sobre a representação social de Psicologia que seus alunos carregam, não conhecem a validade da informação e da formação fornecida.		CAMPOS, Luiz Fernando de Lara, SOUZA, Keli Cristina Cambi, CATÃO, Elaine Cristina; CAMPOS, Patrícia Ribeiro. Fatores Motivacionais na Escolha de Abordagens Teóricas em Psicologia Clínica. <b>Rev. Estudos de psicologia</b> , Campinas, n. 01, v. 13, p. 41-54, 1996.
John Steiner (Sociedade Britânica de Psicanálise)	1992	Por ocasião de um seminário clínico junto a alunos e colegas da Associação de Psicoterapia e Estudos Psicanalíticos, do Instituto Metodista de Ensino Superior de São Bernardo do Campo, descreveu dois sonhos de um paciente que estava melhorando de uma depressão.	São Bernardo do Campo – SP	ROSA, José Tolentino. Evolução em Psicoterapia: reações de melhora maníaca como obstáculos à elaboração do luto. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, v. 02, p. 87-99, 1994.
Bellak	1992	Propôs uma Psicoterapia Breve com uma maior flexibilidade, permitindo ao terapeuta lançar		OLIVEIRA, Irani Tomiatto. Psicoterapia Psicodinâmica Breve: dos precursores aos

## APÊNDICE 2

## QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

		mão de diversos recursos, dependendo o caso de cada paciente.		modelos atuais. <b>Psicologia</b> : Teoria e Prática, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 9-19, 1999.
Bastos e colaboradores	1993	“Relatam uma predominância de um sistema de formação do psicólogo brasileiro direcionado quase que exclusivamente para a área clínica e baseada no modelo médico, tendo como enfoque fundamental a posição psicanalítica.”		CAMPOS, Luiz Fernando de Lara, SOUZA, Keli Cristina Cambi, CATÃO, Elaine Cristina; CAMPOS, Patrícia Ribeiro. Fatores Motivacionais na Escolha de Abordagens Teóricas em Psicologia Clínica. <b>Rev. Estudos de psicologia</b> , Campinas, n. 01, v. 13, p. 41-54, 1996.
Jorge Alberto Costa e Silva	1993	IX Congresso Mundial de Psiquiatria verificou-se simultaneamente o XXI Congresso Nacional de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental, no qual houve uma mesa-redonda sobre “Vultos e Personagens da Psiquiatria Brasileira”. Foram apresentados relatos de Marcos P. T. Ferraz sobre Franco da Rocha; Adolpho Hoirisch sobre J. Leme Lopes; Othon Bastos sobre Ulysses Pernambuco e Manoel de Albuquerque sobre Paulo Vianna Guedes. (Material não publicado)		BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
Othon Bastos		Simpósio Brasil-Japão de Psiquiatria, no qual foi falado sobre “História da Psiquiatria e da Saúde Mental no Brasil”		BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
Feixas e Miró	1993	Apontam para a existência de mais de 400 linhas psicoterápicas.		CAMPOS, Luiz Fernando de Lara, SOUZA, Keli Cristina Cambi, CATÃO, Elaine Cristina; CAMPOS, Patrícia Ribeiro. Fatores Motivacionais na Escolha de Abordagens Teóricas em Psicologia Clínica. <b>Rev. Estudos de psicologia</b> , Campinas, n. 01, v. 13, p. 41-54, 1996.
	1993	Com a modificação proposta pelo CID-10, o quadro borderline passa a ser incluído entre os distúrbios de personalidade emocionalmente		ROMARO, Rita Aparecida. Avaliação da Psicoterapia Breve Dinâmica com Pacientes Borderline. <b>Mudanças</b> : Psicoterapia e estudos

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999**

		instáveis. Na década de 90, os critérios e classificações propostas tanto pelo CID-10, quanto pelo DSM-III-R e DSM-IV, aproximaram-se, tornando-se mais fácil comparar os critérios diagnósticos das diversas linhas de pesquisa, no sentido de sugerirem a necessidade de uma diferenciação com as desordens afetivas.		psicossociais, São Bernardo do Campo, v. 7, n. 12, p. 109-133, jul-dez 1999.
Sociedade Brasileira de Psicanálise	1994	Publicação do “Album de família” pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.	São Paulo	BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
Akiskal	1994a	Aplicou o conceito de espectro ao próprio transtorno bipolar e cunhou a expressão “espectro bipolar”.		MENDLOWICZ, Mauro; <i>et al.</i> Como Identificar o Transtorno Bipolar II Dentro os Transtornos do Humor e da Personalidade: implicações terapêuticas. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 1, p. 39-45, 1998.
	1994	Reconhecimento do transtorno bipolar II no DSM-IV. Antes, era classificado como transtorno bipolar atípico no DSM-III e como transtorno bipolar não especificado no DSM-III-R.		MENDLOWICZ, Mauro; <i>et al.</i> Como Identificar o Transtorno Bipolar II Dentro os Transtornos do Humor e da Personalidade: implicações terapêuticas. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 1, p. 39-45, 1998.
Rogers (1902- 1987)	1994	Ressaltou como característica dos grupos o clima de segurança psicológica e o encorajamento à expressão de sentimento.		CARDOSO, Cláudia Lins. Psicoterapia de Grupo com Pacientes Diabéticos e Hipertensos em Centros de Saúde Pública. <b>Revista Estudos de Psicologia</b> , Campinas, v. 16, n. 2, p. 5-15, 1999.
Figueira e cols.	1994	Compararam ambos os transtornos e constataram a diferença com base na variável sexo.		Andrade, Yasmin; Nardi, Antônio Egidio; Figueira, Ivan; Marques, Carla; Mendlowicz, Mauro; Camisão, Carlos; Coscarelli, Pedro; Versiani, Márcio. <b>Seguimento de pacientes fóbicos sociais – Parte I</b> . <i>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</i> , v. 44, n. 7, p. 369-377, 1995.
APA	1994	De acordo com a APA a idade de início para o Transtorno do Pânico varia muito, mas está		VALENÇA, A.; NASCIMENTO, I.; NARDI, A. E.; MARQUES, C.; FIGUEIRA, I.; VERSIANI,

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999**

		mais tipicamente entre o final da adolescência e a faixa de 30 anos.			M. Pânico e Suicídio. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 47, n. 12, p. 647-655, 1998.
Othon Bastos	Setembro /1994	Conferencia inaugural do XIII Congresso Brasileiro de Psiquiatria	Caldas Novas		Bastos, Othon. <b>O conceito de doença mental</b> . <i>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</i> , v. 44, n. 3, p. 111-115, 1995.
	Desde setembro de 1994, Porto Alegre.	Projeto Prontamente.			HORTA, Rogério Lessa; ALBUQUERQUE, Fernando Pires de; COZZATTI, Luís Cesar. <i>A Abordagem Sistemática da Urgência Psiquiátrica no Domicílio</i> . <b>Revista ABP-APAL</b> , São Paulo, v. 18, n. 4, 1996.
LeShan	1994	Apresenta uma crítica aos pressupostos teóricos que embasam a pesquisa básica no desenvolvimento da Psicologia, colocando que existe muita ênfase nos aspectos empíricos e observacionais em Psicologia.			CASTRO, Paulo Francisco de. Reflexões em Psicologia e Ciência: uma análise da pesquisa aplicada à psicologia clínica. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo. v.1 n.1, p. 3-13, 1999.
Chaves	1994	Se refere a crise dos paradigmas na pesquisa em Psicologia.			CASTRO, Paulo Francisco de. Reflexões em Psicologia e Ciência: uma análise da pesquisa aplicada à psicologia clínica. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo. v.1 n.1, p. 3-13, 1999.
Yalom	1995	Propôs uma lista com onze fatores terapêuticos que segundo ele promovem a eficácia da psicoterapia de grupo.			CARDOSO, Cláudia Lins. <i>Psicoterapia de Grupo com Pacientes Diabéticos e Hipertensos em Centros de Saúde Pública</i> . <b>Revista Estudos de Psicologia</b> , Campinas, v. 16, n. 2, p. 5-15, 1999.
	1995	Abre possibilidade de realizar trabalho voluntário com os familiares dos pacientes atendidos.	Ambulatório de Distúrbios da Conduta Alimentar e do peso do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina		BÓ, Dênis Eduardo Bertini; BARBOSA, Renan. <i>Anorexia, Bulimia e Família: uma experiência com trabalho em grupo</i> . <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 48, n. 2, p. 533-537, 1999.

## APÊNDICE 2

## QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

			de Ribeirão Preto – USP.	
	Abril de 1995	Escola Brasileira de Psicanálise – EBP		OS 100 ANOS DA PSICANÁLISE E EBP. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n. 57, 1995. Entrevista com Jorge Forbes.
Messer & Warren	1995	Criação do Modelo Relacional, em Psicoterapia Breve, fruto de uma filosofia da ciência que inclui o reconhecimento da natureza contextualizada do conhecimento e da pluralidade dos pontos-de-vista.		OLIVEIRA, Iraní Tomiatto. Psicoterapia Psicodinâmica Breve: dos precursores aos modelos atuais. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 9-19, 1999.
Prochaska	1995	Nessa proposta, a Psicoterapia Breve procura uma integração teórica.		OLIVEIRA, Iraní Tomiatto. Psicoterapia Psicodinâmica Breve: dos precursores aos modelos atuais. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 9-19, 1999.
Messer & Warren	1995	Trabalho na Psicoterapia Breve que dá ênfase à questão do desenvolvimento, que somado à compreensão psicodinâmica, permite olhar para os problemas do paciente como dificuldades para enfrentar os desafios propostos pelo próprio processo de desenvolvimento.		OLIVEIRA, Iraní Tomiatto. Psicoterapia Psicodinâmica Breve: dos precursores aos modelos atuais. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 9-19, 1999.
Bertolino	1995	Tece uma perspectiva histórica do desenvolvimento do caráter científico em Psicologia.		CASTRO, Paulo Francisco de. Reflexões em Psicologia e Ciência: uma análise da pesquisa aplicada à psicologia clínica. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v.1 n.1, p. 3-13, 1999.
Marzagão	1995	Propõe uma reflexão entre a dicotomia sempre presente entre acontecimento e estrutura na pesquisa em Psicologia.		CASTRO, Paulo Francisco de. Reflexões em Psicologia e Ciência: uma análise da pesquisa aplicada à psicologia clínica. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v.1 n.1, p. 3-13, 1999.
Athinkson et al, Hübner D'Oliveira	1995, 1984	Apontam a existência de diversos métodos científicos na investigação em Psicologia: experimental, observacional, correlacional, levantamento.		CASTRO, Paulo Francisco de. Reflexões em Psicologia e Ciência: uma análise da pesquisa aplicada à psicologia clínica. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v.1 n.1, p. 3-13, 1999.
Mário		Grupo didata do Brasil: Mário Martins, José		GALANO, Mônica H. A Influência dos

## APÊNDICE 2

## QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

Martins, José Lemmertz e os médicos do Centro de Estudos Juliano Moreira didatas brasileiros formados por argentinos.	Lemmertz e os médicos do Centro de Estudos Juliano Moreira didatas brasileiros formados por argentinos.		Psicanalistas Argentinos no Brasil na Década de 70. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n. 54, 1995.
Professor Miguel Roberto Jorge	Tese de livre-docência que fala sobre classificações nosográficas brasileiras.	1996	BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
Gomes	Destaca a relação entre pesquisa e formação de psicólogo, traçando um panorama histórico para justificar essa relação.	1996	CASTRO, Paulo Francisco de. Reflexões em Psicologia e Ciência: uma análise da pesquisa aplicada à psicologia clínica. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo. v.1 n.1, p. 3-13, 1999.
	Tendência de trabalhar com o conceito de uma prática multiprofissional, envolvendo principalmente médicos psiquiatras e psicólogos, com esforços dos Conselhos Federais de Medicina.	1997	AGUIAR, Rogério Wolf. Psicoterapias: desafios atuais e perspectivas futuras- uma proposta pluralista. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 93-105, 1999.
	A despeito dos ecos do movimento antipsiquiátrico, houve um crescente interesse nos tratamentos biológicos. Exemplo: comercialização da fluoxetina na metade da década passada. De lá para cá este fármaco foi precrito para mais de 20 milhões de pessoas.	Nas duas décadas passadas (1977-1997)	SEGAL, Adriano. Psicoterapia e Psiquiatria: dicotômicas? <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n. 78, out.; 1997.
Henri Ey (1900-1977)	Livros “Manual de Psiquiatria”, “Études”, “Conscienté”, “L’inconscient”, “Traité dès	(1900 – 1977)	BASTOS, Othon. O Conceito de Doença Mental. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro,

## APÊNDICE 2

## QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

		Hallucinations”, “Anti-Antipsiquiátrica”, “Défense ET Illustration de La Psychiatrie”.		v. 44, n. 3, p. 111-115, 1995.
		A partir da reforma e contra-reforma (Cristianismo) surge um movimento chamado Psiquiatria Biológica.		BASTOS, Othon. O Conceito de Doença Mental. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 111-115, 1995.
		Ressurgimento do “dilema psiquiátrica” (organismo x psicogeneticismo) denunciado por <b>Henri Ey</b> em “Étude n° 1” (1947)		BASTOS, Othon. O Conceito de Doença Mental. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 111-115, 1995.
Adolf Meyer (1866- 1950)	(1866 – 1950)	A partir do início dos anos 40 até o surgimento do DSM-III imperaria de forma praticamente absoluta na psiquiatria dos EUA, a Escola Psicobiológica, com uma postura antinmosológica, o que a fazia caracterizar e retular todos os quadros clínicos psiquiátricos de ‘reações’.	Suíça e E.U.A	BASTOS, Othon. O Conceito de Doença Mental. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 111-115, 1995.
Kahlbaum (1828- 1890)	(1828 – 1899)	Descreveu um quadro psiquiátrico com distúrbios predominantes da motricidade ao qual chamou de catatonia.	Alemanha	LIMA, Mônica Colares Oliveira; CAETANO, Dorgival. Evolução Histórica do Conceito de Esquizofrenia. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 44, n. 11, p. 559-562, 1995.
Hecker (discípulo de Kahlbaum (1843- 1909)	(1843 – 1909)	Destacou o acometimento de pessoas muito jovens por uma doença caracterizada pelo comportamento bizarro, a qual chamou de hebefrenia.	Alemanha	LIMA, Mônica Colares Oliveira; CAETANO, Dorgival. Evolução Histórica do Conceito de Esquizofrenia. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 44, n. 11, p. 559-562, 1995.
		Programa de Ansiedade e Depressão	UFRJ	Andrade, Yasmin; Nardi, Antônio Egídio; Mendlowicz, Mauro; Marques, Carla; Figueira, Ivan; Camisão, Carlos; Coscarelli, Pedro; & Versiani, Márcio. <b>Seguimento de pacientes fóbicos sociais (6 anos) Parte II – Descrição da evolução</b> . <i>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</i> , v. 44, n. 8, p. 423-430, 1995.
Eugen Bleuler (1857- 1939)	(1857 – 1939)	Adjetivo introduzido na psiquiatria	Suíça	BANDIM, José Marcelino; SOUGEY, Everton Botelho; CARVALHO, Tércio Fabio Ramos de. Autismo: características clínicas e tratamento. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro,

## APÊNDICE 2

## QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

Kraepelin (1856- 1926)	Início deste século. (1856 – 1926)	Descrição da insanidade maniaco-depressiva	Alemanha	v. 44, n. 12, p. 649-654, 1995. MENDLOWICZ, Mauro; <i>et al.</i> Como Identificar o Transtorno Bipolar II Dentro os Transtornos do Humor e da Personalidade: implicações terapêuticas. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 1, p. 39-45, 1998.
José Leme Lopes (1904- 1990) e Juliano Moreira (1873- 1932)	1904 – 1990/ 1873 – 1932	Igual ao que está escrito acima, pode-se dizer de outros artigos sobre o Asilo Pedro II, que se limitam à antiga capital federal.	Rio de Janeiro	BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
Professor Isaías Paim		O capítulo do livro “Tratado de Clínica Psiquiátrica”, em sua terceira edição, denominado “Primórdios da Psiquiatria no Brasil”. Compreende um período datado e registrado da historiografia da psiquiatria.		BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
Professores Antônio Carlos Pacheco e Silva (1898- 1988) e J. Alves Garcia		Alguns dos primeiros livros escritos no país que falam sobre a evolução da Psiquiatria Legal no País.		BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
Henrique Roxo (1877- 1969), E. Mira y Lopes (1896- 1964), J. Alves Garcia, Iracy Doyle (1911- 1956)	Anos 30	Os Compêndios de Psiquiatria não dedicaram nenhum capítulo à história da psiquiatria.		BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999**

e A. L. Nobre de Melo					
Valentim Gentil Filho e Euripedes Constantino Miguel		Documentação televisiva com inúmeros depoimentos de professores e profissionais da área. “Memória Viva da Psiquiatria Brasileira”.	USP	BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.	
Gustavo Riedel (1887- 1934), Ermani Lopes, Ignácio Cunha Lopes e outros.		Elaborou trabalhos e publicações, alguns com preocupações eugênicas.	Liga Brasileira de Higiene Mental - Rio de Janeiro	BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.	
	1980, 1982, 1984, 1986, 1988, 1990, 1992, 1994, 1996	Demais Congressos mesclaram brasileiros, com colegas do MERCOSUL, portugueses e outras nacionalidades.	1980, Salvador; 1982, Rio de Janeiro; 1984, Recife; 1986, Curitiba; 1988, Vitória; 1990, Salvador; 1992, Gramado; 1994, Goiás; 1996, Belo Horizonte,	BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.	

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999**

			respectivam ente.	
	1973, 1975, 1977, 1979, 1981, 1983, 1985, 1987, 1989, 1991, 1993, 1995, 1997.	A SNPHMB definitivamente associada à ABP prosseguiu uma seqüência vitoriosa de seus congressos bianuais.	1973 São Paulo; 1975, Brasília; 1977, Curitiba; 1979, Maceió; 1981, Campinas; 1983, Porto Alegre; 1985, Campo Grande; 1987, Fortaleza; 1989, São Paulo; 1991, Maceió; 1993, Rio de Janeiro; 1995, Salvador; 1997, Brasília.	BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
Professores Clovis Martins e Manoel Albuquerque		Os únicos brasileiros a serem presidentes da APAL.		BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
		IX Congresso Mundial de Psiquiatria	Rio de Janeiro	BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal</b>

## APÊNDICE 2

### QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

Embaixador oficial e plenipotenciário, Ulysses Vianna Filho (1913-2000)		Colaboração com instituições universitárias de ensino e pesquisa.	Universidades Federais do RJ, do Paraná, do Mato Grosso do Sul e de São Paulo, em 1974, em 1977 e 1986, em 1974, em 1985 e em 1989, respectivamente; a UERJ, em 1982, quando do Congresso Internacional de Psicoterapia e em 1986, por ocasião do Congresso Mundial de Psiquiatria	<p><b>Brasilero de Psiquiatria</b>, Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.</p> <p>BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasilero de Psiquiatria</b>, Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.</p> <p>BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasilero de Psiquiatria</b>, Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.</p>
	1974, 1977, 1986, 1974, 1985, 1989, 1986, 1965, 1976, 1987, 1955, 1971, 1984.			

**APÊNDICE 2**  
**QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999**

			Social; ambos os eventos patrocinados pela ABP: a Universidad e Federal do Ceará em 1965 e 1976, a UNIFOR, em 1987, as Universidades Federal e Estadual de Pernambuco em 1955, 1971 e 1984 e assim por diante.	
	1985, 1992, 1995	APBP - Fundada em 1985, logo depois cindida com a dissidência de 1992 (SBPsC) e o reaparecimento do Colégio Brasileiro de Neuropsicofarmacologia, em 1995. Após um intervalo de sete anos, foi lançada a Revista Brasileira de Psiquiatria e poucos anos depois tornou-se Revista ABP/APAL. É a segunda mais importante publicação de psiquiatria brasileira. “Boletim de Psiquiatria”		BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998. BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
Editado pelo prof. Romildo Bueno.				BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
	1999	A Associação Psiquiátrica Brasileira (APA) conta com mais de 40.000 sócios.		AGUIAR, Rogério Wolf. Psicoterapias: desafios atuais e perspectivas futuras- uma proposta

## APÊNDICE 2

### QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

				pluralista. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 93-105, 1999.
	A criação do Departamento de Psicoterapia da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), reunindo psiquiatras que praticam psicoterapia, se organizou para credenciar e reconhecer psicoterapeutas e núcleos organizados de formação psicoterápica, como em outras partes do mundo.	Brasil		AGUIAR, Rogério Wolf. Psicoterapias: desafios atuais e perspectivas futuras- uma proposta pluralista. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 93-105, 1999.

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010.

Artigos lidos e não trazem dados históricos para a Psicoterapia:

1. ARRUDA, Mariana do Nascimento. A importância da função de continência no atendimento de pacientes de quadros graves. **Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais**, v. 7 n.12, p.13-29, jul/dez, 1999.
2. BAGGIO, Marco Aurélio. Preposições para uma psicoterapia médica. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 6, n. 1, p. 45-60, 1998.
3. BALTIERI, Danilo Antonio; SAADEH, Alexandre; ABDO, Carmita H. N. Pedofilia: uma perversão. Revisão bibliográfica. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 5, p. 217-219, 1999.
4. BANET, Anthony G. Anthony G. Banet entrevista Bion. **Revista IDE**, São Paulo, vol. 26, p. 17-25, 1995.
5. BOCK, Ana Mercês Bahia. A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. **Rev. Estudos de psicologia**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 315-329, 1999.
6. BONFIM, Tania Elena. O campo emocional na situação psicoterapêutica. **Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais**, São Bernardo do Campo, n. 10, p. 55-93, 1998.

## APÊNDICE 2

### QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

7. BUENO, Romildo J. Uma revisão sobre os distúrbios neuroquímicos e os transtornos do humor. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 47, n. 7, p. 325-329, 1998.
8. CARVALHO, Tércio Fábio Ramos; SOUGEY, Everton Botelho. Depressão em pacientes com câncer. *Epidemiologia, diagnóstico e tratamento*. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 9, p. 457-462, 1995.
9. COPPE, Antonio A. F. A abordagem centrada na pessoa na Instituições Hospitalar. **Cadernos de Psicologia**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 61-63, 1994.
10. CORVO, Rafael E. Uma Visão Epistemológica do Inconsciente. **Revista de Psicanálise**, Porto Alegre, v.6,n.3, 1999.
11. COSTA, Paulo José. O ensino de Teorias e Técnicas Psicoterápicas e o processo de conhecimento: Algumas Reflexões. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.3 n. 1 p. 169-176, 1998.
12. EDELWEISS, Malomar Lund. A Alma da Psicanálise. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, 1995.
13. ELLIS, Albert. Albert Ellis e a Terapia Racional Emotiva. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, n. 48, 1995. Entrevista.
14. ELYSEU JÚNIOR, Sebastião. A Base Psicobiológica da “Transferência” e a sua Ativação. **Rev. Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 16, n. 3, p. 47-53, 1999.
15. FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Casais em terapia: um estudo sobre a manutenção e a ruptura do casamento. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 67-70, 1995.
16. FERNANDES, Beatriz Silverio. Por que psicoterapia de grupo com crianças? **Revista Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 17-21, 1997.
17. GANDINI, Rita de Cássia. Avaliação do processo de psicoterapia de grupo na Escala de Gendlin e Tomlinson. **Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais**, São Bernardo do Campo, n. 2, v. 2, p.113-128, 1994.
18. GOLDBRUB, Franklin. Fenomenologia da Metáfora. **Psicologia Revista**, São Paulo, n. 1, 1995.

## APÊNDICE 2

### QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

19. COELHO JUNIOR, Nelson. Psicoterapia: Novos Caminhos a partir de Nietzsche. **Psicologia Revista**, São Paulo, n. 1, 1995.
20. MAGALHÃES, Andréia Seixas; et al. Reflexões sobre as vicissitudes de uma turma em formação em psicoterapia analítica de grupo: uma contribuição. **Revista Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 89-96, 1995.
21. MAGLIAVACCA, Eva Maria. A Relação Psicoterapeuta-Cliente. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 135-144, 1995.
22. MASSOLA, Gustavo M.; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Percepção do Comportamento Infantil por Professores Versus Sexo e Encaminhamento para Atendimento Psicoterapêutico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 13, n. 3, p. 303-309, set./dez. 1997.
23. MATTOS, José A. J. Seminário Clínico com Bion. **Revista IDE**, vol. 26, p. 8-14, 1995.
24. MIRANDA, Ney Branco de. A Psicanálise na nossa modernidade. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo v.1 n.1, p.25-29, 1999.
25. MORAIS, Sara T. P.; WITTER, Geraldina P. Sociedade de Psicologia de São Paulo e Boletim de Psicologia na perspectiva de alguns de seus diretores. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, Edição comemorativa aos 30 anos da SPS, p. 43- 53, 1996.
26. NETTO, Samuel P. Cinquentenário da Sociedade de Psicologia de São Paulo. **Boletim de Psicologia**, São Paulo, Edição comemorativa aos 30 anos da SPS, p. 19- 23, 1996.
27. NEVES, Sandra Augusta de Melo; SILVA, Maria Emília Lino da. Continente e contido: uma compreensão das produções do terapeuta. **Rev. Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 13, n. 3, p. 11-22, 1996.
28. OLIVEIRA, Maria Helena Raimo Caldas de. A Relação Psicoterapeuta-Cliente. **Psicologia USP**, São Paulo, v.6, n. 2, p. 150-155, 1995.

## APÊNDICE 2

### QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

29. RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal; PASCHOALI, Marta Cristina. Psicologia transpessoal: um estudo sobre a nova abordagem da consciência em psicologia e saúde mental. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 5, p. 245-249, 1994.
30. ROCHA, Fábio Lopes. Depressão puerperal: revisão e atualização. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 3, p. 105-114, 1999.
31. ROMERO, Emílio. A entrevista clínica como uma forma de trabalho terapêutico: parte 1. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, n. 73, 1997.
32. ROMERO, Emílio. Alguns Procedimentos Dialéticos no Trabalho Psicoterapêutico. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, 1995.
33. ROSA, Miriam Debieux. Considerações sobre a Polêmica do Diagnóstico na Psicologia. **Psicologia Revista**, São Paulo, n. 1, 1995.
34. SANCHES, Diva. Pensando a relação professor-aluno. **Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais**, São Bernardo do Campo, v.2, n. 2, p.39-53, 1994.
35. SANT'ANNA, Paulo Afrânio. Reflexões sobre a interpretação em psicoterapia. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 15-18, 1999.
36. SANTOS, Edna Mara dos. A terceira alternativa: pensar. **Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais**, São Bernardo do Campo, v.2, n. 2, p.21-27, 1994.
37. SEGRE, Carlos David. Os “Splittings” da Máscara em Pirandello: Proposta Psicoterapêutica. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, n. 51, 1995.
38. SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Tratamento de encoprese envolvendo medicação e terapia comportamental: relato de um caso clínico. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 7, p. 291-297, 1999.
39. SOUZA, Carla Beatriz de. Supervisão psicanalítica: Algumas implicações das modalidades individual e em grupo. **Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais**, São Bernardo do Campo, n. 5/6, p.59- 69, 1996.

## APÊNDICE 2

### QUADRO 1 – Elementos Históricos em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

40. SOUZA, Carla Beatriz de. Bricolage de sentimentos. **Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais**, São Bernardo do Campo, v. 2, n. 2, p. 29-38, 1994.
41. SHIELDS, John D. Prisioneiros do pagamento: o dinheiro, a transferência e o terapeuta iniciante. **Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais**, São Bernardo do Campo, n.8, 1997.
42. STONE, Michael H. A cura da mente: a história da psiquiatria da antiguidade até o presente. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 121-123, 1999.
43. WITTER, Geraldina Porto. Pesquisa Científica e nível de significância. **Revista Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 13, n. 1, p. 55-63, 1996.
44. WITTER, Geraldina Porto. A Psicologia do Boletim de Psicologia (1975-1994). **Boletim de Psicologia**, São Paulo, Edição comemorativa aos 30 anos da SPSP, p. 25-41, 1996.
45. ZAGO, José Antônio; SALZANI, José Carlos; SANTOS, Sérgio Augusto M. dos; SAMORA, Celisa A. B.; TOFANELLO, Janete M.; VIRGA, Carla Cristina; FERREIRA, José Renato G.; FOCHESATO, José Artur; PEREIRA, Paulo Sérgio Rocha. Programa terapêutico para dependentes de drogas e álcool do Instituto Bairral de Psiquiatria. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 12, p. 563-571, 1999.
46. ZIMERMAN, David E. A Grupoterapia sob a Ótica de David E. Zimerman. **Insight Psicoterapia**, São Paulo, n. 53, 1995. Entrevista.

### APÊNDICE 3

**QUADRO 2** – Elementos Históricos comparados em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

DATA	BRASIL/ TEMA	OUTROS/TEMA	REFERÊNCIAS
1901	Instituto Psycho-Physiologico em São Paulo	-----	14
1904	Nasce a Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal do Brasil.	-----	09
1905	-----	Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade.	41
1905	-----	Três Ensaio sobre a sexualidade infantil	05
1908	-----	Primeiro Congresso Mundial de Psicanálise	30
1908	-----	Primeira edição do periódico de psicanálise 'Jahrbuch'.	30
1908	-----	Inicia a interpretação de sonhos na psicoterapia com crianças.	25
1909	-----	Livro: Análise de uma Fobia de um Menino de cinco anos.	41
1924	-----	Obra 'Psicanálise Silvestre' – crítica ao diagnóstico precoce	41
1910	-----	Edição do periódico de psicanálise 'Zentralblatt'.	30
1910	-----	Reformulação da teoria dos Três Ensaio sobre a Sexualidade.	05
1911	-----	Pensamento seria inicialmente um processo inconsciente.	20
1912	-----	Os conflitos se originam em torno do Complexo de Édipo, em 'A dinâmica da Transferência'.	47
1912	-----	Edição do periódico de psicanálise 'Imago'.	30
1913	Laboratório de Psicologia da Escola Normal em São Paulo.	-----	14
1913	-----	Edição do periódico de psicanálise 'Zeitschrift'.	30
1914	-----	Artigo: 'Elaboração, Repetição e Elaboração'.	47
1915	-----	Publicação 'Sobre o Amor de Transferência'.	47
1915	-----	Publicação de vários estudos: 'O Inconsciente', 'Introdução ao Narcisismo', 'Fases do Desenvolvimento da Organização Sexual'.	05

### APÊNDICE 3

**QUADRO 2** – Elementos Históricos comparados em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

1915	-----	Reformulação da teoria dos Três Ensaios sobre a Sexualidade.	05
1915	-----	Artigo 'Repressão'.	41
1917	-----	Conferência 'O Sentido do Sintoma'. Diferença do sintoma em psiquiatria e psicanálise. Interpretação histórica do sintoma.	41
1918	-----	Definição da tarefa terapêutica: tornar consciente o material reprimido e descobrir resistências.	15
1918	-----	V Congresso Internacional de Psicanálise.	46
1919	-----	Edição do International Journal	30
1919	-----	Descrição do perfil clínico da demência precoce (esquizofrenia) acrescentando a forma 'paranoide'.	31
1920	-----	Reformulação da teoria dos Três Ensaios sobre a Sexualidade.	05
1920	-----	Publicação: 'Para além do Princípio do Prazer' – Pulsão de Vida e de Morte.	36
1921	-----	Nasce o Psicodrama. Finalidade: 'tratar toda comunidade e diminuir as dificuldades entre as pessoas'.	45
1922	-----	'pode haver incompatibilidade entre a tristeza e o núcleo duro da depressão'.	50
1923	-----	Texto: 'O Id e o Ego'.	13
1924	-----	Reformulação da teoria dos Três Ensaios sobre a Sexualidade.	05
1924	-----	Inclusão dos estudos sobre a 'fase genital e fálica'.	05
1924	Fundado Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas de Engenho de Dentro – RJ.	-----	14
1926	-----	M. Klein na Sociedade Britânica de Psicanálise.	05
1926	-----	Formulado o primeiro conceito de psicoterapia analítica de grupo.	45

### APÊNDICE 3

**QUADRO 2** – Elementos Históricos comparados em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

1926	-----	Técnica ativa de Ferenczi.	36
1927	-----	Simpósio sobre análise de crianças.	13
1928	Inicia a Revista Brasileira de Psicanálise.	-----	43
1929	Criado o Laboratório da Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico em BH.	-----	14
1930	-----	Psicoterapia analítica de grupo de pacientes nos hospitais.	45
1938	Fundação da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Nordeste.	-----	09
1938	-----	Ana Freud na Sociedade Britânica de Psicanálise.	05
1938	Primeiro Congresso da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental em João Pessoa.	-----	09
1939	-----	Criados os grupos Skill (de tarefa) e Training (de treinamento e relações interpessoais ou de autenticidade). (Lewin)	45
Anos 1940	-----	Predomínio da Escola Psicobiológica de Adolph Meyer – postura antinossológica; quadros clínicos como ‘reações?’.	08
1940	Artigos sobre a Escola de Psiquiatria Social de Pernambuco e a do Nordeste.	-----	09
1940	Segundo Congresso da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental em Aracaju.	-----	09
1943	Terceiro Congresso da sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental em Natal.	-----	09
1945	-----	Termo ‘Dinâmica de Grupo (Lewin).	45
1945	-----	Centro de Pesquisa em Dinâmica de Grupo no Massachusetts Institute of Technology (MIT).	45
1946	-----	Tentativa de abreviar o processo analítico, sendo considerado por muitos autores o marco inicial de Psicoterapia Breve.	36
1947	-----	Primeiro T-Group, em Bethel. (Discipulos de Lewin).	45

### APÊNDICE 3

**QUADRO 2** – Elementos Históricos comparados em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

1947	-----	Experiências de grupo intensivas no Centro de Aconselhamento da Universidade de Chicago (Rogers e colaboradores)	45
1947	-----	Mowrer cria a teoria bi-fatorial.	11
1947	-----	Skinner estuda a diferença entre comportamento operante-respondente e o reflexo condicionado.	11
1947	-----	Lewin cria a ‘Teoria de Campo’.	13
1948	-----	A esquizofrenia passou a ser descrita como um distúrbio mental grave, com características nitidamente diversas da normalidade.	31
1940 – 1950	-----	Pouco numerosas, todas as publicações deste período sobre a psicoterapia breve, nos países anglo-saxões, fazem referência à psicanálise.	27
1950	-----	Pesquisa sobre ‘Teoria da Depressão de Código’ e a ‘Teoria Virtual sobre a Depressão’.	18
1951	Relato da primeira experiência brasileira com grupos terapêuticos, implementada no Serviço Nacional de Doenças Menatais.		45
1952	Lançada a primeira edição do Manual Estatístico e Diagnóstico da APA.		29
1952	-----	Henri Ey trouxe à tona estudos acerca do ‘dilema psiquiátrico’ (organismo x psicogeneticismo).	08
1952	Lançada a ‘Encyclopédie Médico-Chirurgicale’, escrita por Maurício Medeiros.		08
1952	-----	Publicação da obra ‘A Vida Emocional do Bebê’.	42
1953	Apresentação do trabalho ‘Experiências de uma técnica grupal aplicada a doentes mentais’, no Centro de Estudos Franco da Rocha.		45

### APÊNDICE 3

**QUADRO 2** – Elementos Históricos comparados em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

1953	Realizados estudos por meio da psicoterapia de grupo, em nível de doutorado, com psicóticos e alcoólatras internados em Hospital de Porto Alegre.	-----	45
1953	-----	Bion elabora estudos sobre a relação que se estabelece entre pensamento e percepção da realidade. A realidade psíquica depende do desenvolvimento do pensamento verbal.	20
1954	Publicação do trabalho intitulado ‘Experiência psicanalítica em terapia de grupo, onde apresenta-se os princípios teóricos e as normas técnicas da Psicoterapia Analítica de Grupo.	-----	45
1955	Nasce a Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal do Brasil após doze anos de hibernação.	-----	09
1956	Emprega-se ‘técnicas de Psicoterapia Analítica de Grupo no ensino de dinâmica mental no curso de Psicologia para alunos de Enfermagem’.	-----	45
1956	É apresentado o trabalho ‘As diversas aproximações em psicoterapia grupal, orientações gerais de psicoterapia grupal’, no Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre.	-----	45
1956	Inicia-se tratamento grupal intensivo com orientação analítica com pacientes psicóticos internados.	-----	45
1956	Organiza-se grupos de pacientes, de hospital psiquiátrico e de ambulatório com método da Psicoterapia analítica de grupo.	-----	45
1957	-----	Bion revela que nos casos de distúrbios evolutivos da personalidade, os dados que aparecem na posição depressiva, tiveram início na fase esquizoparanóide.	20
1957	Bernardo Blay Neto emprega técnicas grupais no estilo psicodramático.	-----	45

### APÊNDICE 3

**QUADRO 2** – Elementos Históricos comparados em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

1957	Primeiro Congresso Latino-Americano de Psicoterapia de Grupo.	-----	45	
1957	-----	Mesa redonda na Associação Psicanalítica Americana – em debate a questão da psicoterapia psicanalítica e psicanálise.	46	
De 1957 a 1963	Encontros dos psicoterapeutas de grupo no Brasil, em Buenos Aires e Santiago do Chile, com a criação das quatro Sociedades Brasileiras de Psicoterapia Analítica de Grupo.	-----	45	
1958	Publica-se o texto ‘Considerações Acerca do Normal e do Patológico em Psiquiatria.	-----	09	
Após década de 1950	-----	Expansão conjunta da Psicanálise e da Psicoterapia Analítica “levou os psicanalistas a se preocuparem com a caracterização de cada uma delas a fim de evitar confusões e mal-entendidos que começaram a acontecer”. (Predominante nos E.U.A).	35	
Após década de 1950	-----	Franceses se contrapõem a caracterização de psicanálise psicoterapia analítica, referindo que elas decorrem da tendência “psiquiatrizante” da escola americana de psicanálise.	35	
Após década de 1950	No Brasil, no que se refere a caracterização da psicanálise e da psicoterapia analítica ‘existem enormes semelhanças no quadro político-institucional da relação psicanálise-psicoterapia analítica com o que aconteceu nos Estados Unidos nessa época.	-----	35	
Entre 1950 e 1960	-----	Período caracterizado pelo aumento das publicações sobre psicanálise nos artigos relacionados à psicoterapia breve, mais da metade delas já fazia referência a problemas concretos, como ‘situações de crise e necessidades da população consultante’.	27	
Entre	Tratamento psicanalítico apresentava-se bastante próximo do	Tratamento psicanalítico apresentava-se bastante próximo	35	

### APÊNDICE 3

**QUADRO 2** – Elementos Históricos comparados em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

1950 e 1960	padrão clássico freudiano.	do padrão clássico freudiano.	
Anos 1960	-----	Pesquisas com cães sobre ‘desesperança atendida’ - Pensilvânia. ‘Como a desesperança é aprendida, pode-se também aprender a escolher uma forma diversa de olhar para a vida’.	18
Anos 1960	-----	Desde 1960 houve um aumento de 600% no interesse profissional pela terapia cognitiva.	18
Anos 1960	-----	Surge o ‘Acompanhamento Terapêutico’ em Buenos Aires.	07
Anos 1960	-----	Teve início o ‘Projeto Denver’ patrocinado pelo Instituto de Saúde Mental (EUA), o qual foi extinto no início dos anos 1970.	28
1960	Fundação da Sociedade Paulista de Psicologia e Psicoterapia de Grupo. Esta teve 27 fundadores e o primeiro presidente foi Bernardo Blay Neto.	-----	45
1960	-----	Rogers cria os ‘Grupos de Encontro’.	45
1961	-----	Constata-se que na situação analítica o analista, apesar de sua neutralidade, intervém como parte integrante do processo.	52
1962	Promulgada a Lei 4.119, a qual regulamenta a Profissão de Psicólogo e os cursos de Psicologia no Brasil.	-----	17
1962	-----	Bion desenvolve os conceitos de continente e contido.	20
1962	Terceiro Congresso Latino-Americano de Psicoterapia de Grupo, presidido por Walderedo Ismael de Oliveira.	-----	45
1963	Julio de Mello Filho organizou os primeiros grupos Balint, no Hospital Pedro Ernesto, no Brasil.	-----	45
1963	-----	Grinberg e colaboradores desenvolvem os conceitos de ‘culpa persecutória’ e de ‘culpa depressiva’.	34

### APÊNDICE 3

**QUADRO 2** – Elementos Históricos comparados em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

Entre 1963 e 1968	Fundação da Associação Brasileira de Psicoterapia Analítica de Grupo, que reuniu quatro sociedades existentes.	-----	45
Entre 1962 e 1979	Maurício Knobel estudou a melhora maniaca na psicoterapia.	-----	43
Entre 1960 e 1970	A preocupação maior foi ressaltar diferenças, mais do que apontar as semelhanças ente a psicanálise e a psicoterapia analítica.	A preocupação maior foi ressaltar diferenças, mais do que apontar as semelhanças ente a psicanálise e a psicoterapia analítica.	35
Entre 1960 e 1970	-----	Multiplicação das publicações sobre psicoterapia breve nos países anglo-saxões, ‘mas mais ou menos três quartos colocam no primeiro plano suas preocupações com os problemas externos, as referências psicanalíticas são raras, senão ausentes’.	27
1964	-----	Esther Bick elabora o ‘Manual de Observação do Bebê’.	04
1965	Congresso de Psiquiatria em Fortaleza, possibilitando as bases para a fundação da ABP.	-----	09
1966	Fundação da Revista Brasileira de Psiquiatria que perdura até 1972.	-----	09
1966	Fundação da Associação Brasileira de Psiquiatria.	-----	09
Entre 1966 e 1967	-----	Pichon-Riviere publicou uma série de notas sobre ‘a psicologia da vida cotidiana’, na Revista Primeira Plana.	45
1967	Retoma-se a edição da Revista Brasileira de Psicanálise após 40 anos sem ser editada.		44
1967	-----	Em Milão é fundado o Centro de Estudos da Família.	22
1967	-----	Lester propõe intervenção, no momento de crise, em	36

### APÊNDICE 3

**QUADRO 2** – Elementos Históricos comparados em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

1968	-----	psicoterapia breve.	03
1968	Primeiro Congresso Brasileiro de Psicoterapia analítica de Grupo em Porto Alegre.	Snaith distingue a agorafobia das ‘fobias verdadeiras’.	45
1969	-----	Bowlby cria a ‘teoria do apego’.	13
1969	-----	Proskauer se propõe a ajudar as crianças a suportarem ligações patológicas com os pais e a se perceberem como indivíduos nas sessões de Psicoterapia Breve.	36
1960 e 1970	-----	Surgem movimentos de contestação à psiquiatria, tendo como expoentes Thomas Szasz, Laing, Arnold Michel Cooper e Mannoni.	08
Década de 1970	Influência de psicanalistas argentinos no Brasil por meio de um grupo didata formado por Mário Martins, José Lemmertze e os médicos do Centro de Estudos Juliano Moreira.	-----	26
Década de 1970	-----	Escola Argentina de Psicanálise, desenvolve-se os Grupos Operativos, resultado da síntese entre grupos de tarefa e de treinamento.	45
Década de 1970	-----	Pichon-Riviere fundou, na Argentina, a primeira Escola Privada de Psiquiatria Social.	45
1970	Ulysses Viana torna-se o sétima presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria no Rio de Janeiro.	-----	09
1970	Primeiro Congresso da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) juntamente com o VI Congresso da APAL, presidido por Clóvis Martins em São Paulo.	-----	09
Década de 1970	Oitavo Congresso da Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental do Brasil (SNPHMB), em Porto Alegre.	-----	09
Década de 1970	Nono Congresso da SNPHMB em Rio de Janeiro.	-----	09

### APÊNDICE 3

**QUADRO 2** – Elementos Históricos comparados em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

de 1970			
Década de 1970	Décimo Congresso da SNPHMB em SNPHMB em Recife.	-----	09
1970	Argentinos participam do curso de Formação em Psicoterapia de Base Analítica, no Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo.	-----	09
Década de 1970	No Brasil e na Argentina houve a expansão de novas linhas psicoterápicas, ‘assim como o surgimento de novos caminhos, movimentos e instituições paralelas à APA’.	-----	26
Década de 1970	Inicia, em Salvador, a formação de terapeutas corporalistas, com uma forte base psicanalítica bioenergética.	-----	26
Entre 1970 e 1980	Surgem restrições quanto à aplicação da psicoterapia breve com pacientes que apresentam estrutura egóica mais frágil, principalmente as personalidades borderline.	-----	40
1971	Ruptura de pesquisadores com a APA no Brasil.	-----	26
1971	Publicados ‘Estudos sobre Psicoterapia Analítica de Grupo’, com referências históricas sobre o tema, em Porto Alegre	-----	45
1971	Em São Paulo realiza-se grupos de encontro e supervisões dentro do enfoque teórico da ‘Dinâmica e gênese dos grupos’, de Kurt Lewin.	-----	45
1971	Gregório Baremlitt participou do Núcleo de Estudos em Psicologia e Psicoterapia (NEPP) e organizou encontros e congressos, trazendo idéias e pensadores como Saussure, Bachelard, Althusser, Lacan, Foulcault, Deleuze e Guattari.	-----	26
1971	Oswaldo Saidón participa da fundação do Instituto Brasileiro de Psicanálise (IBRAPSI), no Rio de Janeiro.	-----	26
1971	Armando Bauleo participa de eventos, supervisões e Workshops no Brasil.	-----	26
1971	-----	Winnicott ‘considera o brincar criativo como atividade	20

### APÊNDICE 3

**QUADRO 2** – Elementos Históricos comparados em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

		afim ao sonhar e ao viver, mas não pertencente ao fantasiar’.	
1972	Segundo Congresso da ABP em Minas Gerais e o Primeiro Encontro Luso-Brasileiro, reunindo pesquisadores portugueses e brasileiros.		09
1973	-----	Mann buscava um modelo integrativo de Psicoterapia Breve.	36
1973	-----	Cramer e Palacio-Espasa desenvolvem importantes trabalhos sobre a psicoterapia breve com crianças.	36
1973	A Sociedade de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental Brasileira (SNPHMP) já estava integrada à Associação Brasileira de Psiquiatria.	-----	09
1976	No Espírito Santo houve a instalação da psicanálise capixaba com Hugo Guangirolli, J. Volnovich, E. Banfin e E. Martinez no Instituto Ceppes, a qual apresentou relação controversa entre a Psicanálise e a Medicina Comunitária.	-----	26
1976	Revista Brasileira de Psicanálise divulga que é aberta ao público de ciências humanas.	-----	44
1976	Jurandir Freire Costa defende sua tese, no Centro Psiquiátrico de Saint Anne, em Paris, intitulada ‘História da Psiquiatria no Brasil’.	-----	09
1976	Criada a primeira instituição visando o atendimento de famílias e a formação em Terapia Familiar no Brasil.	-----	19
1976	O professor Isaias Paim busca registrar aspectos da historiografia da psiquiatria no Brasil em seu texto “Primórdios da psiquiatria no Brasil” no livro “Tratado da Clínica Psiquiátrica”.	-----	09
1976	-----	São traçadas novas diretrizes sobre a psicoterapia através do estudo de casos clínicos, “visando um maior	36

### APÊNDICE 3

**QUADRO 2** – Elementos Históricos comparados em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

			conhecimento do problema da seleção de pacientes e dos resultados da psicoterapia”, partindo-se do trabalho de Balint, o qual propõe que inicialmente se identifique o conflito primário.	
1977	-----		Falece o Frances Henri Ey (1900-1977), pesquisador da psiquiatria. Algumas de suas obras: “Manual de Psiquiatria”, “Études”, “Conscient”, “L’ inconscient”, “Traité des Hallucinations”, “Anti-Antipsiquiátrica”, “Défense ET Illustration de La Psychiatrie”, lançados na França	09
1977	Universidade Federal do Rio de Janeiro, Tácito Medeiros defende dissertação de mestrado sobre a assistência psiquiátrica no país até 1977.		-----	09
1977	Heronides Coelho Filho lança o livro “A Psiquiatria no País do Açúcar”.		-----	09
1979	Maurício Knobel teoriza que a evolução ou realização em psicoterapia podem ser confundidas com episódios de melhora mantida.		-----	43
Anos 1970 e 1980	Emergem várias formas de psicoterapia, acompanhamento e aconselhamento.		-----	01
1979			Rank deixou de lado a idéia de trauma de nascimento como questão central, centrando-se nos pólos entre os quais o ser humano se move. Contribuiu para o estabelecimento de uma data para o término da análise e com o conceito de ‘Will-therapy’.	36
Entre 1979 e 1984	-----		Sifneos desenvolveu a Psicoterapia Breve Provocadora de Ansiedade.	36

### APÊNDICE 3

**QUADRO 2** – Elementos Históricos comparados em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

Entre 1980 e 1985	-----	Desenvolve-se o Programa de Hospitalização de Famílias na <i>Philadelphia Child Guidance Clinic</i> (PCGC).	28
Entre 1980 e 1990	Foram desenvolvidos estudos que ressaltam a eficácia da psicoterapia breve com grupo de pacientes borderline, desde que os objetivos sejam bem delimitados.	-----	40
Anos 1980	Desenvolve-se experiência de reestruturação do serviço de saúde mental comunitária, buscando oportunizar o acesso ao serviço, também às famílias dos pacientes	-----	28
1980		Kernber cunhou o termo psicoterapia expressiva.	35
1980	Surgem vários trabalhos sobre grupos de reflexão, tanto no Brasil, como em outros países latino-americanos.	-----	45
1980	-----	Propõe-se que o transtorno (esquizofrenia) comporta duas classes de sintomas: as síndromes Tipo I e Tipo II.	31
1980	-----	Desenvolvem-se estudos acerca do transtorno subafetivo entre as depressões crônicas e caracterológicas.	09
1980	-----	Publicado o DSM-III. Desde então o quadro borderline é considerado um distúrbio de personalidade.	40
1980	-----	A partir do DSM-III o termo 'reações' foi alterado para 'disorder', sendo adotado pelos neokraepelinianos.	08
1980		Inclui-se critérios para diagnóstico do estresse pós-traumático (PTSD) no manual de classificação dos transtornos psiquiátricos da Associação Psiquiátrica Americana (APA).	29
1980	-----	Desenvolve-se técnica ativa de confrontação e manutenção do foco para a Psicoterapia Breve.	36
1980	-----	Propõe-se uma Psicoterapia Breve com uma maior flexibilidade, permitindo ao terapeuta lançar mão de diversos recursos, conforme o caso de cada paciente.	36

### APÊNDICE 3

**QUADRO 2** – Elementos Históricos comparados em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

1980	Segundo Encontro Luso-Brasileiro, em Salvador, reunindo pesquisadores da ABP e de Portugal.	-----	09
1981	-----	Re-fundada a Escola da Causa Freudiana de Paris.	23
1981	Surge a “Organização da Assistência Psiquiátrica do Brasil”, coordenada por Darcy de M. Uchoa.	-----	09
1982	Lei específica do estágio curricular na formação do psicólogo, a qual delimita em seu artigo 3º (Decreto nº 87.497/82): “O estágio curricular, como procedimento didático pedagógico, é atividade de competência da instituição de ensino a quem cabe a decisão sobre a matéria, e dele participam pessoas jurídicas de direito público e privado, oferecendo oportunidade e campo de estágio, outras formas de ajuda, e colaborando no processo educativo”.	-----	17
1984	Publica-se estudos sobre o Aconselhamento Genético.	-----	16
1984	-----	Desenvolve-se estudos observando a influência das famílias sobre os pacientes que sofrem de anorexia nervosa e bulimia.	16
1985	-----	Desenvolve-se estudos para diferenciar fobia social e o transtorno do pânico.	02
1986	-----	Tellegen, elabora o conceito de “Awareness”.	24
1986	Knobel, ao trabalhar com a Psicoterapia Breve, leva em consideração as questões sociais e econômicas, uma vez que é constante a preocupação com a viabilidade da indicação terapêutica, a qual deve ser escolhida de forma realista.	-----	36
1986	Identifica-se 450 tipos de psicoterapia oferecidos ao público.	-----	01
1987	-----	Há diferenciação entre o autismo e a esquizofrenia infantil conforme os estudos de Rutter.	06
1987	Revista Brasileira de Psicanálise contou com apoio do CNPQ e da Finep, tendo introduzido o “contraponto”, uma crítica ao	-----	44

### APÊNDICE 3

**QUADRO 2** – Elementos Históricos comparados em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

	artigo por um colega. -----		Iniciava-se distinção entre fobia social, transtorno do pânico e transtorno de ansiedade em virtude dos estudos de Reich. -----	02
1988	Terceiro Encontro Luso-Brasileiro, no Espírito Santo, reunindo pesquisadores da ABP e de Portugal.		-----	09
1988	Conselho Federal de Psicologia demonstra que 80% dos psicólogos que atuam no país, o fazem na área clínica, destes 75% atuam com abordagem psicanalítica. O modelo predominante é de base psicanalítica, não existindo opções diferenciadas por outras áreas tradicionais, emergentes, ou outras propostas teóricas.		-----	12
1989	Nasce o grupo que atende pacientes em psicoterapia breve, de orientação analítica, no Serviço de Psicoterapia do Instituto de Psiquiatria Hospitalar das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (IPQ do HC – FMUSP). Fundamenta-se nas idéias dos autores Sifneos, Malan e Davanloo. Contam que o Grupo de Psicoterapia Breve do no Brasil foi criado em 1989. -----		-----	37
1989	-----		Em Buenos Aires, acontece a Fundação da sociedade Latinoamericana de Neuropsicologia.	32
1989	-----		Nos Estados Unidos, propõe-se um modelo em Psicoterapia Breve que priorize as características da relação e da situação terapêutica.	36
1989	-----		Wallerstein, em 1989 publicou o artigo “Psychoanalysis and psychotherapy: na historical perspective”, retratando com detalhes as discussões históricas no embate entre essas áreas distintas. -----	35
1989	A Sociedade de psicoterapia analítica de grupo oferece		-----	45

### APÊNDICE 3

**QUADRO 2** – Elementos Históricos comparados em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

	<p> cursos de formação em São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco; além de grupos de estudo em Mato Grosso do Sul, Juiz de Fora, Barbacena, Campinas e, o mais recente deles, o Núcleo de Estudos em Saúde Mental (NESME) do ABC, em São Caetano do Sul.</p> <p>Ferro-Bucher desenvolve atividades de supervisão em terapia familiar nos Centros de Terapia Familiar e universidades brasileiras.</p>		
1989		-----	19
Década de 1990	-----	Carl Rogers ressaltou como característica dos grupos, o clima de segurança psicológica e o encorajamento à expressão de sentimento.	13
Década de 1990	<p>Compara-se o transtorno do pânico e fobia social distinguindo-os de acordo com a variável gênero, sendo a fobia social mais comum em mulheres.</p>	-----	02
Década de 1990	-----	A Associação de Psiquiatria Americana (APA) concluiu que o transtorno do pânico tem início em idades variadas, contudo começa tipicamente entre o final da adolescência e a faixa de 30 anos.	51
1990	<p>Sammons e Gravitz afirmavam que a orientação teórica dos estudantes de Psicologia eram diretamente relacionados à orientação teórica dos professores que mais os influenciaram durante o curso.</p>	-----	12
1991	<p>Primeiro Congresso Brasileiro de Neuropsicologia e é fundada a Sociedade Brasileira de Neuropsicologia.</p>	-----	32
1991	-----	1º Encontro Luso-Brasileiro e Luso-Americano de Psicoterapia Analítica de Grupo. O encontro de brasileiros	45

### APÊNDICE 3

**QUADRO 2** – Elementos Históricos comparados em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

			e lusitanos neste congresso repetiu a integração descrita por Blay Neto no congresso de Buenos Aires em 1957 e a história da Psicoterapia Analítica de Grupo do Brasil inicia um novo marco de integração entre brasileiros e portugueses na área de saúde mental e psicoterapia.	
1991	Revista Brasileira de Psicanálise, trouxe inovações na sessão de lançamentos e quanto a diagramação com auxílio da computação gráfica. Um grupo de psicanalistas brasileiros, formados na Sociedade Britânica de Psicanálise, trouxeram novos critérios de avaliação de artigos para a revista.		-----	44
1993	Sobre a formação do psicólogo, descreve-se a predominância de um sistema de formação orientado quase que exclusivamente para a área clínica e calcado no modelo médico, tendo como foco fundamental a posição psicanalítica (CAMPOS, SOUZA, CATÃO e CAMPOS, 1996).		-----	12
1993	Rio de Janeiro, IX Congresso Mundial de Psiquiatria, que ocorreu simultaneamente ao XXI Congresso Nacional de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental, no qual houve uma mesa-redonda sobre “Vultos e Personagens da Psiquiatria Brasileira”. Foram apresentados relatos de Marcos P. T. Ferraz sobre Franco da Rocha; Adolpho Hoirisch sobre J. Leme Lopes; Othon Bastos sobre Ulysses Pernambucano e Manoel de Albuquerque sobre Paulo Vianna Guedes.		-----	09

### APÊNDICE 3

**QUADRO 2** – Elementos Históricos comparados em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

1993	Othon Bastos, em Simpósio Brasil-Japão de Psiquiatria, apresentou o trabalho falado sobre “História da Psiquiatria e da Saúde Mental no Brasil”.	-----	09
1993	Em pesquisa de Feixas e Miró, foram descobertas mais de 400 linhas psicoterápicas.	-----	12
1994	Sociedade Brasileira de Psicanálise publicou o “Álbum de família”.	-----	09
1994	-----	Sobre o transtorno bipolar, Akiskal aplicou o conceito de espectro ao próprio transtorno bipolar e cunhou a expressão “espectro bipolar”.	33
1994	No mês de setembro, em Caldas Novas, aconteceu o XIII Congresso Brasileiro de Psiquiatria.	-----	08
1994	Em Porto Alegre, tem início o Projeto “Prontamente”.	-----	28
1994	Ha críticas aos pressupostos teóricos que ancoram a pesquisa em Psicologia. Existiria ênfase demasiada nos aspectos empíricos e observacionais na área.	-----	14
1994	Menciona a crise nos paradigmas na pesquisa em Psicologia..	-----	14
1995	Fundada a Escola Brasileira de Psicanálise.	-----	23
1995	-----	Messer & Warren desenvolvem o Modelo Relacional a ser	36

### APÊNDICE 3

**QUADRO 2** – Elementos Históricos comparados em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

		empregado na Psicoterapia Breve, ‘o mesmo era fruto de uma filosofia da ciência, a qual reconhecia a natureza contextualizada do conhecimento e a pluralidade de pontos-de-vista. Buscavam um modelo de Psicoterapia Breve que desse ênfase à questão do desenvolvimento, este somado à compreensão psicodinâmica, permitiria olhar para os problemas do paciente como dificuldades a serem enfrentadas e desafios propostos pelo próprio desenvolvimento.	
1995	-----	Prochaska buscava maior integração teórica na Psicoterapia Breve.	36
1995	-----	Bertolino, seguindo uma linha de crítica ao movimento objetivo em psicologia, tece uma perspectiva histórica do desenvolvimento do aspecto científico em Psicologia.	14
1995		Quanto a relação existente entre psicologia e seu objeto de estudo, Marzagão propunha a reflexão sobre a dicotomia entre acontecimento e estrutura na pesquisa em Psicologia. Não se mostra totalmente favorável a essa multiplicidade de formulações teóricas, por colocar que a psicologia deveria seguir um objeto de investigação uniforme.	14
1995		Athinkson et al e Hübner D’Oliveira apontavam a existência de diversos métodos científicos em Psicologia: experimental, observacional, correlacional e o levantamento.	14

### APÊNDICE 3

**QUADRO 2** – Elementos Históricos comparados em 98 artigos sobre Psicoterapia entre 1994 e 1999

1996	Miguel Roberto Jorge defende a tese de livre-docência que investigava as classificações nosográficas brasileiras.	-----	09
1996	Willam Gomes estudava a relação entre pesquisa e formação de psicólogo, buscando traçar um panorama histórico para justificar essa relação.	-----	14
1996	Havia uma tendência ao trabalho a partir de um conceito de prática multiprofissional, o que possibilitava o envolvimento de médicos psiquiatras e psicólogos.	-----	01
Entre 1977 e 1997	Na área psiquiátrica houve um crescente interesse pelos tratamentos biológicos. Exemplo disso é o fato da comercialização da fluoxetina - foi prescrita nesse período para mais de 20 milhões de pessoas	-----	48
1997	Associação Psiquiátrica Brasileira (APA) contava com mais de 40.000 sócios neste ano.		01
1999		Castro diz que pode-se estabelecer a mesma relação entre pesquisa e a prática clínica, estreitando os benefícios da pesquisa na formação do psicoterapeuta.	14

**APÊNDICE 4**  
**QUADRO 3 – 76 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos**

NOME/PROFISSÃO	PERSPECTIVA	REFERÊNCIA
AGUIAR, Rogério Wolf/ Professor aposentado e trabalha com psiquiatria forense	Psiquiatria Forense	AGUIAR, Rogério Wolf. Psicoterapias: desafios atuais e perspectivas futuras- uma proposta pluralista. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 93-105, 1999.
ALBUQUERQUE, Fernando Pires de/ Médico, clínico geral	Psiquiatria.	HORTA, Rogério Lessa; ALBUQUERQUE, Fernando Pires de; COZZATTI, Luis Cesar. A Abordagem Sistêmica da Urgência Psiquiátrica no Domicílio. <b>Revista ABP-APAL</b> , São Paulo, v. 18, n. 4, 1996.
AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do/ Professora, psicóloga	Psicanálise.	AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira do. Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade: um texto perdido em suas sucessivas edições. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v. 6, n. 2, 1995.
ANDRADE, Yasmin/	Psiquiatria.	ANDRADE, Yasmin; NARDI, Antônio Egídio; MENDLOWICZ, Mauro; MARQUES, Carla; FIGUEIRA, Ivan; CAMISÃO, Carlos; COSCARELLI, Pedro; & VERSIANEI, Márcio. Seguimento de pacientes fóbicos sociais (6 anos) Parte II – Descrição da evolução. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 44, n. 8, p. 423-430, 1995.
ANDRIATTE, Aparecida Malandrini/ Supervisora e pesquisadora, psicóloga	Desenvolvimento humano, psicanálise, atendimento a grupos, observação da relação mãe-bebê e psicologia do adolescente. (Psicanálise).	ANDRIATTE, Aparecida Malandrini; PIMENTEL, Eulalia M.P.; <i>et al.</i> Manifestações

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 1)

**APÊNDICE 4**  
**QUADRO 3 – 76 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos**

		transferenciais e contratransferenciais na tríade mãe-observador-bebê. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, v. 2, n. 2, p. 77-85, 1994.
<b>BANDIM, José Marcelino/ Professor, pesquisador, atividades de assistência, medicina</b>	Transtornos psiquiátricos da infância e adolescência, ênfase nos transtornos invasivos do desenvolvimento (transtorno autista), TDAH, transtorno do humor (afetivo), transtornos de ansiedade e transtornos neuropsiquiátricos que atingem a criança e o adolescente. (Psiquiatria).	BANDIM, José Marcelino; SOUGEY, Everton Botelho; CARVALHO, Tércio Fabio Ramos de. Autismo: características clínicas e tratamento. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 44, n. 12, p. 649-654, 1995.
<b>BARBOSA, Renan/ Médico psiquiatra, coordenador de grupos operativos</b>	Grupo operativo, Pichon-Rivière, transtornos alimentares. (Processos grupais).	BÓ, Dênis Eduardo Bertini; BARBOSA, Renan. Anorexia, Bulimia e Família: uma experiência com trabalho em grupo. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 48, n. 2, p. 533-537, 1999.
<b>BARRETO, Kleber Duarte/ Acompanhamento terapêutico, psicólogo</b>	Acompanhamento terapêutico.	BARRETO, Kleber Duarte. Acompanhamento Terapêutico: uma clínica do cotidiano. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n. 73, 1997.
<b>BASTOS, Othon/ Professor, medicina</b>	Doença mental, dados históricos. (Psiquiatria).	1.BASTOS, Othon. O Conceito de Doença Mental. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 111-115, 1995. 2.BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998.
<b>BÓ, Dênis Eduardo Bertini/ Médico psiquiatra, coordenador de grupos operativos, diretor</b>	Grupo operativo, Pichon-Rivière, (Processos grupais).	BÓ, Dênis Eduardo Bertini; BARBOSA, Renan. Anorexia, Bulimia e Família: uma experiência

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 1)

**APÊNDICE 4**  
**QUADRO 3 – 76 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos**

<b>clínico</b>			com trabalho em grupo. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 48, n. 2, p. 533-537, 1999.
<b>BUCHER-MALUSCHKE, Júlia Sursis Nobre Ferro/ Professora, psicóloga e filósofa</b>	Família, sexualidade, processos de desenvolvimento e promoção da saúde. (Terapia familiar).		DIAS, Cristina Maria de Souza Brito; BUCHER, Júlia S. N. Ferro. Modalidades de Supervisão em Terapia Familiar e a Realidade Brasileira. <b>Mudanças: psicoterapia e estudos psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 5/6, p. 41-58, 1996.
<b>CAETANO, Dorgival/ Médico, professor, diretor clínico</b>	Psicopatologia, psiquiatria e psiquiatria clínica. (Psiquiatria).		LIMA, Mônica Colares Oliveira; CAETANO, Dorgival. Evolução Histórica do Conceito de Esquizofrenia. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 44, n. 11, p. 559-562, 1995.
<b>CAMESCHI, Carlos Eduardo/ Professor, psicólogo</b>	Processos de Aprendizagem, memória e motivação; Behaviorismo radical e análise do comportamento: controle positivo e controle aversivo do comportamento, distinções operante-respondente e entre regras e contingências, análise conceitual e epistemologia empírica. (Análise do comportamento).		CAMESCHI, Carlos Eduardo. Comportamento de Esquiva: teorias e controvérsias. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, vol. 13, n. 1, p. 143-152, 1997.
<b>CAMISÃO, Carlos Alexandre/ Psiquiatra</b>	Psiquiatria.		ANDRADE, Yasmin; NARDI, Antônio Egídio; MENDLOWICZ, Mauro; MARQUES, Carla; FIGUEIRA, Ivan; CAMISÃO, Carlos; COSCARELLI, Pedro; & VERSIANEI, Márcio. Seguimento de pacientes fóbicos sociais (6 anos) Parte II – Descrição da evolução. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 44, n. 8, p. 423-430, 1995.

**Fonte:** Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 1)

**APÊNDICE 4**  
**QUADRO 3 – 76 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos**

<p><b>CAMPOS, Elisa Maria Parahyba/ Professora, psicóloga</b></p>	<p>Psico-oncologia, psicologia, adoecer, aspectos psicológicos do câncer e psicanálise. (Psico-oncologia).</p>	<p>RIBEIRO, Elisa Maria Parahyba de Campos. A Relação Psicoterapeuta-Cliente. <b>Psicologia USP</b>. São Paulo, v.6, n. 2, p. 129-134, 1995.</p>
<p><b>CAMPOS, Luiz Fernando de Lara/ Professor, psicólogo</b></p>	<p>Psicologia clínica, motivação.</p>	<p>CAMPOS, Luiz Fernando de Lara, SOUZA, Keli Cristina Cambi, CATÃO, Elaine Cristina; CAMPOS, Patrícia Ribeiro. Fatores Motivacionais na Escolha de Abordagens Teóricas em Psicologia Clínica. <b>Rev. Estudos de psicologia</b>, Campinas, n. 01, v. 13, p. 41-54, 1996.</p>
<p><b>CAMPOS CORREA, Patrícia Ribeiro/ Psicóloga clínica, professora, dá assistência técnica</b></p>	<p>Psicologia social, psicologia aplicada à administração, metodologia do trabalho científico, psicologia aplicada à fonoaudiologia, psicologia do desenvolvimento e da educação, sociologia aplicada à administração, filosofia e ética profissional, psicologia geral, estresse, lazer, brincadeiras, família, deficiência e mídia. (Psicologia social).</p>	<p>CAMPOS, Luiz Fernando de Lara, SOUZA, Keli Cristina Cambi, CATÃO, Elaine Cristina; CAMPOS, Patrícia Ribeiro. Fatores Motivacionais na Escolha de Abordagens Teóricas em Psicologia Clínica. <b>Rev. Estudos de psicologia</b>, Campinas, n. 01, v. 13, p. 41-54, 1996.</p>
<p><b>CARDOSO, Cláudia Lins/ Professora, psicóloga</b></p>	<p>Psicologia clínica, abordagem gestáltica, psicologia da saúde, psicologia da comunidade, pesquisa fenomenológica e atenção primária à saúde. (Gestalt-terapia).</p>	<p>CARDOSO, Cláudia Lins. Psicoterapia de Grupo com Pacientes Diabéticos e Hipertensos em Centros de Saúde Pública. <b>Rev. Estudos de psicologia</b>, Campinas, v. 16, n. 2, p. 5-15, 1999.</p>
<p><b>CARVALHO, Tércio Fabio Ramos de/ Pesquisador, médico</b></p>	<p>Diagnóstico, depressão, ansiedade, internet, computador, psiquiatria e esquizofrenia. (Psiquiatria).</p>	<p>BANDIM, José Marcelino; SOUGEY, Everton Botelho; CARVALHO, Tércio Fabio Ramos de. Autismo: características clínicas e tratamento. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>. Rio de Janeiro, v. 44, n. 12, p. 649-654, 1995.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 1)

**APÊNDICE 4**  
**QUADRO 3 – 76 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos**

<p><b>CASTRO, Paulo Francisco de/ Professor, psicólogo do sistema penitenciário</b></p>	<p>Psicodiagnóstico, avaliação psicológica e método Rorschach.(Psicologia escolar).</p>	<p>CASTRO, Paulo Francisco de. Reflexões em Psicologia e Ciência: uma análise da pesquisa aplicada à psicologia clínica. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b>, São Paulo. v.1 n.1, p. 3-13, 1999.</p>
<p><b>CATAFESTA, Ivonise Fernandes da Motta/ Professora, orientadora, coordenadora, psicóloga</b></p>	<p>Psicanálise, Winnicott, diagnóstico, psicoterapia de crianças, adolescentes e adultos, psicologia clínica. (Psicanálise).</p>	<p>CATAFESTA, Ivonise Fernandes da Motta. A Relação Psicoterapeuta-Cliente. <b>Psicologia USP</b>, São Paulo, vol.6, n. 2, p. 139-144, 1995.</p>
<p><b>CATÃO, Elaine Cristina/ Psicóloga clínica, professora</b></p>	<p>Psicologia experimental, psicologia da educação e aprendizagem, psicoterapia sexual, terapia comportamental, ensino e pesquisa em psicologia. (Análise do comportamento).</p>	<p>CAMPOS, Luiz Fernando de Lara, SOUZA, Keli Cristina Cambi, CATÃO, Elaine Cristina; CAMPOS, Patrícia Ribeiro. Fatores Motivacionais na Escolha de Abordagens Teóricas em Psicologia Clínica. <b>Rev. Estudos de psicologia</b>, Campinas, n. 01, v. 13, p. 41-54, 1996.</p>
<p><b>COSCARELLI, Pedro Guimarães/ Médico, pesquisador e professor</b></p>	<p>Medicina interna de adultos e adolescentes. (Psiquiatria).</p>	<p>1.ANDRADE, Y.; NARDI, A. E.; FIGUEIRA, I.; MARQUES, C.; MENDLOWICZ, M.; CAMISÃO, C.; COSCARELLI, P.; VERSIANI, M. Seguimento de Pacientes Fóbicos Sociais – Parte I. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>, Rio de Janeiro, v. 44, n. 7, p. 369-377, 1995.</p> <p>2.ANDRADE, Yasmin; NARDI, Antônio Egidio; MENDLOWICZ, Mauro; MARQUES, Carla; FIGUEIRA, Ivan; CAMISÃO, Carlos; COSCARELLI, Pedro; &amp; VERSIANI, Márcio. Seguimento de pacientes fóbicos sociais (6 anos) Parte II – Descrição da evolução. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>, Rio de Janeiro, v. 44,</p>

**Fonte:** Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 1)

**APÊNDICE 4**  
**QUADRO 3 – 76 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos**

			n. 8, p. 423-430, 1995.
<b>COSTA JR. Áderson Luiz/ Professor, psicólogo</b>	Psico-oncologia pediátrica e de adolescentes, psicologia aplicada à odontologia, ciência do desenvolvimento humano, psicologia da infância, intervenção psicológica em contextos de tratamento de saúde. (Psico-oncologia).		1. COSTA JR. Áderson L. Atuação Profissional do Psicólogo em Aconselhamento Genético. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília, n. 3, p. 19-23, 1996. 2. COSTA JR., Áderson Luiz; HOLANDA, Adriano Furtado. Estágio em Psicologia: discussão e critérios para o exercício de supervisor de estágio. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília, n. 02, p. 4-9, 1996.
<b>COZZATTI, Luis Cesar/ Psiquiatra domiciliar e crítico</b>	Médico do trabalho.		HORTA, Rogério Lessa; ALBUQUERQUE, Fernando Pires de; COZZATTI, Luis Cesar. A Abordagem Sistêmica da Urgência Psiquiátrica no Domicílio. <b>Revista ABP-APAL</b> , São Paulo, v. 18, n. 4, 1996.
<b>DATTILIO, Frank M./ Professor, escritor, pesquisador, psicólogo</b>	Terapia cognitivo comportamental, terapia de família e de casal, psicologia forense, pesquisas clínicas e transtornos de ansiedade. (Análise do comportamento). Família, avós-netos, interação familiar, relacionamento intergeracional e adoção. (Psicologia familiar).		DATTILIO, Frank. A Formação em Psicoterapia Cognitiva por Frank Dattilio. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, v. 5, n.51, maio, 1995.
<b>DIAS, Cristina Maria de Souza Brito/ Psicóloga, professora</b>			DIAS, Cristina Maria de Souza Brito; BUCHER, Júlia S. N. Ferro. Modalidades de Supervisão em Terapia Familiar e a Realidade Brasileira. <b>Mudanças: psicoterapia e estudos psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 5/6, p. 41-58, 1996.
<b>DONADI, Delmosides Conceição</b>	Psicanálise de Bion.		DONADI, Delmosides Conceição. Algumas Considerações Teóricas Sobre a Evolução do Pensamento. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos</b>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 1)

**APÊNDICE 4**  
**QUADRO 3 – 76 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos**

			Psicossociais, São Bernardo do Campo, v. 2, n. 2, p. 9-20, 1994.
<b>ENÉAS, Maria Leonor Espinosa/ Professora, membro da Society for Psychotherapy Research</b>	Intervenção terapêutica, com estudos de avaliação e processos de psicoterapia breve. (Psicanálise).		ENÉAS, Maria Leonor Espinosa. Considerações Sobre o Emprego da Psicoterapia Breve Psicodinâmica. <b>Revista Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v.1 n.1, p.19-23, 1999.
<b>ESTEVÃO, Giordano/ Médico</b>	Psiquiatria, estrutura do discurso psiquiátrico, história de ensino de metodologia de pesquisa em psiquiatria, discurso, farmacoterapia de lítio, eletroconvulsoterapia e depressão. (Psiquiatria).		SONENREICH, Carol; ESTEVÃO, Giordano; FRIEDRICH, Sonia; SILVA FILHO, Luís De M. Altенfelder. A evolução histórica do conceito de depressão. <b>Revista ABP-APAL</b> , São Paulo, v. 17, n. 1, p. 29-40, 1995.
<b>FÉRES-CARNEIRO, Terezinha/ Membro editorial de revistas científicas, revisora de periódicos, psicóloga</b>	Avaliação familiar, entrevista familiar, pesquisa em psicologia. (Psicologia familiar).		FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Terapia Familiar: das divergências às possibilidades de articulação dos diferentes enfoques. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília, n. 01, 1996.
<b>FIGUEIRA, Ivan Luiz de Vasconcellos/ Professor e coordenador, médico</b>	Transtorno do Estresse Pós-Traumático, fobia social, transtorno do pânico e cienciometria. (Psiquiatria).		1. ANDRADE, Y.; NARDI, A. E.; FIGUEIRA, I.; MARQUES, C.; MENDLOWICZ, M.; CAMISÃO, C.; COSCARELLI, P.; VERSIANI, M. Seguimento de Pacientes Fóbicos Sociais – Parte I. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 44, n. 7, p. 369-377, 1995. 2. ANDRADE, Yasmin; NARDI, Antônio Egídio; MENDLOWICZ, Mauro; MARQUES, Carla; FIGUEIRA, Ivan; CAMISÃO, Carlos; COSCARELLI, Pedro; & VERSIANI, Márcio. Seguimento de pacientes fóbicos sociais (6 anos) Parte II – Descrição da evolução. <b>Jornal</b>

**Fonte:** Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 1)

**APÊNDICE 4**  
**QUADRO 3 – 76 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos**

		<p><b>Brasileiro de Psiquiatria</b>, Rio de Janeiro, v. 44, n. 8, p. 423-430, 1995.</p> <p>3. MENDLOWICZ, Mauro; FIGUEIRA, Ivan; NARDI, Antônio Egídio; VERSIANI, Marcio. Como Identificar o Transtorno Bipolar II Dentro os Transtornos do Humor e da Personalidade: implicações terapêuticas. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>, Rio de Janeiro, v. 47, n. 1, p. 39-45, 1998.</p> <p>4. VALENÇA, Alexandre Martins; NASCIMENTO, Isabella; NARDI, A. E.; MARQUES PORTELLA, Carla; FIGUEIRA, I.; VERSIANI, M. Pânico e Suicídio. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>. Rio de Janeiro, v. 47, n. 12, p. 647-655, 1998.</p>
<b>FORBES, Jorge de Figueiredo/ Médico, psicanalítico, psiquiatra, coordenador</b>	Psicanálise, Lacan.	FORBES, Jorge, Os 100 Anos da Psicanálise e EBP. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n. 57, 1995. Entrevista.
<b>FRAZÃO, Lillian Meyer/ Psicóloga clínica, professora</b>	Psicologia, gestalt-terapia, treinamento de psicoterapeutas e diagnóstico. (Gestalt-terapia).	FRAZÃO, Lillian Meyer. A Relação Psicoterapeuta-Cliente. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v. 6, n. 2, p. 144-149, 1995.
<b>FREUD, Joseph Knobel/ Psicanalista, paletrista</b>	Neuropsiquiatria e psicanálise.	FREUD, Joseph Knobel. La Interpretación de Los Sueños en La Psicoterapia con Niños. <b>Mudanças: psicoterapia e estudos psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, v.7 n.12, p. 47-71, jul/dez, 1999.
<b>FRIEDRICH, Sonia/ Psiquiatra</b>	Psiquiatria.	SONENREICH, Carol; ESTEVÃO, Giordano; FRIEDRICH, Sonia; SILVA FILHO, Luís De M. Altenfelder. A evolução histórica do conceito de

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 1)

**APÊNDICE 4**  
**QUADRO 3 – 76 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos**

			depressão. <b>Revista ABP-APAL</b> , São Paulo, v. 17, n. 1, p. 29-40, 1995.
<b>GALANO, Mônica Haydee/ Psicóloga, professora, coordenadora</b>	Sistema categorial, grupos, paradigma, complexidade, abordagem sistêmica. (Psicologia social).		<b>GALANO, Mônica H.</b> A Influência dos Psicanalistas Argentinos no Brasil na Década de 70. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n. 54, 1995.
<b>GILLIERON, Edmond/ Professor, diretor do Instituto de Richerche Europee in Psicoterapia Psicoanalítica (Roma, Itália)</b>	Psiquiatria, psicanálise, terapia familiar.		<b>GILLIERON, Edmond.</b> Evolução das Psicoterapias Breves. <b>Interações: Estudo e Pesquisa em Psicologia</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 7-28, 1996.
<b>HOLANDA, Adriano Furtado/ Psicólogo, professor, editor, escritor</b>	Fenomenologia, Gestalt-Terapia, Análise Centrada na Pessoa. (Fenomenologia).		<b>COSTA JR., Aderson Luiz; HOLANDA, Adriano Furtado.</b> Estágio em Psicologia: discussão e critérios para o exercício de supervisor de estágio. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília, n. 02, p. 4-9, 1996.
<b>HORTA, Rogério Lessa/ Médico, diretor e supervisor, supervisor clínico, consultor, professor e pesquisador, coordenador</b>	Família, gênero, saúde mental, álcool e drogas, álcool e drogas na atenção em saúde mental. (Psiquiatria).		<b>HORTA, Rogério Lessa; ALBUQUERQUE, Fernando Pires de; COZZATTI, Luis Cesar.</b> A Abordagem Sistêmica da Urgência Psiquiátrica no Domicílio. <b>Revista ABP-APAL</b> , São Paulo, v. 18, n. 4, 1996.
<b>ITO, Ligia Montenegro/ Psicóloga</b>	Psiquiatria.		<b>ITO, Ligia M.; ROSO, Miréia C.</b> Transtorno de Estresse Pós-Traumático: definição, classificação e tratamento. <b>Revista ABP APAL</b> , São Paulo, v. 17 n. 4, 1995.
<b>LEITE, Eliana Borges Pereira/ Psicóloga, psicanalista</b>	Clínica psicanalítica, escuta psicanalítica, técnica psicanalítica, representação, corpo. (Psicanálise).		<b>LEITE, Eliana Borges Pereira.</b> Dez Anos de Percurso. <b>Revista Percurso</b> , São Paulo, n. 20, 1998.

**Fonte:** Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 1)

**APÊNDICE 4**  
**QUADRO 3 – 76 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos**

<p><b>LIMA, Mônica Colares Oliveira/ Médica, professora</b></p>	<p>Esquizofrenia, fluxo sanguíneo cerebral e saúde mental. (Psiquiatria).</p>	<p>LIMA, Mônica Colares Oliveira; CAETANO, Dorival. Evolução Histórica do Conceito de Esquizofrenia. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>. Rio de Janeiro, v. 44, n. 11, p. 559-562, 1995.</p>
<p><b>MÄDER, Maria Joana/ Psicóloga</b></p>	<p>Neuropsicologia, epilepsia, memória, função cognitiva e demências. (Neuropsicologia).</p>	<p>MÄDER, Maria Joana. Avaliação Neuropsicológica: aspectos históricos e situação atual. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b>, Brasília, n. 03, 1996.</p>
<p><b>MARQUES PORTELLA, Carla/ Médica, pesquisadora</b></p>	<p>Psicofarmacologia dos Transtornos de Ansiedade (Transtorno de Estresse Pós-Traumático, Transtorno Obsessivo-Compulsivo, Fobia Social). (Psiquiatria).</p>	<p>ANDRADE, Y.; NARDI, A. E.; FIGUEIRA, I.; MARQUES, C.; MENDLOWICZ, M.; CAMISÃO, C.; COSCARELLI, P.; VERSIANI, M. Seguimento de Pacientes Fóbicos Sociais – Parte I. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>, Rio de Janeiro, v. 44, n. 7, p. 369-377, 1995.</p> <p>2. ANDRADE, Yasmin; NARDI, Antônio Egídio; MENDLOWICZ, Mauro; MARQUES, Carla; FIGUEIRA, Ivan; CAMISÃO, Carlos; COSCARELLI, Pedro; &amp; VERSIANEI, Márcio. Seguimento de pacientes fóbicos sociais (6 anos) Parte II – Descrição da evolução. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>, Rio de Janeiro, v. 44, n. 8, p. 423-430, 1995.</p> <p>3. VALENÇA, Alexandre Martins; NASCIMENTO, Isabella; NARDI, A. E.; MARQUES PORTELLA, Carla; FIGUEIRA, I.; VERSIANI, M. Pânico e Suicídio. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>. Rio de Janeiro, v. 47, n. 12, p. 647-655, 1998.</p>

**Fonte:** Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 1)

**APÊNDICE 4**  
**QUADRO 3 – 76 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos**

<p><b>MENDLOWICZ, Mauro Vitor/ Médico, professor</b></p>	<p>Transorno do Estresse Pós-Traumático, trauma, homicídio e Transtornos de Ansiedade. (Psiquiatria).</p>	<p>1. ANDRADE, Y.; NARDI, A. E.; FIGUEIRA, I.; MARQUES, C.; MENDLOWICZ, M.; CAMISÃO, C.; COSCARELLI, P.; VERSIANI, M. Seguimento de Pacientes Fóbicos Sociais – Parte I. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>, Rio de Janeiro, v. 44, n. 7, p. 369-377, 1995.</p> <p>2. ANDRADE, Yasmin; NARDI, Antônio Egídio; MENDLOWICZ, Mauro; MARQUES, Carla; FIGUEIRA, Ivan; CAMISÃO, Carlos; COSCARELLI, Pedro; &amp; VERSIANI, Márcio. Seguimento de pacientes fóbicos sociais (6 anos) Parte II – Descrição da evolução. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>, Rio de Janeiro, v. 44, n. 8, p. 423-430, 1995.</p> <p>3. MENDLOWICZ, Mauro; FIGUEIRA, Ivan; NARDI, Antônio Egídio; VERSIANI, Márcio. Como Identificar o Transtorno Bipolar II Dentre os Transtornos do Humor e da Personalidade: implicações terapêuticas. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>, Rio de Janeiro, v. 47, n. 1, p. 39-45, 1998.</p>
<p><b>MILLAN, Marília Pereira Bueno/ Psicóloga, professora, supervisora, coordenadora</b></p>	<p>Tempo, tecnologia, reality shows, subjetividade, relacionamento interpessoal, pós-modernidade. (Psicologia social).</p>	<p>MILLAN, Marília Pereira Bueno. Considerações Sobre a Psicoterapia Psicanalítica do Paciente Deprimido. <b>Revista ABP-APAL</b>, São Paulo, n.19, v.03, p.112-116, 1997.</p>
<p><b>MIODOWNIK, Bernard/ Médico, psicanalista</b></p>	<p>(Psiquiatria e psicanálise).</p>	<p>MIODOWNIK, Bernard. Psicanálise e Psicoterapia: o vértice do psicanalista. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b>, São Paulo, v. 32 n. 4, p.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 1)

**APÊNDICE 4**  
**QUADRO 3 – 76 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos**

		865-884, 1998.
<p><b>NARDI, Antônio Egídio/ Médico, professor, pesquisador, escritor, coordenador</b></p>	<p>Diagnóstico, diagnóstico diferencial, tratamentos, transtornos de ansiedade, transtorno de pânico, depressão e transtorno bipolar. (Psiquiatria).</p>	<p>1. ANDRADE, Y.; NARDI, A. E.; FIGUEIRA, I.; MARQUES, C.; MENDLOWICZ, M.; CAMISÃO, C.; COSCARELLI, P.; VERSIANI, M. Seguimento de Pacientes Fóbicos Sociais – Parte I. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>, Rio de Janeiro, v. 44, n. 7, p. 369-377, 1995.</p> <p>2. ANDRADE, Yasmin; NARDI, Antônio Egídio; MENDLOWICZ, Mauro; MARQUES, Carla; FIGUEIRA, Ivan; CAMISÃO, Carlos; COSCARELLI, Pedro; &amp; VERSIANI, Márcio. Seguimento de pacientes fóbicos sociais (6 anos) Parte II – Descrição da evolução. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>, Rio de Janeiro, v. 44, n. 8, p. 423-430, 1995.</p> <p>3. MENDLOWICZ, Mauro; FIGUEIRA, Ivan; NARDI, Antônio Egídio; VERSIANI, Márcio. Como Identificar o Transtorno Bipolar II Dentro os Transtornos do Humor e da Personalidade: implicações terapêuticas. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>, Rio de Janeiro, v. 47, n. 1, p. 39-45, 1998.</p> <p>4. VALENÇA, Alexandre Martins; NASCIMENTO, Isabella; NARDI, A. E.; MARQUES PORTELLA, Carla; FIGUEIRA, I.; VERSIANI, M. Pânico e Suicídio. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>. Rio de Janeiro, v. 47, n. 12, p. 647-655, 1998.</p>

**APÊNDICE 4**  
**QUADRO 3 – 76 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos**

<p><b>NASCIMENTO, Andréia de Fátima/ Médica, professora, pesquisadora</b></p>	<p>Avaliação de serviços de saúde mental, acidentes de transporte terrestre (mortalidade e tendências), neoplasia (epidemiologia mortalidade e tendências). (Psiquiatria).</p>	<p>PELUSO, Marco Aurélio Monteiro, NASCIMENTO, Andréia; SCHOUERI, Patrícia de Campos Lindenber. Grupo de Psicoterapia Breve: organização e funcionamento, <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>, Rio de Janeiro, v. 48, n. 9, p. 421-426, 1999.</p>
<p><b>NASCIMENTO, Isabella/ Médica, coordenadora</b></p>	<p>Diagnóstico e tratamento dos transtornos de ansiedade, especialmente do transtorno de pânico e suas comorbidades, como depressão e doenças respiratórias. (Psiquiatria).</p>	<p>VALENÇA, Alexandre Martins; NASCIMENTO, Isabella; NARDI, A. E.; MARQUES PORTELLA, Carla; FIGUEIRA, I.; VERSIANI, M. Pânico e Suicídio. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>. Rio de Janeiro, v. 47, n. 12, p. 647-655, 1998.</p>
<p><b>OLIVEIRA, Iraní Tomiatto/ Psicóloga, coordenadora, supervisora</b></p>	<p>Psicodiagnóstico e psicoterapia psicodinâmica breve de crianças e pais. (Psicanálise).</p>	<p>OLIVEIRA, Iraní Tomiatto. Psicoterapia Psicodinâmica Breve: dos precursores aos modelos atuais. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b>, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 9-19, 1999.</p>
<p><b>OLIVI, Marta Elisabete Wentzovitch/ Psicóloga clínica, professora</b></p>	<p>Desenvolvimento Humanos e aprendizagem. (Processos grupais).</p>	<p>ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b>, São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.</p>
<p><b>PELUSO, Marco Aurélio Monteiro/ Médico, pesquisador</b></p>	<p>Epidemiologia psiquiátrica, medicina esportiva, vestibulandos, alterações de humor e instrumentos de avaliações em psiquiatria. (Psiquiatria).</p>	<p>PELUSO, Marco Aurélio Monteiro, NASCIMENTO, Andréia; SCHOUERI, Patrícia de Campos Lindenber. Grupo de Psicoterapia Breve: organização e funcionamento, <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>, Rio de Janeiro, v. 48, n. 9, p. 421-426, 1999.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 1)

**APÊNDICE 4**  
**QUADRO 3 – 76 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos**

<p><b>PIMENTEL, Eulalia M.P.</b></p>	<p>Psicanálise.</p>	<p>ANDRIATTE, Aparecida Malandrin; PIMENTEL, Eulalia M.P.; <i>et al.</i> Manifestações transferenciais e contratransferenciais na triade mãe-observador-bebê. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b>, São Bernardo do Campo, v. 2, n. 2, p. 77-85, 1994.</p>
<p><b>PRISZKULNIK, Léia/ Psicóloga, professora, orientadora, pesquisadora</b></p>	<p>Psicanálise, clínica psicanalítica, Freud, Lacan, psicanálise da criança, criança, tratamento, prática clínica e teoria freudiana, diagnóstico psicológico, investigações em psicanálise. (Psicanálise).</p>	<p>PRISZKULNIK, Léia. O distúrbio psicomotor e a clínica psicanalítica. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b>, São Bernardo do Campo, n.10, p.41- 53, 1998.</p>
<p><b>ROMARO, Rita Aparecida/ Psicóloga</b></p>	<p>Crianças e adolescentes, violência doméstica, psicoterapia breve, diagnóstico e caracterização da clientela. (Psicanálise).</p>	<p>1.ROMARO, Rita Aparecida. Avaliação da Psicoterapia Breve Dinâmica com Pacientes Borderline. <b>Mudanças: Psicoterapia e estudos psicossociais</b>, São Bernardo do Campo, v. 7, n. 12, p. 109-133, jul-dez 1999.</p> <p>2.ROMARO, Rita Aparecida. O estabelecimento do diagnóstico em psicanálise. <b>Revista Psico-USF</b>, Bragança Paulista, v. 3, p. 23-37, jul/dez, 1998.</p>
<p><b>ROSA, Ivete Pellegrino/ Pedagoga, psicóloga, formação em ciências sociais, professora, psicopedagoga</b></p>	<p>Desenvolvimento humano, educação infantil, prática pedagógica, aprendizagem significativa e psicopedagogia clínica. (Psicologia escolar).</p>	<p>ROSA, Ivete Pellegrino; SILVA, Jussára Cristina Van de Velde Vieira da. Una Contribución al Concepto de Identificación Proyectiva Durante el Proceso Psicodiagnóstico em Psicoterapia. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b>, São Bernardo do Campo, ano 2, n.2, p. 69-76,</p>

**Fonte:** Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 1)

**APÊNDICE 4**  
**QUADRO 3 – 76 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos**

	<p>Psicanálise, psicossomática, psicologia da saúde, psicoterapia psicanalítica, psicologia clínica e Teste das Relações Objetais de Phillipson. (Psicanálise).</p>	<p>1994.</p>
<p><b>ROSA, José Tolentino/ Psicólogo clínico, professor, psicanalítico</b></p>		<p>1. ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b>, São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994.</p> <p>2. ROSA, José Tolentino. Evolução em Psicoterapia: reações de melhoria maniaca como obstáculos à elaboração do luto. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos</b>, São Bernardo do Campo, n. 02, v. 02, p. 87-99, 1994.</p> <p>3. ROSA, José Tolentino. Revista Brasileira de Psicanálise Comemora 25 Anos de Divulgação Científica: seu sistema gráfico e organizacional editorial. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos</b>, São Bernardo do Campo, n. 02, p. 129-135, 1994.</p>
<p><b>ROSO, Miréia Casademunt/ Psicóloga, coordenadora de programas, pesquisadora, psicoterapeuta</b></p>	<p>Psicoterapia cognitiva e construtivista, transtorno do pânico, estresse pós-traumático, transtorno do humor. (Psicologia cognitivo-construtivista).</p>	<p>ITO, Ligia M.; ROSO, Miréia C. Transtorno de Estresse Pós-Traumático: definição, classificação e tratamento. <b>Revista ABP APAL</b>, São Paulo, v. 17 n. 4, 1995.</p>
<p><b>SARFATT, Heloisa Sussmann/ Psicóloga</b></p>	<p>Psicologia, terapia individual, casal e família.</p>	<p>SARFATT, Heloisa Sussmann. Psicoterapia Psicanalítica x Psicanálise: um levantamento bibliográfico. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>, Rio de Janeiro, v. 43, n. 4, p. 199-204, 1994.</p>
<p><b>SEGAL, Adriano/ Psiquiatra, diretor</b></p>	<p>Obesidade, psiquiatria, obesidade mórbida,</p>	<p>SEGAL, Adriano. Psicoterapia e Psiquiatria.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 1)

**APÊNDICE 4**  
**QUADRO 3 – 76 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos**

	transtornos alimentares e cirurgia bariátrica e metabólica. (Psiquiatria).	dicotômicas? <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n. 78, out.; 1997.
<b>SEGRE, Carlos David/ Médico</b>	Psiquiatria.	SCHOUER, Patrícia de Campos Lindenberg; SEGRE, Carlos David. Conceito de Psicoterapia Dinâmica Breve (P.D.B.). <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 48, n. 1, p. 5-8, 1999.
<b>SCHOUER, Patrícia de Campos Lindenberg/ Médica</b>	Psicoterapia breve, seleção de pacientes, processos psicoterapêuticos, mecanismo de defesa, desenvolvimento psicosexual, unidade hospitalar de psiquiatria. (Psiquiatria).	1.PELUSO, Marco Aurélio Monteiro, NASCIMENTO, Andréia; SCHOUER, Patrícia de Campos Lindenberg. Grupo de Psicoterapia Breve: organização e funcionamento, <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 48, n. 9, p. 421-426, 1999. 2.SCHOUER, Patrícia de Campos Lindenberg; SEGRE, Carlos David. Conceito de Psicoterapia Dinâmica Breve (P.D.B.). <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 48, n. 1, p. 5-8, 1999.
<b>SILVA, Jussára Cristina Van de Velde Vieira da/ Psicóloga clínica, psicanalista</b>	Teste das relações objetais de Phillipson, psicanálise e psicoterapia psicanalítica, testes projetivos, câncer de mama, relações objetais. (Psicanálise).	ROSA, Ivete Pellegrino; SILVA, Jussára Cristina Van de Velde Vieira da. Una Contribución al Concepto de Identificación Proyectiva Durante el Proceso Psicodiagnóstico em Psicoterapia. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, ano 2, n.2, p. 69-76, 1994.

**Fonte:** Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 1)

**APÊNDICE 4**  
**QUADRO 3 – 76 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos**

<p><b>SILVA FILHO, Luís De M. Altenfelder/</b>  <b>Psiquiatra, terapeuta grupal</b></p>	<p>Psiquiatria, psicodrama.</p>	<p>SONENREICH, Carol; ESTEVÃO, Giordano; FRIEDRICH, Sonia; SILVA FILHO, Luís De M. Altenfelder. A evolução histórica do conceito de depressão. <b>Revista ABP-APAL</b>, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 29-40, 1995.</p>
<p><b>SIMON, Ryad/ Filósofo, professor</b></p>	<p>Psicoterapia, psicoterapia psicanalítica, psicanálise, psicoterapia breve e prevenção. (Psicanálise).</p>	<p>SIMON, Ryad. Principais Contribuições de Melanie Klein à Teoria e à Técnica da Psicoterapia Psicanalítica. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b>, São Bernardo do Campo, n. 02, v. 02, 1994.</p>
<p><b>SONENREICH, Carol/ Médica</b></p>	<p>Psiquiatria-alcoolismo.</p>	<p>SONENREICH, Carol; ESTEVÃO, Giordano; FRIEDRICH, Sonia; SILVA FILHO, Luís De M. Altenfelder. A evolução histórica do conceito de depressão. <b>Revista ABP-APAL</b>, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 29-40, 1995.</p>
<p><b>SOUGEY, Everton Botelho/ Médico, coordenador, professor</b></p>	<p>Depressão, esquizofrenia, diagnóstico, diagnóstico computadorizado, neurociências. Transtornos afetivos, psicofarmacologia clínica, métodos diagnósticos. (Psiquiatria).</p>	<p>BANDIM, José Marcelino; SOUGEY, Everton Botelho; CARVALHO, Tarcio Fabio Ramos de. Autismo: características clínicas e tratamento. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>. Rio de Janeiro, v. 44, n. 12, p. 649-654, 1995.</p>
<p><b>SOUZA, Keli Cristina Cambi/ Psicóloga</b></p>	<p>Psicologia Clínica</p>	<p>CAMPOS, Luiz Fernando de Lara, SOUZA, Keli Cristina Cambi, CATÃO, Elaine Cristina; CAMPOS, Patrícia Ribeiro. Fatores Motivacionais na Escolha de Abordagens Teóricas em Psicologia Clínica. <b>Rev. Estudos de psicologia</b>, Campinas, n. 01, v. 13, p. 41-54, 1996.</p>

**Fonte:** Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 1)

**APÊNDICE 4**  
**QUADRO 3 – 76 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos**

<p><b>VALENÇA, Alexandre Martins/ Médico, professor, pesquisador, conferencista e organizador de vários congressos e simpósios, editor de revista científica, revisor de periódicos</b></p>	<p>Transtorno de ansiedade e depressão, transtorno do pânico, psiquiatria no hospital geral, psiquiatria forense, violência e transtornos mentais. (Psiquiatria).</p>	<p>VALENÇA, Alexandre Martins; NASCIMENTO, Isabella; NARDI, A. E.; MARQUES PORTELLA, Carla; FIGUEIRA, I.; VERSIANI, M. Pânico e Suicídio. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>. Rio de Janeiro, v. 47, n. 12, p. 647-655, 1998.</p>
<p><b>VERSIANI CALDEIRA, Márcio Valadares/ Médico, professor, coordenador de programas</b></p>	<p>Transtorno de ansiedade (fobia social, pânico, obsessivo-compulsivo), depressão e transtorno bipolar, especialmente quanto ao tratamento farmacológico (ensaios clínicos controlados e seguimentos naturalísticos). (Psiquiatria).</p>	<p>1. ANDRADE, Y.; NARDI, A. E.; FIGUEIRA, I.; MARQUES, C.; MENDLOWICZ, M.; CAMISÃO, C.; COSCARELLI, P.; VERSIANI, M. Seguimento de Pacientes Fóbicos Sociais – Parte I. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>, Rio de Janeiro, v. 44, n. 7, p. 369-377, 1995.</p> <p>2. ANDRADE, Yasmin; NARDI, Antônio Egídio; MENDLOWICZ, Mauro; MARQUES, Carla; FIGUEIRA, Ivan; CAMISÃO, Carlos; COSCARELLI, Pedro; &amp; VERSIANEI, Márcio. Seguimento de pacientes fóbicos sociais (6 anos) Parte II – Descrição da evolução. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>, Rio de Janeiro, v. 44, n. 8, p. 423-430, 1995.</p> <p>3. MENDLOWICZ, Mauro; FIGUEIRA, Ivan; NARDI, Antônio Egídio; VERSIANI, Márcio. Como Identificar o Transtorno Bipolar II Dentre os Transtornos do Humor e da Personalidade: implicações terapêuticas. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>, Rio de Janeiro, v. 47, n. 1, p. 39-45, 1998.</p> <p>4. VALENÇA, Alexandre Martins; NASCIMENTO, Isabella; NARDI, A. E.; MARQUES PORTELLA, Carla; FIGUEIRA, I.;</p>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 1)

**APÊNDICE 4**  
**QUADRO 3 – 76 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos**

		<p>VERSIANI, M. Pânico e Suicídio. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>. Rio de Janeiro, v. 47, n. 12, p. 647-655, 1998.</p>
<p><b>ZASLAVSKY, Jacó/ Médico, professor e supervisor, professor colaborador, psicanalítico</b></p>	<p>Psicoterapia psicanalítica, psiquiatria, psicanálise, contra-transferência, transferência, supervisão e ensino de psicoterapia. (Psiquiatria/Psicanálise).</p>	<p>ZASLAVSKY, Jacó. A Questão da Intersubjetividade na Prática Clínica. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b>. São Paulo, vol. XXXI, n. 2, p. 309-321, 1997.</p>

**APÊNDICE 5**  
**QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.**

<b>NOME CITADO</b>	<b>DATA</b>	<b>EVENTO</b>	<b>LOCAL</b>	<b>REFERÊNCIA</b>
Fernão Cardin	1593	Sermões quaresmais e auto-conhecimento no Brasil colonial.	Brasil	MASSIMI, Marina. Sermões Quaresmais e Conhecimento de Si Mesmo. <b>Interações: Estudos e Pesquisa em Psicologia</b> , São Paulo, v.11, n.21, p.97-120, 2006.
	1808	Fundação da Faculdade de Medicina da Bahia, denominada “Escola de Cirurgia”.	Bahia	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
	1808	“A vinda da corte português para o Brasil nesse ano determinou o afrouxamento do domínio colonial e foram permitidos alguns progressos como a abertura dos portos, a industrialização e entre outros o surgimento dos Cursos de Medicina na Bahia e no Rio de Janeiro”. (p.91)	Bahia e R J	ABREU, José Ricardo, PICCINI, W., CACILHAS, A., TRAHMAN, C., THORMANN, N. Psicoterapia no Brasil: duas Décadas Através das Publicações Psiquiátricas. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v.2, n.1, p. 89-104, 2000.
Família Real/ Dona Maria I.	1808	“Uma particularidade da família Real é que a rainha, Dona Maria I, quando chegou ao Brasil, era dada como insana. Foi interdita pelo cirurgião-mor do Reino, considerado o fundador da Escola Médico-Cirúrgica da Bahia.	Bahia	ABREU, José Ricardo, PICCINI, W., CACILHAS, A., TRAHMAN, C., THORMANN, N. Psicoterapia no Brasil: duas Décadas Através das Publicações Psiquiátricas. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v.2, n.1, p. 89-104, 2000.
	1815	Faculdade de Medicina da Bahia passou a se chamar “Academia Médico-Cirúrgica”.	Bahia	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
	1832	A “Academia Médico-Cirúrgica” torna-se faculdade.	Bahia	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

					Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
Criado primeiro ‘Hospício’ no Brasil/ Alienistas	1841	Foi criado o primeiro ‘hospício’ no Brasil para cuidar dos doentes mentais. Os primeiros ‘alienistas’ eram autodidatas ou formados na França, sob a influência dos grandes psiquiatras daquele país – Esquirol, Janet, Pierre Marie, Déjerine.	Brasil	ABREU, José Ricardo. PICCININI, W., CACILHAS, A., TRAHMAN, C., THORMANN, N. Psicoterapia no Brasil: duas Décadas Através das Publicações Psiquiátricas. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v.2, n.1, p. 89-104, 2000.	
	Entre os anos 1840 e 1900	Foram defendidas mais de 40 teses no Brasil buscando uma abordagem psicológica dos temas.	Brasil	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.	
Francisco Tavares da Cunha	1851	Primeiro ensaio sobre Psicofisiologia no Brasil: “Psicofisiologia acerca do homem”.	Brasil	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.	
	Entre 1853 e 1888	Os estudos da Faculdade da Bahia já denotam a problemática da interação indivíduo-cultura, antecedendo posições de psicanalistas culturalistas.	Bahia	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.	
Ernesto Carneiro Ribeiro (1839-1920)	1864	Realiza estudo apontando a necessidade da pesquisa psicológica na formação do médico, no texto “Relação da Medicina com as ciências filosóficas: legitimidade da psicologia”.		SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.	
Guedes	1876	Defende a tese “Funções do cérebro”.		SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no	

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Cabral (1852-1883)					Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
Veríssimo Castro	1890		Defendeu a tese “Das emoções”.	Brasil	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
José Estelita Tapajós (1859-1912)	1890		Defendeu a tese “Psicofisiologia da Percepção e das Representações”.	Brasil	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
Odilon Goulart	1891		Escreve o primeiro trabalho no Brasil de Psicologia Clínica : <i>Estudo Psicoclinico da Afasia</i> (p. 13).	Brasil	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
Odilon Goulart	1891		O termo ‘psicoclinica’ teria sido usado pela primeira vez no Brasil por esse autor, antecipando o termo ‘clínica psicológica’, usado pela primeira vez por Lightner Witmer em 1907, nos Estados Unidos, lembrando que ‘a clínica psicológica é historicamente associada à psicoterapia’.	Brasil	GOMES, William Barbosa e CASTRO, Thiago Gomes de. Clínica Fenomenológica: Do Método de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v. 26, n. especial, p. 81-93, 2010.
Juliano Moreira	1891		Gradua-se em medicina, então com 18 anos, na Faculdade de Medicina da Bahia. Cinco anos depois, era professor substituto da seção de doenças nervosas e mentais da mesma escola.	Bahia	ODA, Ana Maria Galdini Raimundo e DALGALARRONDO, Paulo. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. <b>Revista Brasileira de Psiquiatria</b> . [online], vol.22, n.4, p. 178-179, 2000.
Alberto Seabra	1894		Primeiro trabalho brasileiro no campo da memória : <i>A Memória e a Personalidade</i> . (p. 13)	Brasil	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> ,

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

(1872-1934)				C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
Juliano Moreira	1895 a 1902	Juliano Moreira ‘frequentou cursos sobre doenças mentais e visitou muitos asilos na Europa (Alemanha, Inglaterra, França, Itália e Escócia)’.	Brasil	ODA, Ana Maria Galdini Raimundo e DALGALARRONDO, Paulo. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. <b>Revista Brasileira de Psiquiatria</b> . [online], vol.22, n.4, p. 178-179, 2000.
Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947)	1897	Publica a obra ‘Epilepsia e crime’.	Brasil	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
Juliano Moreira (1873 – 1933)	1899	Refere às idéias de Freud na cátedra da Faculdade de Medicina da Bahia (p. 195) / (p. 196) Esta comunicação faz deste ilustre bahiano o primeiro precursor das idéias psicanalíticas no Brasil. (p. 196)	Bahia	PERESTRELLO, M. Primeiros encontros com a Psicanálise: os precursores no Brasil (1899-1937). <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 35, n. 4, p. 195-208, 1986.
Juliano Moreira	1899	As primeiras referências à teoria psicanalítica surgidas no Brasil, segundo a psicanalista e pesquisadora da história da psicanálise Marialzira Perestrello (1986), datam do final do século XIX, ou mais especificamente, do ano de 1899, ocasião em que o eminente psiquiatra Juliano Moreira, em sua cátedra de psiquiatria na Faculdade de Medicina da Bahia ministrou aulas fazendo referência a Freud e suas formulações teóricas relativas à neurose. (p. 424)	Brasil	ABRÃO, J. L. F. As Origens da Psicanálise de Crianças no Brasil: entre a educação e a medicina. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 14, n. 3, 2009.
Juliano Moreira	1903	Nomeado diretor do Hospital Nacional de Alienados (exerceu até 1930). A partir desse período começou a aumentar a influência dos Psiquiatras alemães no Brasil – Kraepelin, Alzheimer, Nils.		ABREU, José Ricardo, PICCINI, W., CACILHAS, A., TRAHMAN, C., THORMANN, N. Psicoterapia no Brasil: duas Décadas Através das Publicações Psiquiátricas. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v.2, n.1, p. 89-104, 2000.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Juliano Moreira	1905	Funda a primeira revista psiquiátrica brasileira.	Brasil	ABREU, José Ricardo, PICCININI, W., CACILHAS, A., TRAHMAN, C., THORMANN, N. Psicoterapia no Brasil: duas Décadas Através das Publicações Psiquiátricas. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v.2, n.1, p. 89-104, 2000.
Arte na Psicoterapia	Final do sec. XIX e início do sec. XX	A relação entre elaboração artística e expressão do mundo subjetivo passou a ser estabelecida como um importante foco de interesse de estudiosos representantes do meio científico e de integrantes do meio artístico a partir do final do século XIX, tendo maior repercussão a partir do início do século XX. Nesse período, portanto, alguns estudos considerados pioneiros demarcam o início das pesquisas na área.		VASCONCELLOS, E. A. GIGLIO, J. S. Introdução da arte na psicoterapia: enfoque clínico e hospitalar. <b>Revista Estudos da Psicologia</b> , v.24, n. 3, 2007.
	Primeira década de 1900	A partir da primeira década de 1900, as teses, ensaios e atividades dos médicos, saídos das duas Faculdades, Rio e Bahia, trazem caráter científico mais preciso e interesse Psicológico mais definido, pelo uso de métodos e técnicas de Psicologia de maior objetividade e confiabilidade. Começam a surgir os <i>Laboratórios de Psicologia</i> , em hospitais, Clínicas Psiquiátricas. A apreciabilidade dos resultados da produção e resultados psicológicos leva o próprio Governo, não raras vezes, a se interessar pela sua criação. (p. 16)	RJ e Bahia	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
Maurício Campos Medeiros (1885-1966)	1907	Defende tese que prova a tendência a um maior rigor científico: <i>Métodos em Psicologia</i> . (p. 16)	RJ	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
Plínio Olinto (1886-1956)	1911	Defende a tese “A Psicologia experimental no Brasil”.	Brasil	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Rivadavia Correa Ministro da Justiça	1911	Cria Colônia de Psicopatas de Engenho de Dentro ampliando a assistência aos alienados, criando uma colônia para mulheres, semelhante à que existia para homens na Ilha do Governador. (p.9)	RJ	Psicologia. CENTOFANTI, Rogério. Radecki e a Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, v.3, n.1, p.2-50, 1982.
Juliano Moreira (1873 – 1933)	1914	Faz uma comunicação à Sociedade Brasileira de Neurologia sobre o método de Freud. (p. 196)		SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
Gensérico de Souza Pinto	1914	Defende tese sobre psicanálise (p. 195)	RJ	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
Gensérico de Souza Pinto	1914	Dissertação- Da Psicanálise: A sexualidade das neuroses, primeiro trabalho em português sobre psicanálise (p. 17)	RJ	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
Franco da Rocha e Júlio Porto-Carrero	Entre 1918 e 1928	A difusão das idéias psicanalíticas teria se processado com os trabalhos de Francisco Franco da Rocha, em São Paulo, a partir de 1918 e Júlio Porto-Carrero, no Rio de Janeiro, em 1928.	SP e RJ	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
Franco da Rocha (1864-1933)	1919	Seu livro sobre a doutrina de Freud é o primeiro dedicado inteiramente à Psicanálise. (p. 195)		SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
Juliano Moreira	Início da década de 1920	Nesse mesmo período, Juliano Moreira demonstrava especial interesse pela então chamada “psiquiatria comparada”, ou seja, as manifestações das doenças mentais em culturas diversas, como atesta a sua correspondência com Emil	Brasil	ODA, Ana Maria Galdini Raimundo e DALGALARRONDO, Paulo. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. <b>Revista Brasileira de Psiquiatria</b> . [online],

## APÊNDICE 5

## QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

		Kraepelin.		Brasil	vol.22, n.4, p. 178-179, 2000.
	Década de 20	o fato de que a inserção da psicanálise no Brasil veio, a partir de meados da década de 1920, a influenciar as práticas dedicadas ao cuidado da criança existentes no país, tanto no âmbito da saúde quanto no da educação. (p. 424)		Brasil	ABRÃO, J. L. F. As Origens da Psicanálise de Crianças no Brasil: entre a educação e a medicina. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 14, n. 3, 2009.
	1920	Com a psicanálise ampliou-se o atendimento também às crianças.		Brasil	ABREU, José Ricardo, PICCININI, W., CACILHAS, A., TRAHMAN, C., THORMANN, N. Psicoterapia no Brasil: duas Décadas Através das Publicações Psiquiátricas. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v.2, n.1, p. 89-104, 2000.
	1920	Foi somente a partir da década de 1920 que a disciplina freudiana encontrou maior ressonância no meio intelectual e científico brasileiro.(p. 424)		Brasil	ABRÃO, J. L. F. As Origens da Psicanálise de Crianças no Brasil: entre a educação e a medicina. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 14, n. 3, 2009.
	1922	Criação da <i>Liga Brasileira de Higiene Mental</i> , responsável pela promoção das " <i>Jornadas Brasileiras de Psicologia</i> ". Tentava, assim, a Liga despertar interesse pela pesquisa pura e pela pesquisa aplicada. (p. 16)			SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P.,Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
Gustavo Riedel	1922	“É provável que Riedel tenha adquirido os aparelhos – para o laboratório de psicologia em Paris e Leipzig – como parte dos planos de uma idealização anterior, a do Serviço de Profilaxia Mental, lá mesmo na colônia”. (p.9)	RJ		CENTOFANTI, Rogério. Radecki e a Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, v.3, n.1, p.2-50, 1982.
Gustavo Riedel	1923	Retornando de viagem aos Estados Unidos, cria a Liga de Higiene Mental. (p.10)	RJ		CENTOFANTI, Rogério. Radecki e a Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, v.3, n.1, p.2-50, 1982.
Waclaw	1923	Recém chegado de Varsóvia, Polônia, e tendo passado um	SP		CENTOFANTI, Rogério. Radecki e a

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Radecki (1887 – 1953)		curto período em Curitiba, Paraná, onde teria lecionado Psicologia na Faculdade de Ciências Jurídicas, vem a São Paulo e promove conferência no Círculo Oswaldo Cruz e na Sociedade de Medicina e Cirurgia, em cujo boletim publica “Métodos psicanalíticos em psicologia”. (p.9)		Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, v.3, n.1, p.2-50, 1982.
Waclaw Radecki (1887 – 1953)	Criado em 1924	Nascimento e desenvolvimento do Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro.	RJ	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
Waclaw Radecki (1887 – 1953)	1924	Ao pequeno grupo de operadores do Laboratório de Psicologia da Colônia de Psicopatas de Engenho de Dentro, veio juntar-se Gustavo de Rezende, psiquiatra de colônia, que, com Radecki, desenvolveu algumas produções sobre terapia psicológica e psicopatologia	RJ	CENTOFANTI, Rogério. Radecki e a Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, v.3, n.1, p.2-50, 1982.
João César de Castro	1924	Apresentou tese de doutorado em Medicina com o título: Concepção freudiana das psiconeuroses. Foi fundador e presidente da Academia Rio-grandense de Letras (p. 195)	RS	PERESTRELLO, M. Primeiros encontros com a Psicanálise: os precursores no Brasil (1899-1937). <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 35, n. 4, p. 195-208, 1986.
Prof. Durval Bellegarde Marcondes (1899-1981)	1924	Destaca-se em sua biografia: “Ao começar minha vida profissional em 1924, estimulado pelas lições de divulgação teórica do grande mestre da Psiquiatria em SP, Prof. F. Franco da Rocha, bem como pela leitura das obras de Freud, tive iniciativa de introduzir o tratamento psicanalítico na atividade clínica do país”. (p. 664)	SP	BICUDO, Virgínia Leone. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil: parte I. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 659-690, 1988.
Prof. Durval Bellegarde Marcondes (1899-1981)	1924	“Os primeiros frutos de seu trabalho clínico o entusiasmaram, pois via confirmados, na prática, os primeiros achados da Psicanálise de então”	SP	GALVÃO, Luiz de A. Prado. Notas para a História da Psicanálise em São Paulo. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v.1, n.1,

## APÊNDICE 5

## QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Ulysses Pernambuco de Mello (1892-1943).	1925	Criou o Instituto de Seleção e Orientação Profissional que, posteriormente, receberia a denominação de Instituto de Psicologia, aberto até 1936. (p. 18)	Recife	p. 47-63, 1967.
Osório César	1925	Osório César, baseando-se no referencial freudiano, é considerado o precursor da perspectiva terapêutica da arte no Brasil. Sua prática foi realizada com pacientes internos do Hospital Psiquiátrico do Juqueri e seu primeiro artigo sobre esse tema, datado de 1925, intitula-se: “A Arte Primitiva nos Alienados” (Ferraz, 1998).		VASCONCELLOS, E. A. GIGLIO, J. S. Introdução da arte na psicoterapia: enfoque clínico e hospitalar. <b>Revista Estudos da Psicologia</b> , v.24, n. 3, 2007.
Durval Bellegarde Marcondes (1899-1981)	1926	Freud, em carta que enviou a Marcondes em 18 de novembro de 1926, estimulava-o e dizia que graças ao seu conhecimento da língua espanhola pode entender seu trabalho e ‘lhe assegurava um sucesso compensador na sua dedicação ao assunto’	SP	GALVÃO, Luiz de A. Prado. Notas para a História da Psicanálise em São Paulo. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v. 1, n. 1, p. 47-63, 1967.
Ulysses Pernambuco de Mello (1892-1943).	1926	Apona que a psicanálise é o meio mais sutil de penetrar o espírito do ser humano (p. 195)		PERESTRELLO, M. Primeiros encontros com a Psicanálise: os precursores no Brasil (1899-1937). <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 35, n. 4, p. 195-208, 1986.
Waclaw Radecki (1887 – 1953) e Gustavo Rezende	1926	Publicam o livro “Introdução a Psychotherapia” (Dobici, Rj, 1926) (p.4)	RJ	CENTOFANTI, Rogério. Radecki e a Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, v.3, n.1, p.2-50, 1982.
Durval Marcondes (1899-1981), Lourenço	1927	Fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise (p. 17)		SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Filho (1897-1970), Franco da Rocha (1864-1933) entre outro.	1927	Fundação da Sociedade de Psicanálise em São Paulo. Realizada a eleição, Franco da Rocha tornou-se presidente e Marcondes secretário da Sociedade. A criação desta Sociedade foi muito apreciada por Freud, e sobre ela fez uma referência especial em carta que enviou a Ferenczi em 04 de janeiro de 1928. Esta Sociedade promovia cursos e conferências de divulgação da psicanálise e nas sessões científicas liam e discutiam os trabalhos realizados pelos sócios	SP	GALVÃO, Luiz de A. Prado. Notas para a História da Psicanálise em São Paulo. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v.1, n.1, p. 47-63, 1967.	Psicologia.
<i>Banjamim Ribeiro, Paula Souza, Durval Marcondes</i> (1899-1981)	1927	Em São Paulo, com a criação do <i>Instituto de Higiene</i> , médicos da estatura intelectual de um <i>Banjamim Ribeiro</i> e de um <i>Paula Souza</i> levam a termo, a partir de 1927, estudos de <i>Psicologia Aplicada</i> , originando, através dos seus resultados, o <i>Serviço de Inspeção Médico-Escolar</i> , onde, onze anos mais tarde, <i>Durval Marcondes</i> , criaria a primeira <i>Clínica de Orientação Infantil</i> . Uma vez mais, o passado ensina ao presente: esse Serviço manteve uma <i>Escola para Deficientes Mentais</i> . (p. 18)	São Paulo	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.	
<i>Porto Carrero, Deodato de Morais, Murillo de Campos e Carneiro</i>	1928	Fundam a sub-sede da Sociedade Brasileira de Psicanálise (p. 195)	RJ	PERESTRELLO, M. Primeiros encontros com a Psicanálise: os precursores no Brasil (1899-1937). <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 35, n. 4, p. 195-208, 1986.	

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

<i>Ayrosa</i> Deodato de Moraes e Julio Pires Porto-Carrero	1928	Publicações sobre psicanálise e educação dos autores Deodato de Moraes e Julio Pires Porto-Carrero, o primeiro com o livro “A psicanálise na Educação” e o segundo com o artigo “O Caráter Escolar Segundo a Psicanálise”. Essas publicações evidenciam “como as idéias da psicanálise de crianças foram sendo apropriadas pelos teóricos nacionais e como foram sendo incorporadas na prática da assistência à criança no Brasil”	RJ	ABRÃO, J. L. F. As Origens da Psicanálise de Crianças no Brasil: Entre a Educação e a Medicina. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 14, n. 3, 2009.
Revista Brasileira de Psicanálise	1928	É fundada a primeira revista Brasileira de Psicanálise (p. 195).	SP	PERESTRELLO, M. Primeiros encontros com a Psicanálise: os precursores no Brasil (1899-1937). <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 35, n. 4, p. 195-208, 1986.
Durval Marcondes, Juliano Moreira e Porto-Carrero	1928	Revista Brasileira de Psicanálise. Este primeiro número traz no ‘sumário’ os seguintes temas e autores: ‘A psicologia de Freud’, Prof. Dr. Franco da Rocha; ‘Os mythos e lendas na loucura’, Prof. Dr. Franco da Rocha; ‘Os nossos medos secretos’ J. Ralph; O caráter do escolar segundo a psychanalyse’, Dr. J. P. Porto Carrero; ‘Um “sonho de exame”. Considerações sobre a “Casa de Pensão” de Aluizio Azevedo’, Dr. Durval Marcondes; ‘Brutus: Considerações psychanalyticas em torno de um facto historico’, Paulo Jose de Toledo.	RJ	GALVÃO, Luiz de A. Prado. Notas para a História da Psicanálise em São Paulo. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v.1, n.1, p. 47-63, 1967.
Waclaw Radecki (1887 –	1929	Em 17 de junho no Hospital Nacional de Psicopatas, organizou-se a seção do Rio de Janeiro da Sociedade Brasileira de Psicanálise, com a presença de Durval Marcondes. Juliano Moreira foi aclamado presidente e Porto Carrero secretário geral da entidade nacional, Publicam “Contribuições Psychológicas ao estudo da Demência Precoce”. (Trabalhos de Psychologia, v,II, RJ, 1929). (p.44)	RJ	GALVÃO, Luiz de A. Prado. Notas para a História da Psicanálise em São Paulo. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v.1, n.1, p. 47-63, 1967.
				CENTOFANTI, Rogério. Radecki e a Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, v.3, n.1, p.2-50,

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

1953) e Gustavo Rezende				1982.
Sociedade Brasileira de Psicanálise	1929	Sociedade Brasileira de Psicanálise reconhecida Comissão Executiva Central da Associação Psicanalítica Internacional no II Congresso Internacional de Oxford.		GALVÃO, Luiz de A. Prado. Notas para a História da Psicanálise em São Paulo. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v.1, n.1, p. 47-63, 1967.
	1920	A divulgação constante da teoria psicanalítica no meio científico brasileiro, que se tornou uma realidade a partir da década de 1920, contribuiu para a institucionalização do movimento psicanalítico, através da reorganização de sociedades de Psicanálise surgidas a partir de meados da década de 1940, nos principais centros culturais do país. (p. 428)	Brasil	ABRÃO, J. L. F. As Origens da Psicanálise de Crianças no Brasil: entre a educação e a medicina. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 14, n. 3, 2009.
	1940			
	Sec. XX	“Não seria errôneo afirmar que os muitos sistemas psicoterapêuticos, ou assentam-se no fundamento relacional freudiano ou no fundamento reeducativo adleriano”. Embora este último não seja mencionado tanto quanto o primeiro.		GOMES, William Barbosa e CASTRO, Thiago Gomes de. Clínica Fenomenológica: Do Método de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v. 26, n. especial, p. 81-93, 2010.
Waclau Radecki	1930	A fenomenologia, “teria chegado ao Brasil nos anos de 1930. Waclaw Radecki mencionava Husserl no seu ‘Tratado de Psicologia’, conforme a versão em espanhol”: En este sentido, la función de discriminación, puede también, ser considerada como función de delimitación subjetiva de lo focal. El mecanismo de discriminación aquí analizado, corresponde, desde cierto punto de vista, a las funciones de abstracción en el sentido dado a este término por Husserl, Külpe y Titchener e al proceso de apercepción de Wundt. (Radecki, 1933, p. 61- apud GOMES e CASTRO, 2010, p. 88)	Brasil	GOMES, William Barbosa e CASTRO, Thiago Gomes de. Clínica Fenomenológica: Do Método de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v. 26, n. especial, p. 81-93, 2010.
Nilton Campos	1930	Nilton Campos, um dos membros da equipe de Radecki no Laboratório de Engenho de Dentro, publicou em 1930	SP	GOMES, William Barbosa e CASTRO, Thiago Gomes de. Clínica Fenomenológica: Do Método

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

		‘Psicologia da Vida Afetiva’, influenciado pela fenomenologia e ‘inspirado pelas idéias da Escola de Würzburg, conduzida por seguidores de Franz Brentano’. Nesse livro, ‘Nilton Campos, entende o procedimento de observação fenomenológica como a perspectiva mais apropriada para o desenvolvimento da psicologia contemporânea’		de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v. 26, n. especial, p. 81-93, 2010.
	1930	Ainda na década de 1930, no bojo das reformas educacionais promovidas no país sob a rubrica do movimento conhecido como “Escola Nova”, encontramos as condições necessárias para a introdução da psicanálise de criança no país. (p. 425)		ABRÃO, J. L. F. As Origens da Psicanálise de Crianças no Brasil: entre a educação e a medicina. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 14, n. 3, 2009.
	1930	As clínicas de orientação infantil foram instituições criadas pelos serviços de higiene mental escolar surgidos no Brasil na década de 1930, com a finalidade de dar exequibilidade aos programas de atendimento ao escolar deficitário, que foram inspiradas nas <i>child garden clinic</i> americanas. etiológicas dos problemas de conduta. (BICUDO, 1946, p. 80 apud ABRÃO, 2009, p. 426).	Brasil	ABRÃO, J. L. F. As Origens da Psicanálise de Crianças no Brasil: entre a educação e a medicina. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 14, n. 3, 2009.
Durval Marcondes e J. Barbosa Correia	1931	Em colaboração, traduzem a obra “Cinco Lições de Psicanálise”. Essa vem a ser a primeira de Freud traduzida para o português e aparece nas livrarias em 1931. Nessa década Durval Marcondes difundiu a psicanálise em aulas e seminários e sua preocupação era levar esse conhecimento à comunidade médica.	SP	GALVÃO, Luiz de A. Prado. Notas para a História da Psicanálise em São Paulo. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v.1, n.1, p. 47-63, 1967.
Deodato de Moraes Júlio Pires Porto-Carrero	1927 1927,1928, 1929, 1930 1934, 1939,	Deodato de Moraes, autor do livro A Psicanálise na Educação (1927); Júlio Pires Porto-Carrero, com os artigos: “O Caráter do Escolar Segundo a Psicanálise” (1927); “Instrução e educação sexuais” (1928a), “Leitura para crianças: ensaio sob o ponto de vista psicanalítico” (1928b), “A arte de perverter: aplicação psicanalítica à formação moral da criança” (1929a),	Brasil	ABRÃO, J. L. F. As Origens da Psicanálise de Crianças no Brasil: entre a educação e a medicina. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 14, n. 3, 2009.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Arthur Ramos	1933, 1934,1937, 1938, 1932,1933, 3, 1934, 1939,	“Educação sexual” (1929b) e “O que esperamos dos nossos filhos” (1930). Arthur Ramos contribuiu com os livros: Educação e Psicanálise (1934a) e A Criança Problema (1939), além dos seguintes artigos: “A técnica da psicanálise infantil” (1933), “Os furtos escolares” (1934b), “A mentira infantil” (1937), “A dinâmica afetiva do filho mimado” (1938a) e “O problema psicossociológico do filho único” (1938b). Encontramos ainda Hosannah de Oliveira, com os artigos “O Complexo de Édipo em Pediatria” (1932) e “A higiene mental do lactente” (1933); Gastão Pereira da Silva, com os livros: Educação Sexual da Criança (1934) e Como se Deve Evitar o Drama Sexual de Nossos Filhos (1939) e Pedro de Alcântara, com o artigo “Objeções da Psicanálise ao Uso da Chupeta: Análise e Crítica” (1936). Na década de 1940, encontramos os seguintes trabalhos de Durval Marcondes: “A higiene mental escolar por meio da clínica de orientação infantil” (1941a), “Contribuição para o problema do estudo dos repetentes da escola primária: condições físicas, psíquicas e sociais” (1941b) e “Clínica de orientação infantil: suas finalidades e linhas gerais de sua organização” (1946b); os seguintes artigos de Virgínia Bicudo: “A visitadora social psiquiátrica e seu papel na higiene mental da criança” (1941), “Funções da visitadora psiquiátrica na clínica de orientação infantil e noções de higiene mental da criança” (1946a) e “Papel do lar na higiene mental da criança” (1946b), as publicações de Lygia Alcântara do Amaral. “A apatia e o retraimento dos escolares como problema de higiene mental” (1941) e “Lar substituto e seu papel na higiene mental da criança” (1946). Finalmente na década de 1950 destacamos o artigo de Maria Manhães “Assistência psiquiátrica infantil” (1957). (p. 424 – 425).		
Hosannah de Oliveira	1936			
Pedro de Alcântara	1941, 1946,			
Durval Marcondes	1941- 1946			
Virgínia Bicudo	1941, 1946			
Lygia Alcântara do Amaral	1957			
Maria Manhães				
Waclaw	1932		RJ	CENTOFANTI, Rogério. Radecki e a

## APÊNDICE 5

## QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Radecki		definidos e o principal dele era formar os novos psicologistas no Brasil, por meio de um curso de psicologia. Esse curso que “Radecki e seus assistente planejaram em 1932, não era muito diferente dos que encontramos hoje nas faculdades de psicologia espalhadas pelo país”.			Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, v.3, n.1, p.2-50, 1982.
Liga Brasileira de Higiene Mental	1932	Propõe a criação do Gabinete de Psicologia ao Ministério da Educação e Saúde.	Brasil		SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
Décio de Souza (1915-2003)	1933	Instituição da cadeira de Psicologia no curso de Medicina. (p.19)	UFRGS		SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
Martim Gomes	1933	Inicia seus estudos na área da Psicologia Médica. (p.19)			SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
Durval Marcondes	1936	Realização de uma “Jornada de Psicologia”, a partir da qual teria sido efetivada a ideia de congregar os psicólogos em uma Associação (futura Sociedade de Psicologia)	SP		NEDER, Mathilde. Introdução à semana de estudos comemorativa do 25º aniversário. Boletim de Psicologia, v.XXII, n. 59/60, p.01-06, São Paulo, 1970.
Durval Marcondes	1936	Durval Marcondes “mesmo combatido, algo marginalizado em sua luta”, persistia em trazer um analista didata para o Brasil.	SP		GALVÃO, Luiz de A. Prado. Notas para a História da Psicanálise em São Paulo. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v.1, n.1, p. 47-63, 1967.
Dra. Adelheid Koch	1936	Chega ao Brasil, procedente da Sociedade Psicanalítica de Berlin, designada pela International Psychoanalytic Association (IPA) para dar início a formação psicanalítica	SP		ABREU, José Ricardo, PICCINI, W., CACILHAS, A., TRAHTMAN, C., THORMANN, N. Psicoterapia no Brasil: duas

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

		oficial em nosso meio.		Décadas Através das Publicações Psiquiátricas. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v.2, n.1, p. 89-104, 2000.
Dra. Adelheid Koch	1936	A vinda da Dra. Koch para o Brasil foi favorecida pelo clima insustentável que se estabeleceu em Berlim na eminência da segunda Grande Guerra. O primeiro sintoma foi a queima, em público, das obras de Freud e de outros autores em 1933.	SP	GALVÃO, Luiz de A. Prado. Notas para a História da Psicanálise em São Paulo. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v.1, n.1, p. 47-63, 1967.
Antônio Gomes Pena, Eliezer Schneider e Nilton Campos.	1937	Com a incorporação do Laboratório de Psicologia do Engenho de Dentro pela Universidade do Brasil, produziram trabalhos relevantes (p. 17)	Rio de Janeiro	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
Durval Bellegarde Marcondes (1899-1981) e colaboração de Dra. Adelaide Lucy Koch (1896-1980).	1937	Fundação do primeiro núcleo de formação técnica e profissional de psicanalista na América Latina (o atual Instituto de Psicanálise de São Paulo). “Fundi e organizei no serviço público de SP a Seção de Higiene Mental Escolar, que foi pioneira na instituição entre nós das clínicas de orientação infantil” (p. 664)	São Paulo	BICUDO, Virgínia Leone. Aspectos históricos do desenvolvimento da Psicanálise da criança no Brasil. Parte I: Instituto de Psicanálise da SBPSP. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , n. 22, p. 659-690, 1988.
Durval Marcondes e Dra. Adelaide Koch	1937	Em julho de 1937, inaugurou-se, em São Paulo, o primeiro centro de formação de psicanalistas. “Pode-se dizer que foi São Paulo que introduziu o ensino sistemático para a formação de analistas na América Latina”, e teve como sede inicial o consultório privado de Dr. Marcondes. Os primeiros alunos foram, além de Durval Marcondes, Virgínia Bicudo, Flávio Dias e Darcy Uchôa e em seguida, como candidatos, Frank Philips, Lígia Amaral, Henrique Mendes e outros	SP	GALVÃO, Luiz de A. Prado. Notas para a História da Psicanálise em São Paulo. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v.1, n.1, p. 47-63, 1967.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Prof. Durval Bellegarde Marcondes (1899-1981)	1938	O psicanalista de criança teve sua origem na Clínica de Orientação Infantil da Seção de Higiene Mental Escolar, criada por decreto assinado em 28/12/1938 e organizada pelo Prof. Durval Bellegarde Marcondes. (p. 664).	São Paulo	BICUDO, Virgínia Leone. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil: parte I: <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 659-690, 1988.
Virgínia Leone Bicudo (1915-2003)	1939	Inicia sua experiência na Clínica de Orientação Infantil e faz o segundo ano de análise didática com a Dra. Kock. (p. 664)	SP	BICUDO, Virgínia Leone. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil: parte I: <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 659-690, 1988.
Melanie Klein e Arthur Ramos	1930-1940  1933	As referências ao trabalho de Melanie Klein na fase introdutória da psicanálise de crianças no Brasil, nas décadas de 1930 e 1940, apesar de bastante escassas, não foram inexistentes. Já no ano de 1933 encontramos alusões, feitas por Arthur Ramos, ao trabalho que essa autora vinha desenvolvendo por intermédio da técnica da análise de crianças através do brincar. Ao compor o artigo “A Técnica da Psicanálise Infantil”, no qual imprime forte peso ao caráter educativo da psicanálise, o médico alagoano desfia um séquito de autores que se dedicaram à psicanálise de crianças nas primeiras décadas do século XX, entre eles Melanie Klein. (p. 426-427)	Brasil	ABRÃO, J. L. F. As Origens da Psicanálise de Crianças no Brasil: entre a educação e a medicina. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 14, n. 3, 2009.
	1940	Este ano foi considerado pelo CFP (1979, p. 19) como um divisor de águas entre o autodidatismo e a reparação específica e, “só a partir de 1950, no campo médico é que se criam as cadeiras de Psicologia”.	Brasil	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
	1940-1950	Outro momento a ser destacado ao longo do desenvolvimento histórico da psicanálise de criança no Brasil é a passagem de um modelo prático de aplicação da psicanálise à higiene mental da criança para um trabalho específico de psicoterapia	Brasil	ABRÃO, J. L. F. As Origens da Psicanálise de Crianças no Brasil: entre a educação e a medicina. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 14, n. 3, 2009.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

		psicanalítica, que começou a surgir sobretudo a partir das décadas de 1940 e 1950, em instituições voltadas ao atendimento da criança. (p. 427-428).		
	1942	Inaugurado no Engenho de Dentro o Hospital de Neuropsiquiatria Infantil, visando internar menores. Foi o primeiro hospital do gênero criado na América do Sul (p. 678)	Rio de Janeiro	MANHÃES, M. P. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil: parte III - Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 678- 684, 1988.
Mario Martins	1942	Sendo a Associação Psicanalítica Argentina já reconhecida pela IPA, muitos brasileiros também se dirigiram para lá em busca de formação, dentre eles, Mário Martins, analisado por Angel Garma.	RS	ABREU, José Ricardo, PICCININI, W., CACILHAS, A., TRAHTMAN, C., THORMANN, N. Psicoterapia no Brasil: duas Décadas Através das Publicações Psiquiátricas. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v.2, n.1, p. 89-104, 2000.
	1944	Fundado o Grupo Psicanalítico de São Paulo, a primeira entidade psicanalítica oficial no Brasil.	SP	GALVÃO, Luiz de A. Prado. Notas para a História da Psicanálise em São Paulo. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v.1, n.1, p. 47-63, 1967.
	1945	Fundação da Sociedade de Psicologia de São Paulo	SP	NEDER, Mathilde. Introdução à semana de estudos comemorativa do 25º aniversário. <b>Boletim de Psicologia</b> , v.XXII, n. 59/60, p.01-06, São Paulo, 1970.
	1945	Criação da Diretoria Provisória da Sociedade de Psicologia de São Paulo	SP	NEDER, Mathilde. Introdução à semana de estudos comemorativa do 25º aniversário. <b>Boletim de Psicologia</b> , v.XXII, n. 59/60, p.01-06, São Paulo, 1970.
	1947	Fundado o Instituto Brasileiro de Psicanálise no Rio de	RJ	ABREU, José Ricardo, PICCININI, W.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

		Janeiro.		,CACILHAS, A., TRAHMAN, C., THORMANN, N. Psicoterapia no Brasil: duas Décadas Através das Publicações Psiquiátricas. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v.2, n.1, p. 89-104, 2000.
Mário e Zaira Martins.	1948	Inicia-se a Psicanálise Infantil nessa cidade com a volta de Mário e Zaira, que trouxeram as teorias de Melanie Klein (p. 673)	Porto Alegre	ARAUJO, M. S.. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil: parte II - Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 673-677, 1988.
Mário Martins	1947	“Retornando a Porto Alegre após sua formação psicanalítica na Argentina, começou a atrair vários candidatos para formação analítica. Com isso, desencadeou uma verdadeira revolução no atendimento psiquiátrico no Estado do Rio Grande do Sul, com difusão para o país.	RS	ABREU, José Ricardo, PICCINI, W., CACILHAS, A., TRAHMAN, C., THORMANN, N. Psicoterapia no Brasil: duas Décadas Através das Publicações Psiquiátricas. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v.2, n.1, p. 89-104, 2000.
Halley Bessa	1948	Apresentou no Congresso Brasileiro de Psiquiatria, em 1948, um trabalho que analisava o modelo de assistência psiquiátrica no Brasil e que identificava como “sub-humano”. Foi a partir da psicanálise que criou um método de aconselhamento psicológico tecnicamente psicanalítico, “porém com grande respeito pela experiência e problemática situacional do paciente e com abordagem cristã no processo de aconselhamento e terapia”.	Brasil	Halley Bessa, <b>Psicologia Ciência e Profissão</b> , Brasília, v.27, n.2, p. 372-372, 2007.
Dra. Maria Alzira Perestrello	1949	Chega ao Rio após formar-se em psicanálise na APA. (p. 686)	Rio de Janeiro	SOUZA, M. S. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: Parte IV - Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo,

## APÊNDICE 5

## QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

				n. 22, p. 685-690, 1988.
1949	Ainda não havia sido regulamentada a especialidade de psicanalistas de crianças nem na Argentina e nem no Brasil. (p. 686)			SOUZA, M. S. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: Parte IV - Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 685-690, 1988.
Anos 1950	Por outro lado, a psiquiatria infantil brasileira, na tentativa de consolidar-se como uma especialidade autônoma dentro da medicina, começa, a partir dos anos de 1950, a aprimorar suas práticas de atendimento à criança que vinham sendo executadas até então: Desse momento em diante podemos observar uma mudança, com o aparecimento de duas vertentes na Psiquiatria da Infância: uma derivada de Kanner, com todas as influências ambientalistas, funcionalistas e de higiene mental; e outra, derivada da Psiquiatria Francesa nosográfica e classificatória, definindo-se a si própria como “organodinâmica” e com a maior representação no posterior “Tratado de Psiquiatria Infantil” de Ajuriaguerra (1977). (p. 428)	Brasil		ABRÃO, J. L. F. As Origens da Psicanálise de Crianças no Brasil: entre a educação e a medicina. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 14, n. 3, 2009.
Década de 1950	A inserção da psicanálise de crianças no campo da medicina começou a se concretizar no Brasil, sobretudo, a partir da década de 1950, como consequência da associação de dois fatores históricos: a expansão das informações relativas à psicanálise de crianças no meio científico - fato que recebeu forte influência da educação - e o surgimento, dentro da psiquiatria, de uma área de atuação denominada psiquiatria infantil. Desta forma, surgiram instituições vinculadas a serviços públicos de saúde que tinham por finalidade prestar atendimento psicoterápico às crianças que manifestavam problemas de ordem emocional, tomando como referência o	Brasil		ABRÃO, J. L. F. As Origens da Psicanálise de Crianças no Brasil: entre a educação e a medicina. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 14, n. 3, 2009.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

		modelo teórico e técnico da psicanálise. Entre as instituições que começaram a desenvolver um trabalho específico de psicoterapia psicanalítica com crianças destacam-se as seguintes: em São Paulo, a própria Clínica de Orientação Infantil do Serviço de Higiene Mental Escolar, que passou a contar com este tipo de atendimento, e no Rio de Janeiro, a Clínica de Orientação Infantil do Departamento Nacional de Saúde Mental (DINSAM) do Ministério da Saúde e a Clínica de Orientação Infantil do Instituto de Psiquiatria da Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, vinculada à então Universidade do Brasil. O modelo de atendimento preconizado por estas instituições, recém-criadas ou redimensionadas a partir do início da década de 1950, passou a contemplar a psicoterapia psicanalítica em casos em que este procedimento fosse necessário, particularmente naqueles em que a origem das dificuldades manifestadas pela criança era motivada por algum transtorno neurótico, sendo que a remissão dos sintomas não havia sido atingida por intermédio dos procedimentos habitualmente empregados até então, como parte dos programas de higiene mental da criança. (p. 428)	São Paulo Rio de Janeiro	ABRÃO, J. L. F. As Origens da Psicanálise de Crianças no Brasil: entre a educação e a medicina. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 14, n. 3, 2009.
Maurício Knobel	Década de 1950	Knobel Dedicou-se à Psiquiatria e Psicologia infantis e da adolescência desde a década de cinquenta.		VIZZOTTO, M. M. A psicologia e a psiquiatria perdem um de seus maiores expoentes: uma homenagem ao Dr. Maurício Knobel <b>Revista Estudos da Psicologia</b> , v.25, n. 1, 2008.
Nilton Campos	1951	É de 1951 o livro ‘O Método Fenomenológico na Psicologia’, de Nilton Campos; esta publicação resultou de sua tese de doutorado na Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro e indica a vertente comum dos ‘conceitos fundamentais do método fenomenológico e da psicologia da Gestalt e sua relação com a psicologia empírica		GOMES, William Barbosa e CASTRO, Thiago Gomes de. Clínica Fenomenológica: Do Método de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v. 26, n. especial, p. 81-93, 2010.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

		de Brentano?		
Arthur Ramos (1903-1949)	1952	Publicou a obra "Introdução à Psicologia Social".		SOUZA, M. S. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: Parte IV - Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 685-690, 1988.
Dra. Maria Alzira Perestrello	1952	Profere uma série de palestras para as mães, a partir do referencial winicottiano, juntamente com Ana Eliza Mercadante e Mara Salvini de Souza.		SOUZA, M. S. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: Parte IV - Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 685-690, 1988.
Mathilde Neder	Entre 1952 e 1954	Mathilde Neder. Entre 1952 e 1954, começou seu trabalho como colaboradora na Clínica Ortopédica e Traumatológica (atualmente Instituto de Ortopedia e Traumatologia) do Hospital das Clínicas da USP - HC, acompanhando psicologicamente crianças submetidas a cirurgias de coluna e suas famílias. Esse evento marcou o início da Psicologia hospitalar no Brasil.		Mathilde Neder. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.25, n.2, 2005.
Dra. Maria Alzira Perestrello.	1953	Instituiu a "Hora do Brinquedo" segundo Melanie Klein na Clínica de Orientação da Infância do Instituto de Psiquiatria, RJ (p. 687)		SOUZA, M. S. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: Parte IV - Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 685-690, 1988.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Décio Soares de Souza	1953	A Clínica de Orientação Infantil do Instituto de Psiquiatria da Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro caracteriza-se como um exemplo singular da ocorrência dos fatores que acabamos de apontar. Além disso, essa clínica converteu-se em um importante polo de difusão do pensamento kleiniano, por intermédio da atuação de Décio Soares de Souza junto à instituição. A origem desta instituição data de 1953, (p. 429)	Rio de Janeiro	ABRÃO, J. L. F. As Origens da Psicanálise de Crianças no Brasil: entre a educação e a medicina. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 14, n. 3, 2009.
Associação Brasileira de Psicotécnica	Década de 1950	Apresentou ao Ministério de Educação e Cultura um projeto regulamentando o ensino de psicologia, na Faculdade de Filosofia e Letras, um curso de 3 anos, que seriam considerados básicos e mais 2 anos de especialização no âmbito educacional e clínico (p. 37).	Brasil	DOYLE, Iracy. Do Ensino e Regulamentação da Psicoterapia. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . V. 4. N. 1, jan – mar, 1955. P.37-48.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

<p>Professora Anita Cabral e Professor Durval Marcondes</p>	<p>Década de 1950</p>	<p>Contemporaneamente ela, da Faculdade de Psicologia, apresentou projeto ao Legislativo, ele, iniciou o curso de psicoterapia na Faculdade de Filosofia, sem aguardar a legislação (p. 37).</p>	<p>São Paulo</p>	<p>DOYLE, Iracy. Do Ensino e Regulamentação da Psicoterapia. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>. V. 4. N. 1, jan – mar, 1955. P.37-48.</p>
	<p>Década de 1950</p>	<p>Realiza-se o 1º Congresso Latino-Americano de Saúde Mental em São Paulo e “aprova duas moções”: a primeira “recomenda que uma comissão de médicos-legistas, bem inteirada a respeito das exigências da preparação analítica, estude o assunto meditadamente, a fim de sugerir que os progressos já conseguidos no campo da psicanálise em nosso meio não sejam amputados, contrariando o próprio espírito da lei. A segunda estabelece, apressadamente, que a ‘prática da psicoterapia por pessoas não diplomadas em medicina constitui infração penal’” . (p. 37).</p>	<p>São Paulo</p>	<p>DOYLE, Iracy. Do Ensino e Regulamentação da Psicoterapia. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>. V. 4. N. 1, jan – mar, 1955. P.37-48.</p>

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Enzo Azzi	1954	Azzi discorre sobre a “atitude filosófico-científica da pesquisa fenomenológica em psicopatologia. Considera Heidegger o maior influenciador do campo e Binswanger, o principal elaborador”. Azzi destaca uma importante distinção entre a Análítica Existencial, entendida como “classificação filosófico-fenomenológica da estrutura <i>a priori</i> transcendental do <i>Dasein</i> , e a Análise Existencial, que significa a análise empírico-fenomenológica dos modos e formas concretas do <i>Dasein</i> ”	SP	GOMES, William Barbosa e CASTRO, Thiago Gomes de. Clínica Fenomenológica: Do Método de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v. 26, n. especial, p. 81-93, 2010.
Durval Bellegarde Marcondes (1899-1981)	1954	Iniciou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo o [curso] de formação especializada e psicólogo clínico. (p. 664)	São Paulo	BICUDO, Virgínia Leone. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil: parte I: <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 659-690, 1988.
Virgínia Leone Bicudo (1915-2003)	1954	Desenvolveu um programa de divulgação de princípios de higiene mental segundo a Psicanálise. Esses textos foram publicados no livro “Nosso Mundo Mental” (1955). (p. 665)	São Paulo	BICUDO, Virgínia Leone. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil: parte I: <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 659-690, 1988.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Virgínia Leone Bicudo (1915-2003)	1954	Participação dos Seminários sobre Higiene Mental dirigidos pela Dra. Thelma Reka. Nesta oportunidade conheceu Dr. Luiz Prego e Silva e Dra. Vida de Prego vindo a convidá-los para cooperar no Instituto na formação de analista de criança (p. 666).		BICUDO, Virgínia Leone. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil: parte I: <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 659-690, 1988.
Lígia Alcântara Amaral (1911-2003)	1954	Inicia seu trabalho Observação Mãe-Bebê. (p. 668)		BICUDO, Virgínia Leone. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil: parte I: <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 659-690, 1988.
Prof. Décio Soares de Souza (1915-2003)	1954	Chega ao Rio e nesse mesmo ano pronuncia na “Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal”, uma conferência sobre o relato de uma criança tratada por ele na Inglaterra sob a supervisão de Melanie Klein. (p. 687)	Rio de Janeiro	SOUZA, M. S. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: Parte IV - Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 685-690, 1988.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Psicólogos brasileiros	1954	Criação da Associação Brasileira de Psicologia (p. 23)	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
Arquivo Brasileiro de Psicologia	1954	Publicação do anteprojeto da lei sobre a formação de Psicólogo (p. 23)	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
Nise da Silveira e Jung	1954 e 1981	Já Silveira, orientada sob a perspectiva junguiana, também desenvolveu e coordenou ateliês de arte com pacientes psiquiátricos internados, sendo autora de duas obras de suma importância: “Imagens do Inconsciente” (1981) e “O Mundo das Imagens” (1992). Ela rompeu barreiras, trazendo inovações com suas propostas terapêuticas e recebendo notoriedade nacional e internacional, principalmente após manter contato com Jung, que valorizou a importante dimensão de seu trabalho. Esse contato ocorreu quando Nise da Silveira passou a observar um grande número de mandalas entre as produções pictóricas de seus pacientes, enviando correspondência a Jung, em 1954, com o objetivo de obter mais informações sobre tais produções circulares. A partir de então, houve um estreitamento na relação entre os dois, abrindo portas inclusive para a exposição de obras	VASCONCELLOS, E. A. GIGLIO, J. S. Introdução da arte na psicoterapia: enfoque clínico e hospitalar. <b>Revista Estudos da Psicologia</b> , v.24, n. 3, 2007.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Décio Soares de Souza	1955	produzidas pelos pacientes do Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro, intitulada: “A Esquizofrenia em Imagens”, que ocorreu em Zuri que em paralelo ao II Congresso Internacional. de Psiquiatria em 1957.(Silveira, 1981).	Rio de Janeiro	ABRÃO, J. L. F. As Origens da Psicanálise de Crianças no Brasil: entre a educação e a medicina. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 14, n. 3, 2009.
Décio Soares de Souza (1915-2003)	1955	A chegada de Décio de Souza ao Rio de Janeiro e sua admissão como membro da referida Clínica de Orientação Infantil, em 1955, marcam uma nova etapa na difusão do pensamento kleiniano na instituição e, por conseguinte, em toda a antiga Capital Federal, dado o grande prestígio granjeado por este psicanalista. Trazendo em sua bagagem uma experiência clínica em análise infantil ndossada e avalizada pela mística de ter sido supervisionado por Melanie Klein, este psicanalista reuniu as condições necessárias para promover a difusão das ideias kleinianas em duas direções principais: viabilizou a divulgação deste conjunto de ideias junto ao meio médico carioca e criou possibilidades para sua aplicação prática, ao implantar um modelo de atendimento à criança baseado na psicoterapia psicanalítica. (p. 429).		BICUDO, Virgínia Leone. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil: parte I: <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 659-690, 1988.
Prof. Décio Soares de Souza.	1955	Passa a ser integrante da equipe da C.O.I. (Clínica de Orientação da Infância) da I.P.U.B. (p. 687)	Rio de Janeiro.	SOUZA, M. S. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: Parte IV - Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo,

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

(1915-2003)					n. 22, p. 685-690, 1988.
Décio Soares de Souza	1955	após seu retorno [Décio de Souza] ao Brasil, no ano de 1955, ocasião em que proferiu conferência perante a Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal sobre o tema “Desenvolvimento da Psicanálise segundo a Escola Kleiniana”. A apresentação destas ideias, tidas na ocasião como vanguardistas, não passou incólume, despertando tanto críticas quanto adesões. (p. 429-430).	Brasil	ABRÃO, J. L. F. As Origens da Psicanálise de Crianças no Brasil: entre a educação e a medicina. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 14, n. 3, 2009.	
Virgínia Leone Bicudo (1915-2003)	1955 a dez de 1959	Esteve em Londres em análise com Frank Philips e seguiu os cursos da Tavistock Clinic com Dr. Bowlby e no Instituto de Psicanálise da Sociedade Britânica frequentei os seminários de Mrs. Klein, Mrs. Esther Bick com quem fiz o curso de observação do bebê e as supervisões de análise de crianças. (p. 665).	Londres	BICUDO, Virgínia Leone. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil: parte I: <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 659-690, 1988.	
Prof. David Zimmermann	1957	“Analisando de Mário Martins, iniciou nesse ano o primeiro curso de formação psiquiátrica com orientação psicodinâmica e especial enfoque na psicoterapia de orientação analítica. Os novos psiquiatras formados nesta orientação passaram a trabalhar nos grandes hospitais públicos”.	Porto Alegre	ABREU, José Ricardo, PICCINI, W., CACILHAS, A., TRAHMAN, C., THORMANN, N. Psicoterapia no Brasil: duas Décadas Através das Publicações Psiquiátricas. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v.2, n.1, p. 89-104, 2000.	
Prof. Décio Soares de Souza (1915-2003)	1956 até 1958	Passa a dirigir a C.O.I (Clínica de Orientação da Infância) da I.P.U.B. (p. 687)	Rio de Janeiro.	SOUZA, M. S. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: Parte IV - Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 685-690, 1988.	
Serviço de Higiene Mental e	1957	No Brasil, em 1957, foi criado, na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, junto à cadeira de Clínica Psiquiátrica, o primeiro Serviço de Higiene Mental e	Pernambuco	CERCHIARI, E. A. N. CAETANO, D. FACENDA, O. Utilização do sérico de saúde mental em uma universidade pública.	

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Psicologia Clínica		Psicologia Clínica, com a finalidade de oferecer assistência psicológica e psiquiátrica aos estudantes universitários, inicialmente, aos alunos de Medicina.		<b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.25, n.2, 2005.
Mathilde Neder	1957	Em 1957, Mathilde Neder passou a atuar no recém-criado Instituto Nacional de Reabilitação na USP (atual Divisão de Medicina de Reabilitação). Pioneira no desenvolvimento da psicoterapia breve no Brasil, a psicóloga aprofundou, nesse período, suas atividades na Psicologia hospitalar.		Mathilde Neder. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.25, n.2, 2005.
Dr. Manoel Thomaz Moreira Lyra	1958	Chega ao Rio de Janeiro após sua formação psicanalítica em Londres e com o título de analista de criança	Rio de Janeiro	SOUZA, M. S. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: Parte IV - Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 685-690, 1988.
Haim Grünsputm	1958	Arteterapia. Traz uma série de casos recolhidos na clínica de psiquiatria do Hospital dos Comerciários, onde mantém uma seção de arteterapia. Além de material infantil de sua clínica particular.	SP	GRÜNSPUM, Haim. A Arteterapia e a Arte em Psicoterapia. <b>Boletim de Psicologia</b> , v. 1, n.10, p.95-102, 1958.
Inaugurados cursos básicos de Psicologia em Universidades Brasileiras.	1958	Antecipando a lei, algumas Faculdades de Filosofia inauguram cursos básicos de psicologia (p.44)	Faculdade de Filosofia da USP, UFRGS	ANGELINI, Arrigo Leonardo; MARIA, Madre Cristina. Contribuição para a Formação Básica do Psicólogo. <b>Boletim de Psicologia</b> , São Paulo. V. 16 – 17. N. 47 - 50, 1964/65. P. 41-45.
Dra. Maria Alzira Perestrello (1915-2003), Prof. Décio Soares de	1959	Fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (S.B.P.R.J.) (p. 685)	Rio de Janeiro.	SOUZA, M. S. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: Parte IV - Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 685-690, 1988.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Souza (1915-2003) e Dr. Manoel Thomaz Moreira Lyra					
	De 1950 até 1970	Pode-se afirmar que o referencial dominante foi o de Melanie Klein (p. 674)	Porto Alegre.	ARAÚJO, M. S.. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil: parte II - Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 673-677, 1988.	
	Entre 1950 e 1970	O procedimento típico no tratamento com psicanálise continha apenas uma entrevista antes do paciente ir para o divã.		OLIVEIRA, T. S. P. Psicoterapia e Psicanálise. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 41 n.2, p. 407-409, 1992.	
Virgínia Leone Bicudo (1915-2003)	1960	Retornou ao trabalho na Clínica de Orientação Infantil da Seção de Higiene Mental e ao Instituto de Psicanálise empenhada em transmitir o que aprendera em relação à análise de crianças. Foi-lhe confiada a Diretoria do Instituto de Psicanálise da SBPSP e nessa ocasião incluiu-se no programa do Instituto a contribuição de Melanie Klein. (p. 665).	SP	BICUDO, Virgínia Leone. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil: parte I: <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 659-690, 1988.	
	1960	“Com base nos princípios da psicanálise os higienistas passaram a dar maior consideração aos primeiros anos de vida, como período mais importante para o procedimento profilático.(p.56)	SP	BICUDO, Virgínia Leone. Contribuições da Psicologia a Higiene Mental no Lar. <b>Boletim de Psicologia</b> , São Paulo, v.39 e 40, p.51-65, 1960.	
	1960	Organizam-se e propagam-se clínicas de orientação pré-natal, infantil, orientação de noivos, creches, etc, no intuito de levar	SP	BICUDO, Virgínia Leone. Contribuições da Psicologia a Higiene Mental no Lar. <b>Boletim de</b>	

## APÊNDICE 5

## QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Marcelo Blaya	1960	aos pais e mestres e a todos tendo sob seu cuidado a criança, novas atitudes para com ela. (p. 56)	Essa instituição Clínica Pinel (ou "Associação Encarnación Blaya - Clínica Pinel") em Porto Alegre foi criada em 1960 por Marcelo Blaya, após o mesmo ter finalizado sua formação nos EUA. Desde o início do seu funcionamento institucional, eram oferecidos serviços considerados "inovadores", tais como: socioterapia, grupos operativos, ambientoterapia, reuniões comunitárias, além de ocorrer a implicação e o reconhecimento das atividades desenvolvidas pelos psicólogos e assistentes sociais nas equipes de trabalho. Como parte desses "novos serviços", incluía-se a prática de um agente específico, que, nesse momento, tinha o nome de "atendente psiquiátrico". A inclusão desses "atendentes" na equipe foi proposta por Blaya, que, durante a sua formação, teria ficado interessado no trabalho desenvolvido por esses agentes que andavam com os "loucos" pelas ruas americanas.	Porto Alegre	SILVA, A. S. T. SILVA, R. N. A emergência do acompanhamento terapêutico e as políticas de saúde mental. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.26, n.2, 2006.
	Década de 1960	Na América Latina, também foram ocorrendo mudanças nos trabalhos em Saúde Mental. No Brasil, isso se evidencia, por exemplo, na década de 60, com a criação de comunidades terapêuticas no Rio, São Paulo e Porto Alegre, conforme se havia afirmado anteriormente. (p. 180)	Na América Latina, também foram ocorrendo mudanças nos trabalhos em Saúde Mental. No Brasil, isso se evidencia, por exemplo, na década de 60, com a criação de comunidades terapêuticas no Rio, São Paulo e Porto Alegre, conforme se havia afirmado anteriormente. (p. 180)	América Latina Brasil	ALVARENGA, C. PARAVIDINI, J. L. L. Acompanhamento Terapêutico e Saberes Psicológicos: enfrentando a história. <b>Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia</b> , Belo Horizonte, v. 2, n.1, 2009.
	Década de 1960	O histórico da Gestalt-terapia no Brasil possui alguns marcos e datas, mas remonta à década de 1960, à luz da influência do pensamento de Carl Rogers, do psicodrama, da pedagogia de Summerhill (na Inglaterra) e da famosa revolta estudantil de 1968, em Paris (Coimbra, 1992; Ribeiro, 1993; Ciornai, 1998; Prestelo, 2001).	O histórico da Gestalt-terapia no Brasil possui alguns marcos e datas, mas remonta à década de 1960, à luz da influência do pensamento de Carl Rogers, do psicodrama, da pedagogia de Summerhill (na Inglaterra) e da famosa revolta estudantil de 1968, em Paris (Coimbra, 1992; Ribeiro, 1993; Ciornai, 1998; Prestelo, 2001).	Brasil	HOLANDA, A. F. KARWOWSKI, S. L. Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.24, n.2, 2004.
	Década de 1960	Como escreve Coimbra (1995, p. 55), "a década de 60, no Brasil e no mundo, pode ser caracterizada como os <i>anos</i>	Como escreve Coimbra (1995, p. 55), "a década de 60, no Brasil e no mundo, pode ser caracterizada como os <i>anos</i>		SILVA, A. S. T. SILVA, R. N. A emergência do acompanhamento terapêutico e as políticas

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Maurício Knobel e Arminda Aberastury	Décadas de 1960 e 1970	<i>instituintes</i> , quando pensávamos mudar o mundo, quando nossos sonhos e utopias seriam realizados". Essas manifestações generalizadas contra a massificação subjetiva inerente ao modelo manicomial deram início aos primeiros movimentos para uma reforma psiquiátrica brasileira. Nas décadas de sessenta e setenta, o psicanalista, em companhia de Arminda Aberastury, sua grande amiga e parceira no desenvolvimento da Psicanálise Infantil e da Adolescência, publica “Adolescência Normal”(1971), obra publicada mais tarde no Brasil pela editora Artes Médicas. Nessa obra, que considero sua maior contribuição à Psicologia e Psicanálise.		de saúde mental. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.26, n.2, 2006.
	Anos 1960/1970	De fato, a psicanálise encontra-se predominantemente trabalhando com a concepção de sujeito psicológico, cuja base é seu desejo inconsciente, onde a subjetividade é considerada singular e mediada exclusivamente pela história pessoal de cada um. Conforme a autora, isso justificaria a prática da psicoterapia individual: “A imagem da Psicanálise ao longo dos anos 60/70 foi associada a movimentos de transformação social, constituindo-se numa estratégia de grande valor político. A ênfase na privatização e nuclearização da família, na responsabilidade individual de cada um dos seus membros, a ênfase nos projetos de ascensão social, na descoberta de si mesmo, na busca da essência e na libertação das repressões, foram algumas destas estratégias que culminou na promoção de uma psicologização do cotidiano e da vida social e num esvaziamento político (p.99)”. Dimenstein, 2000 apud MULLER e DIAS, 2008, p. 99).	Brasil	VIZZOTTO, M. M. A psicologia e a psiquiatria perdem um de seus maiores expoentes: uma homenagem ao Dr. Maurício Knobel <b>Revista Estudos da Psicologia</b> , v.25, n. 1, 2008.  MULLER, A. C. DIAS, A. C. G. O psicólogo na rede pública de saúde: um estudo sobre a formação e atuação profissional. <b>Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia</b> , Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 2008.
	Década de 60 a	Os cursos de Psicologia surgidos em Minas Gerais são contemporâneos da eleição do modelo desenvolvimentista,	Minas Gerais	PARREIRA, Walther Andrade. <b>Algumas Reflexões Sobre a Prática Psicoterápica e a</b>

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

70	ou seja, interesses de expansão do capitalismo internacional. (p. 98)			História da Formação de Psicoterapeutas em Minas Gerais. <b>Cadernos de Psicologia</b> , Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 97-110, 1986.
Equipe: Dr. Germano Vollmer, Dra. Emília Messias e Dra. Beatriz Piccoli.	1961	Criação do serviço de Psiquiatria Infantil do Hospital Psiquiátrico São Pedro pela equipe (p. 674)	Porto Alegre	ARAÚJO, M. S.. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil: parte II - Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 673-677, 1988.
Luiz Carls Nogueira.	1961	é evidenciada a nova ordem psicanalítica de Jaques Lacan pelo Professor Luiz Carlos Nogueira.	Brasil	NOGUEIRA, Luiz Carlos. Antes e Depois do Meu Encontro com Lacan: Paris – Julho de 1977. Entrevista. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v.15, n. 1-2, p. 109-123, 2004.
Beti Katzenstein Schoenfeldt	1961	Utiliza o teste de Rorschachs em avaliações de crianças e refere que o mesmo foi aperfeiçoado nos últimos 40 anos pelos autores Zulliger, Klopfer, behn, Bonn e outors.	SP	SCHOENFELDT, Beti Katzenstein. Distúrbios Sociais e Indicações para sua Solução em Rorschachs de Crianças. <b>Boletim de Psicologia</b> , v.18, n. 41 e 42. São Paulo, 1961.
Ministério da Educação	27/08/1962	Implementa a Lei nº 4119, afirma que o treinamento do psicólogo deve ser feito nas Faculdades de Filosofia (p.44).	Brasil	ANGELINI, Arrigo Leonardo; MARIA, Madre Cristina. Contribuição para a Formação Básica do Psicólogo. <b>Boletim de Psicologia</b> , São Paulo. V. 16 – 17. N. 47 - 50, 1964/65. P. 41-45.
Psicólogos	Junho 1962	Congresso Internacional sobre “Oportunidades para treinamento avançado e pesquisas em psicologia”, classificando os países em 6 categorias “de acordo com suas possibilidades e recursos para a formação de psicólogo” (p. 44). A essa realidade os autores lembram ‘da urgência de se	França	ANGELINI, Arrigo Leonardo; MARIA, Madre Cristina. Contribuição para a Formação Básica do Psicólogo. <b>Boletim de Psicologia</b> , São Paulo. V. 16 – 17. N. 47 - 50, 1964/65. P. 41-45.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

		incrementar a vinda de professores estrangeiros para o Brasil, bem como os programas de ajuda técnica e financeira por países que já transpuseram níveis de maior progresso” (p. 45)		
Comissão nomeada pelo Ministério da Educação	05/09/1962	<p>Artigo 23 da Lei nº 4119 regulamenta o curso de psicologia. A comissão responsável pela sugestão da Lei é composta pelos professores: M. B. Lourenço Filho, Pe. A. Benkö, P. Parafita Bessa, C. Martuscelli e Enzo Azzi (p. 56).</p> <p>Ainda não foram criados os Conselhos (Regionais e Federal) de Psicologia (p. 58).</p> <p>O prazo de encerramento dos cursos de pós-graduação e de especialização em psicologia foi adiado até 1967(p.58).</p>	Brasil	<p>AZZI, Enzo. A Situação Atual da Profissão de Psicólogo no Brasil. <b>Boletim de Psicologia</b>, São Paulo. V. 16 – 17. N. 47 - 50, 1964/65. P. 47-61.</p>
	1962	Desde a regulamentação da Psicologia como profissão, em 1962, a área clínica se configurou como sendo a mais destacada, a mais procurada e a mais valorizada, tendo grande influência na construção da imagem social do psicólogo. Esta marca da área clínica provocou uma identificação generalizada do profissional psicólogo com a função de um psicoterapeuta (Ferreira Neto, 2004).p. 388	Brasil	<p>FERREIRA NETO, J. L.; PENHAL. L. M. D. Ética, clínica e diretrizes: a formação do psicólogo em tempos de avaliação de cursos. <b>Psicologia em Estudo</b>, Maringá, v. 11, n. 2, 2006.</p>
	1962	Quando regulamentada a profissão do psicólogo pela Lei n. 4.119, em 27 de agosto de 1962, foi referido que cada curso de Psicologia deveria organizar serviços de atendimento para que os alunos, sob supervisão docente, praticassem o que lhes foi ensinado nas disciplinas da graduação (Brasil, 1962). Esses serviços, conhecidos como clínicas-escola, passaram a constituir tanto locais onde os alunos da graduação pudessem exercer os estágios e aplicar o que aprenderam nas disciplinas, como oferta, feita pela universidade, de		<p>CAMPEZATTO. P. M. NUNES, M. L. T. Atendimento em clínicas-escola de psicologia da região metropolitana de Porto Alegre. <b>Revista Estudos da Psicologia</b>, v.24, n. 3, 2007.</p>

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

		prestação de serviços de atendimento psicológico, gratuito ou semigratuito, à comunidade (Güntert et al., 2000).		
Instituto da SBPRJ	1963.	Na separata de “Regulamentos, Cursos e Programas”, publicada pelo Instituto da SBPRJ, já constava o “Regulamento para a formação de Psicanalistas de crianças”. (p. 688)	RJ	SOUZA, M. S. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: Parte IV - Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 685-690, 1988.
Professor E. Portella Nunes	1963	Apresenta Tese de Livre Docência intitulada ‘Fundamentos de Psicoterapia’, na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, introduzindo com pioneirismo as idéias de Heidegger e Binswanger no campo da Psicologia no Brasil. (Existencial fenomenológico) (p.23)		FORGHIERI, Yolanda Cintrão (1993): <u>A investigação fenomenológica da vivência: justificativa, origem, desenvolvimento</u> , pesquisas realizadas, in: Macedo, Rosa Maria Stefanini de (org): Mapeamento da pesquisa em Psicologia no Brasil ( <b>Cadernos da ANPPP</b> no. 2, pag. 19-42). Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia. <a href="http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm">http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm</a>
Arrigo Angelini e Madre Maria Cristina	1964/65	“Historicamente a psicologia começou a se desenvolver no Brasil para atender aos problemas da educação, sobretudo a formação de professores; posteriormente são os problemas do trabalho, e só recentemente surgem estudos na área da clínica, da pesquisa social e da experimentação em laboratório”. (p.43)		ANGELINI, Arrigo Leonardo; MARIA, Madre Cristina. Contribuição para a Formação Básica do Psicólogo. <b>Boletim de Psicologia</b> , São Paulo. V. 16 – 17. N. 47 - 50, 1964/65. P. 41-45.
Serviço de Saúde Mental Escolar	1965	Em São Paulo, a Escola Paulista de Medicina (EPM) organizou, em 1965, um Serviço de Saúde Mental Escolar. Nos anos 60, as universidades federais do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro também implantaram	São Paulo	CERCHIARI, E. A. N. CAETANO, D. FACCENDA, O. Utilização do sérico de saúde mental em uma universidade pública. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.25, n.2, 2005.

## APÊNDICE 5

## QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

		seu Serviço de Saúde Mental destinado ao universitário (Loreto, idem).			
David Zimmermann	Mai 1967	Apresentou trabalho no 5º Congresso Latino –Americano de Psicoterapia de Grupo, intitulado ‘Contribuição ao Estudo da Técnica da Interpretação em Psicoterapia Analítica de Grupo’. Na ocasião expõe que ‘a presente comunicação está baseada na técnica de trabalho, que se apóia nos conhecimentos da psicanálise individual, com a finalidade de realizar uma espécie de resumo das idéias e conceitos que venho desenvolvendo e expondo há cerca de 14 anos, sobre o conceito de interpretação grupal’. (p. 95).	SP	ZIMMERMANN, David. Contribuição ao Estudo da Técnica da Interpretação em Psicoterapia Analítica de Grupo. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v.4, n.1, 1970.	
	1968	Quando já se estruturava uma experiência de comunidade terapêutica na seção Olavo Rocha do Hospital Odilon Gallotti, tem início uma tentativa de grupos dramáticos. (p. 253)	RJ	CAMPOS FILHO, C. J. de ; ARAUJO, F. de A. Teatro Terapêutico: conclusão de uma experiência de psicoterapia institucional de oito anos – primeira parte. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 31, n. 4, p. 253-260, 1982.	
Maurício Knobel e Jaime Szpilka	1968	Knobel Porém, sua preocupação com essa técnica já data de 1968, quando publicou, com outro psicanalista, Jaime Szpilka, um artigo intitulado “Acerca da psicoterapia breve”, na Acta Psiquiátrica e Psicológica da América Latina.		VIZZOTTO, M. M. A psicologia e a psiquiatria perdem um de seus maiores expoentes: uma homenagem ao Dr. Maurício Knobel <b>Revista Estudos da Psicologia</b> , v.25, n. 1, 2008.	
Zacaria Ali Ramadan	1969	Realiza a primeira publicação sobre ‘Fenomenologia relacionada à Psicologia’, da qual se tem conhecimento, intitulada ‘Aspectos Existenciais do Suicídio’. Ramadan foi aluno de Portella Nunes. É médico psiquiatra e psicanalista. Professor do departamento de psiquiatria. Em 1970 publica ‘Esboço de uma Fenomenologia do Psicodrama’. Em 1973: ‘Elementos para uma psicoterapia de base Fenomenológica’. Em 1984: ‘Abordagem da Psicoterapia na Terceira Idade’.		FORGHIERI, Yolanda Cintrão (1993): <u>A investigação fenomenológica da vivência: justificativa, origem, desenvolvimento, pesquisas realizadas</u> , in: Macedo, Rosa Maria Stefani de (org): Mapeamento da pesquisa em Psicologia no Brasil ( <b>Cadernos da ANPPP</b> no. 2, pag. 19-42). Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia. <a href="http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.h">http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.h</a>	
	1970				
	1973				
	1984				

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

				<u>tm</u>
Clínica Villa Pinheiros	1969	A "experiência AT" de Porto Alegre rendeu alguns "frutos" e produziu "férteis sementes", como as que "brotaram" no Rio de Janeiro, em novembro de 1969, quando iniciaram os trabalhos da Clínica Villa Pinheiros. A experiência carioca atribuiu um novo nome e acabou tomando um referencial teórico distinto para demarcar essa prática: tratava-se agora do "auxiliar psiquiátrico", com uma influência mais para o lado da psicanálise do que propriamente dos pressupostos teóricos da comunidade terapêutica americana.	Rio de Janeiro	SILVA, A. S. T. SILVA, R. N. A emergência do acompanhamento terapêutico e as políticas de saúde mental. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.26, n.2, 2006.
Bernard Rangé	1969	Nessa época, sobretudo no Rio de Janeiro, por influência de um velho amigo, Geraldo Lanna, a terapia comportamental era chamada de "condutoterapia", e as primeiras informações que tive sobre trabalhos nessa área vieram de uma aula de Octávio sobre a dessensibilização sistemática de Joseph Wolpe, em um curso que ele ministrava sobre Aprendizagem Humana, em 1969. Foi assim que começou a surgir, no Rio de Janeiro, um grupo de pessoas interessadas em terapia comportamental, rodeadas em torno de Octávio.		RANGÉ, B. Tratamento cognitivo-comportamental para o transtorno do pânico e agorafobia: uma história de 35 anos. <b>Revista Estudos da Psicologia</b> , v.25, n. 4, 2008.
Rachel Léa Rosenberg Prof. Barros Santos	1969	<i>Rachel Léa Rosenberg</i> criou com o Prof. Barros Santos, em 1969, o Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP), que coincide com o período inicial do reconhecimento da profissão de psicólogo no Brasil, no delicado momento político em que o país atravessava, em função do regime militar.	Brasil	MORATO, H. T. P. Sobre Rachel Léa Rosenberg. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v. 19, n. 1, 2008.
Yutaka Kubo e Luis Carlos Nogueira	1969	Na pós-graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP, a primeira Dissertação de Mestrado em Psicanálise foi a de Yutaka Kubo, <i>Algumas Considerações sobre a Inveja do Pênis: Breve Estudo de um Caso Clínico</i> , em 1969, sob a orientação do Prof. Dr. Durval Marcondes, psicanalista e fundador da Clínica Psicológica do mesmo	São Paulo	PINTO, E. B. A pesquisa qualitativa em psicologia clínica. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v.15, n.1/2, 2004.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

		Instituto. P. 77		
virada da década de 1960 para 1970		Segundo a autora COIMBRA (1995), algumas práticas "psi", principalmente na virada da década de 60 para 1970, entraram num processo de repensar as suas atividades terapêuticas. Nesse contexto, surgem reflexões que conduzem à análise da "implicação política" dos profissionais que trabalham na área "psi". A subjetividade passa a ser pensada "enquanto produção histórico-social" e, além disso, surgem reflexões sobre "[...] os efeitos que nossas práticas, nossos modelos e saberes estão produzindo / reproduzindo e fortalecendo no mundo" (Coimbra, 1995, p. 60).		SILVA, A. S. T. SILVA, R. N. A emergência do acompanhamento terapêutico e as políticas de saúde mental. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.26, n.2, 2006.
Décadas de 1960 e 1970		Nesse mesmo período se dá o 'desenvolvimento mais expressivo e intenso das vertentes de psicopatologia e psicoterapia associadas à fenomenologia no Brasil' (100). 'Historicamente, desde o emparelhamento com as vertentes humanistas – muito pela aproximação com o aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa ou Psicologia Humanista – a fenomenologia e o existencialismo passaram a ser impulsionados e identificados com o humanismo no Brasil' (100).	Brasil	GOMES, William Barbosa e CASTRO, Thiago Gomes de. Clínica Fenomenológica: Do Método de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v. 26, n. especial, p. 81-93, 2010.
Final dos anos 1960 até início dos anos 1980		Com o recrudescimento da ditadura militar no final dos anos 60 e até praticamente o início dos 80, assistimos a uma brusca interrupção nesse movimento de crítica ao modelo manicomial, havendo um implemento da lógica asilar com a proliferação de novos hospitais psiquiátricos.		SILVA, A. S. T. SILVA, R. N. A emergência do acompanhamento terapêutico e as políticas de saúde mental. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.26, n.2, 2006.
Final da década de 60 até o princípio		Não eram trabalhados nos cursos de Psicologia temas tais como: perspectiva histórica da Psicologia, análise crítica da sua relação com a sociedade, questionamento da mesma enquanto ideologia, enquanto possível instrumento de dominação de classe. (p. 99) Não contemplava o homem		PARREIRA, Walther Andrade. Algumas Reflexões Sobre a Prática Psicoterápica e a História da Formação de Psicoterapeutas em Minas Gerais. <b>Cadernos de Psicologia</b> , Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 97-110, 1986.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

	dos anos 80	como um ser social; ele era apenas um ser individual, sem inserção social e histórica.			
	Década de 1970	De acordo com Generoso, Maia e Fonseca (2002), a idéia do auxiliar psiquiátrico teve início na década de 70 em Porto Alegre, na experiência da Clínica Pinel, depois chegando às comunidades terapêuticas do Rio de Janeiro. Mesmo com o fechamento das comunidades terapêuticas, no final da década de 70, os auxiliares psiquiátricos continuaram a ser solicitados por terapeutas e familiares que buscavam alternativas à internação. (p. 173)	Porto Alegre – clínica Pinel. Rio de Janeiro	ALVARENGA, C. PARAVIDINI, J. L. L. Acompanhamento Terapêutico e Saberes Psicológicos: enfrentando a história. <b>Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia</b> , Belo Horizonte, v. 2, n.1, 2009.	
Knobel (1922-2008) e Simon	Década de 70	Trabalhando de forma independente, Knobel, na Unicamp e PUCCamp, e Simon, na USP, desenvolveram modelos psicoterápicos flexíveis, nos quais ganha expressividade a figura do terapeuta. (p. 30)	Unicamp, Puccamp e USP	YOSHIDA, E.M.P.. A Psicoterapia Breve na Realidade Brasileira. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, v. 1, n. 1, p. 23-35, 1993.	
	Década de 70	As Psicoterapias Breves, que surgiram na Europa e nos Estados Unidos após a segunda guerra mundial, começaram a ser praticadas no Brasil. Nesta época se destacava o trabalho de Hess e Meira (1972). (p. 26).		YOSHIDA, E.M.P.. A Psicoterapia Breve na Realidade Brasileira. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, v. 1, n. 1, p. 23-35, 1993.	
Thérèse Tellegen	1970	a Gestalt-terapia é reconhecida como tendo sido efetivamente introduzida no Brasil a partir das figuras de Thérèse Tellegen – uma holandesa que conheceu a nova abordagem em Londres e que fez treinamento com os Polster, em San Diego (Ciornai, 1998) – e de Jean Clark Juliano, que, em idos de 1970, realizaram trabalhos no Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo.	Brasil/ São Paulo	HOLANDA, A. F. KARWOWSKI, S. L. Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.24, n.2, 2004.	
	1970	O trabalho com técnicas dramáticas em verdade começou anteriormente a este período. No entanto, é em torno de 1970		CAMPOS FILHO, C. J. de; ARAUJO, F. de A. Teatro Terapêutico: conclusão de uma	

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

		que atingimos as condições mínimas de discernimento e maturidade para proporcionar alguma formalização à experiência em questão. (p. 253)		experiência de psicoterapia institucional de oito anos – primeira parte. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 31, n. 4, p. 253-260, 1982.
	1970	III Congresso Internacional de Psicodrama e I de Comunidade Terapêutica. (p. 254).	São Paulo	CAMPOS FILHO, C. J. de; ARAUJO, F. de A. Teatro Terapêutico: conclusão de uma experiência de psicoterapia institucional de oito anos – primeira parte. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 31, n. 4, p. 253-260, 1982.
Terapia Familiar	Meados de 1970	No Brasil a Terapia Familiar desenvolve-se a partir de meados de 1970 com a criação de Centros de Atendimento em várias regiões do país, bem como a inclusão da disciplina de Terapia Familiar nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Psicologia, mais especificamente na área da Psicologia Clínica. (p.93)	Brasil	MACEDO, Rosa Maria Stefanini de. A Pesquisa sobre Família em Psicologia a partir da Década de 1980. <i>In</i> Macedo, Rosa Maria Stefanini de (org). Mapeamento da Pesquisa em Psicologia no Brasil, <b>Cadernos da ANPPEP</b> , Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia, Rio de Janeiro, n. 2, p. 91-120, 1993. <a href="http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm">http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm</a>
	Junho de 1971	Tem início em junho de 1971, quando já funcionava, há mais ou menos 3 anos, uma experiência de Comunidade Terapêutica em que participavam alunos e professores do Instituto de Psiquiatria – UFRJ, sob orientação do prof. E. Portella. (p. 254).	RJ	CAMPOS FILHO, C. J. de; ARAUJO, F. de A. Teatro Terapêutico: conclusão de uma experiência de psicoterapia institucional de oito anos – primeira parte. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 31, n. 4, p. 253-260, 1982.
Conselho Federal e	1971	20 de dezembro de 1971 é promulgada a lei no. 5.766 que cria os Conselhos Federal e Regionais de Psicologia, “e a	Brasil	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> ,

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Regionais de Psicologia		profissão assume estatura jurídica definitiva” .		C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
	Anos 1970 e 1980	Segundo Dimenstein (1998), os seguintes fatores foram decisivos para aumentar a entrada do psicólogo nos serviços públicos de saúde: a) o contexto das políticas públicas de saúde do final dos anos de 1970 e em toda a década de 1980, particularmente a repercussão no setor de recursos humanos; b) a diminuição de busca aos consultórios de psicologia por parte da população, causada por seu empobrecimento, a partir dos anos de 1980.(p. 431).	Brasil	LIMA, M. Atuação Psicológica Coletiva: uma trajetória profissional em Unidade Básica de Saúde. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 10, n. 3, 2005.
	Década de 1970 e 1990	Inserção da Psicologia no campo da saúde pública no Brasil se deu devido a alguns fatores políticos e sociais presentes entre as décadas de 70e 90. A decadência do milagre econômico brasileiro provocou um descompasso entre a oferta e a busca de serviços de saúde, tanto em função da redução da procura de pacientes por atendimento particular como pelo aumento do número de profissionais lançados ao mercado de trabalho. Spink (1983) observa que até a década de 80, os serviços de saúde mental eram ofertados por instituições privadas ou profissionais autônomos. Contudo, a falência da economia brasileira provocou uma reformulação nos serviços de saúde, uma vez que a população não tinha mais condições pagar pelo atendimento. Desta forma, surgiu uma pressão para a oferta de serviços de saúde público.	Brasil	MULLER, A. C. DIAS, A. C. G. O psicólogo na rede pública de saúde: um estudo sobre a formação e atuação profissional. <b>Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia</b> , Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 2008.
E. B. Pinto Luis Carlos Nogueira	Anos 1970	Conheci Luiz Carlos, no início dos anos 70, como professor e supervisor de psicoterapia no curso de graduação em psicologia do IPUSP. Já naquela ocasião ele estudava Lacan, e se interessou pela minha contribuição em sala de aula a respeito dos conceitos de significado/significante em Saussure. (p. 78)		PINTO, E. B. A pesquisa qualitativa em psicologia clínica. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v.15, n.1/2, 2004.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

	<p>Anos 1970 e 1980</p>	<p>Nos anos 70, até meados dos anos 80, dava-se na Psicologia o florescimento de um ideário que perseguia o desenvolvimento das potencialidades humanas. Os movimentos de contestação social e político-econômica ao redor do mundo clamavam pela transformação, pela justiça, pela abertura. A influência do pensamento existencialista ainda se disseminava, convocando a que cada um, envolto em suas contingências, se responsabilizasse pelas escolhas feitas na vida. No Brasil, a Ditadura Militar provocou a emergência da luta contra a censura, contra a usurpação dos direitos civis e humanos, contra a ausência de liberdade. Estendia-se na cultura Brasileira de então, o impacto dos Beatles..., da minissaia..., do movimento hippie que marcaram os anos 60... E a Psicologia também partilhava e expressava esse ideário. As pessoas precisavam se juntar... um fato, por si só, proibido na Ditadura... e juntar-se para pensar e compartilhar, com autenticidade, suas vidas, seus medos, seus sonhos, seus ideais...p. 435-436.</p>	<p>Brasil</p>	<p>CAVALCANTE JUNIOR, F. S.; SOUSA, A. F. Histórias da Psicologia no Ceará: entrevista com Gercilene Campos. <b>Psicologia em Estudo</b>, Maringá, v. 12, n. 2, 2007.</p>
	<p>1970 até 1972</p>	<p>Colaboração da Dra. Arminda Aberastury (Associação Psicanalítica Argentina) mensalmente para desenvolver um seminário sobre análise de criança. (p. 666)</p>	<p>São Paulo</p>	<p>BICUDO, Virgínia Leone. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil: parte I: <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b>, São Paulo, n. 22, p. 659-690, 1988.</p>
	<p>Entre 1970 e 1972</p>	<p>O programa da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul, patrocinado pela Fundação do Bem- Estar do Menor, chamado Help, atendeu a 702 jovens, compreendendo 1.500 horas-consultas. (p. 27).</p>	<p>RS</p>	<p>YOSHIDA, E.M.P.. A Psicoterapia Breve na Realidade Brasileira. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b>, São Bernardo do Campo, v. 1, n. 1, p. 23-35, 1993.</p>

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Arminda Aberastury (1910-1972) e Elizabeth Garma	1972	A Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre recebeu a visita de Arminda Aberastury e Elizabeth Garma, que ministraram conferências, seminários e supervisões. (p. 675)	Porto Alegre	<p>ARAUJO, M. S.. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil: parte II – Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b>, São Paulo, n. 22, p. 673-677, 1988.</p> <p>CAMPOS FILHO, C. J. de; ARAUJO, F. de A. Teatro Terapêutico: conclusão de uma experiência de psicoterapia institucional de oito anos – primeira parte. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> Rio de Janeiro, v. 31, n. 4, p. 253-260, 1982.</p>
Thérèse Tellegen	1972	Em dezembro de 1972, tentando aproveitar o que havíamos aprendido no Hospital Pinel, alguns membros da equipe que lá trabalham, reiniciamos a experiência nesse serviço, que tinha então na direção o Prof. E. Portella. A partir de dezembro de 1973, lá ficou uma equipe disposta a dar seguimento à experiência. A essa equipe veio se juntar, no ano seguinte, o Dr. Cláudio Campos que, retornando ao Serviço, retornou a linha de trabalho. (p. 255)	Brasil/ São Paulo	<p>HOLANDA, A. F. KARWOWSKI, S. L. Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. <b>Psicologia: ciência e profissão</b>, v.24, n.2, 2004.</p>
Bernard Rangé	1972	Meu primeiro cliente, ICC, apresentou-se com um quadro que, naquele longínquo ano de 1972, era chamado de “neurose de angústia”, mas que hoje seria classificado como Transtorno de Pânico (TP) com Agorafobia (AGO)	RJ	<p>RANGÉ, B. Tratamento cognitivo-comportamental para o transtorno do pânico e agorafobia: uma história de 35 anos. <b>Revista Estudos da Psicologia</b>, v.25, n. 4, 2008.</p>
Jorge Ponciano Ribeiro	1972	O título de mestre foi obtido em 1972 com o trabalho intitulado “Introdução ao Pensamento Psicoterapêutico de Siegmund Heinrich Foulkes”.	Brasil	<p>PROFESSOR emérito Jorge Ponciano Ribeiro. <b>Psicologia: teoria e pesquisa</b>, v. 23, edição especial, 2007.</p>

## APÊNDICE 5

## QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

(10/03/ 1933)					
Psicólogos Brasileiros	1973	A 17 de janeiro de 1973, uma Comissão, composta pelos Psicólogos Clínicos: <i>Elisa Dias Velloso e Therezinha Lins de Albuquerque</i> e pelo médico psiquiatra <i>Samuel Menezes Faro</i> , entrega ao Senhor Ministro da Saúde, Dr. Mário Machado Lemos, um <i>Memorial</i> , assinado pelo Presidente da Associação Brasileira de Psicologia Aplicada, Psicólogo <i>Aroldo Soares Rodrigues</i> , solicitando a anexação do documento aos autos dos processos no. 000918/72, 000944/72 e 000031/72, onde se contrariam e se contrastam posições explícitas daquele Ministério contrárias aos direitos do Psicólogo ao uso da Psicoterapia.(SOARES, 1979, p.31)	Brasil	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.	
Thérèse Tellegen, Jean Clark Juliano, Walter da Rosa Ribeiro e Tessy Hantzschel	1973	Thérèse Tellegen, Jean Clark Juliano, Walter da Rosa Ribeiro e Tessy Hantzschel passaram a desenvolver um grupo de estudos sobre a Gestalt-terapia (a partir do Gestalt-Therapy) em idos de 1973	Brasil	HOLANDA, A. F. KARWOWSKI, S. L. Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.24, n.2, 2004.	
Luis Carlos Nogueira	1973	Dentre os psicanalistas pioneiros nos estudos da Psicanálise em Lacan no Brasil, o professor Luiz Carlos Nogueira foi certamente um dos mais produtivos. Professor Associado do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Defendeu seu doutorado em 1973. (p. 77)	São Paulo	PINTO, E. B. A pesquisa qualitativa em psicologia clínica. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v.15, n.1/2, 2004.	
Rachel Léa Rosenberg	1973	<i>Rachel Léa Rosenberg</i> doutorou-se em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP, em 1973, defendendo a tese <i>Um Estudo da Percepção de Condições Psicoterápicas em Grupos de Aconselhamento Psicológico</i> .	Brasil	MORATO, H. T. P. Sobre Rachel Léa Rosenberg. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v. 19, n. 1, 2008.	

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Gercilene Campos	1973	A professora doutora Maria Gercilene Campos de Araújo, mais conhecida como Gercilene Campos, ou simplesmente Gercy para os amigos, foi uma das pioneiras no desenvolvimento da Psicologia no Ceará, mais especificamente sendo a primeira psicóloga concursada e contratada para ensinar no curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Graduada em Psicologia no ano de 1973, Gercilene foi laureada como a melhor aluna de todos os cursos da FAFIRE naquele ano, recebendo o “Prêmio universitário Banorte”. (p. 433)		CAVALCANTE JUNIOR, F. S.; SOUSA, A. F. Histórias da Psicologia no Ceará: entrevista com Gercilene Campos. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 12, n. 2, 2007.
W. Oliveira, W. Pereira e J. Bastos	1974	Outro trabalho pioneiro a utilizar a expressão “psicoterapia breve” foi o de Oliveira, Pereira e Bastos (1974), que se refere a uma experiência com grupos de tempo limitado, realizada no Setor de Pesquisas Psicanalíticas do Instituto de Psiquiatria da UFRJ, como parte de estudos mais amplos que vinham se desenvolvendo ali há cerca de doze anos. (p. 27).	Instituto de Psiquiatria da UFRJ	YOSHIDA, E.M.P.. A Psicoterapia Breve na Realidade Brasileira. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, v. 1, n. 1, p. 23-35, 1993.
	1974	na área das Humanidades na UFC. No que diz respeito, propriamente, ao curso de graduação em Psicologia, este foi fundado em 1974, no Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, (p. 434)	Ceará	CAVALCANTE JUNIOR, F. S.; SOUSA, A. F. Histórias da Psicologia no Ceará: entrevista com Gercilene Campos. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 12, n. 2, 2007.
Luiz Carlos Nogueira	1974	É também em 1974 que o Professor Luiz Carlos Nogueira, já tendo defendido seu doutorado baseado no texto de Paul Ricoeur, convida Durval Checchinato, que havia feito mestrado na França, para participar do Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, coordenado por ele na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Em seguida contataram Jacques Labege, sediado em Recife, que havia feito análise na Escola Freudiana em Paris. Os três realizaram um primeiro encontro na casa de Nogueira e decidiram organizar um encontro maior (121).	Brasil	NOGUEIRA, Luiz Carlos. Antes e Depois do Meu Encontro com Lacan: Paris – Julho de 1977 .Entrevista. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v.15, n. 1-2, p. 109-123, 2004.
Bastos	1974	<i>Centro de Estudos do Instituto de Psiquiatria da UFRJ,</i>		FERREIRA, N. S. e YOSHIDA, E. M. P.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

		buscando aplicar ali a técnica de psicoterapia breve, em substituição à análise de grupo até então praticada, e que se verificava incompatível com a realidade institucional vivida.			Produção científica sobre psicoterapias breves no Brasil e demais países latino-americanos (1990-2000). <b>Estudos de Psicologia</b> , v.9, n.3, p.523-531, 2004.
Rachel Léa Rosenberg	1974	<i>Rachel Léa Rosenberg (1931-1987)</i> a partir de 1974, dedicou-se especialmente ao atendimento psicoterápico do idoso, tornando-se membro do Grupo de Ianejamento e Coordenação do Centro de Gerontologia do Instituto Sedes Sapientiae. Em 1973, publicou <i>Psicologia dos Superdotados</i> , de sua participação efetiva com Rogers, surgiu <i>A Pessoa como Centro</i> , em 1977 e, em 1987, <i>Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa</i> , com vários colaboradores do SAP-IPUSP, além da publicação de alguns artigos, como o aqui apresentado.	Brasil		MORATO, H. T. P. Sobre Rachel Léa Rosenberg. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v. 19, n. 1, 2008.
Nogueira, Cercchinato e Laberge	1975	realizaram um encontro maior e decidiram criar o “Centro de Estudos Freudianos, primeira instituição para transmitir a psicanálise do ensino de Lacan no Brasil”. No mesmo ano no Rio de Janeiro Magno Machado Dias e Betty Milan, que também haviam estado em Paris, criam o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro.	SP		NOGUEIRA, Luiz Carlos. Antes e Depois do Meu Encontro com Lacan: Paris – Julho de 1977. Entrevista. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v.15, n. 1-2, p. 109-123, 2004.
Magno Machado Dias e Betty Milan	1975	Magno Machado Dias e Betty Milan, que também haviam estado em Paris, criam o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro.	RJ		NOGUEIRA, Luiz Carlos. Antes e Depois do Meu Encontro com Lacan: Paris – Julho de 1977. Entrevista. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v.15, n. 1-2, p. 109-123, 2004.
Casal Prego e Silva (Dr. Luiz Prego e Silva e Dra. Vida Prego)	1976.	Realizaram um curso sobre Psicanálise de Criança. (p. 666) O programa desenvolvido pelos mesmos foi baseado em Sigmund Freud, Melanie Klein e Esther Bick (p. 667)	SP		BICUDO, Virgínia Leone. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil: parte I: <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 659-690, 1988.
Walter Ribeiro,	1976	A partir dessa data, a Gestalt-terapia passou a disseminar-se pelo País. Em 1976, um grupo, formado por Walter Ribeiro,	Brasil		HOLANDA, A. F. KARWOWSKI, S. L. Produção acadêmica em Gestalt-terapia no

## APÊNDICE 5

## QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Paulo Barros, Lílian Frazão e Abel Guedes (dentre outros)		Paulo Barros, Lílian Frazão e Abel Guedes (dentre outros), passou a reunir-se, enquanto grupo de estudos em Gestalt-terapia ou grupo de “formação” informal.		Brasil: análise de mestrados e doutorados. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.24, n.2, 2004.
John Stevens	1976	publicação, no Brasil, do livro de John Stevens, intitulado Tornar-se Presente (cuja publicação data de 1976), onde o autor descreve um conjunto de experimentos utilizados em Gestalt-terapia. Essa publicação – com uma ênfase primordialmente técnica – antecedeu uma série de reflexões teóricas, filosóficas e epistemológicas relacionadas à Gestalt-terapia e concorreu para a delimitação de uma imagem de abordagem “ateórica”, ou frágil, no meio acadêmico da Psicologia brasileira..		HOLANDA, A. F. KARWOWSKI, S. L. Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.24, n.2, 2004.
Jorge Ponciano Ribeiro	1975-1976	Retornando ao Brasil no mesmo ano, inicia no Instituto Brasileiro de Psicologia e Educação – IBPE o curso de Especialização em Psicoterapia de Grupo, concluído em 1976.	Brasil	PROFESSOR emérito Jorge Ponciano Ribeiro. <b>Psicologia: teoria e pesquisa</b> , v. 23, edição especial, 2007.
Thérèse Tellegen e Tessy Hantzschel (Gestalt) e Ana Verônica Mautner e Antônio Carlos Godoy	1976	Ainda no ano 1976, deve-se acrescentar o curso de especialização “Gestalt-Reich”, coordenado por Thérèse Tellegen e Tessy Hantzschel (Gestalt) e Ana Verônica Mautner e Antônio Carlos Godoy (Reich).	Brasil	HOLANDA, A. F. KARWOWSKI, S. L. Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.24, n.2, 2004

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

(Reich). Walter Ribeiro	1977	A primeira formação propriamente dita surgiu com Walter Ribeiro, em 1977, em Brasília, contudo, o primeiro núcleo formal de Gestalt somente veio a ser formado em 1981, em São Paulo.	Brasília / São Paulo	HOLANDA, A. F. KARWOWSKI, S. L. Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.24, n.2, 2004.
Maurício Knobel	1977	Knobel Outra valiosa contribuição desse autor foi a publicação de “Psiquiatria Infantil Psicodinâmica” (1977), pela editora Paidós. Esta obra traz um olhar diferenciado aos cuidados da criança e debruça-se sobre uma compreensão dinâmica das psicopatologias infantis, desprezando rotulações simplistas antes descritas sobre essas manifestações patológicas. Essa obra, apesar de nunca ter sido publicada em português, contribuiu muito para a Psicologia brasileira, ao abrir uma visão compreensiva das psicopatologias infantis, respeitando-se o desenvolvimento da criança em seus aspectos psicológicos, culturais, de relações psico-afetivas e também orgânicos, compreensão esta já muito moderna para a época em que foi publicada.		VIZZOTTO, M. M. A psicologia e a psiquiatria perdem um de seus maiores expoentes: uma homenagem ao Dr. Maurício Knobel <b>Revista Estudos da Psicologia</b> , v.25, n. 1, 2008.
Gercilene Campos  Carl Rogers John Wood, Maria e Jack Bowen, e Maureen Miller O'Hara	1977       1985	No ano de 1977, participa de um Workshop em Recife, no qual participou Carl Rogers, um dos fundadores da Psicologia Humanista e criador da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). [Maria Gercilene Campos de Araújo] p. 433 Em 1977, veio ao Brasil, para realizar um grande workshop na Fazenda de Arcozelo, no Rio de Janeiro, o psicólogo Carl Rogers e sua equipe (John Wood, Maria e Jack Bowen, e Maureen Miller O'Hara – esta última, encantou-se pelo Brasil, chegando a morar seis meses no país. Maureen aprendeu o português e continuou vindo ao Brasil até 1985, aproximadamente, às vezes demorando-se longos períodos por aqui.(p. 434)	Recife	CAVALCANTE JUNIOR, F. S.; SOUSA, A. F. Histórias da Psicologia no Ceará: entrevista com Gercilene Campos. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 12, n. 2, 2007.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Virgínia Leone Bicudo, Frank Philips, Lígia Amaral (1911-2003)	1977	Em setembro de 1977, Dr. Yutaka Kubo, Diretor do Instituto para o biênio 1977-78, convoca Virgínia Bicudo, Frank Philips, Lígia Amaral para uma reunião junto à comissão de Ensino, constando na ordem do dia A Regulamentação da Formação de Psicanalista de Criança. (p. 667)	SP	BICUDO, Virgínia Leone. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil: parte I: <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 659-690, 1988.
Mário Fuks	1977	Em meados de junho desse ano foi apresentado à Madre Cristina Sodré Dória, diretora do Instituto Sedes Sapientiae. Recém chegados a São Paulo, vindos da Argentina, entraram em contato com um grupo de psicanalistas brasileiros que haviam iniciado um projeto de formação em psicanálise no âmbito do Sedes. Esses estavam interessados em que o grupo de argentinos se incorporassem ao grupo de professores. (Juntamente com outros psicanalistas o autor, no momento, era exilado político). Com a riqueza e a clareza de idéias que caracterizavam Madre Cristina, expôs o processo de elaboração e maturação ideológica que tinha percorrido o Sedes (e que pouco tempo depois ficaria plasmado na Carta de Princípios), concluindo com as seguintes palavras: “Sejam bem-vindos; sabemos do momento que vocês estão passando porque em 1968 e 1974 passamos por circunstâncias muito parecidas. Hoje abrem-se aqui algumas brechas que podemos aproveitar e pelas quais podemos avançar. Fiquem conosco – é muito o que nos podem ajudar. Esta é a sua casa”. (p.1)	SP	FUKS, Mário. Por uma História do Curso de Psicanálise. <b>Percorso</b> , São Paulo, 2º .sem., 1988. Disponível em: <a href="http://www2.uol.com.br/percurso/">http://www2.uol.com.br/percurso/</a>
Regina Schneiderman	1977	Figura de maior destaque no grupo inicial de professores do Sedes, quando da chegada do grupo argentino – entre eles Mário Fuks. Esse grupo era constituído por psicanalistas independentes e por psicanalistas filiados a Sociedade de Psicanálise. E no momento enfrentavam uma grave crise, um	SP	FUKS, Mário. Por uma História do Curso de Psicanálise. <b>Percorso</b> , São Paulo, 2º .sem., 1988. Disponível em: <a href="http://www2.uol.com.br/percurso/">http://www2.uol.com.br/percurso/</a>

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

“Curso de Psicoterapia de Orientação Psicanalítica”	1977	conflito aberto com a sociedade de psicanálise por terem se posicionado por abrir um espaço alternativo na formação psicanalítica ‘tentando ultrapassar os rígidos limites que impunha a instituição psicanalítica dita oficial’. (p.2)	SP	FUKS, Mário. Por uma História do Curso de Psicanálise. <b>Percorso</b> , São Paulo, 2º.sem., 1988. Disponível em: <a href="http://www2.uol.com.br/percurso/">http://www2.uol.com.br/percurso/</a>
Instituto Sedes Sapientiae	1977	O projeto nasceu com o nome de “Curso de Psicoterapia de Orientação Psicanalítica”. Depois descobrimos que não se tratava de um a iniciativa para desvincular-se de uma “identidade psicanalítica” estereotipada que tínhamos reconhecido como um obstáculo para o próprio desenvolvimento da psicanálise, mas o nome tinha sido uma solução de compromisso, uma concessão às pressões da Sociedade de Psicanálise. Mudar o nome para “Curso de Psicanálise”, aconteceu em um determinado dia ‘sem maiores cerimônias’. (p.4)		FUKS, Mário. Por uma História do Curso de Psicanálise. <b>Percorso</b> , São Paulo, 2º.sem., 1988. Disponível em: <a href="http://www2.uol.com.br/percurso/">http://www2.uol.com.br/percurso/</a>
Marcelo Blaya	1978	O Brasil, nesse período, procurava sair de uma ditadura que já durava 13 anos. ‘O questionamento científico, ideológico e político da instituição oficial – Sociedade de Psicanálise – e do perfil do analista que ela promovia, não como crítica das pessoas individuais que faziam parte dela, mas como efeito de dominação de um sistema, caracterizou, por muito tempo uma boa parte de nosso trabalho. Era também sobre estas questões de base que se recortavam os problemas da construção do “alternativo”, principalmente na hora em que a consolidação e um projeto deste tipo encarava a possibilidade e os riscos de uma “institucionalização”. (p.3)	Porto Alegre	CARVALHO, Regina Maria Leme Lopes. O ensino das psicoterapias analíticas. <b>Estudos de Psicologia</b> . Campinas. V. 1 N. 3-4, 1984. P. 127-133
Isaac Sprinz e Intúbia	1978	Publica o artigo “Psicoterapias com Pacientes das Classes Sociais Menos Favorecidas” em Arquivos da Clínica Pínel		CASTRO, Maria da Graça. Reflexões acerca da prática da psicoterapia com crianças: uma ponte

## APÊNDICE 5

## QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Duarte.		primeiro Curso de Aperfeiçoamento em Psicoterapia, no Programa de Pós Graduação em Psicologia da PUCRS, sob coordenação de Isaac Sprinz e Inúbia Duarte.		entre passado, presente e futuro. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> . São Paulo, v 6, n 3, p 305,2004.
Janine Chasset-Smirgel e René Diatkine	1978	O grupo ligado à Psicanálise de criança, por meio de intercâmbio com analistas franceses (Janine Chasset-Smirgel e René Diatkine) passou a estudar outros autores ligados à Psicanálise francesa. (p. 676)	Porto Alegre	ARAUJO, M. S.. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil: parte II – Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 673-677, 1988.
Eric Berne	1978	Nesse ano se tem notícias da análise transacional no Brasil.	Brasil	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
Yolanda Cintrão Forghieri	1978 a 1986  1980	Orienta Teses de Doutorado e Dissertações de Mestrado no enfoque fenomenológico na PUCSP.  A partir de 1980 dedica-se a realização de pesquisa no IPUSP.		FORGHIERI, Yolanda Cintrão (1993): <u>A investigação fenomenológica da vivência: justificativa, origem, desenvolvimento, pesquisas realizadas</u> , in: Macedo, Rosa Maria Stefanini de (org): <u>Mapeamento da pesquisa em Psicologia no Brasil (Cadernos da ANPPP no. 2, pag. 19-42)</u> . Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia. <a href="http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm">http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm</a>
Jorge Ponciano Ribeiro	1978 a 1980	Durante esse biênio realiza no 'Center for Studies of the Person' – CSP (EUA) o curso de especialização em Gestalt-terapia.	Brasil/ EUA	PROFESSOR emérito Jorge Ponciano Ribeiro. <b>Psicologia: teoria e pesquisa</b> , v. 23, edição especial, 2007.
José Fonseca	1979	Participa das "Open Session" de Psicodrama em Nova Iorque, no Beacon Hill Sanatorium – comprado por Moreno em 1936	Brasil – São Paulo	GOFFI JÚNIOR, Fábio S. Sessões Abertas de Psicoterapia: Os Benefícios do Ponto de Vista

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

		e tornando-se o 'Moreno Sanatorium' em 1950 – e inspira-se para introduzir no Brasil as Sessões Abertas de Psicoterapia (p. 120)		do Público. <b>Revista Brasileira de Psicodrama</b> , São Paulo, v.12, n.1, p.119-133, 2004.
Gercileni Campos com Theresse Amelie Tellegen,	1979	Em 1979, facilita, juntamente com Theresse Amelie Tellegen, docente da USP, um workshop em Gestalt-Terapia para a primeira e segunda turma do curso de Psicologia da UFC. [Maria Gercileni Campos de Araújo] Foi o primeiro grupo de Gestalt Terapia realizado em Fortaleza.(p. 433)	Ceará	CAVALCANTE JUNIOR, F. S.; SOUSA, A. F. Histórias da Psicologia no Ceará: entrevista com Gercilene Campos. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 12, n. 2, 2007.
Ligia Alcântara Amaral (1911-2003)	1979.	Assumiu um curso sobre Observação do bebê. (p. 668)		BICUDO, Virgínia Leone. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil: parte I: <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 659-690, 1988.
Emildo Stein	1979	Filósofo e psicanalista, tem desenvolvidos trabalhos nos quais estabelece relações entre Fenomenologia e psicanálise, ou apresenta esclarecimentos sobre o método fenomenológico – com publicações de 1979 e 1984. (p. 24)	UFRGS	FORGHIERI, Yolanda Cintrão (1993): <u>A investigação fenomenológica da vivência: justificativa, origem, desenvolvimento, pesquisas realizadas</u> , in: Macedo, Rosa Maria Stefanini de (org): Mapeamento da pesquisa em Psicologia no Brasil ( <b>Cadernos da ANPPP</b> no. 2, pag. 19-42). Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia. <a href="http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm">http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm</a>
Dr. Noé Marchesky	1979	Recebe o título de psicanalista de crianças, o primeiro aluno formado na especialidade pela S.B.P.R.J. (p. 689)	RJ	SOUZA, M. S. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: Parte IV – Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 685-690, 1988.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

<p>Mapeamento de Pesquisa em Psicologia Clínica no Brasil</p>	<p>1979 a 1991</p>	<p>“Nota-se nesse período a preponderância de temas relacionados a aspectos psíquicos e personalidade de pacientes com sintomatologia física diversa, intervenção terapêutica, testes e medidas que se recobrem por psicodiagnóstico (ou seja, muitas vezes o teste proposto para diagnóstico e, ao mesmo tempo, este indicando a condição de efetivação daquele), aspectos ligados à sexualidade feminina, conceitos psicanalíticos. Seguem-se Família, Instituição e Comunidade, Neuropsicologia e Formação do Psicólogo, os dois últimos de surgimento mais recente no período.</p>		<p>LEITE, Therezinha Moreira Questões sobre o Mapeamento de Pesquisa em Psicologia Clínica. <i>In</i>: Macedo, Rosa Maria Stefanini de (org). Mapeamento da pesquisa em Psicologia no Brasil, <b>Cadernos da ANPEPP</b>, Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia, Rio de Janeiro, n. 2, p. 9-18, 1993. <a href="http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm">http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm</a></p>
<p>Psicoterapia de Orientação Psicanalítica de Rua</p>	<p>Final da década de 1970 início de 1980</p>	<p>“No final da década de 1970 e início de 1980 foi realizado um trabalho que visava abarcar várias áreas da manifestação da violência no município de Osasco. Este foi desenvolvido por uma associação denominada Associação para o Desenvolvimento do Cidadão – ADC, com fundos de agências européias de ajuda a projetos desenvolvidos no Terceiro Mundo. A instituição pretendia ter uma ação interdisciplinar, e de seus quadros faziam parte psiquiatras, psicólogos, sociólogos, advogados e um padre.</p> <p>Os trabalhos eram desenvolvidos com o apoio do Poder Judiciário e abrangiam a Cadeia Pública de Osasco, uma delegacia de polícia onde estavam detidos menores, uma Central de Atendimentos para egressos, familiares destes e também, o trabalho com adolescentes de rua no Largo de Osasco.</p> <p>O trabalho com adolescentes de rua no Largo de Osasco foi desenvolvido por aproximadamente dois anos. Também realizado em equipe. Consistia em visitas semanais ao Largo, onde eram contatados os menores, tanto do sexo feminino</p>	<p>SP</p>	<p>BROIDE, Jorge. A Psicoterapia Psicanalítica na Rua Realizada Através de Grupo Operativo: A Rua Enquanto Instituição das Populações Marginalizadas. <b>Psicologia Ciência e Profissão</b>, Brasília, v. 12, n. 2, 1992 .</p>

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

		como do masculino. O atendimento dava-se na própria rua, algumas vezes em grupo, mas predominantemente de forma individual. Tratava-se de desenvolver já na época, o que foi por nós formulado anteriormente em outros trabalhos com menores, de uma psicoterapia de orientação psicanalítica na rua”. (p.31)		
Psicoterapia de Orientação Psicanalítica de Rua	1980	“Os três últimos trabalhos foram interrompidos ao mesmo tempo, no ano de 1980, em função, basicamente, das pressões sofridas pela equipe por parte do aparato policial. Dada a inserção da ADC em várias rentes de atuação da polícia, obteve-se as mais variadas informações sobre as atividades ilegais da mesma, tais como tortura, tráfico de drogas (o local de trabalho no Largo, que é o mesmo atualmente, era um ponto de venda de drogas), tráfico de armas, esquadrão da morte, cemitérios clandestinos etc. As formas de pressão foram as comuns na época da ditadura militar, isto é, telefonemas, técnicos sendo seguidos, ameaças por escrito, etc.	SP	BROIDE, Jorge. A Psicoterapia Psicanalítica na Rua Realizada Através de Grupo Operativo: A Rua Enquanto Instituição das Populações Marginalizadas. <b>Psicologia Ciência e Profissão</b> , Brasília, v. 12, n. 2, 1992 .
Judith Wallerstein.	1980	Esteve em Porto Alegre para a realização da conferência sobre “Efeitos do divórcio sobre os filhos”. (p. 675-676)	Porto Alegre	ARAUJO, M. S.. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil: parte II – Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 673-677, 1988.
Gercilene Campos	Anos 1980	Na Universidade, desde 1980, passei a supervisionar estágio curricular na área clínica, com o enfoque em Gestalt-Terapia. Entre 1983-1987, coordenei e orientei o primeiro curso de formação de Gestalt-terapeutas do Ceará. Em 1986-87, já estava em São Paulo, e vinha regularmente para dar continuidade à referida formação. Em São Paulo, tive a	Ceará e São Paulo	CAVALCANTE JUNIOR, F. S.; SOUSA, A. F. Histórias da Psicologia no Ceará: entrevista com Gercilene Campos. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 12, n. 2, 2007.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

		oportunidade de compor o Conselho Diretor do Centro de Estudos de Gestalt de São Paulo por um biênio. Maria Gercilene Campos de Araújo] (p. 436)		
	Década de 1980	Assistimos desde a década de 80, movimentos sociais que preconizavam a necessidade de formação de profissionais integrados ao sistema de saúde (8ª Conferência Nacional de Saúde de 1986) e o reconhecimento das instituições de ensino superior como pólos de formação e capacitação de profissionais, objetivando a reformulação curricular conforme as necessidades da rede pública assistencial em saúde mental (1ª Conferência Nacional de Saúde Mental de 1987).	Brasil	MULLER, A. C. DIAS, A. C. G. O psicólogo na rede pública de saúde: um estudo sobre a formação e atuação profissional. <b>Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia</b> , Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 2008.
	Década de 1980	No Brasil, assistimos a um boom da psicanálise nos anos 1980. De um período em que a psicanálise era relativamente restrita ao ambiente da Sociedade de Psicanálise, passamos a conviver com sua ampla difusão, assim como seu debate com o campo da filosofia ou de fenômenos políticos e sociais.(p. 118)		CAVALCANTI, A.E; DELOYA,D; DE SANTI, P,L.,R. Entre o divã e a cultura. <b>Revista Percorso</b> . V 41. Dezembro de 2008
Gercilene Campos	Anos 1980	Nos anos 80, devo mencionar a contribuição do Centro de Desenvolvimento Humano (CDH) e da clínica Psicologia da Pessoa e do Grupo, onde também Trabalhei. P. 435[Maria Gercilene Campos de Araújo]	Brasil	CAVALCANTE JUNIOR, F. S.; SOUSA, A. F. Histórias da Psicologia no Ceará: entrevista com Gercilene Campos. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 12, n. 2, 2007.
	década de 1980	No Brasil, desde a década de 1980, alguns pesquisadores têm estudado a difusão do saber psicanalítico e a constituição da cultura psicanalítica. Estes estudos partem do pressuposto de que o saber psicanalítico surgiu em uma determinada circunstância do individualismo no ocidente, propondo modalidades específicas de agenciamento e de emergência da subjetividade, típicas de sujeitos que se pensam livres e iguais (Figueira, 1987).		LIMA, N. NUNES, M. O. Práticas psicológicas e dimensões de significações dos problemas de saúde mental. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.26, n.2, 2006.
Terapia	Década	Na década de 1980 a Terapia Familiar se consolida em todas		MACEDO, Rosa Maria Stefanini de. A

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Familiar	de 1980	as regiões do Brasil, através de Centros de Atendimento a famílias tanto em nível particular quanto comunitário (p.94)	<p>Pesquisa sobre Família em Psicologia a partir da Década de 1980. <i>In</i> Macedo, Rosa Maria Stefanini de (org). Mapeamento da Pesquisa em Psicologia no Brasil, <b>Cadernos da ANPEPP</b>, Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia, Rio de Janeiro, n. 2, p. 91-120, 1993.  <a href="http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm">http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm</a></p>
	Décadas de 1980 e 1990	Pesquisas realizadas em clínicas-escola brasileiras, nas décadas de 1980 e 1990, indicaram uma taxa elevada de evasão dos atendimentos, o que mostra que os atendimentos oferecidos são ineficientes (Ancona-Lopez, 1983; Silvaes, 1996).	<p>CAMPEZATTO, P. M. NUNES, M. L. T. Atendimento em clínicas-escola de psicologia da região metropolitana de Porto Alegre. <b>Revista Estudos da Psicologia</b>, v.24, n. 3, 2007.</p>
Pesquisa em Psicologia Clínica no Brasil	1980 a 1989	A pesquisa em psicologia clínica no Brasil no período entre 1980 e 1989 envolvia intervenção terapêutica, implantação de programas de atendimento comunitário, psicodiagnose, caracterização de distúrbios psicossomáticos, emocionais e de conduta. (p.138)	<p>MATOS, Maria Amélia. A Pesquisa em Psicologia no Brasil na Década de 1980: Características, Instrumentos e Distribuição Institucional. <i>In</i>: Gomes, William Barbosa; Rosa, José Tolentino (org). Divulgação de pesquisas em Psicologia no Brasil <b>Cadernos da ANPEPP</b>, Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia, Rio de Janeiro, n.1, p. 135-157, 1992.  <a href="http://www.infocien.org/Interface/Cadernos01.htm">http://www.infocien.org/Interface/Cadernos01.htm</a></p>
Maurício Knobel e Hector Fiorini	Início dos anos 1980	A Psicoterapia Breve foi introduzida no Brasil tanto pela obra do também argentino Hector Fiorini quanto por Knobel, no início dos anos oitenta.	<p>VIZZOTTO, M. M. A psicologia e a psiquiatria perdem um de seus maiores expoentes: uma homenagem ao Dr. Maurício Knobel <b>Revista Estudos da Psicologia</b>, v.25, n. 1, 2008.</p>
Jorge Ponciano	Entre 1980 e	Ao longo de sua trajetória, o Prof. Jorge Ponciano contribuiu para difusão e a formação de profissionais nas áreas de	<p>PROFESSOR emérito Jorge Ponciano Ribeiro. <b>Psicologia</b>: teoria e pesquisa, v. 23,</p>

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Ribeiro	1988	psicoterapia de grupo e Gestalt Terapia, ministrando cursos de extensão em diversas instituições de ensino do país. Ainda na área da Gestalt Terapia, o Prof. Jorge Ponciano foi professor didata do Centro de Estudos em Gestalt Terapia de Brasília – CEGEST, entre 1980 e 1988. Teve e tem participação fundamental em outros centros formadores, como é o caso dos Institutos de Gestalt Terapia de Recife, Fortaleza, de Goiás dentre outros. Fundou em julho de 1996 o IGTB – Instituto de Gestalt Terapia de Brasília, do qual é o presidente.	edição especial, 2007.
Knobel, Simon, e Lemgruber	anos 1980	As psicoterapias breves passaram a ser mais claramente definidas e pesquisadas.	FERREIRA, N. S. e YOSHIDA, E. M. P. Produção científica sobre psicoterapias breves no Brasil e demais países latino-americanos (1990-2000). <b>Estudos de Psicologia</b> , v.9, n.3, p.523-531, 2004.
	Entre 1980 e 2003	Período caracterizado pela falta de informação sistematizada sobre este importante período da história das psicoterapias breves, e que corresponde às produções da segunda e terceira geração de autores.	YOSHIDA, E. M.P.; SANTEIRO, T. V.; SANTEIRO, F. R. M.; ROCHA, G. M. A. Psicoterapias Breves Psicodinâmicas: características da produção científica nacional e estrangeira 1980/2003. <b>Psico-USF</b> , Bragança Paulista, v. 10, n. 1, 2005.
	1980, 1982	Na UFRGS merece destaque as contribuições de Zimmermann para as psicoterapias Breves. (p. 32)	YOSHIDA, E.M.P.. A Psicoterapia Breve na Realidade Brasileira. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, v. 1, n. 1, p. 23-35, 1993.
Gercilene Campos Afonso Henrique da Fonseca	1981	Logo depois, em 1981, realiza o primeiro Workshop em Gestalt-Terapia e ACP de Fortaleza, juntamente com Afonso Henrique da Fonseca, psicólogo de Maceió, tornando-se referência em Psicologia Humanista e influenciando pelo menos duas gerações inteiras de psicólogos no Ceará. [Maria Gercilene Campos	CAVALCANTE JUNIOR, F. S.; SOUSA, A. F. Histórias da Psicologia no Ceará: entrevista com Gercilene Campos. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 12, n. 2, 2007.

## APÊNDICE 5

## QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

		de Araújo] (p. 434)		
	1981.	Os cursos de Psicanalista de Criança foram organizados, seguindo as diretrizes institucionais traçadas pela colaboração entre os Diretores e os Professores. (p. 669)	SP	BICUDO, Virgínia Leone. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil: parte I: <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 659-690, 1988.
	1981-1986	De 1981 a 1986 aconteceram seis “Encomum” – Encontros Comunitários -, com participantes oriundos de todo o Brasil, sendo os primeiros em Sapucaí Mirim, e os três últimos em Belo Horizonte. (p. 436)	Brasil	CAVALCANTE JUNIOR, F. S.; SOUSA, A. F. Histórias da Psicologia no Ceará: entrevista com Gercilene Campos. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 12, n. 2, 2007.
Rachel Rodrigues Kerbauy	Mai de 1982	Ministra curso sobre Terapia Comportamental Cognitiva em Ribeirão Preto a convite da Sociedade de Psicologia. (p.12)	Ribeirão Preto – SP	KERBAUY, Rachel R. Terapia Comportamental Cognitiva: uma Comparação entre Perspectivas. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, v.3, n.2, p.10-23, 1983.
Horácio Etchegoyen	1982	Divulgação em news-letter naquele ano “9º pré-congresso sobre Formação de Análise de Criança, antes do Congresso Latino-americano“. O tema será “A análise de criança na formação do analista” o qual será coordenado pelo Dr. Horácio Etchegoyen. (p. 663).		BICUDO, Virgínia Leone. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil: parte I: <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 659-690, 1988.
Thérèse Tellegen e Dra. Ieda Porchat	1982	Antes, em 1982, Thérèse publica um capítulo no livro organizado pela Dra. Ieda Porchat, intitulado “Atualidades em Gestalt-terapia”, um texto importante da introdutora da Gestalt-terapia no Brasil, onde a autora, com base em sua ampla experiência clínica e docente, faz uma reflexão sobre o estado da arte da Gestalt-terapia. Seu principal mérito é guardar uma postura crítica e, ao mesmo tempo, aberta, da Gestalt-terapia (Tellegen, 1982“).		HOLANDA, A. F. KARWOWSKI, S. L. Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de mestros e doutorados. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.24, n.2, 2004.
	1982	A primeira dissertação de <b>mestrado</b> relacionada à Gestalt-terapia, no Brasil, foi defendida em 1982. Ainda nessa		HOLANDA, A. F. KARWOWSKI, S. L. Produção acadêmica em Gestalt-terapia no

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

		década, a Gestalt-terapia conheceu mais três produções dessa natureza, sendo todas dissertações de mestrado em Psicologia.		Brasil: análise de mestrados e doutorados. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.24, n.2, 2004.
Mathilde Neder	1982	Mathilde Neder Promoveu, em 1982, o primeiro Encontro Nacional de Terapia Familiar na PUC SP		Mathilde Neder. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.25, n.2, 2005.
Renata Gadini.	1983	Através de sua visita à Sociedade, passa-se a estudar e discutir trabalhos ligados às determinantes primitivas do “self-objeto” e fenômenos transicionais, constância de objeto (p. 676)	Porto Alegre	ARAÚJO, M. S.. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil: parte II – Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 673-677, 1988.
livro “Gestalt-terapia. Refazendo um Caminho” de Jorge Ponciano Ribeiro	1983	No ano seguinte [em 1983], é lançado o livro “Gestalt-terapia. Refazendo um Caminho”, de Jorge Ponciano Ribeiro, que foi o primeiro livro brasileiro a tratar dos fundamentos teórico-conceituais e filosóficos da nova abordagem. Além de ser pioneiro nesse tipo de reflexão no País, o autor também é pioneiro no desenvolvimento e na abertura de novos campos da Gestalt-terapia, tais como o trabalho com grupos, com psicoterapia de curta duração, dentre outros (Ribeiro, 1985, 1994).		HOLANDA, A. F. KARWOWSKI, S. L. Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.24, n.2, 2004.
Luis Carlos Nogueira	1983	A segunda Dissertação de Mestrado em Psicanálise apresentada no IPUSP ocorreu em 1983, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Nogueira, psicanalista de orientação lacaniana também do Departamento de Psicologia Clínica (Battista Pinto; Vaisberg, 2001, p. 77)	São Paulo	PINTO, E. B. A pesquisa qualitativa em psicologia clínica. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v.15, n.1/2, 2004.
Maurício Knobel	1984	a) A importância da interpretação a nível verbal (p. 53). b) “ <i>A utilização adequada da comunicação verbal e não-verbal integradas são (...) a base de uma eficaz ação psicoterapêutica</i> ” (p. 61).	PUCAAM P/UNICA MP	KNOBEL, Maurício. Psicoterapia: comunicação verbal e não verbal. <b>Estudos de Psicologia</b> . Campinas. V. 1 N. 2, 1984. P. 51-64.

## APÊNDICE 5

## QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Lemgruber	1984	Responsável pela realização do I Encontro Nacional de Psicoterapia Breve, no Rio de Janeiro (p. 31).	RJ	YOSHIDA, E. M. P., ENÉAS, M. L. E., Mito, T. I. H. E Yukimitsu, M. T. C. P. Psicoterapias Breves: Critérios de indicação e as estratégias terapêuticas. <i>Estudos de Psicologia</i> , v. 10, n. 1, p. 53-64, 1993.
1º. Livro de Gestalt-terapia no Brasil – “Gestalt e Grupos” – Thérèse Tellegen	1984	. Uma dessas datas é o ano 1984, que marcou a primeira publicação de um livro de Gestalt-terapia – produzido no País – que foi “Gestalt e Grupos”, de autoria de Thérèse Tellegen, e que estava associado diretamente à sua dissertação de mestrado (também a primeira de nosso levantamento).	Brasil	HOLANDA, A. F. KARWOWSKI, S. L. Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.24, n.2, 2004.
José Fonseca	1984	Funda o DAIMON e inicia esta atividade dirigindo a primeira sessão no Teatro Terapêutico do DAIMON. (p.120).		GOFFI JÚNIOR, Fábio S. Sessões Abertas de Psicoterapia: Os Benefícios do Ponto de Vista do Público. <b>Revista Brasileira de Psicodrama</b> , São Paulo, v.12, n.1, p.119-133, 2004.
Regina Maria Lemes Lopes Carvalho	1984	Define passos para ensinar psicoterapia aos graduandos de psicologia	PUCCAMP	CARVALHO, Regina Maria Leme Lopes. O ensino das psicoterapias analíticas. <b>Estudos de Psicologia</b> . Campinas. V. 1 N. 3-4, 1984. P. 127-133
8ª Conferência Nacional de Saúde	1986	Em 1986, ocorreu no Brasil a “8ª Conferência Nacional de Saúde”, criando as novas diretrizes do sistema único de saúde (SUS), que seria pautado pela <i>universalidade, integralidade e democratização</i> da saúde. Muitos autores consideram que esse foi o começo do processo que culminou com a reforma psiquiátrica brasileira.	Brasil	SILVA, A. S. T. SILVA, R. N. A emergência do acompanhamento terapêutico e as políticas de saúde mental. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.26, n.2, 2006.
Maurício Knobel	1986	Knobel no início da década de oitenta, teve interesse especial pela Psicoterapia Breve e que culminou com uma publicação com esse mesmo título no ano de 1986. Cabe ainda ressaltar que, em se tratando de produção		VIZZOTTO, M. M. A psicologia e a psiquiatria perdem um de seus maiores expoentes: uma homenagem ao Dr. Maurício Knobel <b>Revista Estudos da Psicologia</b> , v.25, n. 1, 2008.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Maurício Knobel	1986	científica sobre psicoterapias breves psicodinâmicas, o pesquisador Tales Santeiro aponta em sua tese, defendida pela PUC-Campinas, que Sigmund Freud, David Malan, Mauricio Knobel e Hector Fiorini são os autores mais citados na produção nacional.	No prefácio de seu livro “Psicoterapia Breve”, de 1986, publicado pela editora EPU, Knobel escreve que essa proposta psicoterapêutica é modesta, tem alcances limitados, mas possibilidades infinitas, principalmente se nos propusermos a praticá-la e estudá-la constantemente (preocupação esta que sempre o acompanhou, tanto é que esse livro vinha sendo revisado por ele, no ano passado).		VIZZOTTO, M. M. A psicologia e a psiquiatria perdem um de seus maiores expoentes: uma homenagem ao Dr. Maurício Knobel <b>Revista Estudos da Psicologia</b> , v.25, n. 1, 2008.
Fenomenologia	1986	Observou-se, no período que segue, que as publicações nacionais que abordam a intersecção entre fenomenologia e clínica trazem aspectos do fundamento da filosofia fenomenológica e existencial e essa é, também, uma tendência internacional. ‘Tal evidência pode indicar tanto uma preocupação com o domínio do argumento, quanto o revigoramento de um passado epistemológico comum’ (Gomes e Castro, 2010 – 100).		Brasil	GOMES, William Barbosa e CASTRO, Thiago Gomes de. Clínica Fenomenológica: Do Método de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v. 26, n. especial, p. 81-93, 2010.
Conselho Federal de Psicologia	1986 e 1987	Realiza pesquisa em âmbito nacional sobre quem é o psicólogo brasileiro. Entre as tantas conclusões a pesquisa demonstra que “a psicoterapia individual foi citada por 429% dos entrevistados sendo essa atividade exercida por 6,5% dos psicólogos que atuam em clínica”. (p. 10)		Brasil	BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt; GOMIDE, Paula Inez Cunha. O Psicólogo brasileiro: Sua Atuação e Formação Profissional. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília, v.9 ,n.1 ,p.6-15, 1989
Fenomenologia	1987	Primeiro registro da Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa abordando o tema da fenomenologia de autoria de V. Moreira, sendo a fenomenologia o ‘eixo de interpretação em um tratamento orientado pela Abordagem Centrada na Pessoa’.		Brasil	GOMES, William Barbosa e CASTRO, Thiago Gomes de. Clínica Fenomenológica: Do Método de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v. 26, n. especial, p. 81-93, 2010.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicoterapia Breve	1987	Iniciou atendimento à comunidade, tendo como objetivo o desenvolvimento de estratégias terapêuticas compatíveis com a realidade brasileira (p. 55)		YOSHIDA, E. M. P., ENÉAS, M. L. E., Mito, T. I. H. E Yukimitsu, M. T. C. P. Psicoterapias Breves: Critérios de indicação e as estratégias terapêuticas. <i>Estudos de Psicologia</i> , v. 10, n. 1, p. 53-64, 1993.
Grupo de Psicólogos	1987	Inspirados nas propostas de Knobel e Simon, foi criado em São Paulo, o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicoterapia Breve. (p. 31).	SP	YOSHIDA, E.M.P.. A Psicoterapia Breve na Realidade Brasileira. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, v. 1, n. 1, p. 23-35, 1993.
	1987	XI Congresso Brasileiro de Psicanálise (p. 673)	Canela – RS	ARAUJO, M. S.. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil: parte II – Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 673-677, 1988.
Gercilene Campos	1986-1989	Durante o período do Doutorado em São Paulo, entre 1986 e 1989, tive a oportunidade de integrar-me a um grupo de profissionais, coordenado pela Profª Ada Pellegrini e reunidos em torno do enfoque psicanalítico-sistêmico, onde estudávamos e ministrávamos cursos introdutórios sobre temáticas da família, e que, em 1987, veio a institucionalizar-se como o Centro de Estudos de Família de São Paulo (CEFASP).(p. 437)	São Paulo	CAVALCANTE JUNIOR, F. S.; SOUSA, A. F. Histórias da Psicologia no Ceará: entrevista com Gercilene Campos. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 12, n. 2, 2007.
	1992	Minha tese, defendida em 1992 e intitulada “Histórias de Amor no Cordel e Psicoterapia”, fez-me percorrer o imaginário nordestino de lendas, histórias, fábulas, contadas e cantadas no Cordel, ao mesmo tempo em que me exigiu a busca da referência mítica, desde os mitos gregos, atravessando as concepções de amor na tradição judaico-cristã, na Cortesia e na modernidade.p. 437 Maria Gercilene Camposde Araújo]		

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Serviço de Atendimento Psicológico e Psiquiátrico ao Estudante (SAPPE)	1987	Em 1987, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), através de uma iniciativa conjunta da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários e do Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria, foi criado o Serviço de Atendimento Psicológico e Psiquiátrico ao Estudante (SAPPE), com o objetivo de prestar assistência psicológica e/ou psiquiátrica, de modo preventivo e terapêutico, através de: grupo de encontro; primeira entrevista; psicoterapia de grupo; psicoterapia individual; psicoterapia de família; psicoterapia de casal e espaço D – trabalho de prevenção em saúde mental aos alunos regulares de graduação e pós-graduação da UNICAMP.	Campinas SP	CERCHIARI, E. A. N. CAETANO, D. FACCENDA, O. Utilização do sério de saúde mental em uma universidade pública. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.25, n.2, 2005.
Programa de Pronto-Atendimento Psicológico ao Aluno (PPAPA)	1988	Vinculado à Faculdade de Ciências e Letras de Assis da Universidade Estadual Paulista (UNESP), o Programa de Pronto-Atendimento Psicológico ao Aluno (PPAPA) foi criado em 1998, com o intuito de oferecer à comunidade discente da unidade uma possibilidade de acolhimento psicológico mediante a abertura de um lugar de escuta clínica. O referido serviço foi implementado em virtude da necessidade de, num primeiro momento, organizar e otimizar os recursos da instituição para que fosse possível, num segundo momento, prestar atendimento aos alunos que, em número crescente, solicitavam apoio psicológico junto ao Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada (CPPA) da unidade. Assim sendo, o PPAPA foi criado para preencher uma lacuna e atender a uma procura já existente e cada vez maior. (p. 48)	São Paulo	PERES, R. S.; SANTOS, M. A.; COELHO, H. M. B. Perfil da Clientela de um Programa de Pronto-Atendimento Psicológico a Estudantes Universitários. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 9, n. 1, 2004.
José Eggers	1985	Nas experiências que começaram a ser registradas no Brasil tem-se, por exemplo, o relato de José Eggers, em um artigo publicado em 1985. Ao discorrer sobre a experiência da	Brasil	ALVARENGA, C. PARAVIDINI, J. L. L. Acompanhamento Terapêutico e Saberes Psicológicos: enfrentando a história. <b>Gerais:</b>

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

		<p>equipe do Instituto de Psiquiatria Compreensiva, na década referida, fala da dificuldade de se definir o acompanhante terapêutico em razão da diversidade de aspectos que envolviam esse papel. Contudo, ele extrai de diversos autores da época um consenso: o at é um profissional de saúde mental que “só existe dentro da equipe terapêutica, com um papel complementar ao do psicoterapeuta, agindo fora do setting no tratamento de pacientes críticos e com a função específica de ensinar a operar no marco social” (Eggers, 1985, p.7 <i>apud</i>. ALVARENGA e PARAVIDINI, 2009, p. 173).</p>		<p>Revista Interinstitucional de Psicologia, Belo Horizonte, v. 2, n.1, 2009.</p>
I Encontro de Gestalt-terapeutas do Rio de Janeiro	1986	<p>Com o crescimento dessa abordagem no País, surgiu, em 1986, organizado pelo grupo do Rio e coordenado por Teresinha Mello, o I Encontro de Gestalt-terapeutas do Rio de Janeiro que, embora com um nome regional, contou com a presença de gestalt-terapeutas de todo o País.</p>	Brasil/ Rio de Janeiro	<p>HOLANDA, A. F. KARWOWSKI, S. L. Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. <b>Psicologia: ciência e profissão</b>, v.24, n.2, 2004.</p>
Gomes, Rech e Ganzó	1988	<p>“empreendem uma investigação sobre a experiência retrospectiva de estar em psicoterapia, estudo que teve seu seguimento publicado pela Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa dois anos depois”</p>	Brasil	<p>GOMES, William Barbosa e CASTRO, Thiago Gomes de. Clínica Fenomenológica: Do Método de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b>, Brasília, v. 26, n. especial, p. 81-93, 2010.</p>
William Gomes	1988	<p>Realiza investigações fenomenológicas sobre processo terapêutico. Publicações de 1988 e 1990. (p.24)</p>	UFRGS	<p>FORGHIERI, Yolanda Cintrão (1993): <u>A investigação fenomenológica da vivência: justificativa, origem, desenvolvimento</u>, pesquisas realizadas, in: Macedo, Rosa Maria Stefanini de (org): Mapeamento da pesquisa em Psicologia no Brasil (<b>Cadernos da ANPPP</b> no. 2, pag. 19-42). Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia. <a href="http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.h">http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.h</a></p>

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Jorge Ponciano Ribeiro	1988	Desenvolve a visão de Foulkes no processo grupal. Procura avançar em uma perspectiva acenada por Foulkes, mas não desenvolvida. Ponciano, o então, desenvolve a partir dos conceitos de figura/ fundo e aqui e agora, uma visão diferente de tratar a resistência grupal na perspectiva foulkiesiana.	Brasília	<sup>fm</sup> RIBEIRO, Jorge Ponciano. O conceito de resistência na psicoterapia grupo-analítica: repensando um caminho. <b>Psicologia: teoria e pesquisa</b> . Brasília. V. 5 N. 1, 1989. P. 123-135.
Eizirik, Aguiar e Schestatsky	1989	Na UFRGS existe um numeroso contingente de profissionais envolvidos com psicoterapias psicodinâmica. A produção do grupo, ligado ao Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal, foi condensada recentemente em um livro, editado pelas Artes Médicas, intitulado Psicoterapia de Orientação analítica: teoria e prática (1989). Encontram-se ali trabalhos envolvendo todas as etapas do processo terapêutico, questões teóricas, metodológicas, incluindo-se as relativas à formação do terapeuta. (p. 31, 32)	UFRGS	YOSHIDA, E.M.P.. A Psicoterapia Breve na Realidade Brasileira. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, v. 1, n. 1, p. 23-35, 1993.
II Encontro Nacional de Gestalt-terapia	1989	Tendo assumido essa magnitude, o segundo encontro foi, então, organizado pelo grupo de São Paulo, intitulado por seus organizadores II Encontro Nacional de Gestalt-terapia, realizado em Caxambu (1989). Conferiu-se, assim, um status de encontro nacional ao primeiro encontro realizado no Rio de Janeiro. Passou-se, então, a repetir o encontro a cada dois anos: em Brasília (DF), em 1991; em Recife (PE), 1993; em Vitória (ES), em 1995; em Florianópolis (SC), em 1997; em Goiânia (GO), em 1999; em Fortaleza (CE), em 2001, e em Gramado (RS), em 2003.	Brasil/ Caxambu	HOLANDA, A. F. KARWOWSKI, S. L. Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.24, n.2, 2004.
Final dos anos 1980		Somente no final dos anos 80, com a consolidação do processo de abertura política no País, foram retomadas as discussões em torno da reforma psiquiátrica.		SILVA, A. S. T. SILVA, R. N. A emergência do acompanhamento terapêutico e as políticas de saúde mental. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.26, n.2, 2006.
Lemgruber	1990	Responsável pela realização do II Encontro Nacional de Psicoterapia Breve, com participação de Peter Sifneos e		YOSHIDA, E.M.P.. A Psicoterapia Breve na Realidade Brasileira. <b>Mudanças: Psicoterapia e</b>

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Psicoterapia de Orientação Psicanalítica de Rua	1990	Miguel Leibovich (p. 31)	“No mês de julho de 1990, aproximadamente 10 anos após o encerramento do trabalho, foi retomado o contato com o campo. A relação da equipe – composta por dois psicólogos, um do sexo feminino e um do sexo masculino – abrangem aproximadamente 25 pessoas. O grupo operativo acontece uma vez por semana no mesmo horário e local.”. (p.31/32)	Estudos Psicossociais, São Bernardo do Campo, v. 1, n. 1, p. 23-35, 1993.
Movimento da Luta Antimanicomial	final da década de 1980		No final da década de 1980, no “II Congresso Nacional dos Trabalhadores de Saúde Mental”, configurou-se o campo de forças que possibilitou a criação do “Movimento da Luta Antimanicomial”, congregando inúmeros profissionais da área da saúde, principalmente mental, além de usuários desses serviços e seus familiares. Esse movimento caracteriza-se por ser regido pelos próprios usuários dos serviços em saúde mental, que colocam em xeque as “intervenções terapêuticas” às quais são submetidos, tendo como foco de problematização o exercício constante de luta contra toda e qualquer forma de opressão e massificação subjetiva. O movimento produz, assim, forças fundamentais que transformam não só a imagem que se tem dos usuários mas também os próprios saberes e práticas daqueles que trabalham com os mesmos.	SILVA, A. S. T. SILVA, R. N. A emergência do acompanhamento terapêutico e as políticas de saúde mental. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.26, n.2, 2006.
Lei da Reforma Psiquiátrica	1989		Em 1989, após 11 anos da Lei italiana, surgiu no Brasil o projeto de Lei nº 3657/89, que trata da “Lei da Reforma Psiquiátrica”.	SILVA, A. S. T. SILVA, R. N. A emergência do acompanhamento terapêutico e as políticas de saúde mental. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.26, n.2, 2006.
Jorge Ponciano Ribeiro	Entre 1988 e 1990		O Prof. Jorge Ponciano fez dois pós-doutorados. Um na <i>Sussex University</i> na Inglaterra entre 1988 e 1990 com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e	PROFESSOR emérito Jorge Ponciano Ribeiro. <b>Psicologia: teoria e pesquisa</b> , v. 23, edição especial, 2007.

## APÊNDICE 5

## QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

		Tecnológico – CNPq, período no qual desenvolveu projeto de pesquisa sobre “Mecanismos de Cura” e atuou como Professor Visitante.		
Cláudio L. Eizirik, Rogério W. Aguiar, Sidnei S. Schestatsky e colaboradore s.	1989	Em 1989, surgiu a primeira edição do livro <b>Psicoterapia de orientação analítica: teoria e prática</b> , elaborada pelo grupo de professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Quinze anos depois surge essa segunda edição.		THOMÉ, José T. Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e clínicos. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , São Paulo, v. 6, n. 3, p. 355-356, 2004.
Terapia Familiar	1989	Início do Curso de Especialização para Formação de Terapeutas de Família na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na área de Psicologia Clínica. (p.94) Concomitante ao curso de especialização foi organizado um Núcleo de Pesquisa em Família e Comunidade no Programa de Pós Graduação da mesma área. )p.94).		
Fenomenologia	1989	Em 1989, a <i>Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa</i> publicou um estudo de J.P. Ribeiro sobre o conceito de resistência na psicoterapia grupo-analítica do psicanalista Siegmund Foulkes. O artigo indica uma aproximação da modalidade grupo-analítica com traços de psicoterapias fenomenológico-existenciais (100).	Brasil	GOMES, William Barbosa e CASTRO, Thiago Gomes de. Clínica Fenomenológica: Do Método de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v. 26, n. especial, p. 81-93, 2010.
Boadella (2004)	1990	Conforme Boadella, em alguns países tiveram inícios tentativas de regulamentar a profissão de psicoterapeuta. O primeiro indicio disso se encontra na Declaração de Strasburgo para a Psicoterapia de 1990 e que serve de base para mais de 500 organizações psicoterapêuticas na Europa e no mundo. P 196		TEIXEIRA, R.; NUNES, M. L. T. Algumas questões éticas da psicoterapia. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> . V 7, n 2-3. 2005.
Yolanda Cintrão	1991	Defende Tese de Livre Docência.		FORGHIERI, Yolanda Cintrão (1993): <u><a href="#">A investigação fenomenológica da vivência:</a></u>

## APÊNDICE 5

## QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Forghieri				justificativa, origem, desenvolvimento, pesquisas realizadas, in: Macedo, Rosa Maria Stefanini de (org): Mapeamento da pesquisa em Psicologia no Brasil ( <b>Cadernos da ANPPP</b> no. 2, pag. 19-42). Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia. <a href="http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm">http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm</a>
Bernard Rangé	1991	Em 1991, houve um Congresso Brasileiro de Psiquiatria em Maceió, no estado de Alagoas, para o qual eu havia sido convidado para dar um curso de três aulas sobre terapia cognitiva.		RANGÉ, B. Tratamento cognitivo-comportamental para o transtorno do pânico e agorafobia: uma história de 35 anos. <b>Revista Estudos da Psicologia</b> , v.25, n. 4, 2008.
	Década de 1990 1993 1999 1998	o aumento do número de exposições e publicações sobre realidade virtual na psiquiatria e na psicologia na década de 1990. Em 1993 nenhuma publicação foi encontrada e apenas duas apresentações profissionais foram feitas sobre o tema. Já em 1999, foram realizadas 77 apresentações e 53 artigos foram publicados. O ápice deste período ocorreu em 1998, com 61 publicações.		CARVALHO, M. R. FREIRE, R. C. NARDI, A. E. Realidade Virtual no Tratamento de Transtorno de Pânico. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, 2008.
	Década de 1990 2001	Neste sentido, no Brasil, a Faculdade de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul iniciou a disciplina de Bioética no início da década de 90, e o de Pós-Graduação em Psicologia, da mesma universidade, em 2001, sendo os primeiros a incluir tal disciplina em seus currículos (Clotet, 2003) p. 607	Brasil – RS	LUDWIG, M. W. B.; REDIVO, L. B.; JORGE, H. Z.; MULLER, M. C. Psicoterapia e Bioética: aproximando conceitos, aperfeiçoando práticas. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 12, n. 3, 2007.
	1990	Constituição do Sistema Único de Saúde através da Lei 8.080 de 1990. Na saúde, assistimos, desde 1988, a construção de um sistema único (notadamente público), a descentralização da gestão e/ou dos serviços assistenciais, a criação de espaços de negociação intergestores e de controle social, assim como	Brasil	MULLER, A. C. DIAS, A. C. G. O psicólogo na rede pública de saúde: um estudo sobre a formação e atuação profissional. <b>Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia</b> , Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 2008.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

		a busca da universalidade do acesso (Brasil, 1988; Brasil, 1990).		
	anos 1990	Nos anos 90, a Gestalt brasileira conhece seu maior impulso, com 20 trabalhos de mestrado e doutorado – com destaque para os anos 1992 e 1997, que tiveram cinco trabalhos apresentados – tendência essa que se amplifica nos últimos anos desta nova década, quando se observa um incremento significativo na média de trabalhos apresentados em relação aos demais anos. Observe-se que, apenas nos três últimos anos, já houve um incremento de cerca de 55% em relação à década passada.		HOLANDA, A. F. KARWOWSKI, S. L. Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.24, n.2, 2004.
	início da década 1990	A preocupação com as questões emocionais do estudante universitário surgiu no início da década 90, no trabalho com a disciplina Psicologia Geral para estudantes do primeiro ano – primeira turma e primeiro ano de funcionamento da Universidade – do curso de Enfermagem da UEMS e com a disciplina Psicologia Aplicada à Enfermagem para os alunos do segundo ano de enfermagem na Unidade de Dourados.	Dourados MS	CERCHIARI, E. A. N. CAETANO, D. FACCENDA, O. Utilização do sérico de saúde mental em uma universidade pública. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.25, n.2, 2005.
	1990	Primeiro indício de regulamentar a profissão de psicoterapeuta, se encontrando na Declaração de Strasbourg para a Psicoterapia, que servia como base para mais de 500 organizações psicoterapêuticas na Europa e no mundo.		TEIXEIRA, M. C. T. V.; GONÇALVES, F. L. Relato sobre o XIV Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental. <b>Psicologia: teoria e prática</b> , São Paulo, v. 7, n. 2, 2005.
Virgínia Moreira	1990	A partir das divisões em períodos da psicoterapia centrada na pessoa, feita por Rogers, propõe que o último período chamar-se-ia “Fase Coletiva”.	Fortaleza (CE)	<b>MOREIRA, Virgínia. Psicoterapia Centrada na Pessoa e Fenomenologia. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Brasília. V.9 N.21, 1993. P. 157-172.</b>
Realidade virtual e	1990	observou-se o início da utilização da ‘realidade virtual’ no campo da psicoterapia. “Na terapia cognitivo-	Brasil	CARVALHO, M. R.; FREIRE, R. C. NARDI, A. E. Realidade Virtual no Tratamento de

## APÊNDICE 5

## QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

psicoterapia		comportamental, o uso de técnicas de exposição é uma intervenção já estabelecida, que pode ser estendida a ambientes virtuais, de acordo com as necessidades específicas do paciente.		Transtorno de Pânico. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, 2008.
	Década de 1990	Ao final da década de 90, Carrozzo (1997) apresenta sua definição de Acompanhamento Terapêutico descrevendo-o como: “uma clínica preocupada em romper o isolamento dos sujeitos psicóticos, deficientes e outros que nos demandam tratamento. Clínica que acontece fora dos equipamentos tradicionais de tratamento, que se dá na interface do acompanhante, acompanhado e da cidade, clínica da cidade” p. 175		ALVARENGA, C. PARAVIDINI, J. L. L. Acompanhamento Terapêutico e Saberes Psicológicos: enfrentando a história. <b>Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia</b> , Belo Horizonte, v. 2, n.1, 2009.
	Década de 1990	Em Salvador, a inserção dos psicólogos nas UBSs ocorreu na década de 1990, um pouco mais tardiamente do que em outros estados do Brasil (Lima, 2005). (p. 432)	Salvador	LIMA, M. Atuação Psicológica Coletiva: uma trajetória profissional em Unidade Básica de Saúde. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 10, n. 3, 2005.
Nelson Carrozzo	1991	Na apresentação do livro <i>A rua como espaço clínico</i> (1991), primeira obra organizada pela equipe de acompanhantes terapêuticos d’A Casa, o psiquiatra e psicanalista, Nelson Carrozzo, um dos fundadores em São Paulo deste Hospital Dia, diz que o serviço de acompanhantes terapêuticos foi criado em meio a um conflito. Como ideal de tratamento, era fundamental que o paciente sasse da instituição ao final da tarde e fosse para a rua, para a cidade, para a sua família; por outro lado, percebia-se que isso não era possível, era necessária maior continência dos doentes por parte da instituição. Daí a investida no recurso do acompanhante terapêutico. (p. 174)	Brasil	ALVARENGA, C. PARAVIDINI, J. L. L. Acompanhamento Terapêutico e Saberes Psicológicos: enfrentando a história. <b>Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia</b> , Belo Horizonte, v. 2, n.1, 2009.
	1991	I Encontro Paulista de Ais, Cenamo, Prates e Barreto (1991)	São Paulo	ALVARENGA, C. PARAVIDINI, J. L. L. Acompanhamento Terapêutico e Saberes Psicológicos: enfrentando a história. <b>Gerais:</b>

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Maurício Knobel	1991	Knobel e Marlília Vizzotto a partir de 1991, desenvolve a pesquisa “Tipos de Psicoterapia que se aplicam no Brasil”, sendo esta decorrente de uma preocupação do professor com a proliferação de alguns modelos psicoterapêuticos, veiculados nos meios de comunicação populares, que não eram condizentes com o que ele tinha como ideal de Psicoterapia.		Revista Interinstitucional de Psicologia, Belo Horizonte, v. 2, n.1, 2009.
Fenomenologia	1991	Em 1991, mais uma pesquisa sobre o processo terapêutico é publicada no periódico da UnB, <i>Revista Psicológica: Teoria e Pesquisa</i> . Dessa vez, um estudo de caso coletivo com cinco terapeutas busca acessar, por meio de grupos de supervisão, os conjuntos de perguntas que configuram a experiência do terapeuta na reflexão sobre os casos clínicos. Os pesquisadores são: AmatuZZi, Solymos, Ando, Brusceagin e Costabili	Brasil	GOMES, William Barbosa e CASTRO, Thiago Gomes de. Clínica Fenomenológica: Do Método de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v. 26, n. especial, p. 81-93, 2010.
Helena Maria Bicaio, Sílvia Sobreira e Jair Abe.	1991,	IV Encontro Latino-Americano de Psicanálise com Crianças.	São Paulo (USP).	NOGUEIRA, Luiz Carlos. Antes e depois do meu encontro com Lacan: Paris – Julho de 1977. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v.15, n. ½, p. 109-123, 2004. (Entrevista).
Constituição da APEP	Fevereiro de 1992	Constituição da APEP (Associação de Psicoterapia e Estudos Psicanalíticos) ‘consolidando um grupo de estudos que vinha funcionando junto ao Programa de Pós-graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior. Era um grupo aberto formado por alunos e ex-alunos do centro de pós-graduação, professores e psicoterapeutas. O principal objetivo é fortalecer o ensino de pós-graduação, incentivando a divulgação de pesquisas e a formação continuada’.	São Paulo	ROSA, José Tolentino e SIMON, Ryad. Associação de Psicoterapia e Estudos Psicanalíticos: um Grupo de Apoio para a Revista. <i>In</i> : Gomes, William Barbosa; Rosa, José Tolentino (Org.). Divulgação de Pesquisas em Psicologia no Brasil, Rio de Janeiro, <b>Cadernos da ANPEPP</b> , Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia, n. 1, p.81-96, 1992.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Fenomenologia	1992 a início de 2002	não foi encontrada publicação na <i>Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa</i> , associando psicologia à fenomenologia. Em 2002, Rigotto e Gomes analisaram 11 relatos de experiência sobre a abstinência e recaída em dependentes químicos, publicado nessa Revista	Brasil	<a href="http://www.infocien.org/Interface/Cadernos01.htm">http://www.infocien.org/Interface/Cadernos01.htm</a>
30 anos de profissão do psicólogo	1992	A primeira tese de <b>doutorado</b> especificamente relacionada à Gestalt-terapia no País foi defendida em 1992, na Universidade de São Paulo (Loffredo, 1992).	São Paulo	HOLANDA, A. F. KARWOWSKI, S. L. Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.24, n.2, 2004.
II Conferência Nacional de Saúde Mental	1992	30 anos após a regulamentação da profissão a atuação dos psicólogos centra-se nas clínicas, na educação e na área do trabalho. (p.05)		30 Anos de Regulamentação. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília, v. 12, n. 2, 1992.
30 anos de Profissão do Psicólogo	1992	Em 1992, na “II Conferência Nacional de Saúde Mental”, foi declarado um dever “efetuar a desinstitucionalização de todas as instituições com características manicomial”. Nesse momento, foi aprovada a criação de uma “Rede de Atenção Integral em Saúde Mental” em substituição ao Hospital Psiquiátrico. No dia 07 de agosto de 1992, foi aprovada a Lei Estadual nº 9.716, que dispõe sobre a reforma psiquiátrica no Rio Grande do Sul.		SILVA, A. S. T. SILVA, R. N. A emergência do acompanhamento terapêutico e as políticas de saúde mental. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.26, n.2, 2006.
Antonio Meneghetti	Fevereiro de 1993	Publicou o artigo “Antonio Meneghetti e a Ontopsicologia” na Revista Insight Psicoterapia por ocasião de I Congresso Brasileiro de Ontopsicologia no Brasil(p. 4-7)	Brasil	30 Anos de Regulamentação. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília, v. 12, n. 2, 1992.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Antonio Meneghetti	Fevereiro de 1993	Antônio Meneghetti declara que a Ontopsicologia nasce da prática clínica. Sendo o processo de autenticação do pesquisador, por meio da Psicoterapia Ontopsicológica, basilar para a aplicação de todo o método da ciência Ontopsicológica.		MENEGHETTI, Antonio. A Ontopsicologia. Entrevista. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, v.3, n.26, p. 4-7, 1993.
Antonio Meneghetti	Fevereiro de 1993	A Ontopsicologia não exclui nenhum dos conhecimentos que as grandes escolas maturaram até hoje, mas une e acrescenta um conhecimento extraordinário. É o conhecimento do Campo Semântico. (p. 5)		MENEGHETTI, Antonio. A Ontopsicologia. Entrevista. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, v.3, n.26, p. 4-7, 1993.
Bernard Rangé	1993	Em 1993, ocorreu um Congresso Mundial de Psiquiatria no Rio de Janeiro. Graças à minha amizade com a doutora Vera, consegui ter acesso aos resumos enviados e pude descobrir a vinda de David Barlow, Samuel Turner, Jack Maser, Joseph Wolpe, Rafael Navarro Cuevas, Gualberto Buela-Casal, Vicente Caballo, Herbert Chappa, Sergio Pagés e Hector Fernandez-Alvarez.		RANGÉ, B. Tratamento cognitivo-comportamental para o transtorno do pânico e agorafobia: uma história de 35 anos. <b>Revista Estudos da Psicologia</b> , v.25, n. 4, 2008.
“Encontro Nacional de Gestalt-terapia” e “Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica”	1993	Dessa listagem, é importante destacarmos o fato de que, a partir de 1993, no encontro de Recife, houve um acréscimo na nomenclatura do encontro que transcende a mera questão 175ingüística ou estética e reflete uma realidade de crescimento. A partir dessa data, ao “Encontro Nacional de Gestalt-terapia”, passou a ser associado o “Congresso Brasileiro da Abordagem Gestáltica”. Esse fato é relevante, primordialmente, por delimitar a expansão do campo de atuação da Gestalt-terapia a outras áreas, para além da clínica.	Brasil/ Recife	HOLANDA, A. F. KARWOWSKI, S. L. Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.24, n.2, 2004.
Terapia Familiar	1993	Embora alguns dos Centros de Atendimento a Família se proponham `investigação de problemas da família brasileira, sua produção, em 1993, ainda é mais voltada para a prática		MACEDO, Rosa Maria Stefanini de. A Pesquisa sobre Família em Psicologia a partir da Década de 1980. <i>In</i> Macedo, Rosa Maria

**APÊNDICE 5**  
**QUADRO 4** – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

		da Terapia e relatos de experiências, sendo ainda muito pequeno o número de publicações sobre o tema. (p. 94)		Stefanini de (org). Mapeamento da Pesquisa em Psicologia no Brasil, <b>Cadernos da ANPPEP</b> , Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia, Rio de Janeiro, n. 2, p. 91-120, 1993. <a href="http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm">http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm</a>
Pierre Weil	1994	Como professor da UFMG, Pierre Weil trabalhou em Psicoterapia de Grupo, Dinâmica de Grupo, Psicodrama e Psicologia Transpessoal. Em 1994, foi agraciado com o título de Professor Emérito da UFMG. Entre as suas obras publicadas nesse período, destacaram-se: Liderança, Tensões Evoluções: Aspectos Psicossociológicos da Organização Moderna (1972), Dinâmica de Grupo e Desenvolvimento em Relações Humanas (1967), O Psicodrama (1979), O Corpo Fala: Uma Linguagem Silenciosa da Comunicação Não Verbal (1981) e A Revolução Silenciosa (1983).	UFMG	Pierre Weil. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v. 25, n.4, 2005.
	1995	Fundação da Escola Brasileira de Psicanálise.		NOGUEIRA, Luiz Carlos. Antes e depois do meu encontro com Lacan: Paris – Julho de 1977. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v.15, n. 1/2, p. 109-123, 2004. (Entrevista).
Bernard Rangé	1996	em terapia cognitivo-comportamental (TCC). Isso ocorreu porque eu estava, naquele ano de 1996, dando cursos de TCC em Goiânia, e havia desenvolvido um protocolo integrativo (tratamento farmacológico, terapia cognitiva, terapia comportamental, terapia racional-emotiva-comportamental) que estava sendo utilizado pelos meus estagiários na Divisão de Psicologia Aplicada (DPA) do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Uma das alunas era psicóloga clínica com formação.		RANGÉ, B. Tratamento cognitivo-comportamental para o transtorno do pânico e agorafobia: uma história de 35 anos. <b>Revista Estudos da Psicologia</b> , v.25, n. 4, 2008.

## APÊNDICE 5

## QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Bernard Rangé	1996	Ao mesmo tempo, entrei em contato com o livro de Wolfe e Maser (1994), <i>Treatment of panic disorder: A consensus development conference</i> , que representava o relatório de uma conferência realizada em 1991, promovida pelo Instituto Nacional de Saúde Mental dos Estados Unidos, visando ao estabelecimento de um consenso entre os 25 especialistas das mais diferentes áreas do conhecimento sobre Transtorno de Pânico e Agorafobia convidados para esse encontro.		RANGÉ, B. Tratamento cognitivo-comportamental para o transtorno do pânico e agorafobia: uma história de 35 anos. <b>Revista Estudos da Psicologia</b> , v.25, n. 4, 2008.
Jorge Ponciano Ribeiro	1996	Jorge Ponciano Ribeiro fundou em julho de 1996 o IGTB – Instituto de Gestalt Terapia de Brasília, do qual foi presidente	Brasília	Jorge Ponciano Ribeiro. Professor emérito. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v.23, edição especial, 2007.
XV Congresso Brasileiro de Psiquiatria	1997	Em 1997, no XV Congresso Brasileiro de Psiquiatria, em Brasília, foi proposta uma instigante mesa-redonda que se denominava “Psicoterapia: especialidade, profissão ou terra de ninguém”, a qual não chegou a se realizar. ‘Entretanto está na pauta dos psiquiatras brasileiros a inquietação sobre a identidade, a prática, a formação profissional e a ética no exercício das psicoterapias’. Nesse texto encontra-se também que ‘o exercício da psicoterapia no Brasil é legalmente conferido a médicos e psicólogos. Sua prática entretanto, não tem regulamentação própria, devendo atender aos paradigmas éticos de cada profissão.	Brasília	ABREU, José Ricardo, PICCINI, W., CACILHAS, A., TRAHMAN, C., THORMANN, N. Psicoterapia no Brasil: duas Décadas Através das Publicações Psiquiátricas. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v.2, n.1, p. 89-104, 2000.
Fritz Perls	1997	Ainda transitando nessa direção, é <b>curioso</b> assinalarmos que o “marco” da criação da Gestalt-terapia – a publicação, em 1951, do Gestalt Therapy: Excitement and Growth in the Human Personality, de autoria de Fritz Perls, Ralph Hefferline e Paul Goodman – e considerado por muitos como a “bíblia” da Gestalt, por ser o primeiro livro que desenvolve essa nova abordagem – somente conheceu sua tradução para o português em 1997.		HOLANDA, A. F. KARWOWSKI, S. L. Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.24, n.2, 2004.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Mathilde Neder	1997	Mathilde Neder Entre 1991 e 1997, realizou pós-doutorados em terapia familiar nos Estados Unidos, no México e na Itália.		Mathilde Neder. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.25, n.2, 2005.
Bernard Rangé	1994 a 2000	Em 1994, iniciou-se atendimento aos universitários na Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, atendimento que evoluiu, em maio de 2000, para a criação do Centro de Atendimento Psicológico (CAP/UEMS).		CERCHIARI, E. A. N. CAETANO, D. FACENDA, O. Utilização do sérico de saúde mental em uma universidade pública. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.25, n.2, 2005.
Bernard Rangé	1998	Decidi, durante os anos de 1997 e 1998, aprimorá-lo [protocolo], até que alcançou a forma final, denominada <i>Vencendo o pânico: programa de tratamento multicomposto específico para o transtorno de pânico e a agorafobia</i> , em duas versões: uma para terapeutas não treinados em TCC e outra para pacientes.		RANGÉ, B. Tratamento cognitivo-comportamental para o transtorno do pânico e agorafobia: uma história de 35 anos. <b>Revista Estudos da Psicologia</b> , v.25, n. 4, 2008.
Luis Carlos Nogueira	1998	Dentre os psicanalistas pioneiros nos estudos da Psicanálise em Lacan no Brasil, o professor Luiz Carlos Nogueira foi certamente um dos mais produtivos. Professor Associado do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, apresentou sua tese de Livre-Docência em 1998. (p. 77)	São Paulo	PINTO, E. B. A pesquisa qualitativa em psicologia clínica. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v.15, n.1/2, 2004.
Realidade virtual e psicoterapia	1998	Observa-se o ápice de publicações sobre a realidade virtual na psiquiatria e na psicologia.	Brasil	CARVALHO, M. R.; FREIRE, R. C. NARDI, A. E. Realidade Virtual no Tratamento de Transtorno de Pânico. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, 2008.
Jussara Brauer Sonia Meyer Luis Carlos Nogueira	1999	juntamente com a Profa. Associada Jussara Brauer e Profa. Dra. Sonia Meyer - pela disciplina Metodologia Científica em Psicologia Clínica no programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, no ano de 1999. Nessa oportunidade, convidei o Luiz Carlos para apresentar e discutir com os alunos suas idéias sobre a pesquisa em psicanálise. Em função do profundo conhecimento do convidado e do meu interesse especial pelo assunto, filmei em vídeo a sua	São Paulo	PINTO, E. B. A pesquisa qualitativa em psicologia clínica. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v.15, n.1/2, 2004.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

		<p>palestra, ocorrida no dia 6 de Outubro de 1999. (p. 78)</p> <p>De maneira geral, o século XX assistiu a um acirrado debate entre as chamadas "três forças" - a(s) psicanálise(s), o(s) behaviorismo(s) e o(s) humanismo(s) - que, embora começando timidamente, alcançou altíssimas temperaturas (com claras tinturas ideológicas) nas décadas de 60 e 70 e promoveu um grande desenvolvimento da área, discutindo questões relativas à teoria psicológica e psicopatológica, especialmente no campo da teoria da personalidade e das teorias sobre o estatuto e a etiologia da "doença mental", e questões relativas à teoria e prática da psicoterapia, especialmente quanto à eficácia, alcance e aplicabilidade dos vários modelos teóricos, e quanto à própria natureza da relação psicoterápica. Assim como na outra vertente, o final do século XX tem assistido a um crescente diálogo entre as diferentes correntes, que, se não garante que venha a ser produzido um paradigma unificado, tem, inegavelmente, produzido algum tipo de convergência entre os paradigmas.<sup>2</sup></p> <p><b>Incluído</b></p>		<p>BALIEIRO JUNIOR, Ari. P. Psicodiagnóstico e psicoterapia: dimensões e paradoxos. <b>Psicologia: ciência e profissão</b>, v.25, n.2, 2005.</p>
Cognitivo comportamental	Década de 1990	<p>Nota-se também nessa década de 1990, um crescimento dos trabalhos relacionados aos transtornos de ansiedade, com o predomínio das escolas de psicoterapia psicodinâmica, possivelmente relacionado com a história do estabelecimento e desenvolvimento da psicoterapia no país. Entretanto, ‘observa-se o crescimento da escola cognitivo/comportamental, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, que crescem enfrentando fortes resistências, o que também ocorre com outras correntes psicoterapêuticas. Este crescimento parece acompanhar uma tendência que se verifica nas publicações internacionais’</p> <p>Para se ter uma idéia de uma experiência de capacitação de</p>	Brasil	<p>ABREU, José Ricardo, PICCINI, W., CACILHAS, A., TRAHMAN, C., THORMANN, N. Psicoterapia no Brasil: duas Décadas Através das Publicações Psiquiátricas. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b>, Porto Alegre, v.2, n.1, p. 89-104, 2000.</p>
Curso Básico	entre		Porto	<p>SILVA, A. S. T. SILVA, R. N. A emergência</p>

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

de Qualificação em Acompanhamento Terapêutico	1999 e 2002,	trabalhadores de saúde mental que ocorreu entre 1999 e 2002, basta mencionar o curso oferecido pela Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul. Esse curso foi direcionado a trabalhadores de nível médio, sem formação universitária, da rede pública. Chamava-se "Curso Básico de Qualificação em Acompanhamento Terapêutico", tinha a duração de oito meses e ocorreram, no total, três edições. A última edição finalizou em janeiro de 2003 (Palombini, 2003 e 2004). Esse curso pode ser considerado um marco importante para pensar a prática dos trabalhadores da área da saúde, remetendo a uma discussão que envolve outras ações de cuidado, e, principalmente, para problematizar o <b>AT</b> como uma estratégia de produção de novos sentidos e não como um programa que visa a "profissão" de um "agente independente" e "formado" em acompanhamento terapêutico.	Alegre	do acompanhamento terapêutico e as políticas de saúde mental. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.26, n.2, 2006.
	De 1999 a 2009	Nos últimos dez anos, foram publicados poucos trabalhos relacionando o tema da psicoterapia psicodinâmica breve e a transferência com base em atendimentos realizados em serviços-escola. p. 154		PIMENTEL, C. B.; BARROS, I. P. M. Transferência e desfecho terapêutico em psicoterapia psicodinâmica breve. <b>Psicologia: teoria e prática</b> , São Paulo, v. 11, n. 1, 2009.
	2000	Assim, em maio de 2000, foi implantado o Centro de Atendimento Psicológico para Comunidade Acadêmica na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (CAP/UEMS).	MS	CERCHIARI, E. A. N. CAETANO, D. FACENDA, O. Utilização do sérico de saúde mental em uma universidade pública. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.25, n.2, 2005.
	2000 a 2008	De 2000 a 2008, quase 180 pessoas, de mais de 30 países diferentes, foram atendidas (atendimento psicológico/ psicoterapia) no Sapsir.		BORGES, L. M. POCREAU, J. B. A identidade como Fator de Imunidade Psicológica: contribuições da clínica intercultural perante as situações de violência extrema. <b>Psicologia: teoria e prática</b> , São Paulo, v. 11, n. 3, 2009.
Faculdade de Ciências e	2001	No ano de 2001 encontravam-se regularmente matriculados em tais cursos [da Faculdade de Ciências e Letras de Assis -	São Paulo	PERES, R. S.; SANTOS, M. A.; COELHO, H. M. B. Perfil da Clientela de um Programa de

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Letras de Assis		<p>Psicologia, Letras, História e Biologia] 1439 alunos, sendo a maior parte deles proveniente de outras cidades do Estado de São Paulo e até mesmo de outras regiões do país. (p. 48)</p> <p>Na Internet, desde 2001, existe uma página na qual são descritas psicoterapias, e, em meio às definições de psicodrama, psicanálise, análise transacional, neurolinguística, psicoterapia familiar, dentre outras, o AT [acompanhamento terapêutico] é descrito da seguinte forma: “Não é propriamente uma teoria de psicoterapia, mas um modo de atuação do psicoterapeuta. De maneira resumida, consiste na articulação que é feita pelo psicoterapeuta fora do setting, acontecendo no contexto em que o paciente vive. A princípio utilizada nos casos mais graves de ajustamento social vêm sendo também utilizada nos demais casos como um fator potencializador do processo psicoterápico” (Reis, 2005).</p>	Internet	<p>Pronto-Atendimento Psicológico a Estudantes Universitários. <b>Psicologia em Estudo</b>, Maringá, v. 9, n. 1, 2004.</p> <p>ALVARENGA, C. PARAVIDINI, J. L. L. Acompanhamento Terapêutico e Saberes Psicológicos: enfrentando a história. <b>Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia</b>, Belo Horizonte, v. 2, n.1, 2009.</p>
	2001	<p>A citada página na Internet lista as psicoterapias e inclui no elenco destas o AT, descrevendo-o como um modo de atuação do psicoterapeuta, aponta que sua utilização inicial se destinou a promover o “ajustamento social”, e atualmente é usado como “fator potencializador do processo psicoterápico”. Ao qualificar o AT como um “modo de atuação” do psicoterapeuta dá a entender que o psicoterapeuta utiliza esta modalidade para potencializar o processo psicoterápico, o que revela uma condição do profissional at bem diferente das anteriormente mencionadas, tais como: o acompanhante ser um leigo, um estudante, ou mesmo um profissional que complementa o trabalho do terapeuta. É o psicoterapeuta-at que atua para potencializar o processo psicoterápico. (p. 175).</p>	Internet	<p>ALVARENGA, C. PARAVIDINI, J. L. L. Acompanhamento Terapêutico e Saberes Psicológicos: enfrentando a história. <b>Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia</b>, Belo Horizonte, v. 2, n.1, 2009.</p>
Lei da	2001	Finalmente, em 06 de abril de 2001, ocorreu a aprovação da		SILVA, A. S. T. SILVA, R. N. A emergência

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

reforma psiquiátrica		Lei Federal nº 10.216, da reforma psiquiátrica brasileira, que estabelece uma diretriz não asilar para o financiamento público e o ordenamento jurídico da assistência psiquiátrica no País. Contudo, o processo da reforma psiquiátrica não acaba com a criação dessa Lei Federal, pois a vontade de retomar a <i>lógica manicomial</i> está sempre presente, inclusive no funcionamento das entidades médicas (Simers, 2005). É preciso que esse movimento se espalhe por todo o tecido social com a implicação de vários setores da sociedade.		do acompanhamento terapêutico e as políticas de saúde mental. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.26, n.2, 2006.
Fritz Perls	2002	Além disso, o primeiro livro de Fritz Perls, <i>Ego, Hunger and Aggression</i> , que, em si, representa a ruptura do autor com a Psicanálise clássica e se constitui, portanto, no verdadeiro “embrião” da Gestalt-terapia, teve sua publicação brasileira em 2002.		HOLANDA, A. F. KARWOWSKI, S. L. Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.24, n.2, 2004
Fritz Perls	2002	Além disso, o primeiro livro de Fritz Perls, <i>Ego, Hunger and Aggression</i> , que, em si, representa a ruptura do autor com a Psicanálise clássica e se constitui, portanto, no verdadeiro “embrião” da Gestalt-terapia, teve sua publicação brasileira em 2002.		HOLANDA, A. F. KARWOWSKI, S. L. Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.24, n.2, 2004
Luiz Carlos Nogueira	2003	Na entrevista de 2003 Nogueira refere que “era preciso fazer um estudo aprofundado dos fundamentos da psicanálise. Isso Lacan fez, já em 1953, dando com isso um lugar seguro à psicanálise em um contexto cultural, o que é uma contribuição inestimável, dando-me segurança para falar da psicanálise. Vejo que muitas pessoas não têm uma formação dos fundamentos, não estão acostumadas a pensar nos fundamentos, mas apenas a partir da prática, não conseguindo, muitas vezes, situar o que estão fazendo quando fazem psicanálise”	Brasil	NOGUEIRA, Luiz Carlos. Antes e Depois do Meu Encontro com Lacan: Paris – Julho de 1977. Entrevista. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v.15, n. 1-2, p. 109-123, 2004.
Situação do Psicólogos	2004	Em 2004 aparece uma leitura sobre a situação do psicólogo no Brasil referindo que, “desde 1962 a área clínica se	Brasil	FERREIRA NETO, J. L.; PENHAL. L. M. D. Ética, Clínica e Diretrizes: A Formação do

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

no Brasil		configurou como sendo a mais destacada, a mais procurada e a mais valorizada, tendo grande influência na construção da imagem social do psicólogo. Esta marca da área clínica teria provocado uma identificação generalizada do profissional psicólogo com a função de um psicoterapeuta”		Psicólogo em Tempos de Avaliação de Cursos. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 11, n. 2, 2006.
Maria Angélica Antunes Nunes, Ana Luiza Galvão, Andrea Poyastro Pinheiro.	2004	Da abordagem psicoterápica de orientação psicodinâmica preconizada na década de 70-80, assistimos um movimento, principalmente entre os psicoterapeutas de orientação dinâmica, para uma integração entre a terapia psicodinâmica e os princípios do manejo ativo dos sintomas, ou seja, para a utilização de técnicas cognitivas e comportamentais no tratamento dos transtornos alimentares.		NUNES, Maria Angélica Antunes; GALVÃO, Ana Luiza; PINHEIRO, Andréa Poyastro. Tratamento psicoterápico dos transtornos alimentares: uma proposta de integração. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , São Paulo, v. 6, n. 3, p. 255, 2004.
	2005	Apesar de ter surgido, há 47 anos, a preocupação com a saúde mental e a assistência formal ao estudante universitário brasileiro, ainda é escasso o número de estudos epidemiológicos sobre a morbidade psiquiátrica em estudantes universitários, e a maioria dos estudos relacionados a esses problemas carece de rigor metodológico e estatístico.		CERCHIARI, E. A. N. CAETANO, D. FACCENDA, O. Utilização do sérico de saúde mental em uma universidade pública. <b>Psicologia: ciência e profissão</b> , v.25, n.2, 2005.
Cesariano, Goldim, Aguiar, Hanns		No Brasil, a profissão de psicoterapeuta não possui legislação que a regulamente, nem código de conduta específico que normalize sua prática ou que a distinga de outras práticas profissionais da área psi. Dessa maneira, é um campo de atuação possível de ser exercido por profissionais de diferentes formações.	2005	TEIXEIRA, Rita P.; NUNES, Maria Lúcia Tiellet. Algumas questões éticas da psicoterapia. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , v. 7, n. 2-3, p. 195-202, 2005.
		No Brasil, o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Psicologia estão iniciando uma tentativa de elaboração de um projeto nacional de diretrizes para a psicoterapia que possa	2005	TEIXEIRA, Rita P.; NUNES, Maria Lúcia Tiellet. Algumas questões éticas da psicoterapia. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , v. 7, n. 2-

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

		contemplar questões sobre formação, avaliação de novas abordagens e questões éticas.		3, p. 195-202, 2005.
	2005	XIV Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental: Abertura pelo presidente da ABPMC, Hélio José Guilhaardi. Minicursos em que lecionaram vários professores behavioristas das abordagens comportamental e cognitiva do Brasil. Vale ressaltar os quase 400 trabalhos apresentados na forma de painel, sobre os mais variados temas. “Encontros como estes refletem as inúmeras contribuições dadas pelo Behaviorismo Radical, enquanto filosofia de uma efetiva ciência do comportamento” (p. 246)	Brasil	TEIXEIRA, M. C. T. V.; GONÇALVES, F. L. Relato sobre o XIV Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental. <b>Psicologia: teoria e prática</b> , São Paulo, v. 7, n. 2, 2005.
Jorge Ponciano Ribeiro e Fenomenologia	2007	Em 2007, J. P. Ribeiro publica um texto teórico que endereça novamente o tema da resistência na clínica, descrevendo os mecanismos de defesa tradicionalmente identificados como resistência na psicanálise para uma releitura fenomenológica do processo. Trata-se de uma revisão do artigo original publicado em 1989 na <i>Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa</i>	Brasília	GOMES, William Barbosa e CASTRO, Thiago Gomes de. Clínica Fenomenológica: Do Método de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v. 26, n. especial, p. 81-93, 2010.
	2007	Em 2007 houve o XVII Congresso Latino-Americano da Flapag/VI Congresso do Nesme e VIII Jornada da Spagesp. “O congresso intitulado “Saúde, Cultura e Diversidade” foi um evento promovido por instituições que se dedicam ao estudo dos fenômenos grupais: Federação Latina de Psicanálise de Grupo (Flapag); Núcleo de Estudos em Saúde Mental (Nesme) e Psicanálise das Configurações Vinculares; e Sociedade de Psicoterapias Grupais do Estado de São Paulo (Spagesp).” Destacou-se a presença de Waldemar José Fernandes e Luiz Miller de Paiva, “ambos conhecidos por terem prestado importante papel na história da psicoterapia analítica de grupo de São Paulo e responsáveis pela formação de muitos dos especialistas da atualidade”.	São Paulo	EMÍLIO, S. A. Relato sobre o XVII Congresso Latino-Americano da Flapag/VI Congresso do Nesme e VIII Jornada da Spagesp.. <b>Psicologia: teoria e prática</b> , v. 9, n. 2, 2007.
Espinha e	2008	No ano de 2008, Espinha e Amatuzzi publicam um estudo	Brasília	GOMES, William Barbosa e CASTRO, Thiago

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Amatuzzi - Fenomenologia		fenomenológico sobre a vivência de internação em uma enfermaria de adultos em um hospital geral na <i>Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa</i> .		Gomes de. Clínica Fenomenológica: Do Método de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v. 26, n. especial, p. 81-93, 2010.
Gauer e Gomes - Fenomenologia	2008	indicam um sentido distinto para a relação entre fenomenologia e psicologia ao publicar um texto sobre memória autobiográfica, consciência e julgamento. Pautado por um modelo experimental de fenomenologia, o estudo discorre sobre as propriedades cognitivas e a qualidade fenomenal da experiência de recordação. Fenomenologia assume aí uma definição distinta, um sentido descritivo do fenômeno de memória autobiográfica.	Brasília	GOMES, William Barbosa e CASTRO, Thiago Gomes de. Clínica Fenomenológica: Do Método de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v. 26, n. especial, p. 81-93, 2010.
Maurício Knobel	2008	Maurício knobel no Brasil, Aos 85 anos, disposto, ainda trabalhava como psicoterapeuta e revisava algumas de suas obras. Faleceu no dia 22 de janeiro de 2008. Durante sua vida acadêmica, produziu perto de 400 textos científicos e orientou centenas de dissertações e teses, publicou em torno de 12 livros e mais de 50 capítulos de livros.		VIZZOTTO, M. M. A psicologia e a psiquiatria perdem um de seus maiores expoentes: uma homenagem ao Dr. Maurício Knobel <b>Revista Estudos da Psicologia</b> , v.25, n. 1, 2008.
Jost - Fenomenologia	2010	apresenta um estudo na <i>Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa</i> sobre as motivações do adolescente em conflito com a lei. O trabalho foi baseado em entrevistas individuais com adolescentes privados de liberdade. O objetivo foi articular os núcleos temáticos, formulados a partir de análise fenomenológica hermenêutica dos relatos, com as motivações subjacentes dos adolescentes.	Brasília	GOMES, William Barbosa e CASTRO, Thiago Gomes de. Clínica Fenomenológica: Do Método de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v. 26, n. especial, p. 81-93, 2010.
Daniela Schneider, Yolanda Forghieri, e Mauro Amatuzzi -	2010	refere-se que “três pesquisadores brasileiros se destacaram na apresentação de um posicionamento articulado e sistemático com relação à fenomenologia existencial. Foram eles, Daniela Schneider, da Universidade Federal de Santa Catarina, Yolanda Forghieri, da Universidade de São Paulo, e Mauro Amatuzzi, da Pontifícia Universidade Católica de	Brasília	GOMES, William Barbosa e CASTRO, Thiago Gomes de. Clínica Fenomenológica: Do Método de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v. 26, n. especial, p. 81-93, 2010.

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

Fenomenologia	Campina's		
---------------	-----------	--	--

#### Lidos e sem dados Históricos para a Psicoterapia

1. ABREU, C. N. FILHO, R. C. Anorexia Nervosa e Bulimia Nervosa: a abordagem cognitivo-construtivista de psicoterapia. **Psicologia**: teoria e prática, São Paulo, v. 7, n. 1, 2005.
2. AGUIRRE, A. M. B.; *et all.* A Formação da Atitude Clínica no Estagiário de Psicologia. **Psicol. USP**, v.11, n.1, São Paulo, 2000.
3. ALBORNOZ, A. C. G. e NUNES, M. L. T. A Dor e a Constituição Psíquica. **Psico-USF**. São Paulo, V.9, n.2, p.211-218, 2004.
4. AMARAL, Mônica G. T. do. As noções de pudor e de corpo erótico fragmentado na adolescência: os desafios da análise em tempos pós-modernos. **Ide**, São Paulo, v.1, n.41, p.97-106, 2005..
5. BALIEIRO JUNIOR, A. P. Psicodiagnóstico e Psicoterapia Dimensões e Paradoxos. **Psicologia Ciência e Profissão**, v.25, n.2, Brasília, 2005.
6. BASSOLS, A. M. S., COSTA, F. M. C., ZAVASCHI, M. L. S. e MARDINI, V. O Brincar na Psicoterapia de Orientação Psicanalítica e Alguns de Seus Fundamentos Teóricos Básicos. **Revista Brasileira de Psicoterapia**. Porto Alegre, v.11, n.2, p. 182-195, 2009
7. BAZHUNI, N. F.N. SANT'ANNA, P. A. O Jogo de Areia no Atendimento Psicológico de Paciente com Membro Inferior Amputado. **Psicologia**: teoria e prática, São Paulo, v. 8, n. 2, 2006.
8. CALAZANS, R.GOMIDE, R. V. O Abandono Psicanalítico do Realismo Psicológico.  **Gerais**: Revista Interinstitucional de Psicologia, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 2008.
9. CAMPOS, E. M. P. *et all.* Intervenção em Grupo: Experiência com Mães de Crianças com Câncer. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v.12, n.3, p.535-640, 2007.
10. COSTA-ROSA, A. Práticas de Cura Místico-Religiosas, Psicoterapia e Subjetividade Contemporânea. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 19, n. 4, 2008.
11. CRESTANA, T. Interpretação em Psicoterapia Psicanalítica: Trabalhando com as Dificuldades. **Revista Brasileira de Psicoterapia**. Porto Alegre, v.11, n.1, p. 70-85, 2009.
12. CUCCO, C. F. Robson e Clarissa – Aspectos da Bissexualidade em um Adolescente Psicótico. **Revista Brasileira de Psicoterapia**. Porto Alegre, v.11, n.1, p. 86-96, 2009.
13. DAGFAL, A. A. O Ingresso da Psicanálise no Sistema de Saúde Pública na Argentina. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 3, 2009.
14. DEL PRETTE, Z. e DEL PRETTE, A. Significância Clínica e Mudança Confiável na Avaliação de Intervenções Psicológicas. **Psicologia**: **Teoria e Pesquisa**. Brasília, v.24,n.4, p. 497-505, 2008.
15. FEIJOO, A. M. L. C. A Psicologia Clínica: Técnica e Técnica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 1, 2004.
16. FISCHMANN, J. B. Psicoterapia de Grupo. **Revista Brasileira de Psicoterapia**. Porto Alegre, v.11, n.2, p. 223-230, 2009

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

17. GABBARD, G. A. Psicoterapia Neurobiologicamente Informada Para Transtorno da Personalidade Borderline. **Revista Brasileira de Psicoterapia**. Porto Alegre, v.11, n.2, p. 267-285, 2009
18. GARCIA, O. A. El Psodrama: Aperturas Teóricas y Campos de Aplicación. **Revista Brasileira de Psicoterapia**. Porto Alegre, v.11, n.2, p. 207-222, 2009.
19. GOMES, P. Psicanálise Relacional Contemporânea: uma Nova Maneira de Trabalhar em Psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**. São Paulo, v.41, n.4., p. 113-123, 2007.
20. GOMES, I. C.; ZANETTI, S. A. S. Transmissão Psíquica Transgeracional e Construção de Subjetividade: relatos de uma psicoterapia psicanalítica vincular. **Psicologia USP**, v. 20, n. 1, 2009.
21. JARDIM, A. P.; GOMES, W. B. Psicoterapia e Personalidade: impacto da interação entre terapeuta e paciente na avaliação de resultados. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, 2009.
22. LEITÃO, C. F. NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Impactos da Internet Sobre os Pacientes: a visão dos psicoterapeutas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, 2005.
23. LOPES, E. J.; LOPES, R. F. F.; LOBATO, G. R. Algumas Considerações Sobre o Uso do Diagnóstico Classificatório nas Abordagens Comportamental, Cognitiva e Sistêmica. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, 2006.
24. LYRA, C. E. S. O Inconsciente e a Consciência: da psicanálise à neurociência. **Psicologia USP**, vol. 18, n. 3, 2007.
25. MABILDE, L. C. Evolução da Técnica Psicanalítica. **Revista Brasileira de Psicoterapia**. Porto Alegre, v.11, n.2, p. 161-181, 2009.
26. MACHADO, S. S. Terapias Cognitivas: um Re- Olhar sobre sua Trajetória e Pressupostos Teóricos e Tecnológico. **Revista Brasileira de Psicoterapia**. Porto Alegre, v.11, n.2, p. 244-263, 2009
27. MILARÉ, S. A.; YOSHIDA, E. M. P. Intervenção Breve em Organizações: mudança em coaching de executivos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 4, 2009.
28. MEYER, S. B. e PRADO, O. Z. Avaliação da Relação Terapêutica na Terapia Assíncrona Via Internet. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.11, n.2, p.247-257, 2006.
29. MOURA, C. B.; SILVARES, E. F. M. O uso do vídeo em intervenções clínicas com pais: revisão da literatura e hipóteses comportamentais sobre seus efeitos. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 10, n. 1, 2008.
30. NICOLETTI, M.; GONZAGA, A. P.; MODESTO, S. E. F.; COBELO, A. W. Grupo psicoeducativo multifamiliar no tratamento dos transtornos alimentares da adolescência. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 1, 2010.
31. NUNES-COSTA, R. A.; LAMELA, D. J. P. V.; GIL-COSTA, L. Teoria e Eficácia da Terapia Comportamental Dialética na Bulimia Nervosa e no Transtorno da Compulsão Alimentar Periódica. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 58, n. 2, 2009.
32. OLIVEIRA, Ana Lucia Monteiro. O Uso da Contratransferência no Tratamento Psicoterápico de Pacientes Graves – a Propósito de um Caso Clínico. **Revista Brasileira de Psicoterapia**. Porto Alegre, v.11, n.1, p. 19-36, 2009.
33. OSÓRIO, C. M. S. Historicidade e Psicoterapia: um diálogo com Van Gogh e Freud. **Revista Brasileira de Psicoterapia**. Porto Alegre, v.11, n.2, p. 135-160, 2009

## APÊNDICE 5

### QUADRO 4 – Elementos Históricos em 145 artigos sobre Psicoterapia entre 1955 e 2010.

34. PADOVANI, R. C. e WILLIAMS, L. C. A. Intervenção Psicoterapêutica com Agressor Conjugal: um Estudo de Caso. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.7, n.2, p.13-17, 2002.
35. PENNA, E. M. D. O Paradigma Junguiano no Contexto da Metodologia Qualitativa de Pesquisa. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 16, n. 3, 2005.
36. PEREIRA, I. S. A vontade de sentido na obra de Viktor Frankl, **Psicologia USP**, São Paulo, v. 18, n. 1, 2007
37. PEUKER, A. C.; HABIGZANG, L. F.; KOLLER, S. H.; ARAÚJO, L. B. Avaliação de processo e resultado em psicoterapias. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 3, 2009.
38. PINTO, Manuel da Costa. O conhecimento da psicanálise. **Ide**, São Paulo, v.1, n. 41, p.63-66, 2005.
39. PRADO, L. C. Terapia Familiar – Ontem e Hoje. **Revista Brasileira de Psicoterapia**. Porto Alegre, v.11, n.2, p. 231-243, 2009.
40. RACHE, E. O Início do Trabalho do Paradoxo na Clínica Psicanalítica. **Revista Brasileira de Psicanálise**. São Paulo, v.42, n12, p.74-81, 2008.
41. ROSA, L. W. A Prática Clínica e a Ética Freudiana em Tempos de Corrupção. **Revista Brasileira de Psicanálise**. São Paulo, v.41, n.2, p.71-77, 2007.
42. SALZSTRAGER, Ricardo. Os Paradoxos da Fantasia. **Interações: Estudos e Pesquisa em Psicologia**. São Paulo, v.11, n.21, p.79-96, 2006.
43. SILVA, J. A. R. Psicoterapia Psicanalítica Breve: Theodor Lowenkron, Artmed Editora, 2006. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 56, n. 1, 2007.
44. SILVA, M. F. X. A Intervenção Terapêutica Breve e a Pré-Cirurgia Infantil. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 9, n. 2, 2004.
45. SANT'ANNA, P. A. Uma Contribuição para a Discussão Sobre as Imagens Psíquicas no Contexto da Psicologia Analítica. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 16, n. 3, 2005.
46. SANTOS, A. B., A Clínica para Além do Pragmatismo. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v.20, n.3, p.42-45, 2000.
47. SOUZA, M. A. CASTRO, R. E. F. A Agressividade Infantil no Ambiente Escolar: concepções e atitudes do professor. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, 2008.
48. VANDENBERGHE, L.; PEREIRA, M. B. O Papel da Intimidade na Relação Terapêutica: uma revisão teórica à luz da análise clínica do comportamento. **Psicologia**: teoria e prática, São Paulo, v. 7, n. 1, 2005.
49. VANDENBERGHE, L. Terapia Comportamental Construtiva: uma outra face da clínica comportamental. **Psicologia USP**, Bragança Paulista, São Paulo, v.18, n. 4, 2007.
50. VIEIRA, A. G. Pesquisa e Clínica Psicológica: uma reflexão sobre o método do encontro da psicologia com a antropologia. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 2008.
51. VIDILLE, Wagner Francisco, Três é Demais. **Revista Ide**. São Paulo, v.30, n.44, p. 114-117, 2007.
52. WELLAUSEN, R. F., Algumas Observações da Relação Terapêutica a Partir da Contratransferência. **Revista Brasileira de Psicoterapia**. Porto Alegre, v.11, n.1, p. 54-69, 2009.
53. WERNECK, Mariza Martins Furquim. Erotismo e melancolia nas mil e uma noites. **Ide**, São Paulo, v.1, n. 41, p.67-74, 2005

## APÊNDICE 6

QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

Nome/Profissão	Perspectiva	Referência
<b>ABRÃO, Jorge Luís Ferreira/</b> Psicólogo, professor	História e epistemologia da psicanálise, psicanálise de crianças e relação mãe-bebê. (Psicanálise)	ABRÃO, J. L. F. As Origens da Psicanálise de Crianças no Brasil: Entre a Educação e a Medicina. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 14, n. 3, 2009.
<b>ABREU, Dorothy Bono de/</b> Psicóloga, grupoterapeuta, presidente da SPAGESP	Terapias grupais. (Processos grupais)	ABREU, Dorothy Bono de. SPAGESP: 10 Anos Formando Especialistas - uma Trajetória de Conquistas. <b>Rev. SPAGESP</b> , Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, 2006.
<b>ABREU, Rosane de Albuquerque dos Santos/</b> Professora, pesquisadora, coordenadora	Internet e subjetividade, internet e psicopedagogia. (Processos grupais)	ABREU, R. S.; LEITÃO, C. F. e NICOLACI-DACOSTA, A.M. Profissionais à Deriva: Professores e Psicoterapeutas n Sociedade em Rede. <b>Interações: Estudos e Pesquisa em Psicologia</b> . São Paulo, v. 10, n. 19, p. 151-174, 2005.
<b>ALCHIERI, João Carlos/</b> Psicólogo, professor, orientador	Construção de instrumentos e medida psicológica, avaliação psicológica, informatização em psicologia, violência, uso de substâncias psicoativas, grupo de estudo de saúde mental e trabalho. (Neuropsicologia)	NORONHA, Ana Paula Porto; ALCHIERI, João Carlos. Conhecimento em Avaliação Psicológica. <b>Estudos de Psicologia</b> , Campinas, v. 21, n.1, p 45, 2004.
<b>ALENCAR, Roberta Sá Prado de/</b> Psicóloga, administradora, professora	Psicanálise.	RABELLO,S.; LOPES, A.; LACANNA, F. e ALENCAR, R. A História de Alguns Anos de Pesquisa em Detecção Precoce de Psicopatologias Graves – PUCSP. <b>Psicologia Revista</b> , São Paulo, v.18, n.2, p. 231-245, 2009.
<b>ALMEIDA, Tânia Mara Campos de/</b> Atuação em ciências sociais, pesquisadora e professora	Gênero, violência, representações sociais, saúde e religião. (Ciências sociais)	COST A, L. F. PENSO, M. A. ALMEIDA, T. M.C. O Grupo Multifamiliar como Método de Intervenção em Situações de Abuso Sexual

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

			Infantil. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v. 16, n. 4, 2004.
<b>ALVARENGA, Cérise/</b> Psicóloga, supervisora, professora e coordenadora	Adolescência, psicologia, grupos operativos, acompanhamento terapêutico e psicanálise. (Psicologia social)		<b>ALVARENGA, C. PARAVIDINI, J. L. L.</b> Acompanhamento Terapêutico e Saberes Psicológicos: enfrentando a história. <b>Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia</b> , Belo Horizonte, v. 2, n.1, 2009.
<b>ANGELINI, Arrigo Leonardo/</b> Pedagogo, professor	Pesquisa e desenvolvimento, psicologia educacional. (Psicologia educacional)		<b>ANGELINI, Arrigo Leonardo; MARIA, Madre Cristina.</b> Contribuição para a Formação Básica do Psicólogo. <b>Boletim de Psicologia</b> , São Paulo, v. 16 - 17, n. 47 - 50, 1964/65.
<b>ARAUJO, Francisco de Assis de/</b> Psiquiatra	Psiquiatria		<b>CAMPOS FILHO, C. J. de ; ARAUJO, F. de A.</b> Teatro Terapêutico: Conclusão de Uma Experiência de Psicoterapia Institucional de Oito Anos – Primeira Parte. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 31, n. 4, p. 253-260, 1982.
<b>ARAUJO, Marlene Silveira/</b> Médica, analista didata, professora	Psicanálise.		<b>ARAUJO, Marlene Silveira.</b> Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil. Parte II: Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. <b>Revista Brasileira de Psicanálise.</b> São Paulo, n. 22, p. 673-684, 1988.
<b>AZAMBUJA, Deodato Curvo de/</b> Psicanalista	Psicanálise.		<b>AZAMBUJA, Deodato Curvo de,</b> Histórias de Linguagem e Psicanálise. <b>Revista Ide</b> , v.30, n.44, p.15-18, São Paulo, 2007.
<b>AZZI, Enzo/</b> Médico	Psicologia e jovens. (Psiquiatria)		<b>AZZI, Enzo.</b> A Situação Atual da Profissão de Psicólogo no Brasil. <b>Boletim de Psicologia</b> , São Paulo, v. 16 - 17, n. 47 - 50, 1964/65.
<b>BACALTCHUK, Josué/</b> Médico, bolsista,	Transtornos alimentares, revisão sistemática,		<b>LIMA, Maurício S. de; SOARES, Bernardo GO e BACALTCHUK, Josué.</b> Psiquiatria Baseada

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

professor, orientador, revisor de periódicos	metanálise, psicofarmacologia, obesidade. (Psiquiatria)	em Evidências. <b>Revista Brasileira de Psiquiatria</b> . [online], vol.22, n.3, p. 142-146, 2000.
<b>BALIEIRO JUNIOR, Ari Pedro/</b> Licenciatura de psicologia, pesquisador	Sintomas comportamentais e psicológicos nos transtornos cognitivos e demências em um ambulatório especializado. Epistemologia, inteligência emocional, psicologia, desgaste do cuidador e inventário neuropsiquiátrico. (Neuropsicologia)	<b>BALIEIRO JUNIOR, Ari P.</b> Psicodiagnóstico e Psicoterapia: Dimensões e Paradoxos. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, v.25, n.2, 2005.
<b>BARROS, Izabella Paiva Monteiro de/</b> Psicóloga clínica, professora e supervisora	técnicas projetivas, pesquisa qualitativa, gravidez e relações iniciais entre mãe e bebê, relação pais-filhos, psicoterapia breve de crianças e pais, avaliação psicológica e desenvolvimento humano. (Psicanálise)	<b>PIMENTEL, C. B.; BARROS, I. P. M.</b> Transferência e Desfecho Terapêutico em Psicoterapia Psicodinâmica Breve. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v. 11, n. 1, 2009.
<b>BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt/</b> Psicólogo, professor, coordenador, pesquisador	Comprometimento no trabalho, mudanças organizacionais, significado do trabalho, cognições organizacionais, mapas cognitivos e redes sociais em contextos organizacionais. Processos psicossociais em contexto de trabalho, formação e exercício profissional em psicologia, programas de intervenção organizacional: monitoramento e avaliação. (Psicologia organizacional)	<b>BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt; GOMIDE, Paula Inez Cunha.</b> O Psicólogo Brasileiro: Sua Atuação e Formação Profissional. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília, v.9 ,n.1 ,p.6-15, 1989.
<b>BENETTON, Jô/</b> Terapeuta ocupacional	Terapia ocupacional e saúde mental.	<b>BENETTON, Jô.</b> Terapia Ocupacional. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n.1, p.8, 1990
<b>BERNARDES, Lucia Helena Garcia/</b>	Educação, formação de profissionais da	<b>CAMPOS, R. H. F. E BERNARDES, L. H. G. A</b>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

Psicóloga, assessora psicopedagógica	saúde. (Psicologia educacional)	revista <i>Psicologia: Ciência e Profissão</i> : um registro da história recente da Psicologia brasileira. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília, vol. 25, n. 4, p. 508-525, 2005.
<b>BESSA, Halley Alves/</b> Psiquiatra, teólogo	A prática psiquiátrica de Bessa enquadrava-se na psicanálise existencial inspirada no existencialismo de Jean Paul Sartre, na filosofia existencial cristã de Gabriel Marcel e na abordagem clínica do psiquiatra austríaco Viktor Emil Frankl, denominada Logoterapia. (Existencialismo e logoterapia)	Halley Bessa, <b>Psicologia Ciência e Profissão</b> , Brasília, v.27, n.2, p. 372-372, 2007.
<b>BICUDO, Virgínia Leone/</b> Psicanalista	Sociologia e psicanálise. (Psicanálise)	1. BICUDO, Virgínia Leone. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil. Parte I: Instituto de Psicanálise da S.B.P.S.P. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 661- 672, 1988.
<b>BOGochVOL, Maria Helena Barbosa/</b> Psicóloga clínica, psicanalista	Lacan, psicanálise.	2. BICUDO, Virgínia Leone. Contribuições da Psicologia a Higiene Mental no Lar. <b>Boletim de Psicologia</b> , São Paulo, v.12, n. 39 - 40, p.51-65, 1960.
<b>BORGES GONZALES, Lilian Maria/</b> Psicóloga, professora	Promoção de saúde, psicologia da saúde, saúde do idoso, saúde do homem. Violência familiar contra crianças e adolescentes, formação do professor, saúde da criança, atuação profissional do psicólogo.	BOGochVOL, Maria Helena Barbosa. Escola Brasileira de Psicanálise: A orientação lacaniana. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, abril, 2001
		BORGES, L. M. POCREAU, J. B. A Identidade como Fator de Imunidade Psicológica: Contribuições da Clínica Intercultural Perante as Situações de Violência Extrema. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v. 11, n. 3, 2009.

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

	(Psicologia da saúde, hospitalar)	
<b>BROIDE, Jorge/</b> Psicólogo, professor, psicanalista, pesquisador, consultor	Psicologia social.	<b>BROIDE, Jorge.</b> A Psicoterapia Psicanalítica na Rua Realizada Através de Grupo Operativo: A Rua Enquanto Instituição das Populações Marginalizadas. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília, v. 12, n. 2, 1992.
<b>BRUM, Evanisa Helena Maio de/</b> Psicóloga, psicanalista, coordenadora, professora	Interação mãe-bebê, desenvolvimento infantil, depressão materna, intervenção precoce (prevenção de doenças e promoção de saúde) e psicoterapia. (Psicologia institucional)	<b>BRUM, E. H. M.</b> Patologias do Vazio: um Desafio à Prática Clínica Contemporânea. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, v.24, n.2, 2004.
<b>CAETANO, Dorgival/</b> Médico, professor, diretor clínico	Psicopatologia, psiquiatria e psiquiatria clínica. (Psiquiatria).	<b>CERCHIARI, E. A. N. CAETANO, D. FACENDA, O.</b> Utilização do sérico de saúde mental em uma universidade pública. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , v.25, n.2, 2005.
<b>CALLIGARIS, Contardo/</b> Psicanalista, columnista de jornal, professor escritor	Cultura, Psicanálise.	<b>CALLIGARIS, Contardo.</b> Um Psicanalista Europeu no Brasil. Entrevista. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n.11, p.4-6, 1991.
<b>CAMPEZATTO, Paula Von Mengden/</b> Psicóloga, membro associada efetiva do Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia	Psicoterapia psicanalítica, psicoterapia, psicoterapia infantil. (Psicanálise)	<b>CAMPEZATTO, P. M.; NUNES, M. L. T.</b> Atendimento em Clínicas-escola de Psicologia da Região Metropolitana de Porto Alegre. <b>Estudos da Psicologia</b> , Campinas, v.24, n. 3, 2007.
<b>CAMPOS, Regina Helena de Freitas/</b> Psicóloga, professora, pesquisadora, coordenadora de programa de acordo entre faculdades	Psicologia e educação no Brasil, história da psicologia educacional, representações sociais e educação, educação e direitos humanos. Psicologia, psicanálise e educação. (Psicologia educacional)	<b>CAMPOS, R. H. F. e BERNARDES, L. H. G. A</b> revista Psicologia: Ciência e Profissão: um registro da história recente da Psicologia brasileira. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília, vol. 25, n. 4, p. 508-525, 2005.
<b>CAMPOS FILHO, Cláudio José de/</b> Vice-	Psicanálise, psiquiatria	<b>CAMPOS FILHO, C. J. de ; ARAUJO, F. de</b>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

presidente da APERJ, psicanalista, psiquiatra			A. Teatro Terapêutico: Conclusão de Uma Experiência de Psicoterapia Institucional de Oito Anos – Primeira Parte. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 31, n. 4, p. 253-260, 1982.
<b>CARON, Nara Amália</b> / Psiquiatra, psicanalista, autora, análise do comportamento do feto	Ecografia, comportamento do feto. (Psicanálise)		CARON, Nara Amália. Enriquecedoras descobertas ao longo de 100 anos de atividade. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> . São Paulo, v. 34, n. 4, p. 767-780, 2000.
<b>CAROTENUTO, Aldo</b> / Professor, membro da APA, diretor de revista, autor da revista, analista, pesquisador	Psicanálise, psicanálise e literatura. Amor de transferência. (Psicologia Junguiana)		CAROTENUTO, Aldo. A Psicologia Junguiana. Entrevista. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n. 10, p.4-6, 1991.
<b>CARVALHO, Marcele Regine de</b> / Psicóloga	Psicologia clínica, cognitiva e hospitalar. (Psicologia cognitivista-comportamental)		CARVALHO, M. R.; FREIRE, R. C. NARDI, A. E. Realidade Virtual no Tratamento de Transtorno de Pânico. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, 2008.
<b>CARVALHO, Regina Maria Leme Lopes</b> / Psicóloga, filósofa, professora	, educação especial, pesquisa clínica, pesquisa participante, psicanálise, psicoterapia institucional. (Psicanálise)		CARVALHO, Regina Maria Leme Lopes. O Ensino das Psicoterapias Analíticas. <b>Estudos de Psicologia</b> , Campinas, v.1, n.3 - 4, 1984.
<b>CASTRO, Maria da Graça Kern</b> / Psicóloga, professora	Psicoterapia infantil, pesquisa de seguimento, inibição intelectual, problemas de aprendizagem. (Psicologia escolar)		CASTRO, Maria da Graça. Reflexões Acerca da Prática da Psicoterapia com Crianças: uma Ponte Entre Passado, Presente e Futuro. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , São Paulo, v 6, n 3, p 305, 2004.
<b>CASTRO, Thiago Gomes de</b> / Psicólogo	Fenomenologia, história da psicologia, pesquisa qualitativa, fundamentos e medidas. Fenomenologia e cognição. (Psicologia existencial)		GOMES, William Barbosa e CASTRO, Thiago Gomes de. Clínica Fenomenológica: Do Método de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v. 26, n. especial, p. 81-93, 2010.

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

<p><b>CAVALCANTE JUNIOR, Francisco Silva/</b> Professor, psicólogo, autor, coordenador de projetos</p>	<p>Produção e expressão sociocultural da subjetividade. (Abordagem Centrada na Pessoa-ACP)</p>	<p>CAVALCANTE JUNIOR, F. S.; SOUSA, A. F. Histórias da Psicologia no Ceará: Entrevista com Gercilene Campos. <b>Psicologia em Estudo</b>, Maringá, v. 12, n. 2, 2007.</p>
<p><b>CAVALCANTI, Ana Elizabeth Barbosa/</b> Psicanalista, pesquisadora</p>	<p>Psicanálise e gestão institucional, autismo. (Psicanálise)</p>	<p>CAVALCANTI, A.E; DELOYA,D; DE SANTI, P.L.,R. Entre o divã e a cultura. <b>Revista Percorso</b>, São Paulo, v.2, n.41, 2008.</p>
<p><b>CAVALCANTI, Virginia de Saboia Moreira/</b> Professora, coordenadora de projetos, psicoterapeuta, supervisora, autora</p>	<p>Produção e expressão sociocultural de subjetividade, supervisão clínica no enfoque fenomenológico, psicopatologia transcultural, o significado da depressão no Brasil, Chile e Estados Unidos: um estudos transcultural (colaboração de pesquisa com a Prof.<sup>a</sup> Dra. Irene Maganã), tratamento e prevenção da violência conjugal, psicoterapia humanista fenomenológica, grupos de encontro, projeto de programa teórico-vivencial para a disciplina “Introdução à Psicologia”, psicopatologia e cultura. (Abordagem Centrada na Pessoa-ACP)</p>	<p>MOREIRA, Virginia. Psicoterapia Centrada na Pessoa e Fenomenologia. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b>, Brasília, v.9 n.21, 1993.</p>
<p><b>CENTOFANTI, Rogério/</b> Consultor</p>	<p>Desenvolvimento Organizacional. (Psicologia comportamental)</p>	<p>CENTOFANTI, Rogério. Radecki e a Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b>, C.F.P., Brasília, v.3, n.1, p.2-50, 1982</p>
<p><b>CERCHIARI, Edneia Albino Nunes/</b> Psicóloga, psicanalista, professora, membro do corpo editorial de periódicos</p>	<p>Psicanálise, saúde mental em universitários, saúde mental e educação. (Psicanálise)</p>	<p>CERCHIARI, E. A. N. CAETANO, D. FACENDA, O. Utilização do sérico de saúde mental em uma universidade pública. <b>Psicologia:</b></p>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

<p><b>CHNAIDERMAN, Miriam S./</b> Psicanalista, ensaísta, autora, conferencista, diretora de documentários</p>	<p>Abordagem psicanalítica do preconceito, psicanálise e diversidade, psicanálise e vida na cidade, psicanálise e arte, cinema e psicanálise, psicanálise errante, documentário. (Psicanálise)</p>	<p>Ciência e Profissão, v.25, n.2, 2005. 1. CHNAIDERMAN, Miriam. A formação Psicanalítica e suas Variantes. <b>Insight Psicoterapia</b>, São Paulo, n.7, p.4-7, 1991. 2. CHNAIDERMAN, Miriam, <i>et all.</i> Vinte Anos de Departamento de Psicanálise: Para Onde Vamos? <b>Entrevista, Revista Percorso</b>, São Paulo, n. 35, 2005.</p>
<p><b>COELHO, Heidi Miriam Bertolucci/</b> Psicóloga, psicanalista</p>	<p>Psicanálise e desenvolvimento humano. (Psicanálise)</p>	<p>PERES, R. S.; SANTOS, M. A.; COELHO, H. M. B. Perfil da Clientela de um Programa de Pronto-Atendimento Psicológico a Estudantes Universitários. <b>Psicologia em Estudo</b>, Maringá, v. 9, n. 1, 2004.</p>
<p><b>COSTA, Liana Fortunato/</b> Psicóloga, professora, orientadora, revisora de periódicos</p>	<p>Processos interacionais no contexto do casal, da família, do grupo e da comunidade, subjetividade e contexto social. (Psicologia social)</p>	<p>COSTA, L. F. PENSO, M. A. ALMEIDA, T. M.C. O Grupo Multifamiliar como Método de Intervenção em Situações de Abuso Sexual Infantil. <b>Psicologia USP</b>, São Paulo, v. 16, n. 4, 2004.</p>
<p><b>DAL ZOT, Jussara Schestatsky/</b> Médica, psicanalista, professor, supervisora</p>	<p>Psicanálise, psicoterapia. (Psicanálise)</p>	<p>DAL ZOT, J. e IANKLEVCH, E. Psicoterapia de Orientação Analítica Hoje: Refletindo a Partir de Nossa Experiência. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b>, Porto Alegre, v.11, n.2, p. 196-206, 2009.</p>
<p><b>DALGALARRONDO, Paulo/</b> Médico, professor, músico</p>	<p>Psicopatologia, psiquiatria cultural, antropologia social, psiquiatria de crianças e adolescentes. (Psiquiatria cultural)</p>	<p>ODA, Ana Maria Galdini Raimundo e DALGALARRONDO, Paulo. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. <b>Revista Brasileira de Psiquiatria</b>. [online], vol.22, n.4, p. 178-179, 2000.</p>
<p><b>DE SANTI, Pedro Luiz Ribeiro/</b> Psicanalista, psicólogo, professor,</p>	<p>Freud, psicanálise, modernidade, subjetividade, narcisismo, consumo.</p>	<p>CAVALCANTI, A.E; DELOYA,D; DE SANTI, P.L.R. Entre o divã e a cultura. <b>Revista</b></p>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

	(Psicanálise)	
pesquisador		<b>Percorso</b> , São Paulo, v.2, n.41, 2008.
<b>DEL PRETTE, Almir</b> / Psicólogo, professor, pesquisador, autor, orientador	Habilidades sociais, competência social, assertividade, intervenção em grupo, desenvolvimento interpessoal. (Psicologia comportamental)	DEL PRETTE, Zilda Pereira; DEL PRETTE; Almir. Significância clínica e mudança na avaliação de intervenções psicológicas. <b>Psicologia</b> : Teoria e Pesquisa, Brasília, v.24, n.4, p. 497-505, 2008.
<b>DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira</b> / Coordenadora, psicóloga, pesquisadora, professora, autora, orientadora	Análise e intervenção sobre práticas educativas, avaliação e promoção de habilidades sociais, treinamento assertivo em estudantes de psicologia, práticas educativas: processos e problemas, coordenadora do convênio entre UFSCAR e Universidade de Porto, em Portugal, coordenadora do convênio entre UFSCAR e a Universidade de Louisiana, em EUA, assertividade e treinamento comportamental em grupo. (Psicologia comportamental)	DEL PRETTE, Zilda Pereira; DEL PRETTE; Almir. Significância clínica e mudança na avaliação de intervenções psicológicas. <b>Psicologia</b> : Teoria e Pesquisa, Brasília, v.24, n.4, p. 497-505, 2008.
<b>DELGADO, Pedro Gabriel Godinho</b> / Médico, diretor e assessor do Ministério da Saúde, professor	Políticas públicas de saúde mental, políticas de saúde mental, saúde mental, tendências, desinstitucionalização. (Psiquiatria preventiva)	MARIA, Madre Cristina; DELGADO, Paulo; GABRIEL, Pedro; FIORILLO, Celso; FUCKS, Mário. A Luta Anti-Manicomial em Debate. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n.8, p. 04-07, 1991.
<b>DELOUYA, Daniel</b> / Psicólogo, biólogo, professor	Psicopatologia e técnicas psicanalíticas, metapsicologia freudiana, método psicanalítico e aspectos das obras de Freud, Winnicott e Bion. (Psicanálise)	CAVALCANTI, A.E; DELOYA,D; DE SANTI, P.L.,R. Entre o divã e a cultura. <b>Revista Percorso</b> , São Paulo, v.2, n.41, 2008.
<b>DIAS, Ana Cristina Garcia</b> / Psicóloga, professora	Adolescência, família, gravidez, comportamentos de risco. (Psicologia)	MÜLLER, A. C.; DIAS, A. C. G. O Psicólogo na Rede Pública de Saúde: um Estudo Sobre a Formação e Atuação Profissional. <b>Gerais</b> : Revista

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

		cognitivista-comportamental)	Interinstitucional de Psicologia, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 2008.
<b>DIMENSTEIN, Magda Diniz Bezerra/</b> Psicóloga, professora	Políticas de subjetivação, loucura e contemporaneidade. (Psicologia da saúde)		DIMENSTEIN, Magda. A Metamorfose da Histeria no Limiar do Século XXI: o Discurso dos Profissionais do Campo “psi”. <b>Mudanças: Psicoterapia Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, v. 8, n. 14, p. 167-195, 2000.
<b>DINIZ-NETO, Orestes/</b> Psicólogo, revisor de periódico, professor	Psicoterapia de família e casal: construções na pós-modernidade, psicoterapia: fatores comuns e eficácia. (Psicologia sistêmica)		FERES-CARNEIRO, Teresinha; DINIZ-NETO, Orestes. De onde viemos? Uma Revisão Histórico-conceitual da Psicoterapia de Casal. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v. 24, n. 4, 2008.
<b>EIZIRIK, Cláudio Laks/</b> Médico, professor, supervisor, presidente da IPA, psicanalista	Psicoterapias psicanalíticas: estudos sobre processos e efetividade. (Psicanálise)		FREY, B. N., MABILDE, L. C.; EIZIRIK, C. L. A Integração da Psicofarmacoterapia e Psicoterapia de Orientação Analítica: uma Revisão Crítica. <b>Revista Brasileira Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v.26, n.2, p.118-123, 2004.
<b>EMÍLIO, Solange Aparecida/</b> Psicóloga, professora, supervisora	Estudos sobre as deficiências. (Processos grupais)		EMÍLIO, S. A. Relato sobre o XVII Congresso Latino-Americano da Flapag/VI Congresso do Nesme e VIII Jornada da Spagesp. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v. 9, n. 2, 2007.
<b>ENÉAS, Maria Leonor Espinoza/</b> Psicóloga, professora	Estudo documental de processos psicoterápicos, psicoterapia breve psicodinâmica: avaliação psicodiagnóstica, processo psicoterapêutico, resultado, acompanhamento e formação de terapeutas, validação de escalas e instrumentos de medidas psicológicas. (Psicanálise)		YOSHIDA, E. M. P.; ENÉAS, M. L.; MITO, T. I. H.; YUKIMITSU, M. T. C. P. Psicoterapias Breves: Critérios de Indicação e as Estratégias Terapêuticas. <b>Estudos de Psicologia</b> , v.10, n.1, p.53-64, 1993.
<b>ERTHAL, Tereza Cristina Saldanha/</b> Psicóloga, supervisora, professora,	Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1977). Mestre		ERTHAL, Tereza C.; VERISSIMO, Luiz, J. Jurandir Freire Costa. <b>Insight Psicoterapia</b> , São

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

orientadora, autora	<p> pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) (1980) e especialista em Psicologia Clínica. Com Formação em Psicoterapia Rogeriana, Gestalt-Terapia e Existencialismo, desenvolveu a Psicoterapia Vivencial, abordagem existencial Sartreana. (Psicoterapia vivencial)</p>	<p> Paulo, n.12, p.11-14, 1991.</p>
<b>FACCENDA, Odival/</b> Matemático, professor	<p> avaliação ambiental, avaliação educacional, avaliação e monitoramento das necessidades sociais e de saúde de idosos, saúde mental, controle da qualidade de processos dinâmicos em tempo real.</p>	<p> CERCHIARI, E. A. N. CAETANO, D. FACCENDA, O. Utilização do sério de saúde mental em uma universidade pública. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b>, v.25, n.2, 2005.</p>
<b>FÉRES-CARNEIRO, Terezinha/</b> Professora, membro do corpo editorial de periódicos, revisora de periódicos	<p> Avaliação familiar, entrevista familiar, pesquisa em psicologia. (Psicologia familiar)</p>	<p> 1.FERES-CARNEIRO, Terezinha; DINIZ-NETO, Orestes. De onde viemos? Uma Revisão Histórico-conceitual da Psicoterapia de Casal. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b>, Brasília, v. 24, n. 4, 2008.</p> <p> 2. FERES-CARNEIRO, T. e PONCIANO, E. L. T. Modelos de Família e Intervenção Terapêutica. <b>Interações: Estudos e Pesquisa em Psicologia</b>. São Paulo, v.8, n. 16., p. 57-80, 2003.</p>
<b>FERNANDES, Beatriz Silverio/</b> Psicóloga	<p> Psicoterapia. (Psicoterapia vivencial)</p>	<p> IZAURIETA, Miren de; FERNANDES, Beatriz Silverio; FERNANDES, Waldemar José. A Experiência do Grupo de Reflexão em Dois Países com Coordenadores de Duas Nacionalidades. <b>Rev. SPAGESP</b>, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, 2005.</p>
<b>FERNANDES, Waldemar José/</b> Psicanalista, psicoterapeuta analítica grupal	<p> Psicanálise, saúde mental, vínculo. (Processos grupais)</p>	<p> IZAURIETA, Miren de; FERNANDES, Beatriz Silverio; FERNANDES, Waldemar José. A</p>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

			Experiência do Grupo de Reflexão em Dois Países com Coordenadores de Duas Nacionalidades. <b>Rev. SPAGESP</b> , Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, 2005.
<b>FERREIRA, Iracy Doyle</b> / Médica, psicanalítica, autora, professora	Psiquiatria dinâmica.		DOYLE, Iracy. Do Ensino e Regulamentação da Psicoterapia. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , v. 4, n. 1, jan – mar, 1955.
<b>FERREIRA, Neci Sena</b> / Professora	Psicoterapia breve.		FERREIRA, N. S.; YOSHIDA, E. M. P. Produção Científica Sobre Psicoterapias Breves no Brasil e Demais Países Latino-Americanos (1990-2000). <b>Estudos de Psicologia</b> , Campinas, v. 9, n.3, p.523-531, 2004.
<b>FERREIRA NETO, João Leite</b> / Psicólogo, professor, técnico superior da saúde, orientador, pesquisador	Intervenções clínicas e sociais, subjetividade contemporânea. Saúde pública/saúde mental, promoção da saúde, formação do psicólogo. (Psicologia social/Foucault)		FERREIRA NETO, J. L.; PENNA, L. M. D. Ética, Clínica e Diretrizes: A Formação do Psicólogo em Tempos de Avaliação de Cursos. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 11, n. 2, 2006.
<b>FIORILLO, Celso Antônio Pacheco</b> / Professor, advogado, assessor científico, parecerista, membro de diversos órgãos públicos	Direito ambiental, direito da sociedade da informação, direito civil constitucional, direito do consumidor, direito empresarial, direito constitucional e direito processual. (Direito)		MARIA, Madre Cristina; DELGADO, Paulo; GABRIEL, Pedro; FIORILLO, Celso; FUCKS, Mário. A Luta Anti-Manicomial em Debate. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n.8, p.04-07, 1991.
<b>FORGHIERI, Yolanda Cintrão</b> / Pedagoga, professora. Psicoterapia.	Vivências paradoxais do existir humano. Psicologia clínica, psicopatologia, psicoterapia. (Psicologia da fenomenologia)		FORGHIERI, Yolanda Cintrão. A Investigação Fenomenológica da Vivência: Justificativa, Origem, Desenvolvimento, Pesquisas Realizadas, in Macedo, Rosa Maria Stefâni de (org): Mapeamento da pesquisa em Psicologia no Brasil. <b>Cadernos da ANPEPP</b> , Rio de Janeiro, n. 2, p.19-42, 1993. <a href="http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm">http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm</a>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

<b>FORTALEZA, Paulo Marchon/</b> Membro da SBPRJ, SPR e NPF	Psicanálise.	FORTALEZA, P.M. História e Genealogia das Ideias Psicanalíticas Latino-Americanas. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v. 38, n. 2, 2004.
<b>FREIRE, Rafael Christophe da Rocha/</b> Médico, pesquisador	Psiquiatria. Prevenção do câncer cérvico-uterino, testes respiratórios e com cafeína no estudo do transtorno do pânico, realidade virtual na pesquisa e tratamento dos transtornos de ansiedade, alterações da fisiologia respiratória em pacientes com transtorno do pânico, neuroimagem no transtorno do pânico, o estudo da personalidade nos transtornos psiquiátricos, elaboração, validação, tradução e adaptação de escalas clínicas psiquiátricas, aspectos clínicos e biológicos dos transtornos de ansiedade e do humor, vertigem e transtornos de ansiedade. (Psiquiatria)	CARVALHO, M. R.; FREIRE, R. C. NARDI, A. E. Realidade Virtual no Tratamento de Transtorno de Pânico. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, 2008.
<b>FREY, Benício Noronha/</b> Médico, pesquisador	Transtorno bipolar, síndrome de Scheehan, qualidade de vida e psicofarmacologia. (Psiquiatria)	FREY, B. N., MABILDE, L. C.; EIZIRIK, C. L. A Integração da Psicofarmacoterapia e Psicoterapia de Orientação Analítica: uma Revisão Crítica. <b>Revista Brasileira Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v.26, n.2, p.118-123, 2004.
<b>FRIEDMANN, Otto Kernberg/</b> Psicanalista, professor	Narcisismo, teoria das relações objetais e transtornos de personalidade. (Psicanálise)	KERNBERG, Otto. O Narcisismo e Seus Transtornos Atuais. Entrevista. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n.5, p. 04-07, 1991.
<b>FUCKS, Mário/</b> Psicanalista, membro do departamento de psicanálise do Instituto Sedes	Psicanálise	FUCKS, Mário. Por uma História do Curso de Psicanálise. <b>Revista Percorso</b> , São Paulo, n.1, 2o.sem., 1988. Disponível em:

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

Sapientiae			<a href="http://www2.uol.com.br/percurso/">http://www2.uol.com.br/percurso/</a>
<b>GALVÃO, Luiz de Almeida Prado/</b> Psicanalista		Psicanálise	GALVÃO, Luiz de A. Prado. Notas para a História da Psicanálise em São Paulo. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v.1, n.1, p. 47-63, 1967.
<b>GANZO, Christiane R.A./</b> Psicanalista, trabalha com as relações vinculares (casais, pais/filhos, irmãos...); com grupos de análise compartilhada (adultos e adolescentes) e com atendimentos individuais.		Grupo de reflexão, psico-análise. (Psicanálise)	GOMES, W.B.; RECK, A.C.; GANZO, C.R.A. Experiência Retrospectiva de Estar em Psicoterapia: Um Estudo Empírico Fenomenológico. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v.4 n.3, 1988.
<b>GIGLIO, Joel Sales/</b> Médico, professor, analista junguiano, violinista		Transtornos psicossomáticos, saúde mental e espiritualidade, saúde mental e cultura, psicologia analítica aplicada à saúde. (Psicologia Junguiana)	VASCONCELLOS, Erika Antunes; GIGLIO, J. S. Introdução da Arte na Psicoterapia: Enfoque Clínico e Hospitalar. <b>Estudos da Psicologia</b> , Campinas, v.24, n. 3, 2007
<b>GIL, Antonio Carlos/</b> Pedagogo, formação em ciências políticas e sociais, professor		Técnicas de Pesquisa em Economia e Metodologia da Pesquisa Científica.	GIL, Antonio Carlos. O Psicólogo e sua Ideologia. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília, [online], vol.5, n.1, pp. 12-17, 1985.
<b>GODOY FILHO, José Carvalho de</b>		?	GODOY FILHO, José Carvalho de. A Psicologia da Gestalt. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n.1, p.15-16, 1990.
<b>GOFFI JÚNIOR, Fábio Schmidt/</b> Psiquiatra		Psiquiatria	GOFFI JÚNIOR, Fábio S. Sessões Abertas de Psicoterapia: Os Benefícios do Ponto de Vista do Público. <b>Revista Brasileira de Psicodrama</b> , São Paulo, v.12, n.1, p.119-133, 2004.
<b>GOMES, Pedro/</b> Psicanalista		Psicanálise, self. (Psicanálise)	GOMES, Pedro. Psicanálise Relacional Contemporânea: Uma Nova Maneira de Trabalhar em Psicanálise. <b>Revista Brasileira de</b>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

	Fenomenologia semiótica, fenomenologia e psicologia, efetividade psicoterapêutica, psicologia do desenvolvimento social e aplicações, história da psicologia, serviços de saúde. (Psicologia da fenomenologia)	<p><b>Psicanálise</b>, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 113-123, 2007.</p> <p>1. GOMES, W. B.; RECK, A. C.; GANZO, C. R. A. Experiência Retrospectiva de Estar em Psicoterapia: Um Estudo Empírico Fenomenológico. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b>, Brasília, v. 4 n.3, 1988.</p> <p>2. GOMES, William Barbosa e CASTRO, Thiago Gomes de. Clínica Fenomenológica: Do Método de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b>, Brasília, v. 26, n. especial, p. 81-93, 2010.</p> <p>3. JARDIM, A. P.; GOMES, W. B. Psicoterapia e Personalidade: Impacto da Interação Entre Terapeuta e Paciente na Avaliação de Resultados. <b>Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia</b>, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, 2009.</p>
<p><b>GOMES, Willian Barbosa/ Psicólogo,</b> músico, pesquisador, professor, metodólogo, membro de diversas associações, conselheiro, coordenador, consultor acadêmico, conferencista</p>		
<p><b>GOMIDE, Paula Inez Cunha/ Psicóloga,</b> professora, pesquisadora</p>	Estilos parentais e comportamento anti-social, estilos parentais, comportamento anti-social e práticas educativas parentais. Comportamento moral, adolescente infrator. (Psicologia comportamental)	<p>BASTOS, Antonio Virgílio Bittencourt; GOMIDE, Paula Inez Cunha. O Psicólogo Brasileiro: Sua Atuação e Formação Profissional. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b>, Brasília, v.9 ,n.1 ,p.6-15, 1989.</p>
<p><b>GONÇALVES, Fábio Leyser/ Psicólogo</b></p>	Impulsividade, desvalorização pelo atraso, depressão, abuso de drogas e sensibilidade ao reforço. Sensibilidade a estímulos repetitivos e aversivos, regulação do comportamento por alterações do humor,	<p>TEIXEIRA, M. C. T. V.; GONÇALVES, F. L. Relato sobre o XIV Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b>, São Paulo, v. 7, n. 2, 2005.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

	tomada de decisão e sensibilidade às consequências, modelos animais de distúrbios de desenvolvimento, sensibilidade ao reforço, anedonia, imagem corporal. (Neuropsicologia e comportamento)		
<b>GRÜNSPUM, Haim</b> / Médico, advogado, autor, pesquisador	Defesa da criança e adolescentes, mediação familiar, educação, família, relacionamento, droga, violência, resiliência. (Psiquiatria)	GRÜNSPUM, Haim. A Arteterapia e a Arte em Psicoterapia. <b>Boletim de Psicologia</b> , São Paulo, v.1, n.10, p.95-102, 1958.	
<b>GUIMARÃES, Liliana Adolpho Magalhães</b> / Psicóloga, professora, pesquisadora, parecerista de revistas nacionais e internacionais, membro de associações nacionais e internacionais, desenvolve projetos com apoio do CNPq, autora	Psicologia da saúde, saúde mental e trabalho, assédio moral no trabalho, síndrome de Burnout, fatores psicossociais de risco, Hardness, resiliência, Locus de controle, Coping. (Psicologia da saúde)	GUIMARÃES, L. A. M. Efeitos da Psicoterapia de Grupo de Orientação Psicanalítica com Pacientes Portadores de Cefaléia Tensional. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Paulo, v. 1, n. 1, p. 37-61, 1993.	
<b>GUIRADO, Marlene</b> / Professora, psicóloga, pesquisadora, psicanalista, analista institucional	Michel Foucault, linguística pragmática, análise de instituições concretas. (Psicanalistas Psicologia e análise institucional)	GUIRADO, Marlene. Novos Horizontes para a Prática da Psicologia. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n.2, p.19-20, 1990.	
<b>HERRMANN, Fábio Antônio</b> / Médico, psicanalista, assistente doutor, associado da IPA	L, Palavra. (Psiquiatria)	1.HERRMANN, Fábio. O Originário da Psicanálise.Entrevista. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n.12, p.4-7, 1991. 2. HERRMANN, Fabio. Cem Anos de Psicanálise: O Brasil. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v. 34, n. 4, p. 731-747, 2000.	
<b>HOLANDA, Adriano Furtado</b> / Psicólogo, professor, membro de diversas instituições,	Gestalt-terapia, fenomenologia e Abordagem Centrada na Pessoa (ACP).	HOLANDA, A. F. KARWOWSKI, S. L. Produção Acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil:	

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

editor de revista científica		Análise de Mestrados e Doutorados. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , v.24, n.2, 2004.
<b>IANKLEVICH, Eneida/ Médica,</b> psicanalista, professora, supervisora	Psicanálise, infância, adolescente. (Psicanálise)	DAL ZOT, J. e IANKLEVICH, E. Psicoterapia de Orientação Analítica Hoje: Refletindo a Partir de Nossa Experiência. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v.11, n.2, p. 196-206, 2009.
<b>IZAURIETA, Miren de/ Psicanalista,</b> vice-presidenta da FLAPAG, membro da AMPAG	Psicanálise.	IZAURIETA, Miren de; FERNANDES, Beatriz Silveiro; FERNANDES, Waldemar José. A Experiência do Grupo de Reflexão em Dois Países com Coordenadores de Duas Nacionalidades. <b>Rev. SPAGESP</b> , Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, 2005.
<b>JARDIM, Adriano Pereira/ Psicólogo,</b> professor	Efetividade psicoterapêutica, memória de eventos marcantes da psicoterapia, consciência de si e narratividade. (Psicologia da fenomenologia)	JARDIM, A. P.; GOMES, W. B. Psicoterapia e Personalidade: Impacto da Interação Entre Terapeuta e Paciente na Avaliação de Resultados. <b>Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia</b> , Belo Horizonte, v. 2, n. 1, 2009.
<b>JORGE DIAS, Hericka Zogbi/ Psicóloga,</b> professora, desenvolve projetos	Violência, saúde mental, formação em psicologia, comportamento aditivo: prevenção e clínica, eficácia de tratamentos, psicooncologia, psicossomática, psiconeuroimunologia, psicodermatologia, espiritualidade e religiosidade, bioética, arteterapia e psicologia analítica, relações objetais, vínculos e saúde, estudos de grupo e saúde. (Psicologia da saúde)	LUDWIG, M. W. B.; REDIVO, L. B.; JORGE, H. Z.; MULLER, M. C. Psicoterapia e Bioética: Aproximando Conceitos, Aperfeiçoando Práticas. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 12, n. 3, 2007.
<b>KALINA, Eduardo/ Médico,</b> psicanalista, autor, diretor de clínica e instituto, presidente do Capítulo de Psiquiatria Biológica da APSA (Associação de Psiquiatras	Questão da influência familiar na manutenção da dependência química e a importância da presença da família para o tratamento da adicção. (Psiquiatria e	KALINA, Eduardo. Alternativas Terapêuticas para o Combate à Droga. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n.10, p.7-9, 1991.

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

<p>Argentinos), secretário científico do CANP (Colégio Argentino de Neuropsicofarmacologia), membro correspondente da APA (Associação de Psiquiatria Americana), professor, coordenador de revista, co-editor.</p>	psicanálise)	
<p><b>KARWOWSKI, Silvério Lucio/</b> Filósofo em formação, psicólogo, professor, diretor, editor de revista científica, consultor, coordenador, organizador de eventos, autor e pesquisador</p>	Fenomenologia e psicopatologia. (Psicologia da fenomenologia)	<p>HOLANDA, A. F. KARWOWSKI, S. L. Produção Acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: Análise de Mestrados e Doutorados. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b>, v.24, n.2, 2004.</p>
<p><b>KERBAUY, Rachel Rodrigues/</b> Pedagoga, professora universitária</p>	Comportamento e saúde, análise de contingências de ensino, metodologia de pesquisa em clínica. Análise do comportamento, terapia comportamental, terapia comportamental e cognitiva, autocontrole e adesão ao tratamento. (Análise do comportamento)	<p>KERBAUY, Rachel R. Terapia Comportamental Cognitiva: uma Comparação entre Perspectivas. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b>, C.F.P., Brasília, v.3, n.2, p.10-23, 1983.</p>
<p><b>KNOBEL, Maurício/</b> Médico, professor, diretor de instituto, chefe do departamento de psiquiatria, assessor, presidente do departamento de psiquiatria, consultor do Fundação Carlos Chagas, membro da comissão de pesquisa, autor, idealizou e dirigiu o Centro de Prevenção ao Suicídio em Campinas</p>	Psiquiatria dinâmica, psiquiatria social, suicídio. (Psiquiatria dinâmica e social)	<p>1.KNOBEL,Maurício. Psicoterapia: Comunicação Verbal e Não Verbal. <b>Estudos de Psicologia</b>, Campinas, v. 1, n. 2, 1984</p> <p>2. LIPP, Marilda Novaes; KNOBEL, Maurício. Médicos e psicólogos: Quando Encaminham Pacientes Um para o Outro e Como Definem Psicoterapia. <b>Estudos de Psicologia</b>, v. 2, n. 2 - 3, Campinas, 1985.</p>
<p><b>KRIPPNER, Stanley/</b> Psicólogo, professor, diretor de centros de tratamento, presidente da</p>	Psicologia humanista, sonhos estados alterados de consciência, hipnose,	<p>KRIPPNER, Stanley. Os Mitos Pessoais. Entrevista. <b>Insight Psicoterapia</b>, São Paulo, n.6, p. 04-07, 1991.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

APA	xamanismo, dissociação e assuntos para-psicológicos. (Psicologia humanista)	
<b>KYRILLOS NETO, Fuad</b> / Psicólogo, professor	Clínica, subjetividade, psicanálise, reforma psiquiátrica, inclusão, escuta e instituições. Conflito e discurso, educação, sociedade e subjetividade, processos psicossociais. (Psicologia social)	NETO, Fuad Kyrillos. Basaglia em Desuso? Ou Notas Sobre a Importância de Dialogar com Basaglia e Basaglianos. <b>Interações: Estudos e Pesquisa em Psicologia</b> , São Paulo, v.9, n. 18, p.75-86, 2004.
<b>LACANNA, Fernanda Ariza</b> / Psicóloga, licenciada, aprimoramento profissional	Lacan. (Psicanálise)	RABELLO,S.; LOPES, A.; LACANNA, F. e ALENCAR, R. A História de Alguns Anos de Pesquisa em Detecção Precoce de Psicopatologias Graves – PUCSP. <b>Psicologia Revista</b> , São Paulo, v.18, n.2, p. 231-245, 2009.
<b>LEITÃO, Carla Faria</b> / Psicóloga, pesquisadora, co-orientadora colaboradora, coordenadora de avaliação	Tecnologia e subjetividade, interação humano-computador (IHC). Desenvolvimento de métodos e da teoria da Engenharia Semiótica, estudos sobre os impactos subjetivos e culturais do uso da tecnologia da informação. (Interação humano-computador)	ABREU, R. S.; LEITÃO, C. F. e NICOLACI-DACOSTA, A.M. Profissionais à Deriva: Professores e Psicoterapeutas n Sociedade em Rede. <b>Interações: Estudos e Pesquisa em Psicologia</b> . São Paulo, v. 10, n. 19, p. 151-174, 2005.
<b>LEITE, Therezinha Moreira</b> / Psicóloga, professora associada	Práticas clínicas: fundamentos, procedimentos e interlocuções. Normalidades, anormalidades, ansiedade no comportamento criador. (Psicologia social)	LEITE, Therezinha Moreira. Questões Sobre Mapeamento de Pesquisas em Psicologia Clínica, <i>in</i> : Macedo, Rosa Maria Stefanni de (org): Mapeamento da Pesquisa em Psicologia no Brasil. <b>Cadernos da ANPEPP</b> , Rio de Janeiro, n. 2, p. 9-18, 1993. <a href="http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm">http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm</a>
<b>LEMOS, Paulo</b> / Psicoterapeuta, psicólogo, pós-graduado em teoria da comunicação, empresário e editor. Atua como empresário e		LEMOS, Paulo. O Psicólogo e sua Atuação Profissional. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n.12, p.15-17, 1991.

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

colabora com várias entidades do Terceiro Setor.			
<b>LETTNER, Harald Wolfgang/</b> PHD práticas neuropsicologia e psicologia clínica em Fort Myers, Flórida	Neuropsicologia e psicologia clínica.	RANGÉ, Bernard P.; LETTNER, Harald. A Psicoterapia Comportamental e sua Aplicação Clínica – I. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n.10, p.19-22, 1991.	
<b>LIMA, Maurício Silva de/</b> Médico, professor	Epidemiologia psiquiátrica, medicina baseada em evidências, meta-análise, uso de drogas lícitas, transtornos psiquiátricos menores. Revisão sistemática, esquizofrenia e depressão. (Psiquiatria)	LIMA, Maurício S. de; SOARES, Bernardo GO e BACALCHUK, Josué. <b>Psiquiatria Baseada em Evidências. Revista Brasileira de Psiquiatria</b> . [online], vol.22, n.3, p. 142-146, 2000.	
<b>LIMA, M./</b> Psiquiatra	Psiquiatria	LIMA, M.; NUNES, M. O. <b>Práticas Psicológicas e Dimensões de Significações dos Problemas de Saúde Mental. Psicologia: Ciência e Profissão</b> , v.26, n.2, 2006.	
<b>LIPP, Marilda Emmanuel Novaes/</b> Psicóloga, professora	Prevenção e intervenção psicológica. Stress, qualidade de vida, comportamento, raiva, stress e hipertensão. (Análise do comportamento)	LIPP, Marilda Novaes; KNOBEL, Maurício. <b>Médicos e psicólogos: Quando Encaminham Pacientes Um para o Outro e Como Definem Psicoterapia. Estudos de Psicologia</b> , v. 2, n. 2 - 3, Campinas, 1985.	
<b>LOPES, Ana Beatriz Fernandes/</b> Atendimento clínico	Psicanálise. (Psicanálise)	RABELLO,S.; LOPES, A.; LACANNA, F. e ALENCAR, R. A História de Alguns Anos de Pesquisa em Detecção Precoce de Psicopatologias Graves – PUCSP. <b>Psicologia Revista</b> , São Paulo, v.18, n.2, p. 231-245, 2009.	
<b>LOPES, José Leme/</b> Médico, professor, autor, primeiro presidente da Associação	Psiquiatria.	LOPES, José Leme. <b>A Psiquiatria na Época de Freud: Evolução do Conceito de Psicose em</b>	

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

Brasileira de Psiquiatria, presidente da Academia Nacional de médicos			Psiquiatria. <b>Revista Brasileira de Psiquiatria</b> . [online], vol.23, n.1, p. 28-33, 2001.
<b>LUCION, Neusa Knijnik/</b> Psiquiatra e médica psicossomática	Psiquiatria		LUCION, Neusa Knijnik. Sobre a Ação Terapêutica: Síntese do Artigo de Marília Aisenetein. <b>Revista de Psicanálise da SPP</b> , V.11, N.2, P.261-268, 2004.
<b>LUDWIG, Martha Wallig Brusius/</b> Psicóloga, professor e supervisora.	Psicodermatologia, psicossomática, psicologia da saúde, PROINSTRU: projeto de adaptação e validação de instrumentos, PRO TRATA: projetos de intervenção terapêutica, pesquisa de clima organizacional. Psicologia clínica e saúde. Psicanálise.		LUDWIG, M. W. B.; REDIVO, L. B.; JORGE, H. Z.; MULLER, M. C. Psicoterapia e Bioética: Aproximando Conceitos, Aperfeiçoando Práticas. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 12, n. 3, 2007.
<b>MABILDE, Carlos Luiz/</b> Psicanalista			1.FREY, B. N., MABILDE, L. C.; ELZIRIK, C. L. A Integração da Psicofarmacoterapia e Psicoterapia de Orientação Analítica: uma Revisão Crítica. <b>Revista Brasileira Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v.26, n.2, p.118-123, 2004. 2. MABILDE, Carlos Luiz. Minhas Lembranças sobre Paulo Martins Machado – Homenagem, <b>Revista de Psicanálise</b> , Porto Alegre, v.3,n.1, p. 5-9, 2001.
<b>MACEDO, Rosa Maria Stefanini de/</b> Pedagoga, professora	Família: estrutura, dinâmica, transformações, atendimento. Pré-escolar, orientação educacional, escola. (Psicologia escolar)		MACEDO, Rosa Maria Stefanini de. A Pesquisa sobre Família em Psicologia a Partir da década de 80, <i>in</i> Macedo, Rosa Maria Stefanini de (org): Mapeamento da Pesquisa em Psicologia no Brasil. <b>Cadernos da ANPEPP</b> , Rio de Janeiro, n.2, p. 91-120, 1993. <a href="http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm">http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm</a>
<b>MANHÃES, Maria Pereira/</b> Tesoureira de	Psicanálise, psiquiatria		MANHÃES, Maria P. Aspectos Históricos do

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

1964-1965 da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro filiada à International Psychoanalytical Association, Psiquiatra		Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil. Parte III: Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> . São Paulo, Associação Brasileira de Psicanálise, n. 22, p. 659-1988.
<b>MARIA, Madre Cristina/</b> Pedagoga, psicóloga, professora, autora, fundadora e diretora do Sedes Sapientiae, atuação política na defesa dos direitos humanos	Defesa dos Direitos Humanos. Educação, escola. (Psicologia escolar)	1. ANGELINI, Arrigo Leonardo; MARIA, Madre Cristina. Contribuição para a Formação Básica do Psicólogo. <b>Boletim de Psicologia</b> , São Paulo, v. 16 - 17, n. 47 - 50, 1964/65.  2. MARIA, Madre Cristina; DELGADO, Paulo; GABRIEL, Pedro; FIORILLO, Celso; FUCKS, Mário. A Luta Anti-Manicomial em Debate. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n.8, p.04-07, 1991.
<b>MARTINS, Mário/</b> Psicanalista	Psicanálise	MARTINS, Mário; RIBEIRO, Roberto Pinto. Critério para a Formação de Novos Núcleos Psicanalíticos no Brasil. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n.7, p. 401-407, 1973.
<b>MATOS, Maria Amélia/</b> Licenciada em psicologia, professora assistente doutora	Pesquisa supervisionada. (Análise do comportamento)	MATOS, Maria Amélia. A Pesquisa em Psicologia no Brasil na Década de 80: Características, Instrumentos e Distribuição Institucional, <i>in</i> Gomes, William Barbosa; Rosa, José Tolentino (org): Divulgação de Pesquisas em Psicologia no Brasil. <b>Cadernos da ANPEPP</b> , Rio de Janeiro, n.1, p. 135-157, 1992.

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

<p><b>MELO, Marcelo Feijó de/ Médico,</b> professor, coordenador do PROVE, membro de projetos, pesquisador, autor, orientador, subcoordenador da psiquiatria do UNA-SUS na UNIFESP</p>	<p>Violência em saúde mental. (Psiquiatria)</p>	<p><a href="http://www.infocien.org/Interface/Cadernos01.htm">http://www.infocien.org/Interface/Cadernos01.htm</a>  <b>MELO, Marcelo Feijó de.</b> Prática Psicoterápica: Quem Pode Exercer? <b>Insight Psicoterapia</b>, São Paulo, n.07, p.28-29, 1991.</p>
<p><b>MELO, Sandra Augusta/ Psicóloga,</b> professora, diretora acadêmica, orientadora</p>	<p>Experiências negativas em psicoterapia relatadas por pacientes e ex-pacientes; aspectos emocionais da maturidade feminina saudável, fatores intervinientes na superação das condições adversas por afro descendentes, estruturação de serviço e avaliação de demanda clínica-escola de psicologia. (Psicologia clínica)</p>	<p><b>PERFEITO, Hélvia Castro Silva; MELO, Sandra Augusta.</b> Evolução dos processos de triagem psicológica em uma clínica-escola. <b>Estudos de Psicologia</b>, Campinas, v. 21, n 1, p. 36, 2004.</p>
<p><b>MENEGHETTI, Antonio/</b> nasceu em 09 de março de 1936, em Avezzano (Itália). É Acadêmico da Academia Internacional de Informatização da ONU e cientista italiano de rara formação: Doutorado Clássico em Ciências Sociais e Doutorado Clássico em Filosofia (Pontifícia Universidade de São Tomás de Aquino, Roma); Doutorado Clássico em Teologia (Pontifícia Universidade Lateranense, Roma); Láurea em Filosofia com abordagem Psicológica (Universidade Católica Sacro Cuore, Milão); Honoris Causa em Física (Universidade Pro Deo de Nova Iorque, 1994); Honoris Causa em Economia, e título de Doktor Nauk em Psicologia (da Suprema Comissão de</p>	<p>É fundador e expressão máxima da Ciência Ontopsicológica, ciência que nasce formalmente na Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino (Aeglicum), em Roma-Itália, com a disciplina Ontopsicologia do Homem, iniciada no ano de 1970-1973.</p>	<p><b>MENEGHETTI, Antonio.</b> A Ontopsicologia. Entrevista. <b>Insight Psicoterapia</b>, São Paulo, v.3, n.26, p. 4-7, 1993.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

<p>Avaliação Interacadêmica da Federação Russa, 27 de abril de 1998, Protocolo 0104) . É empresário e consultor de economia e política em várias partes do mundo (Itália, Brasil, Rússia, Letônia, Alemanha, Suíça, Ucrânia, etc.). Autor de mais de 40 obras traduzidas para o inglês, francês, alemão, português, russo, espanhol, letão, ucraniano, chinês e italiano. Para conhecer mais sobre sua vida e obra acesse: <a href="http://www.antonimeneghetti.org.br/">http://www.antonimeneghetti.org.br/</a></p>		
<p><b>MEZAN, Renato</b>/ Filósofo, professor, pesquisador, autor, orientador</p>	<p>Contextos histórico e cultural da psicologia clínica. Psicanálise, Freud, história, sexualidade, Interfaces, adolescência, clínica, epistemologia e filosofia. (Psicanálise)</p>	<p>MEZAN, Renato: A Trajetória de um Psicanalista. Entrevista. <b>Insight Psicoterapia</b>, São Paulo, n.1, p.4-7, 1990.</p>
<p><b>MITO, Tereza Iochico Hatae</b>/ Psicóloga, professora, coordenadora da clínica</p>	<p>Psicoterapia breve infantil, clínica-escola, formação, relação pais-criança e psicoterapia breve. (Psicanálise)</p>	<p>YOSHIDA, E. M. P.; ENÉAS, M. L.; MITO, T. I. H.; YUKIMITSU, M. T. C. P. Psicoterapias Breves: Critérios de Indicação e as Estratégias Terapêuticas. <b>Estudos de Psicologia</b>, v.10, n.1, p.53-64, 1993.</p>
<p><b>MONTAGNA, Plínio</b>/ Médico, psicanalista, presidente da SBPSP, membro do “board” diretor da Associação Psicanalítica Internacional (IPA)</p>	<p>Psiquiatria e psicanálise.</p>	<p>MONTAGNA, Plínio. Psicanálise: Os Próximos 100 Anos. <b>Revista Ide</b>, São Paulo, v.33, n.50, p. 193-195, 2010.</p>
<p><b>MORATO, Henrique Tognetti Penha</b>/ Professora, pesquisadora, autora, orientadora, coordenadora de projetos, líder do grupo de</p>	<p>Psicologia clínica, atenção psicológica, plantão psicológico, aprendizagem significativa, aconselhamento psicológico,</p>	<p>MORATO, H. T. P. Sobre Rachel Léa Rosenberg. <b>Psicologia USP</b>, São Paulo, v. 19, n. 1, 2008.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

pesquisa	fenomenologia existencial, experiência, desenvolvimento humano, formação do psicólogo e prática psicológica em instituições. (Psicologia escolar)	
<b>MOREIRA, Ana Luiza Galvão Bender/</b> Terapeuta ocupacional, professora adjunto, coordenadora do curso	Terapia ocupacional, educação, experiência profissional, palestras e capacitação. Capacitação para uma prática clínica interdisciplinar. (Terapia ocupacional)	NUNES, Maria Angélica Antunes; GALVÃO, Ana Luiza; PINHEIRO, Andréa Poyastro. Tratamento Psicoterápico dos Transtornos Alimentares: Uma Proposta de Integração. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , São Paulo, v. 6, n. 3, p. 255, 2004.
<b>MOREIRA, Jacqueline de Oliveira/</b> Psicóloga, professora adjunto III, pesquisadora, membro do GT Dispositivos Clínicos em Saúde Mental	Processos psicossociais. Modos de subjetivação e pós-modernidade, o problema da alteridade, sofrimento psíquico e pós-modernidade, violência e velhice bem-sucedida. Trabalho, ainda, com pesquisa de cunho totalmente teórico como por exemplo a relação entre Freud, Frankl e a filosofia e com pesquisas que promovem o diálogo com a área da saúde pública. (Psicanálise-Freud)	MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho e NEVES, Edwiges de Oliveira. O surgimento da clínica psicológica: da prática curativa aos dispositivos de promoção da saúde. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília [online], vol.27, n.4, pp. 608-621, 2007.
<b>MÜLLER, Ana Cláudia/</b> Psicóloga, pesquisadora	Saúde pública, psicoterapia individual infantil, de adolescentes e adultos. (Psicologia clínica)	MÜLLER, A. C.; DIAS, A. C. G. O Psicólogo na Rede Pública de Saúde: um Estudo Sobre a Formação e Atuação Profissional. <b>Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia</b> , Belo Horizonte, v. 1, n. 1, 2008.
<b>MULLER, Marisa Campio/</b> Psicóloga, coordenadora do curso a distância, professora, fundadora da Sociedade Brasileira de	Psicodermatologia, psicooncologia, bioética, espiritualidade, qualidade de vida. Psiconeuroimunologia. (Psicologia	LUDWIG, M. W. B.; REDIVO, L. B.; JORGE, H. Z.; MULLER, M. C. Psicoterapia e Bioética: Aproximando Conceitos, Aperfeiçoando Práticas. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 12, n. 3, 2007.

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

Psicooncologia-Regional Sul e membro da diretoria da Associação Brasileira de Medicina Psicossomática-Regional Sul, coordenadora do grupo de pesquisa, autora, sócia fundadora do Instituto Brasileiro de Psicologia da Saúde	hospitalar)	
<b>NARDI, Antônio Egdio/</b> Médico, professor, coordenador do laboratório, autor, pesquisador, coordenador do INCT	Diagnóstico, diagnóstico diferencial, tratamentos, transtornos de ansiedade, transtorno de pânico, depressão e transtorno bipolar. (Psiquiatria)	CARVALHO, M. R.; FREIRE, R. C. NARDI, A. E. Realidade Virtual no Tratamento de Transtorno de Pânico. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, 2008.
<b>NEDER, Mathilde/</b> Pedagoga, professora universitária	Questões de psicodiagnóstico, psicoprofilaxia, psicoterapia, psicoterapias breves e terapia familiar, psicossomática e psicologia hospitalar. (Psicologia clínica)	1. NEDER, Mathilde. Introdução à Semana de Estudos Comemorativa do 25º Aniversário. <b>Boletim de Psicologia</b> , São Paulo, v.22, n. 59-60, p.01-06, 1970.
<b>NEVES, Edwiges de Oliveira/</b> Psicóloga, professora, supervisora clínica	Psicologia clínica e da saúde. (Psicologia clínica)	2. Mathilde Neder. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , v.25, n.2, 2005. MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho e NEVES, Edwiges de Oliveira. O surgimento da clínica psicológica: da prática curativa aos dispositivos de promoção da saúde. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília [online], vol.27, n.4, pp. 608-621, 2007.
<b>NICOLACI-DACOSTA, Ana Maria/</b> Psicóloga, jornalista, professora, pesquisadora, membro do conselho diretor	Impactos psicológicos gerados pelas transformações sociais que vem ocorrendo no Brasil. (Interação humano-computador)	ABREU, R. S.; LEITÃO, C. F. e NICOLACI-DACOSTA, A.M. Profissionais à Deriva: Professores e Psicoterapeutas n Sociedade em Rede.

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

<p><b>NOGUEIRA, Luiz Carlos/</b> Filósofo, graduado em letras, professor, psicanalista</p>	<p>Tratamento e prevenção psicológica. Psicanálise, Lacan, objeto A, nova ciência, inconsciente. (Psicanálise)</p>	<p><b>Interações: Estudos e Pesquisa em Psicologia.</b> São Paulo, v. 10, n. 19, p. 151-174, 2005</p>
<p><b>NORONHA, Ana Paula Porto/</b> Psicóloga, secretária e presidente do Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica, pesquisadora bolsista, coordenadora, autora</p>	<p>Avaliação psicológica, testes psicológicos, formação profissional, validação, avaliação percepto-motora, avaliação da inteligência e orientação profissional. (Psicanálise)</p>	<p><b>NORONHA, Ana Paula Porto; ALCHIERI, João Carlos.</b> Conhecimento em Avaliação Psicológica. <b>Estudos de Psicologia</b>, Campinas, v. 21, n.1, p. 45, 2004.</p>
<p><b>NUNES, Maria Angélica Antunes/</b> Médica, professora colaboradora, coordenadora do GEATA, revisora de periódicos</p>	<p>Saúde mental e nutrição. Anorexia, bulimia, transtorno alimentar, obesidade e comportamentos alimentares inadequados. (Psiquiatria)</p>	<p><b>NUNES, Maria Angélica Antunes; GALVÃO, Ana Luiza; PINHEIRO, Andréa Poyastro.</b> Tratamento Psicoterápico dos Transtornos Alimentares: Uma Proposta de Integração. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b>, São Paulo, v. 6, n. 3, p. 255, 2004.</p>
<p><b>NUNES, Maria Lúcia Tiellet/</b> Psicóloga, professora, pesquisadora</p>	<p>Avaliação psicológica, psicoterapia psicanalítica. Psicoterapia, crianças, psicanálise, materiais terapêuticos, psicopatologia e relação Mãe-Bebê. (Psicanálise e psicologia social)</p>	<p>1. <b>CAMPEZATTO. P. M.;</b> NUNES, M. L. T. Atendimento em Clínicas-escola de Psicologia da Região Metropolitana de Porto Alegre. <b>Estudos da Psicologia</b>, Campinas, v.24, n. 3, 2007.</p> <p>2. <b>TEIXEIRA, Rita P.;</b> NUNES, Maria Lúcia Tiellet. Algumas Questões Éticas da Psicoterapia. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b>, v. 7, n. 2-3, p. 195-202, 2005.</p>
<p><b>NUNES, Mônica de Oliveira/</b> Médica, professora, pesquisadora</p>	<p>Violência e saúde, desigualdade e saúde, estudos etnográficos de serviços em saúde mental, saúde e família, avaliação da rede de serviços de saúde mental, estudos antropológicos em saúde mental de grupos</p>	<p><b>LIMA, M. NUNES, M. O.</b> Práticas Psicológicas e Dimensões de Significações dos Problemas de Saúde Mental. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b>, v.26, n.2, 2006.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

	étnicos, psychose et culture. Cadomblé, violência urbana, desigualdade social. (Psiquiatria e antropologia)		
<b>ODA, Ana Maria Galdini Raimundo/</b> Médica, pesquisadora, professora, editora de revista científica, coordenadora do Departamento de história da psiquiatria da ABP, revisora de tradução de livros de psiquiatria	Escravidão e psicopatologia no Brasil, história da medicina e da saúde. (Psiquiatria clínica)	ODA, Ana Maria Galdini Raimundo e DALGALARRONDO, Paulo. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. <b>Revista Brasileira de Psiquiatria.</b> [online], vol.22, n.4, p. 178-179, 2000.	
<b>OLIVEIRA, Thais Sá Pereira e/</b> Psicóloga, psicanalista, membro de sociedades psicanalíticas, autora de artigos para sites	Psicanálise, relações amorosas. (Psicanálise e processos grupais)	OLIVEIRA, T. S. P. Psicoterapia e Psicanálise. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 41, n.8, p. 407-409, 1992.	
<b>PARAVIDINI, João Luiz Leitão/</b> Psicólogo, professor associado, pesquisador	A, psicanálise e cultura. Autismo em crianças, psicopatologia infantil, desenvolvimento mental, psicanálise infantil. (Psicanálise infantil)	ALVARENGA, C. PARAVIDINI, J. L. L. Acompanhamento Terapêutico e Saberes Psicológicos: enfrentando a história. <b>Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia</b> , Belo Horizonte, v. 2, n.1, 2009.	
<b>PARREIRA, Walter Andrade/</b> Psicólogo, coordenador, professor, supervisor de estágios, organizador de curso de extensão, diretor do Sindicato dos Professores do Estado de Minas Gerais, desenvolve trabalhos com moradores de ruas, autor, pesquisador	Abordagem centrada na pessoa (ACP)	PARREIRA, Walther Andrade. Algumas Reflexões Sobre a Prática Psicoterápica e a História da Formação de Psicoterapeutas em Minas Gerais. <b>Cadernos de Psicologia</b> . Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 97-110, 1986.	
<b>PAVAN, Maria de Lourdes de Oliveira/</b> Professora, psicóloga	Psicologia experimental	PAVAN, Maria, de L. O. Técnicas Terapêuticas no Tratamento de Esquizofrênicos. <b>Boletim de Psicologia</b> , São Paulo, v.33, n. 81, p. 58-66, 1981.	
<b>PENNA, Lícia Mara Dias/</b> Psicóloga,	Psicanálise.	FERREIRA NETO, J. L.; PENNA, L. M. D.	

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

membro do ALEPH, professora, pesquisadora		Ética, Clínica e Diretrizes: A Formação do Psicólogo em Tempos de Avaliação de Cursos. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 11, n. 2, 2006.
<b>PENSO, Maria Aparecida/</b> Psicóloga, membro de conselhos, professora, supervisora de estágios, pesquisadora, membro da ANPEPP	Drogadição, delinquência, adolescência e família, violência intrafamiliar, processo de envelhecimento, psicologia jurídica. Alternativas penais à prisão. (Psicologia familiar)	COST A, L. F. PENSO, M. A. ALMEIDA, T. M.C. O Grupo Multifamiliar como Método de Intervenção em Situações de Abuso Sexual Infantil. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v. 16, n. 4, 2004.
<b>PERES, Rodrigo Sanches/</b> Psicólogo, professor, orientador, tutor de programas, autor, revisor de periódicos	Psicologia da saúde, psicanálise e psicoterapias de orientação psicanalítica. (Psicanálise)	PERES, R. S.; SANTOS, M. A.; COELHO, H. M. B. Perfil da Clientela de um Programa de Pronto-Atendimento Psicológico a Estudantes Universitários. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 9, n. 1, 2004.
<b>PERESTRELLO, Marialzira/</b> Médica, poetisa, autora, psicanalista, membro da Associação Psicoanalítica Argentina, editora de revista científica, cadeira 37 da ABRAMES	Medicina, poesia e romance brasileiro. (Psiquiatria e psicanálise)	PERESTRELLO, M. Primeiros Encontros com a Psicanálise: Os Precursores no Brasil. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro v. 35, n.4, p.195-208, 1986.
<b>PERFEITO, Hélvia Cristine Castro Silva/</b> Psicóloga, técnica administrativa, pesquisadora	Triagem psicológica, psicologia clínica, processos psicoterápicos. Psicanálise, funções parentais, família. (Psicanálise)	PERFEITO, Hélvia Castro Silva; MELO, Sandra Augusta. Evolução dos processos de triagem psicológica em uma clínica-escola. <b>Estudos de Psicologia</b> , Campinas, v. 21, n. 1, p. 36, 2004.
<b>Pierre Weil/</b> Educador, psicólogo, autor	Psicologia social, psicologia transpessoal.	Pierre Weil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, v.25, n.4, 2005.
<b>PIMENTEL, Claudia Bonfily/</b> Psicóloga, formação em psicanálise em andamento	Psicanálise.	PIMENTEL, C. B.; BARROS, I. P. M. Transferência e Desfecho Terapêutico em Psicoterapia Psicodinâmica Breve. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v. 11, n. 1, 2009.
<b>PINHEIRO, Andréa Poyastro/</b> Médica,	Projeto ELSA. Bulimia nervosa, anorexia	NUNES, Maria Angélica Antunes; GALVÃO, Ana Luiza; PINHEIRO, Andréa Poyastro.

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

pesquisadora	nervosa, transtorno do comer compulsivo, e genética dos transtornos alimentares. (Medicina)	Tratamento Psicoterápico dos Transtornos Alimentares: Uma Proposta de Integração. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , São Paulo, v. 6, n. 3, p. 255, 2004.
<b>POCREAU, Jean Bernard</b> / Professor, conselheiro da Aliança Francesa de Florianópolis	Etnopsiquiatria	<b>BORGES, L. M. POCREAU, J. B. A</b> Identidade como Fator de Imunidade Psicológica: Contribuições da Clínica Intercultural Perante as Situações de Violência Extrema. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v. 11, n. 3, 2009.
<b>PONCIANO, Edna Lúcia Tinoco</b> / Psicóloga, pesquisadora, parecerista de revistas científicas	Interação social e desenvolvimento. Terapia de família e casal, saúde mental, história da psicologia, psicologia da família e transição para a vida adulta. (Psicologia da família)	<b>FERES-CARNEIRO, T. e PONCIANO, E. L. T.</b> Modelos de Família e Intervenção Terapêutica. <b>Interações: Estudos e Pesquisa em Psicologia</b> . São Paulo, v.8, n. 16., p. 57-80, 2003.
<b>PROUTY, Garry Obituary</b> / Membro da Assessoria de Chicago, Psicoterapia e Centro de Pesquisa, membro honorário da Associação de Psicologia de Chicago, consultor editorial de revistas científicas, professor, erapia rede internacional	terapia rede internacional	<b>PROUTY, Garry</b> . Entrevista. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, v.1, n.1, p. 09-10, 1990.
<b>RABELLO, Silvana</b> / Psicóloga, assistente doutora, membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, coordenadora do Projeto Espaço Palavra, coordenadora de curso, coordenadora de grupo de pesquisa, faz parte da equipe da Clínica Interdisciplinar Prof. Dr. Mauro	Autismo e psicose infantil, clínica psicanalítica, constituição do sujeito e detecção precoce de psicopatologias graves. (Psicanálise)	<b>RABELLO,S.; LOPES, A.; LACANNA, F. e ALENCAR, R.</b> A História de Alguns Anos de Pesquisa em Detecção Precoce de Psicopatologias Graves – PUCSP. <b>Psicologia Revista</b> , São Paulo, v.18, n.2, p. 231-245, 2009.

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

Spinelli e do Departamento de Saúde Mental da Sociedade de Pediatria de São Paulo <b>RANGÉ, Bernard Pimentel/</b> Psicólogo, pesquisador	Psicoterapia e reinserção social. Terapia cognitivo-comportamental, psicoterapia cognitivo-comportamental, transtorno do pânico, agorafobia e transtorno obsessivo-compulsivo. (Terapia cognitivo-comportamental)	1. RANGÉ, Bernard P.; LETTNER, Harald. A Psicoterapia Comportamental e sua Aplicação Clínica – I. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n.10, p.19-22, 1991. 2. RANGÉ, Bernard P. Psicoterapia Cognitiva – Fundamentos, Princípios, Processos, Limites. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , v. 41, n.2, p.81-85, 1992. 3. RANGÉ, B. Tratamento Cognitivo-comportamental para o Transtorno do Pânico e Agorafobia: uma História de 35 anos. <b>Estudos da Psicologia</b> , Campinas, v.25, n. 4, 2008.
<b>RECK, Adriana Cardozo/</b> Psicóloga, formação em andamento em tradução-letras, professora	Fenomenologia	GOMES, W.B.; RECK, A.C.; GANZO, C.R.A. Experiência Retrospectiva de Estar em Psicoterapia: Um Estudo Empírico Fenomenológico. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v.4 n.3, 1988.
<b>REDIVO, Luciana Balestrin/</b> Psicóloga, pesquisadora, professora, tutora da Residência Multiprofissional em Saúde da Família e da Comunidade (PREMUS/PUCRS).	Adoção de crianças por casais homossexuais, estudos sobre terceira idade, a chegada do primeiro filho na vida do casal, um estudo sobre creche comunitária, um estudo sobre o vitiligo em crianças, temas de psiquiatria, psicodermatologia, psicooncologia, psicologia da saúde, psicologia da saúde, pesquisa clínica com	LUDWIG, M. W. B.; REDIVO, L. B.; JORGE, H. Z.; MULLER, M. C. Psicoterapia e Bioética: Aproximando Conceitos, Aperfeiçoando Práticas. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 12, n. 3, 2007.

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

	tema como depressão, psicoterapia breve, psicossomática, pesquisa de clima organizacional, coordenação de ensaios clínicos, monitorias de pesquisas clínicas. (Psicanálise)	
<b>RIBEIRO, Jorge Ponciano/</b> Teólogo, filósofo, professor, pesquisador	Psicopatologia, religiosidade, psicoterapia, ciclo do contato e gestalt terapia. Fatores de culpa, processos grupais. (Gestalt-terapia)	RIBEIRO, J.P. O Conceito de Resistência na Psicoterapia Grupo-Analítica: Repensando um Caminho. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v.5 n.1, 1989.
<b>RIBEIRO, Roberto Pinto/</b> Psicanalista	Psicanálise	MARTINS, Mário; RIBEIRO, Roberto Pinto. Critério para a Formação de Novos Núcleos Psicanalíticos no Brasil. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n.7, p. 401-407, 1973.
<b>ROCHA, Glaucia Mitsuko Ataka da/</b> Psicóloga, professora, membro da SPR, autora, orientadora, membro de Comissão Ética em Pesquisa, coordenadora da área de TCC	Pesquisa. (Psicodinâmica - Psicanálise)	YOSHIDA, E. M.P.; SANTEIRO, T. V.; SANTEIRO, F. R. M.; ROCHA, G. M. A. Psicoterapias Breves Psicodinâmicas: Características da Produção Científica Nacional e Estrangeira 1980/2003. <b>Psico-USF</b> , Bragança Paulista, v. 10, n. 1, 2005.
<b>ROSA, José Tolentino/</b> Psicólogo, professor doutor, pesquisador	Psicanálise, psicossomática, psicologia da saúde, psicoterapia psicanalítica, psicologia clínica e Teste das Relações Objetivas de Phillipson. (Psicanálise)	ROSA, José Tolentino; SIMON, Ryad. Associação de Psicoterapia e Estudos Psicanalíticos: um Grupo de Apoio para a Revista, <i>in</i> Gomes, Willian Barbosa; Rosa, José Tolentino (Org.): Divulgação de Pesquisas em Psicologia no Brasil. <b>Cadernos da ANPEPP</b> , Rio de Janeiro, n.1, p.81-96,1992.

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

<p><b>SANTEIRO, Fabíola Ribeiro de Moraes/</b> Psicóloga, pesquisadora</p>	<p>Psicologia clínica, saúde mental, ensino-aprendizagem e psicologia escolar e do desenvolvimento. Tratamento, prevenção e intervenção terapêutica. (Fenomenologia-existencial)</p>	<p><a href="http://www.infocien.org/Interface/Cadernos01.htm">http://www.infocien.org/Interface/Cadernos01.htm</a></p> <p>YOSHIDA, E. M.P.; SANTEIRO, T. V.; SANTEIRO, F. R. M.; ROCHA, G. M. A. Psicoterapias Breves Psicodinâmicas: Características da Produção Científica Nacional e Estrangeira 1980/2003. <b>Psico-USF</b>, Bragança Paulista, v. 10, n. 1, 2005.</p>
<p><b>SANTEIRO, Tales Vilela/</b> Psicólogo, pesquisador, avaliador de cursos de graduação e institucional, professor</p>	<p>Formação do psicólogo, psicologia clínica, psicoterapia psicanalítica, desenvolvimento humano e produção científica. Psicoterapia breve psicodinâmica: avaliação psicodiagnóstica, processo psicoterapêutico, resultado, acompanhamento e formação de terapeutas. (Psicanálise)</p>	<p>1. SANTEIRO, T. V. Psicoterapia Breve Psicodinâmica Preventiva: Pesquisa Exploratória de Resultados e Acompanhamento. <b>Psicologia em Estudo</b>, Maringá, v. 13, n. 4, 2008.</p> <p>2. YOSHIDA, E. M.P.; SANTEIRO, T. V.; SANTEIRO, F. R. M.; ROCHA, G. M. A. Psicoterapias Breves Psicodinâmicas: Características da Produção Científica Nacional e Estrangeira 1980/2003. <b>Psico-USF</b>, Bragança Paulista, v. 10, n. 1, 2005.</p>
<p><b>SANTOS, Manoel Antônio dos/</b> Psicólogo, professor doutor, líder do grupo Núcleo de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde (CNPq), membro de vários grupos de pesquisa pelo CNPq, editor responsável de revistas científicas, consultor de revista, coordenador de serviços de psicologia, membro do Grupo de Educação em Diabetes da EERP-USP e do Grupo de Cuidados Paliativos do HCFMRP-USP, coordenador do</p>	<p>Práticas institucionais em psicologia clínica, intervenção psicoterapêutica, psicanálise, psicologia da saúde. Doenças crônicas (câncer, diabetes, anorexia e bulimia nervosa), transplante de medula óssea, diversidade sexual, grupo, saúde mental, família/casais, adoção, adolescência e psicoterapia. (Psicologia analítica)</p>	<p>1. PERES, R. S.; SANTOS, M. A.; COELHO, H. M. B. Perfil da Clientela de um Programa de Pronto-Atendimento Psicológico a Estudantes Universitários. <b>Psicologia em Estudo</b>, Maringá, v. 9, n. 1, 2004.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

<p>Grupo de Ação e Pesquisa em Diversidade Sexual da FFCLRP-USP, membro da Diretoria da Sociedade Brasileira de Psiconcologia, membro da Diretoria (Diretor de Publicações e Diretor Científico) da Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo, membro da Sociedade Brasileira de Psicologia, Federação Latino-Americana de Psicoterapias Analíticas de Grupo, Associação Brasileira de Psicoterapia (ABP)</p>		
<p><b>SANTOS, Manuel José Pires dos/</b> Médico, psicanalítico, colaborador</p>	<p>Medicina, psiquiatria. (Psiquiatria)</p>	<p>SANTOS, Manuel J. Pires dos; ZASLAVSKY, Jacó. Pesquisando Conceitos e Tendências em Psicoterapia e Psicanálise. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b>, São Paulo, v. 41, n. 2, 2007</p>
<p><b>SANTOS, Oswaldo de Barros/</b> Educador, educador físico, pedagogo, professor primário, diretor da instituição GV, pesquisador, professor universitário, participou da criação da Associação Brasileira de Superdotados, do Sindicato dos Psicólogos do Estado de São Paulo, da Sociedade de Psicologia de São Paulo, da Associação Brasileira de Psicólogos e da Academia Paulista de Psicologia, ocupando a cadeira de número 15. Foi membro do Conselho Federal de Psicologia de 1974 a 1976 e da Comissão</p>	<p>Abordagem Centrada na Pessoa. Psicologia organizacional e do trabalho, da psicoterapia, do aconselhamento psicológico e da metodologia de pesquisa. (Abordagem Centrada na Pessoa-ACP)</p>	<p>SANTOS, Oswaldo de Barros. Evolução da Psicologia Aplicada a Partir de Roberto Mange. <b>Boletim de Psicologia</b>, São Paulo, v. 22, n. 59-60, p. 7-12, 1970. Verificar xerox da Luiza.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

de Normas e Procedimentos de Avaliação Psicológica do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo de 1994 a 1996. Terapeuta usando a ACP			
<b>SCHOENFELDT, Betti Katzenstein/</b> Filósofa, aplicadora de testes psicométricos	Criança, escola, testes psicológicos. (Psicologia educacional)	SCHOENFELDT, Betti Katzenstein. Distúrbios Sociais e Indicações para sua Solução em Rorschachs de Crianças. <b>Boletim de Psicologia</b> , São Paulo, v.18, n. 41 e 42, 1961.	
<b>SHIRAKAWA, Itiro/</b> Professor, médico, chefe do departamento de psiquiatria	Psiquiatria.	SHIRAKAWA, Itiro. A Psiquiatria Humanizada – uma visão modernizadora. Entrevista. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n.9, p. 04-07, 1991.	
<b>SILVA, Alex Sandro Tavares da/</b> Psicólogo	Acompanhamento terapêutico, acupuntura, avaliação psicológica, orientação vocacional e profissional, psicodiagnóstico, psicologia via internet, psicologia clínica e psicoterapia. (Psicologia clínica)	SILVA, A. S. T.; SILVA, R. N. A Emergência do Acompanhamento Terapêutico e as Políticas de Saúde Mental. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília, v.26, n.2, 2006.	
<b>SILVA, Rosane Azevedo Neves da/</b> Psicóloga, professora, pesquisadora	História da psicologia escolar no Rio Grande do Sul, trabalho e participação comunitária, processos de ensino-aprendizagem, clínica, subjetividade e política, políticas da subjetividade. (Psicologia social e psicologia escolar)	SILVA, A. S. T.; SILVA, R. N. A Emergência do Acompanhamento Terapêutico e as Políticas de Saúde Mental. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília, v.26, n.2, 2006.	
<b>SILVEIRA JUNIOR, Potiguara Mendes da/</b> Graduação em comunicação, professor, psicanalítico, pesquisador, editor de revista científica, participação em grupos de pesquisa	Comunicação, estética, psicanálise, cultura, contemporaneidade tecnológica. (Psicanálise)	SILVEIRA, Potiguara Mendes Jr. O Pensamento de Lacan no Rio: Notas Sobre MD Magno. <b>Revista Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, abril, 2001.	
<b>SIMON, Ryad/</b> Filósofo, professor,	Psicoterapia, psicoterapia psicanalítica,	I.ROSA, José Tolentino; SIMON, Ryad.	

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

pesquisador	psicanálise, psicoterapia breve e prevenção. (Psicanálise).	Associação de Psicoterapia e Estudos Psicanalíticos: um Grupo de Apoio para a Revista, <i>in</i> Gomes, Willian Barbosa; Rosa, José Tolentino (Org.): Divulgação de Pesquisas em Psicologia no Brasil. <b>Cadernos da ANPEPP</b> , Rio de Janeiro, n.1, p.81-96,1992. <a href="http://www.infocien.org/Interface/Cadernos01.htm">http://www.infocien.org/Interface/Cadernos01.htm</a>
<b>SOARES, Antonio Rodrigues/</b> Psicólogo, Professor, Autor/ pesquisador	Psicologia Social	2. SIMON, Ryad. Fatores Psicológicos Indutores da Toxicofilia. <b>Boletim de Psicologia</b> . São Paulo, v.35, n.84, p.1-12,1985. 3.SIMON, Ryad. Formação do Psicoterapeuta para a Realidade Brasileira. <b>Boletim de Psicologia</b> , São Paulo, v. 33, n. 81, p. 67-73, 1981.
<b>SOARES, Bernardo Garcia de Oliveira/</b> Médico, diretor médico da Eli Lilly do Brasil, professor, pesquisador	Ensaio clínicos randomizados, alcoolismo e dependência de drogas, revisão sistemática e metanálise, pesquisas clínicas. Metodologia científica, avaliação crítica de literatura. (Psiquiatria)	SOARES, Antonio Rodrigues. A Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P, Brasília, n. 0, p. 09-59, 1979. Edição especial, comemorativa aos 100 anos da Psicologia.
<b>SONENREICH, Carol/</b> Médica	Psiquiatria-alcoolismo.	LIMA, Maurício S. de; SOARES, Bernardo G.O. e BACALITCHUK, Josué. Psiquiatria Baseada em Evidências. <b>Revista Brasileira de Psiquiatria</b> . [online], vol.22, n.3, p. 142-146, 2000.
		SONENREICH, Carol: A Psiquiatria em um Hospital Geral. Entrevista. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n.4, p. 04-07, 1991.

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

<p><b>SOUSA, André Feitosa de/</b> Psicólogo, professor, sócio efetivo da World Association for Person-Centered Approach and Experiential Psychotherapy e da Associação Paulista da Abordagem Centrada na Pessoa; membro da Nordic Pragmatism Network e da Red Iberoamericana de Centrada em las Personas, integrante de projetos, co-organização de livros</p>	<p>Abordagem Centrada na Pessoa, Método (Con)texto de Letramentos Múltiplos. (Abordagem Centrada na Pessoa-ACP)</p>	<p>CAVALCANTE JUNIOR, F. S.; SOUSA, A. F. Histórias da Psicologia no Ceará: Entrevista com Gercilene Campos. <b>Psicologia em Estudo</b>, Maringá, v. 12, n. 2, 2007.</p>
<p><b>SOUZA, Mayra Silva de/</b> Psicóloga, professora</p>	<p>Psicanálise.</p>	<p>SOUZA, M. S. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b>, São Paulo, n. 22, p. 685-691, 1988.</p>
<p><b>TANIS, Bernardo/</b> Membro Associado da SBPSP</p>	<p>Psicanálise.</p>	<p>TANIS, Bernardo. Considerações Sobre a Formação Psicanalítica: Desafios Atuais. <b>Revista Percorso</b>, São Paulo, v. 2, n.35, p.29-36, 2005.</p>
<p><b>TEIXEIRA, Maria Cristina Triguero Veloz/</b> Psicóloga, professora, pesquisadora, atualmente é a Primeira Secretária da Diretoria da Associação Brasileira de Editores Científicos de Psicologia - ABECIP/Gestão 2010-2011</p>	<p>Fenômenos e processos psicológicos: saúde e desenvolvimento, estudos teóricos e práticos sobre o sujeito com distúrbios do desenvolvimento: implicações individuais e sociais, estudo da função cognitiva da criança com leucemia. (Análise de comportamento)</p>	<p>TEIXEIRA, M. C. T. V.; GONÇALVES, F. L. Relato sobre o XIV Encontro Brasileiro de Psicoterapia e Medicina Comportamental. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b>, São Paulo, v. 7, n. 2, 2005.</p>
<p><b>TEIXEIRA, Rita de Cassia Petrarca/</b> Psicóloga, professora</p>	<p>História e formação em psicologia, aspectos bioéticos da psicoterapia, fenômenos da clínica psicoterápica. Ensino, intervenção psicológica, ética e relação terapeuta-</p>	<p>TEIXEIRA, Rita P.; NUNES, Maria Lúcia Tiellet. Algumas Questões Éticas da Psicoterapia. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b>, v. 7, n. 2-3, p. 195-202, 2005.</p>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

	paciente. (Psicanálise)	
<b>THOMÉ, José Touffe/</b> Médico, Psiquiatra.	Interpretação da realidade como agente de transformação dos indivíduos. (Psiquiatria)	THOMÉ, José T. Psicoterapia de Orientação Analítica: Fundamentos Teóricos e Clínicos. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , São Paulo, v. 6, n. 3, p. 355-356, 2004
<b>VASCONCELLOS, Erika Antunes/</b> Psicóloga, professora, pesquisadora, desenvolve atividades de extensão e ensino, líder de grupos de pesquisa, autora	Arte-terapia com crianças e adolescentes, psico-oncologia pediátrica, psicologia da saúde, psico-oncologia e clínica do luto, práticas terapêuticas em saúde mental, arte-terapia no contexto hospitalar. (Psicologia Analítica Junguiana)	VASCONCELLOS, Erika Antunes; GIGLIO, J. S. Introdução da Arte na Psicoterapia: Enfoque Clínico e Hospitalar. <b>Estudos da Psicologia</b> , Campinas, v.24, n. 3, 2007
<b>VERISSIMO, Luiz José/</b> Filósofo, psicólogo, graduação em comunicação, professor	Linguagem e subjetividade. (Fenomenologia e existencialismo)	ERTHAL, Tereza C.; VERISSIMO, Luiz, J. Jurandir Freire Costa. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n.12, p.11-14, 1991.
<b>VIDIGAL, Maria Auxiliadora/</b> Membro integrante de setores do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae desde sua fundação.	Psicanálise.	VIDIGAL, M. A., <i>et all.</i> Vinte Anos de Departamento de Psicanálise: Para onde Vamos? Entrevista. <b>Revista Percorso</b> , n. 35, 2º. sem. 2005. Disponível em: <a href="http://www2.uol.com.br/percurso/">http://www2.uol.com.br/percurso/</a>
<b>VIZZOTTO, Marília Martins/</b> Psicóloga, professora, supervisora	Prevenção e tratamento. Violência e família, relações familiares e saúde mental, paternidade, saúde mental indígena. (Psicologia clínica)	VIZZOTTO, M. M. A Psicologia e a Psiquiatria Perdem um de Seus Maiores Exponentes: Uma Homenagem ao Dr. Maurício Knobel. <b>Estudos da Psicologia</b> , Campinas, v.25, n. 1, 2008.
<b>WIESE, Elizabeth Batista Pinto/</b> Psicóloga, membro da Association Internationale d'Ethnopsychanalyse	Desenvolvimento humano, escalas e testes psicológicos, tratamento e prevenção psicológica, desenvolvimento de instrumentos e métodos de avaliação	PINTO, Elisabeth Batista. A Pesquisa Qualitativa em Psicologia Clínica. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v.15, n.1-2, p.17-80, 2004.

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

## QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

	psicológica para bebês e crianças, indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil. Psicoterapias pais-bebês, ludoterapia, psicoterapia transcultural, etnopsicoterapia e trauma em crianças e adolescentes. (Psicoterapia transcultural e etnopsicoterapia)	
<b>XAVIER, Ione Aparecida/ Psicóloga,</b> professora, membro do CRP	Família, psicoterapia breve infantil, psicodiagnóstico. (Psicologia clínica)	<b>XAVIER, Ione Aparecida.</b> Psicoterapia Breve Familiar em Casos de Famílias em Situação de Violência. <b>Rev. SPAGESP</b> , Ribeirão Preto, v. 8, n. 1, 2007 .
<b>YOSHIDA, Elisa Medice Pizão/ Psicóloga,</b> graduação em ciências humanas, professora, líder de grupos de pesquisa, pesquisadora	Mudança em psicoterapia breve e avaliação psicológica. (Psicoterapia breve)	1. <b>YOSHIDA, E. M. P.</b> A Psicoterapia Breve na Realidade Brasileira. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> . São Paulo, v. 1, n. 1, p. 23-35, 1993. 2. <b>YOSHIDA, E. M. P.; ENÉAS, M. L.; MITO, T. I. H.; YUKIMITSU, M. T. C. P.</b> Psicoterapias Breves: Critérios de Indicação e as Estratégias Terapêuticas. <b>Estudos de Psicologia</b> , v.10, n.1, p.53-64, 1993. 3. <b>FERREIRA, N. S.; YOSHIDA, E. M. P.</b> Produção Científica Sobre Psicoterapias Breves no Brasil e Demais Países Latino-Americanos (1990-2000). <b>Estudos de Psicologia</b> , Campinas, v. 9, n.3, p.523-531, 2004. 4. <b>YOSHIDA, E. M.P.; SANTEIRO, T. V.; SANTEIRO, F. R. M.; ROCHA, G. M. A.</b>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

			Psicoterapias Breves Psicodinâmicas: Características da Produção Científica Nacional e Estrangeira 1980/2003. <b>Psico-USF</b> , Bragança Paulista, v. 10, n. 1, 2005.
<b>YUKIMITSU, Maria Terezinha Cassi Pereira/</b> Membros Efetivos do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto <i>Sedes Sapientiae</i> , psicanalítica	Psicanálise.		YOSHIDA, E. M. P.; ENÉAS, M. L.; MITO, T. I. H.; YUKIMITSU, M. T. C. P. Psicoterapias Breves: Critérios de Indicação e as Estratégias Terapêuticas. <b>Estudos de Psicologia</b> , v.10, n.1, p.53-64, 1993.
<b>ZANNON, Célia Maria Lana da Costa/</b> Psicóloga, professora, pesquisadora, autora, orientadora	Desenvolvimento experimental: tecnologia comportamental em saúde da criança, transição, condições especiais e qualidade de vida, relações sociais na assistência à saúde.  Comportamento e saúde, adesão ao tratamento, psicologia pediátrica, doença crônica, enfrentamento, criança hospitalizada, desenvolvimento comportamental, ambiente e comportamento, criança hospitalizada e família. (Análise do comportamento)		ZANNON, Célia M. L. da C. Atuação do Psicólogo em Setores de Assistência Pediátrica Hospitalar. <b>Boletim de Psicologia</b> , São Paulo, v. 33, n. 81, p. 40-51, 1981.
<b>ZASLAVSKY, Jacó/</b> Médico, professor, supervisor, sócio da Sociedade de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, membro associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre e membro associado da Associação Internacional de Psicanálise - IPA	Psicoterapia psicanalítica, psiquiatria, psicanálise, contra-transferência, transferência, supervisão e ensino de psicoterapia. (Psiquiatria e psicanálise)		SANTOS, Manuel J. Pires dos; ZASLAVSKY, Jacó. Pesquisando Conceitos e Tendências em Psicoterapia e Psicanálise. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v. 41, n. 2, 2007.
<b>ZAVASCHI, Maria Lucrecia Scherer/</b> Médica, professora	Interação pais-bebês, perfil dos pacientes que são atendidos no CAPS. (Psiquiatria)		ZAVASCHI, M. L. S. Tributo a Salvador Célia (1940-2009). <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> .

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

## APÊNDICE 6

### QUADRO 5 – 190 Autores de Artigos com Descritores e Dados Históricos

<p><b>ZIMMERMANN, David/</b> Médico, professor</p>	<p>Psiquiatria e psicanálise.</p>	<p>Porto Alegre, v.11, n.1, p. 108-112, 2009.  <b>ZIMMERMANN, David.</b> Contribuição ao Estudo da Técnica da Interpretação em Psicoterapia Analítica de Grupo. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b>, São Paulo, v.4, n.1, 1970.</p>
--	-----------------------------------	--

**Fonte:** Dados da Pesquisa 2009/2010 (Levantamento 2)

APÊNDICE 7  
 QUADRO 6 – Gerais para a Psicoterapia X Específicos por Abordagem

	GERAIS PARA A PSICOTERAPIA	ESPECÍFICOS
1	AGUIAR, Rogério Wolf. Psicoterapias: desafios atuais e perspectivas futuras- uma proposta pluralista. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 93-105, 1999. (01)	FORBES, Jorge, Os 100 Anos da Psicanálise e EBP. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n. 57, 1995. Entrevista. (23) (Psicanálise)
2	BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998. (09)	GALANO, Mônica H. A Influência dos Psicanalistas Argentinos no Brasil na Década de 70. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n. 54, 1995. (26) (Psicanálise)
3	CASTRO, Paulo Francisco de. Reflexões em Psicologia e Ciência: uma análise da pesquisa aplicada à psicologia clínica. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo. v.1 n.1, p. 3-13, 1999. (14)	GILLJERON, Edmond. Evolução das Psicoterapias Breves. <b>Interações: Estudo e Pesquisa em Psicologia</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 7-28, 1996. (27) (Psicot. Breve)
4	LIMA, Mônica Colares Oliveira; CAETANO, Dorgival. Evolução Histórica do Conceito de Esquizofrenia. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 44, n. 11, p. 559-562, 1995.(31)	LEITE, Eliana Borges Pereira. Dez Anos de Percorso. <b>Revista Percorso</b> , São Paulo, n. 20, 1998. (30) (Psicanálise)
5	ONENREICH, Carol; ESTEVÃO, Giordano; FRIEDRICH, Sonia; SILVA, Luís De M. A. A Evolução Histórica do Conceito de Depressão. <b>Revista ABP-APAL</b> , São Paulo, v. 17, n. 1, p. 29-40, 1995. (50)	MIODOWNIK, Bernard. Psicanálise e Psicoterapia: o vértice do psicanalista. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v. 32 n. 4, p. 865-884, 1998. (35) (Psicanálise)
6	CENTOFANTI, Rogério. Radecki e a Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , C.F.P., Brasília, v.3, n.1, p.2-50, 1982. (13)	OLIVEIRA, Irani Tomiatto. Psicoterapia Psicodinâmica Breve: dos precursores aos modelos atuais. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 9-19, 1999. (36) (Psicot. Breve)
7	LEITE, Therezinha Moreira. <u>Questões Sobre Mapeamento de Pesquisas em Psicologia Clínica</u> , <i>in</i> : Macedo, Rosa Maria Stefanini de (org): Mapeamento da Pesquisa em Psicologia no Brasil. <b>Cadernos da ANPEPP</b> , Rio de Janeiro, n. 2, p. 9-18, 1993. <a href="http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm">http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm</a> (32)	ROSA, José Tolentino. Revista Brasileira de Psicanálise Comemora 25 Anos de Divulgação Científica: seu sistema gráfico e organizacional editorial. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p. 129-135, 1994. (44) (Psicanálise)

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010

## APÊNDICE 7

## QUADRO 6 – Gerais para a Psicoterapia X Específicos por Abordagem

8	LIPP, Marilda Novaes; KNOBEL, Maurício. Médicos e psicólogos: Quando Encaminham Pacientes Um para o Outro e Como Definem Psicoterapia. <b>Estudos de Psicologia</b> , v. 2, n. 2 - 3, Campinas, 1985. (34)	ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994. (45) (Psicot. de Grupo)
9	MACEDO, Rosa Maria Stefanini de. A Pesquisa sobre Família em Psicologia a Partir da década de 80, <i>in</i> Macedo, Rosa Maria Stefanini de (org): Mapeamento da Pesquisa em Psicologia no Brasil. <b>Cadernos da ANPEPP</b> , Rio de Janeiro, n.2, p. 91-120, 1993. <a href="http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm">http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm</a> (35)	SCHOUERI, Patrícia de Campos Lindenber; SEGRE, Carlos David. Conceito de Psicoterapia Dinâmica Breve (P.D.B.). <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 48, n. 1, p. 5-8, 1999. (47) (Psicot. Breve)
10	MARIA, Madre Cristina; DELGADO, Paulo; GABRIEL, Pedro; FIORILLO, Celso; FUCKS, Mário. A Luta Antimanicomial em Debate. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n.8, p.04-07, 1991. (37)	ARAUJO, Marlene Silveira. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil. Parte II: Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> . São Paulo, n. 22, p. 673-684, 1988. (02) (Psicanálise)
11	MELO, Marcelo Feijó de. Prática Psicoterápica: Quem Pode Exercer? <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n.07, p.28-29, 1991. (40)	BICUDO, Virgínia Leone. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil. Parte I: Instituto de Psicanálise da S.B.P.S.P. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, n. 22, p. 661- 672, 1988. (06) (Psicanálise)
12	PARREIRA, Walther Andrade. Algumas Reflexões Sobre a Prática Psicoterápica e a História da Formação de Psicoterapeutas em Minas Gerais. <b>Cadernos de Psicologia</b> . Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 97-110, 1986. (46)	CAMPOS FILHO, C. J. de ; ARAUJO, F. de A. Teatro Terapêutico: Conclusão de Uma Experiência de Psicoterapia Institucional de Oito Anos – Primeira Parte. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 31, n. 4, p. 253-260, 1982. (10) (Psicodrama)
13	ABREU, José Ricardo, PICCINI, W. ,CACILHAS, A., TRAHTMAN, C., THORMANN, N. Psicoterapia no Brasil: duas Décadas Através das Publicações Psiquiátricas. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v.2, n.1, p. 89-104, 2000. (69)	FORGHIERI, Yolanda Cintrão. A Investigação Fenomenológica da Vivência: Justificativa. <u>Origem, Desenvolvimento, Pesquisas Realizadas</u> , <i>in</i> Macedo, Rosa Maria Stefanini de (org): Mapeamento da pesquisa em Psicologia no Brasil. <b>Cadernos da ANPEPP</b> , Rio de Janeiro, n. 2, p.19-42, 1993. <a href="http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm">http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm</a> (17)

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010

## APÊNDICE 7

## QUADRO 6 – Gerais para a Psicoterapia X Específicos por Abordagem

		(Fenomenologia)
14	CAMPOS, R. H. F. E BERNARDES, L. H. G. A revista Psicologia: Ciência e Profissão: um registro da história recente da Psicologia brasileira. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília, vol. 25, n. 4, p. 508-525, 2005. (78)	FUKS, Mário. Por uma História do Curso de Psicanálise. <b>Revista Percorso</b> , São Paulo, n.1, 2o.sem., 1988. Disponível em: <a href="http://www2.uol.com.br/percurso/">http://www2.uol.com.br/percurso/</a> (18) (Psicanálise)
15	CASTRO, Maria da Graça. Reflexões Acerca da Prática da Psicoterapia com Crianças: uma Ponte Entre Passado, Presente e Futuro. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , São Paulo, v.6, n.3, p.305,2004. (80)	GALVÃO, Luiz de A. Prado. Notas para a História da Psicanálise em São Paulo. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v.1, n.1, p. 47-63, 1967. (19) (Psicanálise)
16	LOPES, José Leme. A Psiquiatria na Época de Freud: Evolução do Conceito de Psicose em Psiquiatria. <b>Revista Brasileira de Psiquiatria</b> . [online], vol.23, n.1, p. 28-33, 2001. (110)	GOMES, W.B.; RECK, A.C.; GANZO, C.R.A. Experiência Retrospectiva de Estar em Psicoterapia: Um Estudo Empírico Fenomenológico. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v.4 n.3, 1988. (19) (Fenomenologia)
17	MASSIMI, Marina. Sermões Quaresmais e Conhecimento de Si Mesmo. <b>Interações: Estudos e Pesquisa em Psicologia</b> , São Paulo, v.11, n.21, p.97-120, 2006. (114)	MANHÃES, Maria P. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil. Parte III: Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> . São Paulo, Associação Brasileira de Psicanálise, n. 22, p. 659-1988. (36) (Psicanálise)
18	MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho e NEVES, Edwiges de Oliveira. O surgimento da clínica psicológica: da prática curativa aos dispositivos de promoção da saúde. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília [online], vol.27, n.4, pp. 608-621, 2007. (118)	29.MENEGHETTI, Antônio. A Ontopsicologia. Entrevista. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, v.3, n.26, p. 4-7, 1993. (Ontopsicologia)
19	ODA, Ana Maria Galdini Raimundo e DALGALARRONDO, Paulo. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. <b>Revista Brasileira de Psiquiatria</b> . [online], vol.22, n.4, p. 178-179, 2000. (124)	MEZAN, Renato: A Trajetória de um Psicanalista. Entrevista. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n.1, p.4-7, 1990. (42) (Psicanálise)
20	TEIXEIRA, Rita P.; NUNES, Maria Lúcia Tiellet. Algumas Questões Éticas da Psicoterapia. <b>Revista</b>	PERESTRELLO, M. Primeiros Encontros com a Psicanálise: Os Precursores no Brasil. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> ,

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010

APÊNDICE 7  
 QUADRO 6 – Gerais para a Psicoterapia X Específicos por Abordagem

	<b>Brasileira de Psicoterapia</b> , v. 7, n. 2-3, p. 195-202, 2005. (138)	Rio de Janeiro v. 35, n.4, p.195-208, 1986. (48) (Psicanálise)
21	VIZZOTTO, M. M. A Psicologia e a Psiquiatria Perdem um de Seus Maiores Exponentes: Uma Homenagem ao Dr. Maurício Knobel. <b>Estudos da Psicologia</b> , Campinas, v.25, n. 1, 2008. (142)	YOSHIDA, E. M. P. A Psicoterapia Breve na Realidade Brasileira. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> . São Paulo, v. 1, n. 1, p. 23-35, 1993. (63) (Psicoterapia Breve)
22	ZAVASCHI, M. L. S. Tributo a Salvador Célia (1940-2009). <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> . Porto Alegre, v.11, n.1, p. 108-112, 2009. (145)	ABRÃO, J. L. F. As Origens da Psicanálise de Crianças no Brasil: Entre a Educação e a Medicina. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 14, n. 3, 2009. (67) (Psicanálise)
23		ABREU, Dorothy Bono de. SPAGESP: 10 Anos Formando Especialistas - uma Trajetória de Conquistas. <b>Rev. SPAGESP</b> , Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, 2006. (68) (Psicoterapia Analítica de Grupo)
24		ALVARENGA, C. PARAVIDINI, J. L. L. Acompanhamento Terapêutico e Saberes Psicológicos: enfrentando a história. <b>Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia</b> , Belo Horizonte, v. 2, n.1, 2009. (71) (Acompanhamento Terapêutico)
25		AZAMBUJA, Deodato Curvo de, Histórias de Linguagem e Psicanálise. <b>Revista Ide</b> , v.30, n.44, p.15-18, São Paulo, 2007. (72) (Psicanálise)
26		BOGOSCHVOL, Maria Helena Barbosa. Escola Brasileira de Psicanálise: A orientação lacaniana. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, abril, 2001. (74) (Psicanálise Lacaniana)
27		CAVALCANTE JUNIOR, F. S.; SOUSA, A. F. Histórias da Psicologia no Ceará: Entrevista com Gercilene Campos. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 12, n. 2, 2007. (82) (Psicoterapia Centrada na Pessoa)
28		CHNAIDERMAN, Miriam, <i>et all</i> . Vinte Anos de Departamento de Psicanálise: Para Onde Vamos? Entrevista,

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010

APÊNDICE 7  
 QUADRO 6 – Gerais para a Psicoterapia X Específicos por Abordagem

29	<p><b>Revista Percorso</b>, São Paulo, n. 35, 2005. (85) (Psicanálise)</p> <p>DAL ZOT, J. e IANKLEVCH, E. Psicoterapia de Orientação Analítica Hoje: Refletindo a Partir de Nossa Experiência.</p> <p><b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b>, Porto Alegre, v.11, n.2, p. 196-206, 2009. (87) (Psicoterapia Analítica)</p>
30	<p>DIMENSTEIN, Magda. A Metamorfose da Histeria no Limiar do Século XXI: o Discurso dos Profissionais do Campo “psi”.</p> <p><b>Mudanças: Psicoterapia Estudos Psicossociais</b>, São Bernardo do Campo, v. 8, n. 14, p. 167-195, 2000. (89) (Psicanálise)</p>
31	<p>FERES-CARNEIRO, Terezinha; DINIZ-NETO, Orestes. De onde viemos? Uma Revisão Histórico-conceitual da Psicoterapia de Casal. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b>, Brasília, v. 24, n. 4, 2008. (91) (Psicoterapia de Casal)</p>
32	<p>46.FERREIRA, N. S.; YOSHIDA, E. M. P. Produção Científica Sobre Psicoterapias Breves no Brasil e Demais Países Latino-Americanos (1990-2000). <b>Estudos de Psicologia</b>, Campinas, v. 9, n.3, p.523-531, 2004. (94) (Psicoterapia Breve)</p>
33	<p>FUKS, Mário Pablo. Um Caminho Percorrido, Uma História Para Contar. <b>Revista Percorso</b>, n.35, 2º. sem. 2005. Disponível em: <a href="http://www2.uol.com.br/percurso/">http://www2.uol.com.br/percurso/</a> (97) (Psicanálise)</p>
34	<p>GOMES, William Barbosa e CASTRO, Thiago Gomes de. Clínica Fenomenológica: Do Método de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b>, Brasília, v. 26, n. especial, p. 81-93, 2010. (100) (Fenomenologia)</p>
35	<p>HERRMANN, Fabio. Cem Anos de Psicanálise: O Brasil.</p> <p><b>Revista Brasileira de Psicanálise</b>, São Paulo, v. 34, n. 4, p. 731-747, 2000. (102) (Psicanálise)</p>
36	<p>MABILDE, Carlos Luiz. Minhas Lembranças sobre Paulo Martins Machado – Homenagem, <b>Revista de Psicanálise</b>, Porto Alegre, v.3.n.1, p. 5-9, 2001. (Psicanálise)</p>

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010

**APÊNDICE 7**  
**QUADRO 6** – Gerais para a Psicoterapia X Específicos por Abordagem

37	MONTAGNA, Plínio. Psicanálise: Os Próximos 100 Anos. <b>Revista Ide</b> , São Paulo, v.33, n.50, p. 193-195, 2010. (116) (Psicanálise)
38	MORATO, H. T. P. Sobre Rachel Léa Rosenberg. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v. 19, n. 1, 2008. (117) (Psicoterapia Centrada na Pessoa)
39	NOGUEIRA, Luiz Carlos. Antes e Depois do Meu Encontro com Lacan: Paris – Julho de 1977. Entrevista. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v.15, n. 1-2, p. 109-123, 2004. (121) (Psicanálise Lacaniana)
40	RANGÉ, B. Tratamento Cognitivo-comportamental para o Transtorno do Pânico e Agorafobia: uma História de 35 anos. <b>Estudos da Psicologia</b> , Campinas, v.25, n. 4, 2008. (130) (Tratamento Cognitivo Comportamental)
41	SANTOS, Manuel J. Pires dos; ZASLAVSKY, Jacó. Pesquisando Conceitos e Tendências em Psicoterapia e Psicanálise. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v. 41, n. 2, 2007. (133) (Psicanálise)
42	SILVEIRA, Potiguara Mendes Jr. O Pensamento de Lacan no Rio: Notas Sobre MD Magno. <b>Revista Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, abril, 2001. (135) (Psicanálise Lacaniana)
43	TANIS, Bernardo. Considerações Sobre a Formação Psicanalítica: Desafios Atuais. <b>Revista Percorso</b> , São Paulo, v. 2, n.35, p.29-36, 2005. (136) (Psicanálise)
44	VIDIGAL, M. A., <i>et al.</i> . Vinte Anos de Departamento de Psicanálise: Para onde Vamos? Entrevista. <b>Revista Percorso</b> , n. 35, 2º. sem. 2005. Disponível em: <a href="http://www2.uol.com.br/percurso/">http://www2.uol.com.br/percurso/</a> (141) (Psicanálise)
45	YOSHIDA, E. M.P.; SANTEIRO, T. V.; SANTEIRO, F. R. M.; ROCHA, G. M. A. Psicoterapias Breves Psicodinâmicas: Características da Produção Científica Nacional e Estrangeira

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010

**APÊNDICE 7**

**QUADRO 6 – Gerais para a Psicoterapia X Específicos por Abordagem**

		1980/2003. <b>Psico-USF</b> , Bragança Paulista, v. 10, n. 1, 2005. (144) (Psicoterapia Breve psicodinâmica)
TOTAL	22	45
L		

## APÊNDICE 8

### QUADRO 7 – Artigos com dados históricos X apenas “Reflexões”

	HISTÓRICO	“REFLEXÕES
1	AGUIAR, Rogério Wolf. Psicoterapias: desafios atuais e perspectivas futuras- uma proposta pluralista. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 93-105, 1999. (01)	CASTRO, Paulo Francisco de. Reflexões em Psicologia e Ciência: uma análise da pesquisa aplicada à psicologia clínica. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo. v.1 n.1, p. 3-13, 1999. (14)
2	BASTOS, Othon. Vida Associativa Psiquiátrica Brasileira: alguns dados históricos. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro, v. 47, n. 5, p. 213-216, 1998. (09)	FORBES, Jorge, Os 100 Anos da Psicanálise e EBP. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n. 57, 1995. Entrevista. (23)
3	GALANO, Mônica H. A Influência dos Psicanalistas Argentinos no Brasil na Década de 70. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n. 54, 1995. (26)	PARREIRA, Walther Andrade. Algumas Reflexões Sobre a Prática Psicoterápica e a História da Formação de Psicoterapeutas em Minas Gerais. <b>Cadernos de Psicologia</b> . Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 97-110, 1986. (46)
4	GILLIERON, Edmond. Evolução das Psicoterapias Breves. <b>Interações: Estudo e Pesquisa em Psicologia</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 7-28, 1996. (27)	CASTRO, Maria da Graça. Reflexões Acerca da Prática da Psicoterapia com Crianças: uma Ponte Entre Passado, Presente e Futuro. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , São Paulo, v 6, n 3, p.305,2004. (80)
5	LEITE, Eliana Borges Pereira. Dez Anos de Percurso. <b>Revista Percurso</b> , São Paulo, n. 20, 1998. (30)	TEIXEIRA, Rita P.; NUNES, Maria Lúcia Tiellet. Algumas Questões Éticas da Psicoterapia. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , v. 7, n. 2-3, p. 195-202, 2005. (138)
6	LIMA, Mônica Colares Oliveira; CAETANO, Dorgival. Evolução Histórica do Conceito de Esquizofrenia. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> . Rio de Janeiro, v. 44, n. 11, p. 559-562, 1995. (31)	
7	MIODOWNIK, Bernard. Psicanálise e Psicoterapia: o vértice do psicanalista. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v. 32 n. 4, p. 865-884, 1998. (35)	
8	OLIVEIRA, Iraní Tomiatto. Psicoterapia Psicodinâmica Breve: dos precursores aos modelos atuais. <b>Psicologia: Teoria e Prática</b> , São Paulo, v. 1, n. 2, p. 9-19, 1999. (36)	
9	ROSA, José Tolentino. Revista Brasileira de Psicanálise Comemora 25 Anos de Divulgação Científica: seu sistema gráfico e organizacional editorial. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos</b> , São Bernardo do Campo, n. 02, p. 129-135, 1994. (44)	

## APÊNDICE 8

### QUADRO 7 – Artigos com dados históricos X apenas “Reflexões”

10	<p>ROSA, José Tolentino; OLIVI, Marta Elisabete Wentzcovitch. Evolução Histórica da Psicoterapia de Grupo no Brasil. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b>, São Bernardo do Campo, n. 02, p.101-111, 1994. (45)</p>
11	<p>SCHOUERI, Patricia de Campos Lindenber; SEGRE, Carlos David. Conceito de Psicoterapia Dinâmica Breve (P.D.B.). <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>, Rio de Janeiro, v. 48, n. 1, p. 5-8, 1999. (47)</p>
12	<p>SONENREICH, Carol; ESTEVÃO, Giordano; FRIEDRICH, Sonia; SILVA, Luís De M. A. A Evolução Histórica do Conceito de Depressão. <b>Revista ABP-APAL</b>, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 29-40, 1995. (50)</p>
13	<p>ARAUJO, Marlene Silveira. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil. Parte II: Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b>. São Paulo, n. 22, p. 673-684, 1988. (02)</p>
14	<p>BICUDO, Virgínia Leone. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil. Parte I: Instituto de Psicanálise da S.B.P.S.P. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b>, São Paulo, n. 22, p. 661- 672, 1988. (06)</p>
15	<p>CAMPOS FILHO, C. J. de ; ARAUJO, F. de A. Teatro Terapêutico: Conclusão de Uma Experiência de Psicoterapia Institucional de Oito Anos – Primeira Parte. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b>, Rio de Janeiro, v. 31, n. 4, p. 253-260, 1982. (10)</p>
16	<p>CENTOFANTI, Rogério. Radecki e a Psicologia no Brasil. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b>, C.F.P., Brasília, v.3, n.1, p.2-50, 1982. (13)</p>
17	<p>FORGHIERI, Yolanda CINTRÃO. <u>A Investigação Fenomenológica da Vivência: Justificativa, Origem, Desenvolvimento, Pesquisas Realizadas</u>, in Macedo, Rosa Maria Stefanini de (org): <u>Mapeamento da pesquisa em Psicologia no Brasil. Cadernos da ANPEPP</u>, Rio de Janeiro, n.</p>

## APÊNDICE 8

### QUADRO 7 – Artigos com dados históricos X apenas “Reflexões”

	2, p.19-42, 1993. <a href="http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm">http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm</a> (17)	
18	FUKS, Mário. Por uma História do Curso de Psicanálise. <b>Revista Percurso</b> , São Paulo, n.1, 2o.sem., 1988. Disponível em: <a href="http://www2.uol.com.br/percurso/">http://www2.uol.com.br/percurso/</a> (18)	
19	GALVÃO, Luiz de A. Prado. Notas para a História da Psicanálise em São Paulo. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v.1, n.1, p. 47-63, 1967. (19)	
20	GOMES, W.B.; RECK, A.C.; GANZO, C.R.A. Experiência Retrospectiva de Estar em Psicoterapia: Um Estudo Empírico Fenomenológico. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v.4 n.3, 1988. (19)	
21	LEITE, Therezinha Moreira. <u>Questões Sobre Mapeamento de Pesquisas em Psicologia Clínica</u> , in: Macedo, Rosa Maria Stefanini de (org): Mapeamento da Pesquisa em Psicologia no Brasil. <b>Cadernos da ANPEPP</b> , Rio de Janeiro, n. 2, p. 9-18, 1993. <a href="http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm">http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm</a> (32)	
22	LIPP, Marilda Novaes; KNOBEL, Maurício. Médicos e psicólogos: Quando Encaminham Pacientes Um para o Outro e Como Definem Psicoterapia. <b>Estudos de Psicologia</b> , v. 2, n. 2 - 3, Campinas, 1985. (34)	
23	MACEDO, Rosa Maria Stefanini de. A Pesquisa sobre Família em Psicologia a Partir da década de 80, in Macedo, Rosa Maria Stefanini de (org): Mapeamento da Pesquisa em Psicologia no Brasil. <b>Cadernos da ANPEPP</b> , Rio de Janeiro, n.2, p. 91-120, 1993. <a href="http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm">http://www.infocien.org/Interface/Cadernos02.htm</a> (35)	
24	MANHÃES, Maria P. Aspectos Históricos do Desenvolvimento da Psicanálise da Criança no Brasil. Parte III: Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> . São Paulo, Associação Brasileira de Psicanálise, n. 22, p. 659-1988. (36)	
25	MARIA, Madre Cristina; DELGADO, Paulo; GABRIEL, Pedro; FIORILLO, Celso; FUCKS, Mário. A Luta Anti-	

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010

## APÊNDICE 8

### QUADRO 7 – Artigos com dados históricos X apenas “Reflexões”

	Manicomial em Debate. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n.8, p.04-07, 1991. (37)
26	MELO, Marcelo Feijó de. Prática Psicoterápica: Quem Pode Exercer? <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n.07, p.28-29, 1991. (40)
27	MENEGHETTI, Antonio. A Ontopsicologia. Entrevista. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, v.3, n.26, p. 4-7, 1993.
28	MEZAN, Renato: A Trajetória de um Psicanalista. Entrevista. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, n.1, p.4-7, 1990. (42)
29	PARREIRA, Walther Andrade. Algumas Reflexões Sobre a Prática Psicoterápica e a História da Formação de Psicoterapeutas em Minas Gerais. <b>Cadernos de Psicologia</b> . Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 97-110, 1986. (46)
30	PARREIRA, Walther Andrade. Algumas Reflexões Sobre a Prática Psicoterápica e a História da Formação de Psicoterapeutas em Minas Gerais. <b>Cadernos de Psicologia</b> . Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 97-110, 1986. (46)
31	PERESTRELLO, M. Primeiros Encontros com a Psicanálise: Os Precursores no Brasil. <b>Jornal Brasileiro de Psiquiatria</b> , Rio de Janeiro v. 35, n.4, p.195-208, 1986. (48)
32	YOSHIDA, E. M. P. A Psicoterapia Breve na Realidade Brasileira. <b>Mudanças: Psicoterapia e Estudos Psicossociais</b> . São Paulo, v. 1, n. 1, p. 23-35, 1993. (63)
33	ABRÃO, J. L. F. As Origens da Psicanálise de Crianças no Brasil: Entre a Educação e a Medicina. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 14, n. 3, 2009. (67)
34	ABREU, Dorothy Bono de. SPAGESP: 10 Anos Formando Especialistas - uma Trajetória de Conquistas. <b>Rev. SPAGESP</b> , Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, 2006. (68)
35	ABREU, José Ricardo, PICCINI, W., CACILHAS, A., TRAHTMAN, C., THORMANN, N. Psicoterapia no Brasil: duas Décadas Através das Publicações Psiquiátricas. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v.2, n.1, p. 89-104,

## APÊNDICE 8

### QUADRO 7 – Artigos com dados históricos X apenas “Reflexões”

	2000. (69)	
36	ALVARENGA, C. PARAVIDINI, J. L. L. Acompanhamento Terapêutico e Saberes Psicológicos: enfrentando a história. <b>Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia</b> , Belo Horizonte, v. 2, n.1, 2009. (71)	
37	AZAMBUJA, Deodato Curvo de, Histórias de Linguagem e Psicanálise. <b>Revista Ide</b> , v.30, n.44, p.15-18, São Paulo, 2007. (72)	
38	BOGOCHVOL, Maria Helena Barbosa. Escola Brasileira de Psicanálise: A orientação laciana. <b>Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, abril, 2001. (74)	
39	CAMPOS, R. H. F. E BERNARDES, L. H. G. A revista Psicologia: Ciência e Profissão: um registro da história recente da Psicologia brasileira. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> . Brasília, vol. 25, n. 4, p. 508-525, 2005. (78)	
40	CASTRO, Maria da Graça. Reflexões Acerca da Prática da Psicoterapia com Crianças: uma Ponte Entre Passado, Presente e Futuro. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , São Paulo, v 6, n 3, p 305,2004. (80)	
41	CAVALCANTE JUNIOR, F. S.; SOUSA, A. F. Histórias da Psicologia no Ceará: Entrevista com Gercilene Campos. <b>Psicologia em Estudo</b> , Maringá, v. 12, n. 2, 2007. (82)	
42	CHNAIDERMAN, Miriam, <i>et all.</i> Vinte Anos de Departamento de Psicanálise: Para Onde Vamos? Entrevista, <b>Revista Percorso</b> , São Paulo, n. 35, 2005. (85)	
43	DAL ZOT, J. e IANKLEVCH, E. Psicoterapia de Orientação Analítica Hoje: Refletindo a Partir de Nossa Experiência. <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> , Porto Alegre, v.11, n.2, p. 196-206, 2009. (87)	
44	DIMENSTEIN, Magda. A Metamorfose da Histeria no Limiar do Século XXI: o Discurso dos Profissionais do Campo “psi”. <b>Mudanças: Psicoterapia Estudos Psicossociais</b> , São Bernardo do Campo, v. 8, n. 14, p. 167-195, 2000. (89)	

## APÊNDICE 8

### QUADRO 7 – Artigos com dados históricos X apenas “Reflexões”

45	FERES-CARNEIRO, Terezinha; DINIZ-NETO, Orestes. De onde viemos? Uma Revisão Histórico-conceitual da Psicoterapia de Casal. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v. 24, n. 4, 2008. (91)
46	FERREIRA, N. S.; YOSHIDA, E. M. P. Produção Científica Sobre Psicoterapias Breves no Brasil e Demais Países Latino-Americanos (1990-2000). <b>Estudos de Psicologia</b> , Campinas, v. 9, n.3, p.523-531, 2004. (94)
47	FUKS, Mário Pablo. Um Caminho Percorrido, Uma História Para Contar. <b>Revista Percorso</b> , n.35, 2º. sem. 2005. Disponível em: <a href="http://www2.uol.com.br/percurso/">http://www2.uol.com.br/percurso/</a> (97)
48	GOMES, William Barbosa e CASTRO, Thiago Gomes de. Clínica Fenomenológica: Do Método de Pesquisa para a Prática Psicoterapêutica. <b>Psicologia: Teoria e Pesquisa</b> , Brasília, v. 26, n. especial, p. 81-93, 2010. (100)
49	HERRMANN, Fabio. Cem Anos de Psicanálise: O Brasil. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v. 34, n. 4, p. 731-747, 2000. (102)
50	LOPES, José Leme. A Psiquiatria na Época de Freud: Evolução do Conceito de Psicose em Psiquiatria. <b>Revista Brasileira de Psiquiatria</b> . [online], vol.23, n.1, p. 28-33, 2001. (110)
51	MABILDE, Carlos Luiz. Minhas Lembranças sobre Paulo Martins Machado – Homenagem, <b>Revista de Psicanálise</b> , Porto Alegre, v.3,n.1, p. 5-9, 2001.
52	MASSIMI, Marina. Sermões Quaresmais e Conhecimento de Si Mesmo. <b>Interações: Estudos e Pesquisa em Psicologia</b> , São Paulo, v.11, n.21, p.97-120, 2006. (114)
53	MONTAGNA, Plínio. Psicanálise: Os Próximos 100 Anos. <b>Revista Ide</b> , São Paulo, v.33, n.50, p. 193-195, 2010. (116)
54	MORATO, H. T. P. Sobre Rachel Léa Rosenberg. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v. 19, n. 1, 2008. (117)
55	MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho e NEVES, Edwiges de Oliveira. O surgimento da

## APÊNDICE 8

### QUADRO 7 – Artigos com dados históricos X apenas “Reflexões”

	clínica psicológica: da prática curativa aos dispositivos de promoção da saúde. <b>Psicologia: Ciência e Profissão</b> , Brasília [online], vol.27, n.4, pp. 608-621, 2007. (118)	
56	NOGUEIRA, Luiz Carlos. Antes e Depois do Meu Encontro com Lacan: Paris – Julho de 1977. Entrevista. <b>Psicologia USP</b> , São Paulo, v.15, n. 1-2, p. 109-123, 2004. (121)	
57	ODA, Ana Maria Galdini Raimundo e DALGALARRONDO, Paulo. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. <b>Revista Brasileira de Psiquiatria</b> . [online], vol.22, n.4, p. 178-179, 2000. (124)	
58	RANGÉ, B. Tratamento Cognitivo-comportamental para o Transtorno do Pânico e Agorafobia: uma História de 35 anos. <b>Estudos da Psicologia</b> , Campinas, v.25, n. 4, 2008. (130)	
59	SANTOS, Manuel J. Pires dos; ZASLAVSKY, Jacó. Pesquisando Conceitos e Tendências em Psicoterapia e Psicanálise. <b>Revista Brasileira de Psicanálise</b> , São Paulo, v. 41, n. 2, 2007. (133)	
60	SILVEIRA, Potigara Mendes Jr. O Pensamento de Lacan no Rio: Notas Sobre MD Magno. <b>Revista Insight Psicoterapia</b> , São Paulo, abril, 2001. (135)	
61	TANIS, Bernardo. Considerações Sobre a Formação Psicanalítica: Desafios Atuais. <b>Revista Percorso</b> , São Paulo, v. 2, n.35, p.29-36, 2005. (136)	
62	VIDIGAL, M. A., <i>et al.</i> . Vinte Anos de Departamento de Psicanálise: Para onde Vamos? Entrevista. <b>Revista Percorso</b> , n. 35, 2°. sem. 2005. Disponível em: <a href="http://www2.uol.com.br/percurso/">http://www2.uol.com.br/percurso/</a> (141)	
63	VIZZOTTO, M. M. A Psicologia e a Psiquiatria Perdem um de Seus Maiores Exponentes: Uma Homenagem ao Dr. Maurício Knobel. <b>Estudos da Psicologia</b> , Campinas, v.25, n. 1, 2008. (142)	
64	YOSHIDA, E. M.P.; SANTEIRO, T. V.; SANTEIRO, F. R. M.; ROCHA, G. M. A. Psicoterapias Breves Psicodinâmicas:	

**APÊNDICE 8**

**QUADRO 7 – Artigos com dados históricos X apenas “Reflexões”**

	Características da Produção Científica Nacional e Estrangeira 1980/2003. <b>Psico-USF</b> , Bragança Paulista, v. 10, n. 1, 2005. (144)	
65	ZAVASCHI, M. L. S. Tributo a Salvador Célia (1940-2009). <b>Revista Brasileira de Psicoterapia</b> . Porto Alegre, v.11, n.1, p. 108-112, 2009. (145)	
<b>TOTAL</b>	<b>65</b>	<b>5</b>

## APÊNDICE 9

TABELA 3 – Definições de Psicoterapia em Dicionários

	DICIONÁRIO	DATA	PÁGINA	DEFINIÇÃO DE PSICOTERAPIA
1	Dicionário de Psicologia Moderna – Psicologia Moderna – as idéias, as obras, os homens, Verbo, 2ed., Lisboa/ São Paulo, 1978.	1978	440	“ação psicológica sobre as perturbações fisiológicas e afetivas. A Psicoterapia é, em primeiro lugar, um trabalho de relação homem a homem”.
2	Dicionário Técnico de Psicologia. Álvaro Cabral e Eva Nick, - 14 ed. – São Paulo; Cultrix, 2006.	1989	319	“a aplicação de técnicas especializadas ao tratamento de distúrbios mentais ou aos problemas de ajustamento cotidiano”.
3	EFG – Enciclopédia Garzanti de Filosofia e Logica. Linguística, Epistemologia, Pedagogia, Psicologia, Psicoanálise, Sociologia, Antropologia Culturale, Rligione, Teologia. Garzanti Editore, Milano, 1993.	1993	932	“qualquer forma de tratamento sistemático dos distúrbios psíquicos, por via psicológica e preponderantemente por meio da interação verbal entre o terapeuta e o paciente”.
4	The New Encyclopedia Britannica, v.9, Macropedia, Chicago, 1993.	1993	767	“qualquer forma de tratamento para distúrbios psicológicos ou emocionais, no qual uma pessoa treinada estabelece uma relação com um ou mais pacientes, com o propósito de modificar ou remover sintomas existentes e promover o crescimento da personalidade”.
5	MICHAELIS Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Melhoramentos, 1998	1998		“tratamento por métodos psicológicos” e “conjunto das técnicas que visa ao tratamento das moléstias mentais por persuasão, sugestão, psicanálise, atividades lúdicas ou de trabalho”.
6	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 3ed. Positivo, Curitiba, 2004.	2004	1654	“forma de tratamento em que se empregam meios mentais (sugestão, persuasão, etc.), visando restabelecer o equilíbrio emocional perturbado de um indivíduo”.
7	Enciclopédia Barsa Universal, v. 14, 2 ed., Planeta, 2009.			“Conjunto de meios terapêuticos baseados na relação interpessoal (terapeuta-paciente), que possibilitam ao paciente um processo de análise, compreensão e superação do conflito psíquico”.
8	Dicionário Crítico de Análise Junguiana (Acessado em 12/06/2011) <a href="http://www.rubedo.psc.br/dicjung/verbetes/abaismen.htm">http://www.rubedo.psc.br/dicjung/verbetes/abaismen.htm</a>	2008		“tratamento da psique, quando aplicada a metodologia da psicologia analítica, mediante investigação do inconsciente.

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010

## APÊNDICE 9

TABELA 3 – Definições de Psicoterapia em Dicionários

9	MENEGHETTI, Antonio. Dicionário de Ontopsicologia. Ontopsicológica Editrice, 2ed., Recanto Maestro, 2008.	2008	257	A psicoterapia é o reformar ou corrigir o Eu segundo a constante direção ou critério do Em Si ôntico, com dissociação do monitor de deflexão”.
10	STUMM, Gerhard; PRITZ, Alfred; QUINTANA, Teresa. Dicionario de Psicoterapia, Herder Editorial, Barcelona, 2009.	2009		“método curativo para o tratamento de enfermidades, transtornos ou estados de sofrimento psíquicos ou psicossomáticos condicionados psicossocialmente”.
11	CAMPBELL, Robert J. Dicionário de psiquiatria. Trad. Cristina Monteiro. 8 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.	2009		“Tratamento por comunicação; qualquer forma de tratamento para doenças mentais, adaptações comportamentais inadequadas e/ou outros problemas que são supostamente de natureza emocional, no qual uma pessoa treinada estabelece de forma deliberada uma relação profissional com um paciente, tendo como objetivo remover, modificar ou retardar sintomas existentes, atenuar ou reverter padrões perturbados de comportamento e promover crescimento e desenvolvimento positivo da personalidade”.
12	MOORE, Burness E.e FINE, Bernard D. D. Termos e conceitos psicanalíticos. Artes Médicas, Porto Alegre, 1992.	1992	175	“qualquer método utilizado por um terapeuta profissionalmente formado, independentemente da origem do transtorno que está sendo tratado”.
13	ROUDINESCO, ELISABETH. Dicionário de Psicanálise, Jorge Zahar Editor, RJ,1997.	1997		a psicoterapia analítica (ou psicanalítica) é uma psicoterapia que se apóia nos princípios teóricos da análise freudiana, sem adotar todas as condições da técnica psicanalítica* clássica.
14	RYCROFT, Charles. Dicionário Crítico de Psicanálise. Imago, Rio de Janeiro, 1975.	1975	198	Qualquer forma de ‘cura pela fala’ (em todas as formas de psicoterapia, uma ou outra das partes fala e, na maioria, ambas o fazem).
15	LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Bertrand Jean. Vocabulário da Psicanálise. Martins Fontes, São Paulo, 2001.	2001	393	qualquer método de tratamento das desordens psíquicas ou corporais que utilize meios psicológicos e, mais precisamente, a relação entre o terapeuta e o doente: a hipnose, a sugestão, a reeducação psicológica, a persuasão, etc.; neste sentido, a psicanálise é uma forma de psicoterapia.
16	VANDEBOS, Gary R., Ph.D, Dicionário de Psicologia,	2010		“Qualquer serviço psicológico fornecido por um profissional treinado que usa principalmente formas de comunicação e interação para avaliar,

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010

## APÊNDICE 9

TABELA 3 – Definições de Psicoterapia em Dicionários

	American Psychological Association, APA. ARTMED Editora, Porto Alegre, 2010.				diagnosticar e tratar reações emocionais, formas de pensamento e padrões de comportamento disfuncionais de um indivíduo, uma família ou um grupo”.
17	SILLAMY, Norbert. Dicionário de Psicologia. Artmed, Porto Alegre, 1998.	1988	192		aplicação metódica de técnicas psicológicas determinadas, tendo-se em vista restabelecer o equilíbrio afetivo de uma pessoa.
18	ARNOLD, W., EYSENCK, H. J. e MEILI, R. Dicionário de psicologia. Loyola, São Paulo, 1982.	1982	184		Literalmente : “tratamento da alma”. Refere-se a uma variedade de meios psicológicos usados para remediar os distúrbios mentais, emocionais e comportamentais.
19	DORSCH, Friedrich . Dicionário de Psicologia Dorsch. Vozes, Petrópolis, RJ, 2001.	2001	790		é o empenho intencional de tratar somente ou prevalentemente doenças psicogênicas, sejam orgânicas ou em metais.
20	Dicionário de Psicologia.	1969	354		Conjunto das técnicas que visam o tratamento das moléstias mentais por meio de procedimentos psíquicos, tais como os métodos pedagógicos, a persuasão, a sugestão, a psicanálise, etc.
21	PIÉRON, Henri. Dicionário de Psicologia. Globo, Rio de Janeiro, 1969.	1978	234		Conjunto de técnicas de investigação das causas dos sintomas psicológicos de desajustamento e de seu tratamento, visando a melhor integração e organização da personalidade.
22	WARREN, Howard C. Dicionario de Psicologia. Fondo de Cultura Económica, México, 1956.	1956	293		Tratamiento de trastornos por métodos psicológicos; éstos difieren ampliamente, incluindo la sugestión em estado de vigília, la sugestión hipnótica, reeducación, persuasión, psicoanálises, <i>Christian Science</i> , etc.
23	ENGLISH, Horace B. Dicionario Manual de Psicologia. Buenos Aires, Libreria El Ateneo, 1951	1951	400		Tratamiento de las perturbaciones mentales o corporales, empleando la influencia mental
24	ENGLISH, H.B.e ENGLISH, A. CH. Dicionario de Psicologia y Psicoanalysis. Paidós, Buenos Aires, 1977.	1977	675		Uso de cualquier técnica psicológica para el tratamiento de los trastornos o desajustes mentales.
25	CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Ano da	2009	17		“a psicoterapia é prática do psicólogo, por se constituir, técnica e conceitualmente, um processo científico de compreensão, análise e

Fonte: Dados da Pesquisa 2009/2010

## APÊNDICE 9

### TABELA 3 – Definições de Psicoterapia em Dicionários

Psicoterapia: Textos Geradores, Coletânea, CFP, Brasília, 2009.			intervenção que se realiza através da aplicação sistematizada e controlada de métodos e técnicas psicológicas reconhecidos pela ciência, pela prática e pela ética profissional, promovendo a saúde mental e proporcionando condições para o enfrentamento de conflitos e/ ou transtornos psíquicos de indivíduos ou grupos”.
--	--	--	---